



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Igor Luiz Rodrigues da Silva

HÁ UM RIO QUE VIVE E NAVEGA EM MEUS SONHOS, UM PRETO VELHO ME CONTOU:
MEMÓRIAS, PAISAGENS E PRÁTICAS DO SÃO FRANCISCO NAS RUÍNAS DO ANTROPOCENO

**Florianópolis
2022**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Igor Luiz Rodrigues da Silva

**HÁ UM RIO QUE VIVE E NAVEGA EM MEUS SONHOS, UM PRETO VELHO ME CONTOU:
MEMÓRIAS, PAISAGENS E PRÁTICAS DO SÃO FRANCISCO NAS RUÍNAS DO ANTROPOCENO**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Antropologia Social.

Orientador (a): Prof. (a) Rafael Victorino Devos Dr. (a)

Florianópolis
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva, Igor Luiz Rodrigues da Silva

Há um rio que vive e navega em meus sonhos, um preto velho me contou: : memórias, paisagens e práticas do São Francisco nas ruínas do Antropoceno / Igor Luiz Rodrigues da Silva Silva ; orientador, Rafael Victorino Devos , 2023.

447 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Antropologia Social. 2. Antropologia Ribeirinha. 3. Antropoceno. 4. Rio São Francisco. 5. Antropologia Ecológica . I. Victorino Devos , Rafael . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. III. Título.

Igor Luiz Rodrigues da Silva

“Há um rio que vive e navega nos meus sonhos, um Preto Velho me contou: memórias, paisagens e práticas do São Francisco nas ruínas do Antropoceno.”

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado, no dia 04 de outubro de 2022, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. (a) Gabriel Coutinho Barbosa, Dr. (a)
PPGAS/UFSC

Prof.(a) Thiago Mota Cardoso, Dr.(a)
PPGAS/UFAM

Prof.(a) Rafael Palermo Buti, Dr.(a)
PPGAS/UNILAB

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de doutor em Antropologia Social.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof. (a) Rafael Victorino Devos, Dr. (a)

Orientador (a)

Florianópolis

2022

Dedico este trabalho ao meu bisavô Pai João, que me mostrou em sonho o caminho a seguir. Dedico também a todas as Yaras, Raios, Seres, encantados e encantadas que zuniram nos meus ouvidos, prosas boas de se contar.

Agradecimentos

“Chegar para agradecer e louvar.

Louvar o ventre que me gerou

o orixá que me tomou,

e a mão da doçura de oxum que consagrou.

Louvar a água de minha terra

o chão que me sustenta, o palco, o massapé,

a beira do abismo,

o punhal do susto de cada dia.

Agradecer as nuvens que logo são chuva,

sereniza os sentidos

e ensina a vida a reviver.

Agradecer os amigos que fiz

e que mantém a coragem de gostar de mim, apesar de mim...

agradecer a alegria das crianças,

as borboletas que brincam em meus quintais, reais ou não.

Agradecer a cada folha, a toda raiz, as pedras majestosas

e as pequeninas como eu, em aruanda.

Agradecer o sol que raia o dia,

a lua que como o menino Deus espraia luz

e vira os meus sonhos de pernas pro ar.

Agradecer as marés altas

e também aquelas que levam para outros costados todos os males.

Agradecer a tudo que canta no ar,

dentro do mato sobre o mar,

as vozes que soam de cordas tênues e partem cristais.

Agradecer os senhores que acolhem e aplaudem esse milagre.

Agradecer,

ter o que agradecer.

Louvar e abraçar!”

*(Maria Bethania, **Abraçar e Agradecer!**)*

Agradecer!! Ter o que e a quem agradecer! Agradecer às águas do São Francisco, que me tomaram como um filho e me puseram diante de sua imensidão. Agradecer aos Orixás, Deuses e Deusas que me tomaram como instrumento de existir e se comunicar. Agradecer a minha mãe Luci, ao meu pai Luiz, ao meu irmão lury, a minha irmã Ilana, ao meu sobrinho Luiz Gael e cunhada Milena, pela materialização real da união familiar e me servir de apoio e sustento diante da distância e das ausências físicas. Agradecer a minha família (minhas famílias), tios, tias, primos, primas pela força continua e importante para me manter focado no meu objetivo e nas minhas lutas.

Agradecer especialmente, as minhas tias (mulheres aguerridas, firmes, batalhadoras), cujas lições de vida, a coragem e a bravura me tornaram desde o meu nascimento, um ser dotado de privilégios e de muito acolhimento. Tia Edivalda, minha segunda mãe, Tia Marilena (a minha inspiração de vida e na arte do tecer afetos), Tia Luzia, Tia Romelia, Tia Solange, Valquíria e Izabel. Minha madrinha e tia Deci.

Agradecer aos meus tios, homens que me inspiraram a escrever também este trabalho, cujas tramas da vida estão diretamente conectadas ao rio, ao Velho Chico, a tantas histórias e narrativas que escrevi aqui. Tio Dedo, Tio Romeu, Tio Jair, Tio Zacarias, Tio Valdik, Tio Valdir, Tio João, Tio Whoshington.

Louvar e agradecer, aos meus avós Julieta e Odilon, Maria Angélica e Walter Luiz, que me deram a felicidade de nascer aqui, no meio dessas duas famílias, que beirando o rio e navegando nele, souberam compreender e transmitir os mais valiosos ensinamentos e aprendizagens. Técnicas, nados, mergulhos, navegação, sonhos, aventuras, proza, poemas e poesias, vidas compartilhadas e entrelaçadas com o Opará.

Abraçar e Agradecer, a família GUESB, Mãe Neide Oyá D' Oxum, por assentar sobre o meu Orí as transformações coloridas de Oxumarê. A coragem,

bravura, ventania e leveza de Oyá. Abraçar e agradecer, ao Pai Paulo, Mãe Cláudia, Pai Milton Jr., Mãe Luzia, todos os irmãos e irmãs do GUESB, por cada ensinamento, por tanta acolhida, disposição para ensinar, mas também para compartilhar e aprender cotidianamente sobre Umbanda, sobre Orixás, sobre Vovó Maria Conga e toda sua falange.

“...Agradecer os amigos que fiz e que mantém a coragem de gostar de mim, apesar de mim...” Agradecer a todos os amigos e amigas que tenho, tive e que ainda estão por vir. Agradecer aqueles e aquelas que estão comigo desde a infância (turma do Colégio São Vicente). Aos que fui fazendo pelos caminhos, pelas andanças e que são muitas e muitos. O meu desejo é continuar abraçando.

A minha pequena turma do doutorado em Antropologia do PPGAS da UFSC (Amanda, Ana Paula, Lorena e Marieli), mulheres fortes, destemidas e que me acolheram e me puseram sempre em consonância com as tuas histórias, desejos e sonhos. Obrigado hoje e sempre. A Díjna, Larisse, Yérsia, por abrirem as portas para que esse sonho se tornasse realidade em Florianópolis, muito obrigado, amigas e irmãos de Sergipe e Alagoas.

Aos colegas e as colegas do PPGAS, que se propuseram e me brindaram com tantas alegrias, com tantos encontros, com tantas trocas, experiências, com discussões, organizações de eventos, meu carinho, respeito e admiração. A turma de Ações Afirmativas, por toda luta, pela união, pela perseverança em construir caminhos e pontes que permitissem nos tornar por inteiros e inteiras doutorandos, doutorandas, mestrandos e mestrandas da UFSC. Em especial a Taty, cuja coragem e pautas, me fizeram enxergar em mim, um guia e um ser capaz de enfrentar os sistemas opressores.

Agradecer, ter o que agradecer, aos professores e professoras do PPGAS, que marcharam comigo e me ouviram, me fizeram refletir, pensar, discutir, cozinhar, dançar, cantar, nas noites frias da Ilha, minha eterna gratidão. Gratidão especialmente para o meu orientador e amigo, professor Rafael Devos, a minha carinhosa e sorridente orientadora e parceira, professora Viviane Vedana, ao Professor Gabriel Coutinho, a professora Vania, professor Scott, professor

Jeremmy, professor José Kelly, professor Oscar, professora Ilka Boaventura, professora Maria Eugenia, professora Sonia Maluff e todo corpo docente que encontrei nas inúmeras reuniões do colegiado. Acho que ninguém ficou tanto tempo dentro do colegiado como aluno, do que eu. Tiveram que me aguentar durante os quatro anos.

Agradecer ao grupo de estudos e coletivo CANOA, não poderia fazer e produzir ciência em um ambiente melhor. Ao INCT Brasil Plural, pelo apoio, pelo ambiente propício e articulador, acolhedor que foi me dado para que eu pudesse desenvolver minha pesquisa. Por me emprestar material e me dar apoio financeiro para as idas e vindas do campo. A querida e amável Sullany, pelas inúmeras trocas, partilhas, risadas, broncas, carinho, afeto que tivemos em todos esses anos, muito obrigado.

Agradecer a CAPES/CNPQ pelo financiamento com bolsa de pesquisa durante os 04 (quatro anos) de doutorado, oportunizando que um ribeirinho das margens do rio São Francisco, sertão alagoano, pudesse estudar em uma das melhores Universidades do País, meu obrigado.

No mais e não menos importante, agradecer a Paulo Egídio, que chegou nessa reta final e tem me fortalecido, me ensinado sobre paciência, calma e amor mútuo. Sobre resiliência e afeto, sobre partilha e companheirismo.

Agradecer a todas as pessoas que encontrei durante esses anos de pesquisa na beira do rio, dentro dele, cruzando suas vidas junto dele. A cada pescador, barqueiro, canoeiro, lancheiro, jovem, criança, lavadeiras de roupa, mulheres, mães, avós, netas, filhos e filhas. Aos meus velhos amigos que essas águas me deram e me puseram novamente junto deles, muito obrigado. Vocês foram fundamentais para que essa narrativa fosse construída e mantida apesar de não saber direito como conduzi-la.

RESUMO

A construção narrativa deste trabalho se dá a partir de um olhar atento, mergulhado nas margens do rio São Francisco. Buscando compreender as mudanças comportamentais, de infraestruturas e de paisagens que estão dispersas em torno do Baixo São Francisco. Evocando memórias, histórias, causos, andanças, experiências de vidas, de relações que estão para além do mundo do visível, esta tese pretende fazer emergir e as relações mais que humanas que estão presentes no tecer dos dias das comunidades ribeirinhas, especialmente na cidade de Pão de Açúcar, sertão alagoano. Através dos usos de imagens, fontes sonoras e audiovisual, proponho uma construção atemporal e que possa denunciar e para tanto renunciar as epistemologias construídas em torno dos cânones de uma antropologia pautada nos moldes de uma ciência ocidental e colonialista. Narrada em primeira pessoa, com o auxílio de encantados, Orixás, seres mais que humanos, proponho assim reverberar modelos narrativos em torno de uma antropologia ribeirinha, contra colonial e que vá além das ruínas do Antropoceno.

Palavras-chave: Rio São Francisco; Paisagens; Antropoceno; Antropologia ribeirinha;

ABSTRACT

The narrative construction of this work is based on an attentive look, immersed in the banks of the São Francisco River. Seeking to understand the behavioral, infrastructure and landscape changes that are dispersed around the Lower São Francisco. Evoking memories, stories, stories, wanderings, life experiences, relationships that are beyond the visible world, this thesis intends to bring out the more than human relationships that are present in the weaving of the days of riverside communities, especially in the city of Sugarloaf Mountain, Alagoas hinterland. Through the uses of images, sound and audiovisual sources, I propose a timeless construction that can denounce and, therefore, renounce the epistemologies built around the canons of an anthropology based on the molds of a western and colonialist science. Narrated in first person, with the help of enchanted, Orixás, beings more than human, I propose to reverberate narrative models around a riverside anthropology, against colonial and that goes beyond the ruins of the Anthropocene.

Keywords: São Francisco River; Landscapes; Anthropocene; Riverside Anthropology;

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: COMUNIDADE QUILOMBOLA DO MOCAMBO. LUGAR DO SONHO.....	44
FIGURA 2: CANOA DA FAMÍLIA ÀS MARGENS.....	44
Figura 3: Família que pesquisa junto.....	45
Figura 4: Racha sobre as areias do Velho Chico.....	45
FIGURA 5: FUTEBOL NAS MARGENS.....	46
Figura 6: UM RIO DE MISSÕES CATÓLICAS.....	46
Figura 7: Ilha dos Anjos.....	47
FIGURA 8: NAUFRÁGIO DA MOXOTÓ.....	47
FIGURA 9: IMAGENS DE PAISAGENS MULTIESPÉCIES NO VELHO CHICO.....	48
Figura 10: Um rio de corpo múltiplo.....	49
Figura 11: Arco-íris entrelaçando minha morada e meus pensamentos.....	52
Figura 12: Arco-íris entrelaçando minha morada e meus pensamentos.....	52
Figura 13: Arco-íris entrelaçando minha morada e meus pensamentos.....	53
Figura 14: Entrada na camarinha para a primeira obrigação no GUESB.....	55
Figura 15: Entrada na camarinha para a primeira obrigação no GUESB.....	55
Figura 16: Cadernos dos Sonhos.....	64
Figura 17: Lagoa de cima cheia, na cidade de Pão de Açúcar. Essa era uma das lagoas utilizadas para o plantio de arroz na cidade.....	108
Figura 18: Vô Odilon em um dia de pescaria em sua canoa, segurando um covo.....	137
Figura 19: Primeiras impressões de viagem.....	146
Figura 20: Primeiras impressões de viagem.....	146
Figura 21: Chegada da embarcação com a turma, na foz do rio.....	148
Figura 22: Pescadores indo até a foz do rio, no encontro com o mar.....	152
Figura 23: Encontro do rio com o mar, foz do Velho Chico.....	153
Figura 24: Pôr do sol entre a cidade de Traipu e a margem sergipana do rio.....	160
Figura 25: Mulher na beira do rio, na cidade de Traipu, lavando roupa.....	163
Figura 26: Divisa dos estados de Sergipe e Alagoas. Do outro lado se vê a cidade de Pão de Açúcar.....	168
Figura 27: Povoado Niterói, na outra margem do rio.....	173
Figura 28: Nosso laguinho: meu irmão lury de patins e meu primo Ray cuidando dos carneiros.....	179
Figura 29: Minha mãe em caminhada pela comunidade Mato da Onça, onde antes era rio.....	211
Figura 30: Riacho Pau-ferro correndo para o rio São Francisco.....	216
Figura 31: Mapa da região da Bacia hidrográfica do rio São Francisco.....	218
Figura 32: Pescadores reunidos antes da pescaria.....	220
Figura 33: Tio Zacarias em um dia de pescaria.....	221
Figura 34: Tio Zacarias em um dia de pescaria.....	222
Figura 35: Pés fincados no rio feral.....	240
Figura 36: Sequência de imagens de retirada do lodo e macrófitas aquáticas do rio São Francisco.....	242
Figura 37: Sequência de imagens de retirada do lodo e macrófitas aquáticas do rio São	

Francisco.....	243
Figura 38: Sequência de imagens de retirada do lodo e macrófitas aquáticas do rio São Francisco.....	243
Figura 39: Sequência de imagens de retirada do lodo e macrófitas aquáticas do rio São Francisco.....	244
Figura 40: Sequência de imagens de retirada do lodo e macrófitas aquáticas do rio São Francisco.....	245
Figura 41: Sequência de imagens de retirada do lodo e macrófitas aquáticas do rio São Francisco.....	245
Figura 42: Assembleias multiespecies entre plantas aquáticas e o rio.....	247
Figura 43: Assembleias multiespecies entre plantas aquáticas e o rio.....	248
Figura 44: Assembleias multiespecies entre plantas aquáticas e o rio.....	248
Figura 45: Assembleias multiespecies entre plantas aquáticas e o rio.....	249
Figura 46: Meu pai Luiz, moldando seu corpo e práticas, em contato com o lodo e macrófitas aquáticas.....	251
Figura 47: Meu pai Luiz, moldando seu corpo e práticas, em contato com o lodo e macrófitas aquáticas.....	251
Figura 48: Meu pai Luiz, moldando seu corpo e práticas, em contato com o lodo e macrófitas aquáticas.....	251
Figura 49: Meus próprios caminhos relacionais com o lodo e as macrófitas aquáticas.....	255
Figura 50: Meus próprios caminhos relacionais com o lodo e as macrófitas aquáticas.....	255
Figura 51: Meus próprios caminhos relacionais com o lodo e as macrófitas aquáticas.....	255
Figura 52: O ano do despertar para as consequências do Antropoceno.....	260
Figura 53: O ano do despertar para as consequências do Antropoceno.....	260
Figura 54: Relações outras mais que humanas.....	269
Figura 55: Relações outras mais que humanas.....	269
Figura 56: Baronesas se proliferando nas margens e meio do rio.....	272
Figura 57: Baronesas se proliferando nas margens e meio do rio.....	272
Figura 58: Baronesas se proliferando nas margens e meio do rio.....	272
Figura 59 : Feralização das macrófitas e lodo na croa central.....	278
Figura 60: Feralização das macrófitas e lodo na croa central.....	278
Figura 61: Feralização das macrófitas e lodo na croa central.....	279
Figura 62: Uma margem do rio no reino feral.....	288
Figura 63: Bancos de areia ao longo do rio São Francisco.....	290
Figura 64: Bancos de areia ao longo do rio São Francisco.....	290
Figura 65: Bancos de areia ao longo do rio São Francisco.....	291
Figura 66: Bancos de areia ao longo do rio São Francisco.....	291
Figura 67: Bancos de areia ao longo do rio São Francisco.....	292
Figura 68: Animais de grande porte fazendo travessia no meio do rio.....	293
Figura 69: Animais de grande porte fazendo travessia no meio do rio.....	293
Figura 70: Processos erosivos na comunidade Quilombola do Mocambo.....	296
Figura 71: Processos erosivos na comunidade Quilombola do Mocambo.....	296
Figura 72: Processos erosivos na comunidade Quilombola do Mocambo.....	297

Figura 73: Bote no canal que fica na comunidade do Jacarezinho.....	299
Figura 74: O rio da foz do Baixo São Francisco.....	301
Figura 75: O rio da foz do Baixo São Francisco.....	302
Figura 76: O rio da foz do Baixo São Francisco.....	302
Figura 77: O rio da foz do Baixo São Francisco.....	302
Figura 78: O rio da foz do Baixo São Francisco.....	303
Figura 79: Proliferação feral durante a Pandemia do Covid-19.....	304
Figura 80: Proliferação feral durante a Pandemia do Covid-19.....	304
Figura 81: Proliferação feral durante a Pandemia do Covid-19.....	304
Figura 82: Proliferação feral durante a Pandemia do Covid-19, parte II.....	306
Figura 83: Proliferação feral durante a Pandemia do Covid-19, parte II.....	307
Figura 84: Proliferação feral durante a Pandemia do Covid-19, parte II.....	307
Figura 85: Rio seco, rio cheio.....	316
Figura 86: Rio seco, rio cheio.....	317
Figura 87: Início da enchente em janeiro de 2022.....	329
Figura 88: Início da enchente em janeiro de 2022.....	330
Figura 89: Início da enchente em janeiro de 2022.....	330
Figura 90: Início da enchente em janeiro de 2022.....	331
Figura 91: Canoa Luzitania em terra, na comunidade Mato da Onça.....	349
Figura 92: Barracas encobertas pelas águas do rio, provocadas pelas enchentes de janeiro de 2022.....	353
Figura 93: Procissão de São Pedro Pescador.....	358
Figura 94: Procissão de São Pedro Pescador.....	358
Figura 95: Procissão de São Pedro Pescador.....	359
Figura 96: Procissão de São Pedro Pescador.....	359
Figura 97: Procissão de São Pedro Pescador.....	360
Figura 98: Procissão de São Pedro Pescador.....	360
Figura 99: Procissão de São Pedro Pescador.....	361
Figura 100: Procissão de São Pedro Pescador.....	361
Figura 101: Meu avô Odilon, em pé, vendo a canoa da família sendo preparada para mais um dia de corrida.....	364
Figura 102: Familiares e amigos da família, prestigiando a festa de Bom Jesus dos Navegantes e a corrida de canoas.....	366
Figura 103: Familiares e amigos da família, prestigiando a festa de Bom Jesus dos Navegantes e a corrida de canoas.....	366
Figura 104: Meu tio Romeu recebendo na nossa barraca, os corredores da canoa Georgia.....	367
Figura 105: Canoeiros reunidos antes de começar a levantar os panos das canoas.....	372
Figura 106: Canoeiros reunidos antes de começar a levantar os panos das canoas.....	373
Figura 107: Canoeiros reunidos antes de começar a levantar os panos das canoas.....	373
Figura 109: Preparação dos panos das canoas para mais uma corrida.....	375
Figura 110: Preparação dos panos das canoas para mais uma corrida.....	376
Figura 111: Preparação dos panos das canoas para mais uma corrida.....	376

Figura 112: Preparação dos panos das canoas para mais uma corrida.....	377
Figura 113: Preparação dos panos das canoas para mais uma corrida.....	377
Figura 114: Canoas, lodo e um rio povoado por vidas.....	381
Figura 115: Canoas, lodo e um rio povoado por vidas.....	381
Figura 116: Canoas, lodo e um rio povoado por vidas.....	382
Figura 117: Crianças, jovens e adultos brincando de corrida de canoas.....	391
Figura 118: Crianças, jovens e adultos brincando de corrida de canoas.....	392
Figura 119: Corpos em técnicas, habilidades e performances.....	396
Figura 120: Corpos em técnicas, habilidades e performances.....	396
Figura 121: Corpos em técnicas, habilidades e performances.....	397
Figura 122: Raul e sua arte de tecer corridas de tabicas.....	398
Figura 123: Raul e sua arte de tecer corridas de tabicas.....	399
Figura 124: Raul e sua arte de tecer corridas de tabicas.....	399
Figura 125: Raul e sua arte de tecer corridas de tabicas.....	400
Figura 126: Raul e sua arte de tecer corridas de tabicas.....	401
Figura 127: Raul e sua arte de tecer corridas de tabica.....	402

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
Álbum Introdutorio.....	43
Capítulo I: O Caminho para uma Antropologia Ribeirinha (...) Um Sonho me contou.....	50
Álbum I: As águas que me banham e me alimentam de sonhos.....	73
Capítulo II: Narrativas Coloniais e Decoloniais no Opará: Quilombolas, Indígenas e plantadores de Arroz nas encruzilhadas ribeirinhas.....	90
2.1: Colonização e Domesticação.....	91
2.2: Decolonizaçã e contra domesticação: resistência e retomada indígena e quilombola.....	102
Album II: Cruzadas Coloniais de domesticação.....	137
Capitulo III: Da Foz ao Sertão: navegando em um rio de paisagens múltiplas-uma antropologia ribeirinha	143
3.1: Os desassossegos de uma vida em barramento.....	169
3.2: O rio no mundo da Bacia Hidrografica.....	199
3.3: Desenvolvimento para quem?.....	206
3.4: A canoa de tolda e a luta pelo Velho Chico.....	208
3.5: Um rio, muitas vozes.....	218
Álbum III: O rio-mar em caminhos de desassossegos.....	232
Capítulo IV: O rio e seus reinos ferais: o lodo, as plantas e vidas em emergencias antropocenicás	238
4.1: Uma vida sem lodo: memórias das águas de brinca.....	251
4.2: Travessia para além das margens: um caiaque e muito lodo.....	255
4.3: Memórias de uma criança que pescava.....	279
4.4: De volta ao caiaque (mais uma vez)	283
4.5: Vidas em rupturas e renascimento às margens do Velho Chico.....	286
4.6: Narrativa feral de plantas aquáticas durante a Covid-19.....	304
Capitulo V: Os corpos encantados do Velho rio: narrativas, encontros e práticas no Opará.....	326
5.1: Entre o rio e a caatinga: olhares simbióticos.....	333
5.2: Dona Dulce e seu olhar (sobre) e com viver no rio.....	341
5.3: A derradeira canoa.....	346
5.4: Um rio de muitos corpos e práticas.....	354
5.5: Corridas de canoas, ventos de refega e habilidades no rio.....	361
5.6: Corrida de tabicas e infâncias sendo moldadas pelo rio.....	386
5.7: Raul e seu corpo negro em performance com as tabicas.....	395
5.8: Fé, tradição nas águas do Velho Chico: procissões fluviais.....	405
5.9: A vida de um rio que pensa, fala e faz mundos.....	412
5.10: Um rio de vida e morte.....	416
5.11: Louvado seja o Velho Chico e suas memórias, encantarias e	

ancestralidades.....	421
Referências.....	438

1. INTRODUÇÃO

*“A água arrepiada pelo vento
A água e seu cochicho
A água e seu rugido
A água e seu silêncio*

*A água me contou muitos segredos
Guardou os meus segredos
Refez os meus desenhos
Trouxe e levou meus medos*

*A grande mãe me viu num quarto cheio d'água
Num enorme quarto lindo e cheio d'água
E eu nunca me afogava
O mar total e eu dentro do eterno ventre
E voz de meu pai, voz de muitas águas
Depois o rio passa
Eu e água, eu e água
Eu...*

*Cachoeirinha, lago, onda, gota
Chuva miúda, fonte, neve e mar
A vida que me é dada
Eu e água¹*

Antes de qualquer coisa, eu preciso agradecer pela oportunidade de estar aqui, apresentando para vocês essa narrativa incompleta, livre e talvez poética da minha pesquisa de doutorado. De início, eu preciso deixar claro que a pesquisa, é na verdade um pedido de fala, da necessidade de comunicação de um rio que sofre, chora e sente as dores do abandono, do descaso, do terror da destruição dos nossos dias e de tal modo, este rio que é um verdadeiro mar, me leva a navegar por meus próprios caminhos de autodescobertas e das descobertas de outros modos de ser dele próprio.

Neste texto, antropólogo e ribeirinho se confundem, se mesclam, existem, coabitam e mergulham nas águas do Velho Chico e, portanto, mais do que

¹ Composição de Caetano Veloso. Pode ser acessada em: <https://www.lettras.mus.br/caetano-veloso/566098/>

argumentações teóricas, as linhas que se seguem e se delineiam são traçadas a partir do que está emergindo durante meu caminhar nas margens da antropologia e do próprio rio.

Meu projeto de doutorado nasceu de um sonho. Sonhei ainda em 2016, antes mesmo de tentar a seleção de doutorado no PPGAS- UFSC, que eu estava no meio do rio São Francisco, em frente à comunidade quilombola do Mocambo, nas margens sergipanas do rio, na cidade de Porto da Folha, sentado dentro de uma canoa, com um senhor negro muito idoso, sem camisa, com uma enorme barba branca, usando um enorme chapéu de palha e com o que parecia ser um cachimbo. Era na verdade a encarnação de um Preto Velho, que tendo habitado ali, me mostrara o caminho a seguir. Ele remava a canoa e me apontava a comunidade, ao mesmo tempo em que eu vislumbrava a imensidão do rio em um dia de sol intenso².

É este sonho então, que me liga, não só à minha ancestralidade negra, tendo em vista que meu pai nasceu nessa comunidade, mas também estabelece outro olhar sobre o rio, pois até então, o rio para mim, se apresentava apenas como um laço afetivo, carregado de subjetividades. Atualmente, o rio é fonte de estudos, de pesquisa, de conhecimento científico, sem deixar de lado a afetuosidade e as narrativas familiares que se desenvolvem com, e sobre ele.

Tantos outros sonhos têm me ajudado, ou me forçado a seguir caminhando, nadando, mergulhando em um rio, que desde criança fui sendo estimulado a amar, me sentir parte e pertencente a ele, e com ele seguir as linhas, fazer margens, tecer a minha própria vida, sendo também tecido, conectado por ele.

Estou em Pão de Açúcar. São 05 horas da manhã, do meu quarto ouço um despertador tocar na cozinha. Logo em seguida, meu pai abre a porta do seu quarto e sai e se prepara para ir, pega sua bicicleta, e pedalando anda pelas ruas da cidade até o porto das lanchas as margens do rio São Francisco. Seu destino? Sua lancha (embarcação) de nome Porto Alegre, herdada do seu pai e que hoje se constitui como sua principal fonte de renda, dividindo as semanas do mês trabalhado com um dos seus irmãos. Lá já estão também outros lancheiros e barqueiros a espera de seus passageiros e viajantes. Todos eles fazem travessia de passageiros,

² Falarei mais sobre esse sonho no primeiro capítulo.

produtos, carros e motos, entre a margem alagoana e a sergipana. Pão de Açúcar e Niterói se ligam pelas idas e vindas de lanchas, canoas e balsas.

Tecendo suas relações, estabelecendo diálogos, negociações de suas próprias práticas, eles estabelecem também seus sistemas de entrega mútua para o mundo em torno deles mesmos e do rio. E é ali, que eles assumem e exercem suas performances enquanto mestres barqueiros, como profundos conhecedores de cada leito, de cada marola que passa com o rio.

No quintal, os galos desde os primeiros raios de sol, cantam, despertam naturalmente os moradores da rua que leva o mesmo nome do rio. A rua já começa a ganhar movimento. Minha mãe, também já acordada, varre a calçada e a porta, alguns vizinhos e vizinhas fazem o mesmo. E então, começam suas redes de diálogos, enquanto varrem, conversam, ficam a par do que acontece na noite anterior, se alguém morreu nas primeiras horas do dia, a notícia logo se espalha.

Com tanto barulho e tanta conversa, eu logo me levanto, meu quarto é o primeiro e por isso, ouço tudo. Antes mesmo de ir até a porta da rua, me dirijo até o quintal e abrindo a porta, é a imagem do rio que logo aparece diante dos meus olhos. O movimento em suas margens e em suas águas também é intenso. Canoas saem das margens e sobem ou descem o rio. Subir o rio significa ir em direção contrária ao movimento de suas águas, que correm em direção à foz, esse é o movimento que sinaliza que se desce o rio.

Homens e mulheres também fazem seus exercícios, suas caminhadas nas margens, alongando o corpo, eles e elas, moldam seus próprios modos de existir para o rio, assim como fazem canoeiros, pescadores, lavadeiras de roupas, que desde os primeiros raios de sol, já estão em contínuos processos de fazer e refazer seus próprios caminhos e existências sempre na companhia do rio.

Antes de sair da porta do quintal, pego milho e jogo para os animais que são criados pelo meu pai e por outro tio, (Zacarias) que morando do lado, dividem o mesmo quintal. Antes, era a minha vó paterna que morava nessa casa, depois que ela faleceu, lá em 1989, muitos anos depois, a casa passou a ser ocupada por minha tia mais velha, só de uns anos para cá, é que ela foi ocupada por esse outro tio, que é o segundo mais velho. Ele é pescador, mas não sai para pescar todos os dias.

Do quintal, me dirijo até a porta da rua, minha mãe ainda varre e conversa com os nossos vizinhos e vizinhas. E minha mãe, surpresa, indaga: já acordou? E logo respondo, já! Impossível dormir com vocês conversando (e logo eu começo a rir), dou bom dia para quem está mais próximo, olho de um lado a outro da rua e entro. Deito na rede que tem na sala, ligo a Tv, e deitado, entre um balanço e outro, assisto as primeiras notícias do dia. A partir de agora, é comum ouvir pessoas passando pelas ruas, vendendo leite, peixe, pão, mungunzá, cuscuz de arroz, melancia, ovos, produtos para casa e etc.

“Olha o leiteeeee!” Passa um homem, em sua carroça sendo conduzida por um jegue, as vezes cavalo, com galões de leite em sua carroceria. O leite fresco abastece quase todas as casas da rua. Minha mãe, quando não leva logo a vasilha do leite para a porta, na espera dele, sai correndo da porta até a cozinha para buscar, e grita: eu quero! E assim, se repete cotidianamente.

O preço do peixe é negociado nas calçadas, enquanto os pescadores se dirigem até a banca, às vezes eles nem conseguem chegar até lá, pois os peixes são vendidos antes, muitas vezes tratados nas próprias calçadas, enquanto conversam, riem.

Já passa das 07h30 quando ao longe ouço meu pai conversando com os vizinhos também, ele está voltando das suas primeiras horas de trabalho. Ele sempre volta para tomar café, antes de continuar indo e vindo entre uma margem e outra. Com o pão na mão, ele entra em casa e começa a preparar seu café. Na cozinha ele e minha mãe comentam sobre as notícias que ambos acabaram de ouvir em seus trajetos matinais.

Planejam o que vão comer no almoço, pois ele agora só volta para almoçar, as vezes nem isso, ele passa o dia sem ir em casa. Minha mãe já é aposentada. Durante décadas exerceu a difícil arte de ser uma professora de português e literatura, além de ter sido algumas vezes diretora de escola pública estadual, eleita pelo corpo discente e docente da escola onde trabalhou, por duas vezes.

Lembram quando eu disse que a primeira imagem externa do meu dia, é olhar para o rio? Naquele momento, eu já sei ou não se devo descer até as margens caminhar ao encontro de imagens sendo tecidas ao longo do rio. Depois de comer

alguma coisa, conversar um pouco com minha mãe, colher informações sobre o rio e o movimento na beira dele com meu pai, desço o quintal e me dirijo até a croa que divide a casa dos meus pais, do rio.

Não sem antes colher algumas seriguelas do pé, é no verão que a fruta se espalha pelo quintal. Antes disso, a árvore que gera e dá vida ao fruto, passa a maioria do ano, com suas folhas verdes, sendo abrigo de galinhas e galos, que penduradas e pendurados em seus galhos, pernoitam. Próximo das 09h, o calor já é sufocante, a temperatura já está a cima dos 30°, tendo chances de chegar aos 40° se eu estiver sorte. Com câmara nas mãos, atravesso a croa e chego a beira.

No momento em que meus pés tocam as águas, imediatamente meu corpo se arrepia silenciosamente e como diz Gaston Bachelard, em “A Água e os Sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria” (2018). Eu me reconheço e o rio também me reconhece, nossos corpos foram unidos por missão.

Mas a terra natal é menos uma extensão que uma matéria; é um granito ou uma terra, um vento ou uma seca, uma água ou uma luz. É nela que materializamos os nossos devaneios; é por ela que o nosso sonho adquire sua exata substância; é a ela que pedimos nossa cor fundamental. Sonhando perto do rio, consagrei minha imaginação à água verde e clara, à água que enverdece os prados. Não posso sentar perto de um riacho sem cair num devaneio profundo, sem rever a minha ventura.... Não é preciso que seja o riacho da nossa casa, a água da nossa casa. A água anônima sabe todos os segredos. A mesma lembrança sai de todas as fontes. (BACHELARD, 2018, p. 09).

É sentando, dentro de uma canoa, sentindo a brisa bater e o sol quente queimar minha pele, que imagens de um passado vivido nas margens, se reconectam com um presente etnográfico. Vejo meu avô materno Odilon de Terto, em um domingo de manhã, arrodado dos seus netos e netas, brincando na água. Ele nos ensina a nadar, mergulhar e andar de canoa. Em instantes ele pede para que a gente suba, sente e então começa a empurrar a canoa, nossa diversão estava garantida naquele domingo.

Ele costumava nos acordar muito cedo aos domingos, buscando nos conectar com o que para ele, era mais que local de trabalho, enquanto pescador,

era a compreensão da sua própria existência e da existência dos laços familiares. Até a sua morte em 2001, meu avô continuamente permaneceu atrelado ao rio, a sua defesa e manutenção das tradicionais corridas de canoas.

Então, me levantando da canoa onde me encontro sentando, meus pés voltam a tocar a água, meus passos, dados em direção à beira, são tomados pelo lodo (macrófitas aquáticas das mais distintas espécies) quando elas tocam a minha perna, se abre para mim, mais uma imagem. Já na adolescência, quando aos sábados, junto com meu irmão, irmãs, primos e primas descíamos correndo da rua, atravessando a croa, até o rio, com sacos de estopa, esses sacos que eram usando para armazenar batatinhas, cenouras nas feiras livres.

Eles eram as nossas redes de pesca, amarrados nos nossos pescoços, segurando as outras duas pontas com a mão, abríamos o saco e então mergulhávamos, e entre lodos e plantas, emergíamos com nossas redes (sacos) com saburicas, piabas e chulapa (tilapia), fazíamos isso repetidamente até próximo ao meio dia, antes de irmos à escola. Sábado em Pão de Açúcar, por muito tempo, era dia letivo das 13h30 até as 15h30, pois depois tínhamos que ensaiar para a missa do domingo (colégio de Freiras holandesas).

Essas imagens, de práticas, técnicas e a habilidades sendo construídas ainda na adolescência, são constantes em meu caminhar e devir antropológico, e por isso mesmo, por evocarem tanto aprendizado, tanto ensinamento, tantas saudades, elas não fáceis de serem transcritas, revivescidas. Não sou eu quem as evoco, é o próprio rio que me conduz pelas marés de lembranças, lembranças que contam histórias, que me afogam, que em profundidade dinamiza minha experiência.

“Os fenômenos da água iluminada por um sol de primavera proporcionam assim metáforas comuns, fáceis, abundantes, que sustentam uma poesia subalterna. Os poetas secundários abusam delas”. (BACHERLAD, 2018, p. 21). Eu corriqueiramente abuso dessas metáforas, imagens e lembranças. A água é como espelho, o rio são Francisco é o meu espelho, que me devolve em gotas claras e refrescantes a minha própria imagem.

Não o vejo mais e apenas como fonte geradora de energia, como fonte de irrigação e produção de atividades tradicionais. Ele é fonte de onde meus ouvidos bebem toda sabedoria, ele fala, ele ouve, ele se comunica. Ele se materializa por entre essas linhas, trazendo até a mim, no bailar de suas maruadas e marolas, o seu dizer.

Ao longo da vida, fui sendo educado (educação para atenção, que nos fala INGOLD, 2015), para que talvez, hoje eu chegasse nesse momento, de tecer memórias sobre ele, no intuito de ser mais um a emprestar seu corpo, seu espírito, para ser também uma voz a se somar e dar forças nas marolas do Velho *Opará*. Mais do que os formalismos acadêmicos, a educação recebida e que atravessou a temporalidade e se declara nos dias atuais, foi uma educação implicada no cotidiano às margens, no amanhecer continuamente sendo parte das realizações humanas, mais que humanas e orais que iam sendo produzidas por minhas famílias.

A minha família paterna até os dias atuais vive da navegação, gerações de barqueiros que se moldam e se constituem como viajantes nas inconstâncias dos dias na beira e no leito do rio. Recebem turistas e visitantes, fazem e realizam passeios com grupos de amigos, com estudantes e corpo docente, executam a arte da mestrança na navegação e produção de embarcações.

Já a família materna, se apresentou para mim, como vindos de uma tradição da pesca, da mestrança sobre canoas e que fazem destas canoas, pontos de convergência na manutenção dos laços afetivos com o rio e dentro da própria navegabilidade enquanto núcleo familiar. São famílias engolidas (em um bom sentido), pela força materna do *Opará*.

Meu primeiro processo de educação, foi através do nado, aprendi a nadar ainda muito pequeno, e essa era uma das memórias que eu queria que retomasse nesse processo de reaprendizagem. Aprendi a nadar com meu avô materno e até o ano de sua morte, ele foi o grande responsável por muito do aprendizado que vem sendo moldado por mim, ao longo do tempo. Ele era pescador, mestre fazedor de canoas e grande entusiasta das corridas de canoas, foi ainda um defensor voraz do *Velho Chico* um ambientalista em tempos que ser um, ainda não era tão dinâmico.

Ele, então, tem sido presença constante nestes sonhos e memórias. Era com ele, que as manhãs de domingo se tornavam não só momentos de lazer e diversão, como também de aprender sobre o rio, sobre canoas, sobre a pesca, sobre o ser ribeirinho.

Todos os domingos, sempre muito cedo, meu avô Odilon Rodrigues, que faleceu aos 91 anos, de forma repentina, pois na noite anterior ele andava pelas ruas da pequena cidade de Pão de Açúcar, Alagoas, encontrando os amigos, jogando dominó na praça, sempre fazia questão de levar meus primos, meus irmãos e eu para o rio. Antes mesmo de o sol pensar em esquentar, ele já estava de pé, indo na casa dos seus filhos ou filhas, pedir para que fossemos acordados, pois era mais um dia de rio. Era o dia que ele dedicava a transmitir a nós, todos os seus conhecimentos.

Atravessávamos a grande faixa de areia que separa o rio da rua que leva o mesmo nome. Sentando em sua canoa, tirando a água de dentro dela, depois de lavar, e deixá-la limpinha, ele nos observava brincar, correr dentro da água, mergulhar e até mesmo dar os primeiros passos em direção a pescaria, sempre com uma vara de pescar feita de bambu bem fino e pequeno, com linha e anzol e cuja isca era retirada dos nossos quintais, as famosas minhocas.

Entre um arremesso e outro, ele vinha no ajudar e nos orientar como deveríamos lançar nossas linhas. Outras vezes, ele nos colocava em cima da canoa e saía remando, fazendo um passeio muito pela beirada, já que quanto mais longe da margem ficávamos, mais era perigoso e difícil de voltar devido às correntezas.

Ele também nos ensinou a armar barracas com o pano da canoa, sempre no segundo domingo do mês de janeiro, era uma tradição familiar receber amigos, vizinhos, conhecidos, na barraca que ele armava junto com a gente, para celebrar o dia de Bom Jesus dos Navegantes e acompanhar a procissão fluvial e as corridas de canoas e botes, bem como outras atividades esportivas que aconteciam durante todo o dia.

E foi assim, que meus domingos, até o ano de 2000 foram sendo construídos e vivenciados e descritos, sempre se iniciando com a vida sendo tecida, entrelaçada com o rio, com meu avô, com suas narrativas, com suas lembranças, com suas

histórias e com a sua própria existência sendo entendida e vivida no mundo, sempre as margens e além delas.

Hoje, todas as vezes que estou diante do rio, que restabeleço contato visual e olfativo com ele, estabeleço também conexões com as memórias e lembranças do meu avô, que persistem ao passo que vou traçando meu percurso, vou me abrindo, me deixando levar pelas águas que circulam em meu corpo, que tem impactado na maneira como eu desempenhei minha pesquisa e a escrita da tese.

Deixei que o rio me afetasse e me ele, junto com os seres encantados, os Guias, Orixás e Caboclos me mostrassem o caminho a seguir. Que me desafiassem a desconstruir esse mundo, que achamos estar pronto, acabado e nos servindo com suas riquezas, paisagens e imagens.

Por outro lado, meu pai, um barqueiro e pescador, da região, tem sido, desde o meu nascimento, esse outro movimento epistemológico da aprendizagem enquanto se navega. Nascido às margens do rio, na comunidade quilombola do *Mocambo*, na cidade de Porto da Folha, em Sergipe, desde pequeno ele compreende e vê o São Francisco, como fonte de sobrevivência, herdou do seu pai, o gosto pela navegação e fez dela, profissão, que exerce até hoje com maestria e amor, fazendo com que seja reconhecido em todo o baixo São Francisco, pelos seus conhecimentos, técnicas e habilidades que foi articulando ao longo do se fazer navegador das águas.

Meu pai, hoje, tem sido esse barco que me leva a navegar pelas encruzilhadas do rio, fazendo de cada porto, cada margem e de cada nova chegada e partida, movimentos intensos de ser parte, de ser e viver experiências de confluências com e no rio. Desde criança, meu pai sempre saiu navegando comigo e com meus irmãos, nos levando a conhecer pessoas, comunidades, vilas, acompanhado festas nas margens, corridas de canoas, procissões.

A sua rotina, embora pareça a mesma todos os dias, não se faz sempre na mesma intensidade e na mesma proporção. As condições da água arrepiada pelos ventos, pelas marés, ou a falta de passageiros, baixa procura da travessia e até mesmo as constantes secas do rio, tem implicado na construção temporal do ser barqueiro. Além do que, é comum os barcos necessitarem de reparos, de concertos,

de adequação as exigências da marinha, motor quebra, falta peça, impondo aos homens do rio, rupturas, mesmo que temporárias das suas condições de existir junto dele.

Por muitas vezes, ao longo de todos esses anos, assistir meu pai chegar em casa desmotivado e contado sobre o seu dia nada satisfatório, nada animador, ainda mais agora, vendo as condições de navegabilidade sendo afetadas pela baixa vazão do rio, pela alta concentração de macrófitas aquáticas, que tem se proliferado nos últimos anos, provocando danos as embarcações e as hélices que servem de morada e pontos de fixação das plantas aquáticas.

Nos últimos anos, mudanças significativas têm ocorrido no rio, ele, a partir dos encontros teóricos que tenho feito, me parece responder significativamente aos abalos e rupturas provocadas em suas águas e em seu curso ao longo de mais de cinco séculos de exploração. Desde 1501, que ações mais abruptas, mais intensas e violentas têm feito com o que, o rio que lentamente caminhava para o mar, ao encontro do oceano Atlântico, perdesse força, perdesse potência e vida pujante.

O rio que via e sentia o navegar e os confrontos entre etnias indígenas, na disputa pelo seu território nas margens e leitos, se vê hoje, marcado por feridas abertas pelas conquistas e missões portuguesas, pelo imperialismo colonial, pela abertura de caminhos para o desenvolvimento do sertão nordestino, através do açúcar, do gado, do arroz, do algodão, como porto de chegada e partida, como fonte e gerador de energia.

Um rio do desenvolvimento da agricultura irrigada de frutas, e produção de vinhos, do agronegócio e seus agrotóxicos, dos canais do sertão que irrigam e fazem água chegar a cidades dos interiores de Alagoas e Sergipe, e finalmente da transposição, que sustenta um projeto ambicioso de levar água aos extremos do sertão nordestino, fazendo emergir paisagens, ruínas, destroços e poluição.

O rio antes livre, majestoso, ambicioso, hoje parece sufocado e aprisionado e submisso aos desígnios das ambições humanas. Sem tanta força, a tua voz segue, sendo um milagre a correr, sendo sugado pela força do mar, mas resistindo, nas confluências que encontra pelo caminho.

Dito isto, então compreendo que estou diante de um rio (ou vários rios) múltiplo (de corpo múltiplo) de MOL, 2002, que se molda a partir da confluência de várias paisagens (ou múltiplas paisagens), que se conectam, que se desenvolvem em constantes processos de interação, que conforme se ampliam e se reinventam, se configura em um rio de “diversidade contaminada”, nos dizeres de TSING, 2019.

Posto que, como disse anteriormente, acredito que para além dessas modificações provocadas pelos grandes empreendimentos humanos, há as alteridades e contínuos diálogos entre o rio e seus sistemas ambientais, suas margens, seus leitos, seus afluentes, que pouco percebemos ou damos conta de entender, quando estamos demasiadamente vinculados a sistemas de representações dos feitos humanos.

Há modificações ocorrendo a partir dos encontros e desencontros com ventos, sol, calor, com peixes e animais, com espécies invasoras, com o próprio mar e sua água salgada, tem a proliferação de ilhotas, de bancos de areia, erosão. E tudo isso são respostas elaboradas pelo rio. De como ele pensa e vive o momento presente e entende que necessita ser ouvido, visto e sentindo em estado latente de sofrimento e agonizante.

Assim, entendo que o rio não é um agente passivo que assiste tranquila e silenciosamente sua vida ser rearranjada. Ele impõe condições, impõe limites, impõe negociações vivíveis. No entanto muitos corpos e olhos humanos ainda parecem não compreender os sinais de esgotamento hídrico, ambiental e espiritual do rio.

O Velho Chico desperta então, em mim, paisagens afetivas e ao mesmo tempo de memórias. A memória não como um produto materializado, estagnado e preso no passado, mas que serve de elemento comparativo para a compreensão de um rio do presente, revestindo em lugares, recordações e um mundo animado, fluido e que conta histórias e reúne vidas, trajetórias e caminhos distintos. São paisagens afetivas porquê elas foram sendo construídas com os laços familiares.

Era uma croa nova que aparecesse, íamos lá, a família toda. Era um parente para visitar, seja em Niterói, Mocambo, Bom Sucesso, Ilha do Ferro, Entremontes, Curralinho, Ilha do Ouro, Vila Limoeiro, Jacarezinho, Espinhos, Santiago, Mundo

Novo, Belo Monte, era na lancha Porto Alegre que saímos aos finais de semana, subindo e descendo nas águas do São Chico.

Um rio que não é apenas rio, é esperança, é ameaça, é menino, senhor, é mulher, é divindade, é um fio de desassossego. É feito de espera, de passagens e fluxos, de tradições que rama em cada época, em cada porto, em cada cidade. É um rio de narrativas ancestrais múltiplas, de choro, de lágrimas, das canoas e canoeiros, da pesca e dos pescadores, das lavadeiras de roupas e suas trouxas, do artesão, do cancionista e poeta.

É o rio da fotografia, do pôr-do-sol que alumia, é o rio que se transforma em espelho da lua (se tu ainda fosse Jaciobá³, Pão de Açúcar), que banha cada parte do meu corpo e me lava, como se dele eu tivesse nascido e como se dele, eu nunca tivesse saído.

Diante dos meus olhos então, eu tenho um rio que se move e que é movimentado pelos atores e companheiros que se aconchegam em cada parte do teu corpo múltiplo. São homens, mulheres, crianças, jovens, idosos, cavalos, cachorros, gaivotas, macrófitas, algas, peixes, crustáceos que vivem nas indeterminações dos caminhos sobre as águas e seus mundos multiespécies.

Experienciar esses movimentos, essas interações que sempre existiram, foi um desafio gostoso e me fez também repensar minhas próprias lacunas de me perceber enquanto ribeirinho, como um sujeito integrante desses ambientes em que o rio, se torna o elemento central, o fio condutor das histórias que foram e são narradas cotidianamente.

Ao passo que eu me desloco, percebo e vou tecendo meus próprios movimentos de interação, eu sou do rio, mas também sou da antropologia e aí é que está o desafio, aí é que está a centralidade deste trabalho. Produzir uma antropologia ribeirinha do Baixo São Francisco? Eis que me foi lançado o desafio. Ao final da leitura deste trabalho, espero ter cumprido essa missão.

Nem o antropólogo e nem o menino ribeirinho se sobrepõe, eles coexistem e se mesclam, se lançam sobre um rio de águas claras e límpidas. É dessa

³ Jaciobá em Tupi-guarany, significa “Espelho da Lua”. Jaciobá era como se chamava o território indígena dos Urumaris e depois Xokós, que hoje se chama Pão de Açúcar.

experiência que nasce a descrição, é desse entrelaçamento de mundos que o ato de escrever e narrar ganha força, produzindo no trabalho uma maior reflexividade.

“Assim, a perspectiva da antropologia feita em casa sugere uma contribuição à crescente reflexividade imposta aos sujeitos a partir de várias direções”. (STRATHERN, 2014, p. 135). Aqui, ambos, antropólogo e ribeirinho tem autonomia sobre o que se escreve, descreve, narra e explora em termos de deslocamento do conhecimento e das fronteiras que foram sendo derrubadas pelas intervenções dos meus e minhas companhias embarcadas comigo na canoa chamada Espiritualidade.

O experimento faz parte de um argumento maior para a *descrição crítica*, isto é, a arte de perceber o entrelaçamento das relações entre seres humanos e outras espécies por meio de escalas múltiplas não aninhadas. A descrição crítica considera como mundos são feitos nas trajetórias cruzadas de muitas espécies que vivem em comum. Nem uma antropologia que quer meramente provar que está acima da filosofia, nem uma antropologia de “adicionar e agitar” agentes não humanos: descrições críticas de relações entre muitas espécies poderiam nos mostrar como olhar mais de perto bem como sacudir nossos aparatos e ampliar nosso conhecimento do mundo [...]. Em paisagens multiespecies, pessoas sociais de muitas espécies interagem, moldando as vidas uns dos outros de forma variada. (TSING, 2019, p. 66).

Neste caminhar, percebo então, que o rio (o corpo múltiplo do rio), é tecido e feito de muitos nós, de muitas atividades cotidianas, é feito a partir de partícipes ativos, não estruturados, ou organizados hierarquicamente. São vidas e mundos particulares, que nas margens e nos leitos, ou mergulhados se mesclam, se apropriam, performam e criam suas próprias paisagens, não imaginadas, mas reais, palpáveis, capazes de serem ampliadas através de narrativas, imagens fotográficas.

São paisagens afetivas que atravessam os dias, que aproxima e distância, que emerge e que conecta outras pessoas, outros ambientes, outras memórias. Versões diferentes de um mesmo rio, não só são possíveis, como são reais, tanto pela sua própria capacidade de se auto gestar, como pelas modificações e rearranjos ambientais, rupturas, eclosão de desastres, ruínas sociais que nele e com ele realizamos.

Caminhando pela beira, com a câmera na mão, vejo Simone, moradora da rua da alegria, que quase que diariamente lava roupas no rio, ela é uma das únicas mulheres que ainda permanecem exercendo com muita disposição este ofício. Simone, ao meu ver com a câmera na mão, logo dispara: Eu sabia que você vinha falar comigo, quando eu vi você no meio da croa, pensei logo, lá vem Igor tirar foto.

Simone me conhece desde criança, me viu crescer e eu a vi sempre indo e voltando, do rio, pelas ruas com trouxa de pano na cabeça, ia buscar na casa dos clientes e depois devolvia lavadas e engomadas. Ela continua a fazer até hoje essas mesmas andanças, mudando sempre de lugar conforme o rio vai se moldando.

Assim como Simone, eu tive uma tia, esposa do meu tio, irmão da minha mãe, que também era uma lavadeira de roupa nas margens, além de exercer a profissão de auxiliar de serviços gerais em uma escola pública municipal, no limite da Rua São Francisco com a Avenida Ferreira de Novaes. Lavou roupa, inclusive as da casa dos meus pais, até pouco tempo antes de falecer. Coisa do destino, ela faleceu uma hora depois que eu apresentei meu TCC em junho de 2011.

Por volta das cinco da manhã, ela costumava descer seu quintal e atravessar a croa com a trouxa na cabeça, por vezes contava com a ajuda de seus filhos para conseguir carregar tudo o que precisava, por vezes eu pedia para ela ir me acordar, pois eu amava ficar vendo ela sentada, na areia e dentro da água, com os panos por sobre uma pedra que conseguia próximos aos quintais.

Com essa imagem transposta para o presente, retorno em direção à casa dos meus pais, onde antes existia uma cerca de madeira, hoje dá lugar a um muro. Retorno com a certeza de que no período da tarde voltarei, pois muitas das imagens cotidianas que se formam durante a manhã, não acontecem à tarde e assim também algumas que se formam e se constroem na parte da tarde, não são comuns pela manhã.

A tese foi toda sendo elaborada com essas andanças, não programadas, não agendadas, mas inteiramente imposta ao meu olhar, pela percepção aguçada de quem nasceu, cresceu virando e de cara para o rio. Muitas das vezes eu saía da casa dos meus pais de manhã, meio dia, fim da tarde, porque tinha algo de

interessante acontecendo, ou porquê a movimentação das pessoas, do próprio rio, de percebe-lo começando a encher e no meio da noite secar.

À tarde, por volta das dezesseis horas, quando o sol já está mais ameno e mais calmo, e o rio mais agitado e risonho, parece subir em direção a sua nascente, como que durante a tarde ele tomasse por rebeldia a necessidade de não ser do mar, ele acompanha o vento que sopra do sul para o norte e faz levantar marés de frescor, saudades e sortilégios, faz a areia da croa girar, voar e movimentar o tempo.

É à tarde, que homens e mulheres, sentados em suas canoas, em família, com amigos, fazem do rio a extensão de suas salas, de suas casas, ou melhor, não fazem, é a extensão se suas casas. É no rio que eles contam histórias, criam seus filhos e filhas, educam, se enamoram, sonham, se divertem e muitas das vezes morrem.

Como morreu seu Lado, a mais de vinte anos atrás, que tendo saído para pescar, fora encontrado dois dias depois longe de sua canoa, afogado e tendo partes do seu corpo devorado por piranhas. Seu Lado era padeiro, mas também pescador e canoeiro. Sabia fazer pão como ninguém e pescar também.

Piranhas estas, que volta meia, meia e vai, dão sinais de suas capacidades de se indignar com humanos que não respeitam e não compreendem a necessidade de manter os sistemas ecológicos “equilibrados”. Nos últimos anos têm sido constantes os relatos de pessoas que foram atacadas, tiveram seus dedos dos pés mordidos por piranhas.

Piranhas sempre me assustaram, mas não menos que as traíras, peixes que vivendo escondidos, eram difíceis de serem vistos e pescados com mais tranquilidade, sempre prontos para dar o bote. Traíras gostam da escuridão. Gostam de sair para se divertirem a noite. Pirambebas, parentes das piranhas, chegávamos até confundir uma espécie com a outra, quando criança, também dão o ar da graça, hoje são mais comumente pescadas no rio. Tem se dado bem nesse ambiente de tantas extinções e desaparecimento de espécies.

A tarde também revela a pratica do futebol nas margens, como sendo lugares e ambientes formadores de laços, de afinidades, de encontros e também de muita confusão, amigos e amizades são feitas e desfeitas em frações de segundo, desde

que se cometa uma falta mais dura, que não se assume que colocou a mão na bola, que o gol não foi gol, e etc.

O rio, assume para o futebol, em muitas das vezes, o caráter de ser o limitador do campo. Depois que o jogo acaba, quando o sol se esconde por trás da serra, todos correm e mergulham seus corpos sobre o olhar atento da lua, do Nego d' água, da Mãe d' água e todos os seres encantados que habitavam o rio e suas beiras antes de nós.

O futebol também me remete para imagens da infância e adolescência, tínhamos um time, chamado de Toca do Índio, em homenagem ao bar do nosso tio, que fica no limite entre a croa e a rua, era lá e na frente do bar que nossos jogos aconteciam, o time era composto basicamente pelos netos de seu Odilon e dona Julieta, meus avós maternos, unidos, disputávamos partidas com times de outras ruas da cidade.

Minhas imagens de um cotidiano de pesquisa, do fazer antropológico e etnográfico, são, portanto, realizações vividas por mim, pelas linhas das minhas famílias materna e paterna em constante movimento com o cotidiano de vizinhos, amigos em devaneios com o próprio rio.

Assim, no meu entendimento, a primeira das paisagens que recai sobre a minha construção enquanto ribeirinho e antropólogo, é a paisagem afetiva, ou pode-se também vir no plural, paisagens afetivas. A paisagem afetiva traz consigo, a capacidade de reinvenção dos lugares em que o meu corpo se situa, onde meu espírito de criança reencarna e toma a forma, reaprende a nadar, a mergulhar, que traz ainda o prosperar de um corpo do presente e do futuro, que me realinha em linhas tortas, torna marés e o próprio fundo do rio mundos habitáveis.

Neste contexto, eu, meu corpo e o próprio rio, estamos em processos mútuos de inconstâncias, reavivando lembranças, medos, encontros, imagens vivas para quem viveu e vive em suas águas. É o rio do presente quem fala e da forma ao rio do passado, assim como o menino do passado, é quem conduz o menino do presente pelas marés do Antropoceno.

Uma ou algumas paisagens afetivas, são trazidas à tona durante a pesquisa, quando eu vejo da janela ou do terraço da casa dos meus pais, jovens e crianças

em um fim de tarde, jogando futebol na areia. Quando eu era criança e até os meus 15 anos de idade, idade em que deixou a cidade de Pão de Açúcar, para morar na capital alagoana, Maceió, era quase que uma obrigação, descer até a beira do rio, seja depois de um dia de aula, seja nos finais de semanas, seja logo cedo, depois das aulas de educação física no colégio, seja nas férias, para jogar futebol, com irmão, primos, amigos e vizinhos.

A grande croa que se estende sobre o centro da cidade, era o nosso ponto de encontro, era o grande palco onde estabelecíamos diálogos, intrigas, desavenças, confusões, estreitamento de laços, de afinidades, de aprendizagem e de produções de histórias e narrativas. Jogar futebol nas margens era também se lançar sobre mosaicos de vidas que estavam se cruzando naquele momento, sobre histórias e trajetórias particulares que ganhavam um enredo próprio a partir do contato com a água, com a areia, com o vento.

Correr atrás da bola nem sempre era uma tarefa das mais fáceis, como os limites do campo eram impostos tanto pelo rio, como pela ação do vento, muitas das vezes achar a canela de um companheiro e ou do colega do time adversário era sempre algo mais viável. Se ganhávamos uma partida, ganhávamos também coca-cola, fanta e guaraná, do bar de tio Dedo, era só subir que o lanche da tarde estava garantido.

E hoje, quando eu de longe observo o desenvolver de uma partida de futebol na beira do rio, compreendo que o tempo todo, nós e eles, estávamos e estão continuamente se adaptando às condições mutáveis do rio, da croa, do vento, sendo partícipes de processos de interações que nos remetem à alimentação das nossas memórias nas margens.

Assim como as inúmeras partidas de futebol, ou os famosos rachas potencializam e moldam nossas práticas, nossa própria criação individual estabelece vínculos afetivos, habilidades que só aquele lugar é capaz de reconhecer e se fazer vivo novamente.

O racha na beira do rio de ontem e de hoje é uma paisagem afetiva, porque ela estabelece comparações, que se embaralham, que se mesclam, que se apropriam uma da outra, que se multiplica, que alcança o pensamento e se

externaliza. Potencializa uma terceira narrativa, atribuindo nostalgia, desejo, emoção e hábitos que se perpetuaram em outras gerações.

Que carregam nos dias atuais, com a bola nos pés, o renovar das paisagens, deixando sobre a areia fina e amarelada os rastros do presente, marcas de um tempo do agora, antes que o vento vindo do sul apague sem deixar vestígios, cada gota de suor, cada grito de gol, até que novas histórias, novas formas de habitar e de viver ocupem a croa, o leito, o rio.

Há ainda, nesse rio múltiplo, paisagens que surgem em detrimento de processos históricos e tradições herdadas das misturas forçadas e violentas, entre índios, colonizadores e exploradores (portugueses, holandeses e franceses) e africanos deslocados de suas terras ancestrais e transformados em escravos no “novo mundo”. Tais paisagens estão também moldando os indivíduos, suas interações e relações.

Como por exemplo, as procissões fluviais de Bom Jesus dos Navegantes, a procissão de São Pedro Pescador, as corridas de canoas, as manifestações rituais das comunidades indígenas que estão nas margens, em especial os processos interativos que a comunidade indígena Xokó, bem como da comunidade quilombola do Mocambo, que faz do seu território uma extensão do rio, extrapolando os limites da conceituação de margem.

Há ainda os artesãos da Ilha do Ferro que buscam em seus traços, em vidas performáticas, esculpir a madeira morta retirada do leito do rio e dão vida a representação de animais e espécies não humanas. A pesca também esculpiu e molda constantemente a paisagens são-franciscanas, atravessando milênios e se reinventando ao passo que o rio também se altera, se molda, tramando relações na base da linha, do anzol, tecendo redes que arrastam poucos peixes, incertezas e drama.

São paisagens históricas porque são constituídas de processos dinâmicos, e que permitem pensar o antes e agora, com sucessões de eventos que continuamente vão deixando os rastros de suas habitabilidades, de suas interações. Neste sentido, posso também anexar como sendo tipos dessas paisagens, que

emergiram no rio São Francisco e provocaram perturbações significativas, os currais de gado, nos séculos XVII e XVIII.

E que tornou a região árida do São Francisco, especializada e rica no domínio de bois, cavalos, transformando o velho *Opará*” dos povos indígenas, em um *rio dos currais*, dos fazendeiros, transformando os territórios indígenas em grandes propriedades rurais, fazendas, vilas e delas, nascendo as cidades, tornando-as dinâmicas e centradas na figura do catolicismo.

É a partir dessas relações que demarco as ações do Antropoceno na região do Baixo São Francisco e seus contínuos processos de aceleração de morte, perturbação, violências, destruição, rupturas, que atravessaram o Atlântico nos navios e seus porões abarrotados de espécies invasoras, domesticadoras e também de gente, reis, rainhas, prontas e prontos para servirem de força escravizada.

As paisagens históricas as margens do Velho Chico, principalmente na região do baixo São Francisco, se moldaram nos séculos iniciais pós-invasão, através das missões jesuíticas, com construções de capelas, conventos, até mesmo de um hospício na comunidade indígena Xokó, como forma de promover uma verdadeira cruzada pela fé, na construção de uma colônia capaz de gerir recursos e gerar economia e lucro para a Europa.

Quem navega pelas águas do São Francisco, seja na margem esquerda e ou na margem direita, se depara com as grandes torres das igrejas, que se destacam no meio de tantas outras construções que foram reanimando a paisagem são-franciscana. O terror colonial e antropocênico impuseram com fervor e devoção o plantio do arroz como forma de domesticar paisagem e gente.

Há ainda nessas reinvenções de paisagens na qual eu estou situado e imerso, a grota de angicos, ambiente onde o bando de cangaço mais famoso do país foi derrotado. E com o rio diminuindo a sua vazão, dia após dia, nós estamos vendo emergir navios que naufragaram ainda no século XIX, peças coloniais, como espadas, louças, estão também sendo encontradas por pescadores, barqueiros e mergulhadores, que ao estarem na busca exaustiva do peixe, acabam encontrando no lugar destes resquícios de um passado histórico, que a partir dos níveis

alarmantes da água que corre em direção ao oceano, acabam por nos conectar para o passado.

Recentemente, em uma das minhas andanças, subindo e descendo o rio, fazendo a pesquisa de campo, na companhia do meu pai, da minha mãe e da minha irmã, que deram o prazer e a alegria de estarem comigo em vários momentos dessa jornada produtiva e científica, fomos, em um dia de verão, até a comunidade de Ilha do Ferro, que é um território as margens do rio e que se localiza dentro do município de Pão de Açúcar, em Alagoas.

É uma comunidade bastante conhecida, internacionalmente, inclusive, pela sua produção artesanal, por ser um seleiro de grandes artistas da arte da madeira e dos bordados *boa noite* único e exclusivo no mundo, estabelecendo fluxos contínuos de turistas, estudiosos, colecionadores e profissionais de diversas áreas para a região, o que de certa forma também, se vincula ao que estou chamando aqui de uma paisagem histórica, tendo em vista que na comunidade, a arte esculpida em peças fabulosas remontam a fauna, flora e folclore da região, ao mesmo tempo em que os ateliês são montando em casas cujas faixadas remontam ainda aos séculos XVIII e XIX.

Em frente ao povoado Ilha do Ferro, existe uma ilha, hoje já anexada a margem sergipana, no povoado de Bom Sucesso, tendo em vista que com as constantes secas do rio, no lugar onde antes passava água, hoje se tornou mais um lugar de pastagem e plantação, na qual os moradores da região deram o nome de *ilha do sossego e ou ilha dos anjos*, posto que em lá podem ser encontradas cruces.

Essas cruces demarcam o local exato onde crianças recém-nascidas ou que já nasceram mortas foram enterradas pelos seus familiares, em meio à vegetação da caatinga, como também alguns poucos jovens e adultos também têm seus nomes cravados nessas cruces.

Essa não era a primeira vez que eu tinha visitado essa ilha, pois era comum sempre na infância e na juventude, mais costumeiramente, fazer passeios e piqueniques lá, ou na companhia de familiares e também na companhia de amigos, colegas e professores, porém, nesse contexto de pesquisa, aquela tinha sido a primeira vez, e por um motivo que bem peculiar.

É nessa ilha também, que se encontra naufragada a lancha Moxotó, que até hoje é considerado o maior acidente naval da região do baixo São Francisco, tendo ocorrido em 1917. Desde pequeno eu costumava ouvir histórias sobre essa embarcação que tinha afundado ali e provocado a morte de muitas pessoas que faziam a viagem da cidade de Piranhas até Penedo, inclusive de um adolescente cujo corpo só foi encontrado dias depois e que está sepultado no cemitério na cidade Pão de Açúcar, onde o adolescente ia desembarcar.

Naquele dia, no dia 10 de janeiro de 1917, a região em meio ao período do verão, costuma ser agraciada com alguns dias de tempestade e temporais, até hoje é assim, janeiro costuma ser uma época de fortes chuvas e ventos intensos, que em contato com o rio, deixam suas águas bem agitadas e perigosas, e foi em uma dessas que o barco colidindo com a ilha, veio a naufragar. Ao longo do tempo em que ouço essa narrativa histórica, nunca tinha visto de fato o grande barco afundado, submerso em um rio de memórias, pois, a profundidade do rio, impedia todas as pessoas de chegarem perto, a não ser os mergulhadores da região.

No entanto, como eu já mencionei logo acima, o rio vem secando continuamente, ano após ano, não só devido às mudanças climáticas, mas, sobretudo pela baixa vazão provocada pelas usinas hidroelétricas, que vendo seus reservatórios em níveis cada vez mais baixos, represam água o máximo que podem para a geração de energia.

Neste sentido, provocando não só rupturas nos ciclos de reprodução de espécies de peixes, bem como na proliferação de espécies invasoras como caramujos, algas, peixes de água salgada, indo além e provocando o recebimento de água salobra em alguns municípios mais próximos da foz.

Com essa baixa vazão ocorrida em 2018, ano em que volto à ilha na condição de pesquisador, era possível ver e chegar bem perto da Moxotó, onde antes ele estava coberto por água, era agora uma paisagem em ruínas, que ruínas expõe as belezas, os feitos e as construções técnicas dos homens que navegavam no início do século XX, mas também a força do agente explorador.

As ruínas da embarcação expõem o advento do Antropoceno sobre os nossos dias. Está ali, diante daquele naufrágio marca então o encontro de duas

histórias, marca a interação entre uma história que emerge do passado através de uma narrativa que está sendo escrita no presente, e cujas teias e tramas que as conectam estão sob o descortinar dos processos oriundos do Antropoceno.

O rio São Francisco por si só já é um rio de histórias e de memórias. Em Alagoas o rio percorre 230 quilômetros, ocupando assim toda a parte baixa do rio (ou Baixo São Francisco), cuja margem direita está localizado o estado de Sergipe. É composto por mais de 250 mil habitantes, distribuídos em 11 municípios, entre os quais se destaca Pão de Açúcar, ponto de observação fundamental para a criação da narrativa que está sendo desenvolvida na tese.

Tecer uma narrativa hoje sobre o rio São Francisco é correr o perigo de ser impactado, inundado pela imensidão de fios sendo tecidos, formando paisagens e ambientes diversos, que interagem, enquanto o rio corre, hora lentamente, por vezes apressadamente para o mar.

Estamos (eu estou) diante de um rio gigante e, portanto, impossível de ser todo compreendido, descrito, observado em todas as suas camadas e profundidades, em todos os seus ritmos, sons, performances. Conhecer cada recanto do *Opará* é tão improvável, que só me cabe aqui, sem esquecer do seu passado, produzir uma narrativa sobre o tempo presente, das transformações que adentram o meu olhar, enquanto da janela da casa dos meus pais, o rio se avexa em descer, correndo em direção ao mar.

Assim, a era do Antropoceno tem permitido a proliferação de paisagens multiespécies, destas a quais, destaco a proliferação de macrófitas aquáticas e seus complexos sistemas de fixação em ambientes específicos, capazes de moldar para além das paisagens, modos cotidianos de se fazer pescador, de se fazer barqueiro ou canoero, de se fazer lavadeira. Colocando em tempo real, em movimentos contínuos, todo um sistema de reordenação das habilidades, técnicas e movimentos corporais das lavadeiras de roupa e até mesmo um menino, que tenta mergulhar e tem que negociar seu território, sem ver seu corpo todo coberto pelas plantas aquáticas.

As macrófitas então, me posicionam para o pensamento de que este território do vivido, ou deste ambiente em ruínas, tem sido capaz de postular uma virada no

modo como eu devo encarar o rio, antes como um agente passivo, uma paisagem de fundo, para um rio enquanto uma paisagem protagonista, animada, que dá sinais cada vez mais rápidos de seu poder de reordenar mundos a sua volta, em processos constantes e ilimitados de negociações com tantas possibilidades de vida em ebulição.

É um rio, que mesmo contaminado com manchas de petróleo na sua foz, inundado com água salgada e peixes predadores oriundos do mar, seja com os esgotos que jorram das cidades e dos agrotóxicos que extrapolam as margens e contamina nossos leitos, nossos quintais e vidas, respira, encanta e nos convida com um sol escaldante, a navegar e mergulhar, como forma de nos abastecer de suas correntezas e de seu poder mítico.

São paisagens em ruínas. É um rio de paisagens múltiplas, cada qual, empresta e remodela nossas percepções, aguçada e reativa memórias, cores e gestos. Que educam, que contam histórias e vivem seguindo seus emaranhamentos. Em todas elas, humanos e não humanos existem resistem, coabitam, criam, se eternizam e deixam suas marcas.

Barragens, hidroelétricas, canais (do sertão), adutoras, sistemas de irrigação e a transposição também moldam o sentido de ser do rio, estas então, são o que eu vou chamar de paisagens industriais ou paisagens desenvolvimentistas, que aceleram o desenvolvimento em massa dos centros urbanos, do consumo e produção não só de energia elétrica, mas também que regulam os fenômenos sociais, suas especificidades, suas demandas locais e a própria vida do rio.

Fazendo emergir mundos em constantes processos de adaptação, de perturbações, de intensificação dos racismos e destruição ambiental, reorganizam tradições e contaminando as diversidades que se vinculam as margens, leitos e profundidades do rio. É um rio do presente, do nosso tempo, do tempo das catástrofes, das emergências e das ruínas e que nos convida a repensar nossas formas de habitar, de habitualidade esses mundos, o mundo do Velho Opará.

Por fim, eu poderia passar aqui algumas horas, dias, evocando essas imagens, de uma vida toda sendo experienciada no e com o rio São Francisco, o Opará dos índios tupis-guaranis. No entanto, trago aqui esses fragmentos como

meio de sublinhar e compartilhar, escrever a tese sobre e com o rio. Digo com, porque em muitos momentos da minha escrita, é o rio que escreve em meu lugar, chorando muitas das vezes o rio desagua em mim, me reporta para coisas que eu não vivi junto dele nesta encarnação, mas que está pronta para ser vivida, reverenciada e porque não, imaginada.

A tese está dividida em cinco capítulos. No primeiro capítulo construo uma reflexão, que chamarei de “Encontro das Águas”, estabelecendo pontes imaginadas, vividas e experienciadas durante a escrita da tese, desde o sonho revelador do objetivo da pesquisa, passando por tantos outros sonhos e revelações que me fizeram buscar caminhos epistemológicos capazes de traduzir, na verdade, os desejos incertos de um rio que fala.

Os fios que tecem a construção dessa malha serão os Orixás e os vínculos estabelecidos pela Umbanda, através das deusas que tem a água como princípios norteadores (Oxum – Senhora das águas doces, Iemanjá – senhora das águas salgadas, Nanã – Senhora das águas paradas e barrentas, e Oxumarê - senhor dos ciclos, das águas que caem dos céus e que em forma de serpente moldam os rios, lagos e quedas de cachoeiras).

No segundo capítulo, construo descrições sobre processos de perturbações humanas e não humanas a parit da invasão e colonização do rio, bem como as primeiras modificações paisagísticas, quebras de coordenação e expropriações de territórios, por parte dos invasores sobre as populações originárias. Ao mesmo tempo em que demonstro como os agentes não humanos, como bois, cavalos, e o arroz foram fundamentais para as inúmeras tentativas de domesticação das paisagens e dos indígenas e africanos escravizados.

Estabelecendo ainda a construção política, territorial, identitárias das comunidades ribeirinhas, em especial a indígena Xokó, da Ilha de São Pedro e a comunidade quilombola do Mocambo. Posto que, o arroz foi fundamental para permitir as comunidades, estabelecerem conexões fundamentais para os seus processos de retomadas.

No terceiro capítulo, intitulado: Da Foz ao Sertão: navegando em um rio de paisagens múltiplas- Uma antropologia ribeirinha, estabeleço narrativas que se

constroem a partir de uma viagem e ou passeio, realizado por dois dias abordo de uma lancha, acompanhado de familiares e amigos, desde a foz do rio, até a cidade de Pão de Açúcar. Neste capítulo, descrevo e narro as confluências, as experiências e percepções sobre paisagens, sobre ritmos e transformações recorrentes que afetam a vida do rio e seus fluxos e contrafluxos, pescadores, canoieiros, barqueiros e comunidades ribeirinhas.

É o corpo múltiplo do menino interagindo com esses agentes mais que humanos, que evocam suas lembranças e memórias e descrevendo a partir das suas próprias experiências, caminhos, negociações, as suas versões sobre si mesmo e sobre relações estabelecidas em suas águas e margens.

Além do mais, estabeleço narrativas que estão mais situadas e localizadas nas últimas três décadas, a partir das minhas próprias experiências, dos encontros, das observações, dos mergulhos, cruzando trajetórias de pessoas, de atividades e práticas que estão sendo desenvolvidas, moldadas e reestabelecidas nas margens e dentro dele.

Neste quarto capítulo ainda, onstruo uma narrativa em que demonstro, a partir da navegação entre a foz até a cidade de Pão de Açúcar, as mudanças de paisagens que se configuram a partir segunda metade do século XX, os avanços imperiais do capitalismo desenvolvimentistas de grandes projetos de infraestrutura, como hidroelétricas, sistemas de irrigação e abastecimento de água. Fazendo emergir ruínas, deslocamentos, poluição, erosões, assoreamentos, extinção de peixes e o avanço cada vez mais feroz de perturbações em larga escala.

Além de estabelecer diálogos com um rio que produz narrativas ancestrais através das ontologias e cosmovisões, como a da Mãe D' água, do Nego D'água, enquanto uma ideia de bacia hidrográfica se constitui como a mais eficiente e responsável por fazer diálogos entre modos de preservação, conservação, tradições, com as conquistas de desenvolvimento e fins lucrativos.

Assim, no quarto capítulo proponho descrição sobre a proliferação das macrófitas aquáticas, suas redes de colaboração e interação, seja com espécies de peixes (piabas), com caramujos e com os próprios humanos, que tecem relações, muitas das vezes, conflituosas. Abrindo caminhos para pensar e tencionar, assim

como faz Tsing (2019), até que ponto outras coisas vivas, não são sociais, ou como elas sabem o momento certo para formular suas próprias capacidades de revolucionar, de se adaptar aos ambientes mais devastados, como propõe Filipe Mancuso, em “A Revolução das Plantas: um novo modelo para o futuro.” (2019).

No quinto capítulo, estou dialogando com as relações que se estabelecem entre práticas, técnicas, habilidades de homens, mulheres, jovens, que vivendo suas vidas, suas imaginações, seus devaneios e seus sistemas de crenças e tradições, moldam e reorganizam as paisagens ao longo do e dentro do rio, ao passo que, em primeiro lugar, estão sendo moldados pelas próprias ações e mudanças que o rio faz emergir enquanto um ser de capacidades próprias, que pensa e reflete sobre suas maneiras de se perceber no Antropoceno. Que molda os corpos, as tradições, as habilidades, que faz e refaz suas margens, seu próprio corpo em movimento. “Mundos sociais pulsam com múltiplos ritmos.” (Tsing, 2019: 136).

Ao fim de alguns capítulos, incluindo a introdução, as imagens construídas ao longo desses anos de pesquisa, bem como imagens retiradas de fontes históricas, de acervos familiares, entre outros, vão formar álbuns, conectando a escrita com fotos dispostas de forma fragmentadas, contendo legendas que façam pontes dialógicas com o texto escrito.

Cada capítulo, também terá um pequeno filme, com imagens audiovisuais, produzidas ao longo da pesquisa, nos mais diversos contextos, onde estavam emergindo vidas, paisagens em ebulições e contextos sociais, políticos e ambientais em ruínas. Músicas, poesias, poemas, compõem ainda esse corpo etnográfico, que sonha em ser rio.

Que ao final da leitura deste trabalho, todos e todas estejam mergulhadas e mergulhados nas águas do Opará.

Assim, o objetivo central deste trabalho, é a construção narrativa sobre e com um rio que vive sob as constantes violências do Antropoceno, suas paisagens transformadas, moldadas e realimentadas pelo sistema industrial e imperialista. Que continua a produzir exploração, segregação, racismo, ódio e dor, mas que ao mesmo tempo reafirma a continuidade de práticas, saberes, oralidades,

performances, técnicas e habilidades através de processos de aprendizagens decoloniais e ou contra coloniais. Nas margens, nos leitos e beiras, no fundo e no meio do rio.

ÁLBUM INTRODUTÓRIO...

IMAGEM 1: COMUNIDADE QUILOMBOLA DO MOCAMBO. LUGAR DO SONHO.



SILVA, IGOR LUIZ RODRIGUES DA. JANEIRO DE 2020.

IMAGEM 2: CANOA DA FAMÍLIA ÀS MARGENS.



SILVA, IGOR LUIZ RODRIGUES DA. JANEIRO DE 2020.

IMAGEM 3: FAMÍLIA QUE PESQUISA JUNTO.



SILVA, IGOR LUIZ RODRIGUES DA. JANEIRO DE 2018.

IMAGEM 4: RACHA SOBRE AS AREIAS DO VELHO CHICO.



SILVA, IGOR LUIZ RODRIGUES DA. JANEIRO DE 2019.

IMAGEM 5: FUTEBOL NAS MARGENS



SILVA, IGOR LUIZ RODRIGUES DA. JANEIRO DE 2019.

IMAGEM 6: UM RIO DE MISSÕES CATÓLICAS (PAISAGEM HISTÓRICA- PIAÇABUÇU, AL.)



SILVA, IGOR LUIZ RODRIGUES DA. JANEIRO DE 2018.

IMAGEM 7: ILHA DOS ANJOS.



SILVA, IGOR LUIZ RODRIGUES DA. JANEIRO

IMAGEM 8: NAUFRÁGIO DA MOXOTÓ



SILVA, IGOR LUIZ RODRIGUES DA. JANEIRO DE 2018.

IMAGEM 9: IMAGENS DE PAISAGENS MULTIESPÉCIES NO VELHO CHICO



SILVA, IGOR LUIZ RODRIGUES DA. AGOSTO DE 2018.

IMAGEM 10 UM RIO DE CORPO MÚLTIPLO



Este primeiro álbum introdutório traz em uma composição de imagens, os caminhos que percorri desde 2018 até os dias atuais, registrando e promovendo reflexões narrativas acerca dos diferentes tipos de paisagens que se formam e estão intrinsecamente conectadas a vida do rio. São paisagens urbanas que avançam sobre o rio, como no caso de Piaçabuçu, Penedo, Traipu, Belo Monte, entre outras. São paisagens que permitem a formação de dunas que se movimentam conforme mar e ventania, na foz do rio.

São paisagens de relações multiespecies, dentro e fora do rio, com a presença de peixes, plantas aquáticas, caramujos, larvas, caracóis, aves, animais, cachorros, cavalos, etc. Este álbum inicial é só uma pequena amostra do que vai aparecer durante os outros capítulos, dedicando a cada um deles, uma parte importante de registros feitos para compor, visualmente e porque não sensorialmente a multiplicidade e diversidade de modos de vida, relações e paisagens que o rio é capaz de aglutinar ao seu redor, ao mesmo tempo que se transforma e faz novas rotas de vida, brotar e morrer.

Capítulo I

O caminho para uma Antropologia Riberinha... Um sonho me contou!

*“O menino e velho Chico viagens
Mergulham em meus olhos
Barrancos, carrancas, paisagens
Francisco, Francisco
Tantas águas corridas
Lágrimas escorridas, despedidas
saudades
Francisco meu santo, a velha canoa
Gaiolas são pássaros
Flutuantes imagens deságuam os
Instantes o vento e a vela
Me levam distante
Adeus velho Chico
Diz o povo nas margens”⁴*

16 de agosto de 2016. Dia de Omolu/Obaluaê. Início meu caminho de travessia encruzilhada dentro da Umbanda. É no GUESB (Grupo União Espirita Santa Barbara), localizado no bairro Village Campestre II, zona de expansão da Cidade Universitária da UFAL, em Maceió, Alagoas. Esse dia, 16 de agosto de 2016, marca o meu batismo e minha primeira obrigação. Dividindo o barco de Santo com outra irmã, também antropóloga e tendo como seu pai de juntó, Oxumarê, que é o meu orixá de cabeça.

É nesse processo, que serei atravessado o tempo todo, nas escritas multiplicadas e multiplicadoras de experiências, caminhos, encontros e desencontros entre mundos que estão interligados por um elemento central: O rio,

⁴ Compositor: Capinam / Roberto Mendes (Francisco, Francisco).

suas águas, suas marés e as divindades que transitam nesse meu corpo múltiplo e multiplicador de narrativas.

Naquele momento, meu corpo já não era meu, meus sentimentos, pensamentos, minhas ações estavam sendo guiadas por entidades que me cercaram de proteção, cuidado e que moldariam constantemente o meu comportamento, me enchendo de um novo processo evolutivo. E assim, também foi se dando durante todo o processo da pesquisa, escrita e durante diversos diálogos acadêmicos.

A tese foi toda construída, imbricada nesse processo múltiplo, dialogando com Oxumarê e suas diversas aparições em forma de arco-íris, perto de casa, da casa dos meus pais. Em diversas vezes ele apareceu para mim, no momento mesmo da escrita, quando eu tinha dúvidas de que aquilo que eu estava escrevendo era de fato o modo certo, a forma certa, o momento oportuno. Pois era também no exato momento em que pontos cantados para Oxumarê tocavam na playliste do meu telefone.

IMAGENS 11, 12 E 13: arco-íris entrelaçando minha morada e meus pensamentos





SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. Junho de 2019

Mas ele também aparecia para mim em forma de cobra, durante os sonhos. Muitas vezes, eu sonhei que estava dentro do rio, nadando e mergulhando, uma forte tempestade estava agitando suas águas. Canoas e barcos balançavam para um lado e para o outro. Ventos vindos do sul faziam as águas ficarem cada vez mais revoltas. Quando de repente, muitas cobras grandes, de coloração acinzentadas apareciam me rodeando e me protegendo, me levando e me empurrando para a margem segura. Elas nunca avançavam em mim, era sempre proteção, cuidado.

Mais de uma vez esses sonhos com cobra se repetiram. Me trazendo sempre a sensação de que as minhas inquietudes, meus desassossegos, dentro e fora do rio estão sempre assumindo temporalidades de idas e vindas, de encontros e desencontros. Tendo a certeza que essa busca pela minha origem, por um passado longínquo, mas também mais alicerçado no passado recente são capazes de produzir reflexões com e para o futuro. O futuro do rio, da minha própria família, para a própria prática antropológica e também pare este menino ribeirinho.

Essa busca das origens é também a da possibilidade de um futuro, mesmo que frágil e incerto, mesmo que ameaçado por um fim que não pode mais ser encarado em larga escala geológica. Mas somente em pequena escala histórica. Jamais, é certo, nossa

história fabricou tanto a história por vir. Nossa poluição decide a vida futura e seus climas. Mas até que ponto? (AZAM, 2020, p. 85-86).

Para me ajudar também a pensar em cada linha, em cada frase, em cada memória resgatada do passado, quem sempre caminhou comigo foram as músicas. Música como alento, como movimento corporal, como reflexão. Cantei, dancei. Escrevi enquanto dançava. Entre um verso e outro, cantei e escrevi. Sorrir. A vida parecia mais bela, mais colorida, mais emocionante.

Isolado nos primeiros meses da pandemia da COVID-19, a música foi minha fiel companheira. Então percebi que elas cabiam também, aqui. Maria Bethânia foi voz que ecoou desde o primeiro encontro, desde a primeira linha, especialmente músicas e pontos das religiões de matrizes africanas, especialmente dedicadas a Oxumarê, Yansã, Obaluaê, Nanã, Tempo, Oxum e Iemanjá, que fazem parte da minha corrente espiritual. Mas também muitos pontos para a linha dos caboclos e pretos velhos.

Mas antes de falar mais sobre como a experiência da escrita com a música, com os sonhos, com imagens e mensagens repassadas pelas entidades, pelas danças, foi sendo utilizada como mais elementos compartilhadores e agentes. É preciso antes, voltar para a sequência de como tudo teve um começo e de como, terreiro, corpo, Orixás, Caboclos, Pretos Velhos, rio, água, escrita e sonhos, são coordenações que vão se entrelaçando e dando o tom de uma antropologia ribeirinha, fundamentada na contra-colonização do pensamento e até mesmo de descolonização.

Assim, ficamos três dias dentro da camarinha, em silêncio, outras poucas vezes conversando rapidamente, mas sobretudo dormindo, sonhando, experienciando essa nossa primeira vez. Chás de colônia eram servidos sempre durante a refeição para aguçar esse nosso desejo de dormir e de maneira mais ritual, alimentar nossos Oris.

IMAGENS 14 E 15: entrada na camarainha para a primeira obrigação no GUESB.



Arquivo pessoal (agosto de 2016).

Entrei na camarinha com a intenção de fazer o projeto e submetê-lo sobre os Pretos Velhos, seus rituais e atuação na vida cotidiana do Terreiro GUESB. Mas ao final da camarinha, a realidade dos pescadores e pescadoras da cidade de Pão de Açúcar me arrebatou. Eu queria trazer mais fortemente a história da pesca em Pão de Açúcar, até então pensado através do viés mais culturalista, mais descrito, nos tons de uma descrição densa.

Era o momento propício para contar e narrar através das memórias atravessadas pelo tempo, um pouco da minha trajetória, de homens e mulheres que dedicaram suas vidas ao rio, através da pesca, da lavagem de roupa e da navegação. E que também perpassavam sobre a minha própria condição de existência, ao mesmo tempo em que a pesca passava e ainda hoje passa por momentos complexos e difíceis de serem contornados, pela própria degradação e morte, como eu sempre acostumei a ouvir da boca dos próprios pescadores e ambientalistas.

Pensar a morte do rio, me apavorava e me colocava em momentos de angústia e ao mesmo tempo que eu poderia fazer através de um trabalho científico, uma pequena contribuição para denunciar as violências, o descaso e o abandono das instituições que controlam o setor elétrico, hidroelétrico, do agronegócio e das próprias cidades que ainda derramam seus esgotos no rio, principalmente a região do Baixo São Francisco, principal região das margens do rio, que sofre as consequências implementadas pelas ações das hidroelétricas.

Provocando assoreamento do rio, poluição, aparecimento de espécies invasoras de plantas, macrófitas, caramujos, mistura de água doce com água salgada na cabeceira da foz. Erosões, camadas contínuas de faixas de areia, desaparecimento de espécies de peixes e outros animais e espécies aquáticas.

Ainda dentro da camarinha do Terreiro, uma Preta Velha apareceu em um desses sonhos, sentada em minha frente me liberando dessa “obrigação” de me aprofundar sobre eles, naquele momento. Faltava agora ser liberado desse outro compromisso de fazer uma releitura etnográfica da comunidade quilombola do Mocambo, anos depois do renomado livro de José Andiron Arruti, que tinha sido uma peça fundamental para o reconhecimento daquele território como Quilombola.

Tinha como meta e objetivo analisar como estavam culturalmente, socialmente e politicamente atuando para manter vivo o legado ancestral já tinha tentado fazer isso no processo de mestrado, mas no meio do caminho, já cursando, mudei para um projeto que fizesse e produzisse uma análise antropológica sobre os mestres fazedores de canoas de Pão de Açúcar.

Mais uma vez, o desejo de buscar conhecer mais sobre o meu passado ancestral junto à comunidade, lugar de nascimento de meu pai e de alguns membros da minha família tinha ficado de lado, mas sem perder de vista que esses dois temas anteriores estariam presentes nesta tese.

Por fim, o tema escolhido é de fato, os pescadores, as pesca e vida das práticas tradicionais de viver no rio São Francisco. Se é coincidência ou não, deixei para enviar a inscrição no último dia do prazo limite, com os principais correios de Maceió, já em toda cidade fechados, encontro às 17h14 minutos um posto de atendimento do correio no bairro da Pajuçara. Nesta mesma hora, era noticiado em todas redes televisivas o desaparecimento do ator global Domingos Montanher, que gravando cenas da novela “Velho Chico” nas cidades de Piranhas e Canindé do São Francisco, nos estados de Alagoas e Sergipe, teve sua morte confirmada horas depois.

Desapareceu no começo da tarde tentando mergulhar e tomar um banho naquelas águas de correnteza forte, que ficam nas imediações da hidroelétrica de Xingó. Aquela região é bastante conhecida pela forte corrente que por lá existe, mas também pela enorme quantidade de pedras que dificultam a navegação e contribuem para o aparecimento de bacias d’ água e também de fortes e profundos redemoinhos, diferentemente do que acontece por exemplo em Pão de Açúcar, que não apresenta essas mesmas características.

Seu corpo foi encontrado tarde da noite, encravado entre rochas e pedras que fazem parte da região próxima da hidroelétrica de Xingó. Naquele dia, fiquei muito a refletir sobre a força do rio, seus mistérios e sobre o poder da morte. Semanas antes, o próprio ator tinha gravado uma cena em que desaparecia no rio e era encontrado por indígenas e cuidado por eles, era curado dos males, diante da morte. Mas essa mesma cena, não aconteceu na vida real.

Ao mesmo tempo, a novela trouxe reflexões importantes para pensar a vida do rio e seus múltiplos caminhos, da degradação, dos problemas ambientais, principalmente expostas pelo personagem de José Dumont (Zé Piragangueiro), que como líder dos pescadores da cidade fictícia de Grotta do São Francisco, narra em diversos momentos da novela, navegando pelas águas do Opará, os desafios de conviver e ver desaparecer o seu sustento, se afogando em tristezas e pensando em tirar a sua própria vida, às ruínas que acometiam a vida do rio e a vida dessas populações tradicionais.

Atravessando a ponte entre a ficção e a realidade, entre a espera do resultado da seleção de doutorado, comecei a olhar para o rio como alguém que sofre, que desregula sua própria existenciais. Fazia então um caminho de volta para as minhas origens. No primeiro semestre do doutorado a pesca em si, já não fazia mais tanto sentido para mim. Comecei a ser atravessado pelo sentimento que o rio e suas águas precisam ser ouvidas. Que os murmúrios e lamentos, que suas narrativas, memórias, histórias e encantarias precisariam aparecer nesse mundo em ruínas e catástrofes.

A missão, então foi ficando cada vez mais latente e potente, até que um certo dia, já com um certo acúmulo de novas abordagens teóricas, metodológicas e práticas de pesquisa, um sonho me faria mudar o objeto de pesquisa. O rio continuaria a ser o elo de todas as coisas que alimentam a vida, as vidas, os mundos que estão e são complementares a sua existência.

O Opará, como era chamado pelos povos tupis-guaranys, que ocupavam toda suas margens, desde Minas Gerais até a foz, entre Sergipe e Alagoas, passavam a ser o agente fundamental para narrar e trazer à tona, meus próprios olhos mergulhados por sobre camadas múltiplas, encruzilhadas, em que o

componente humano não pode ser o regente de toda transformação paisagística do Baixo São Francisco, embora seja o principal agente de despersonalização da água enquanto um ser, um ente, uma entidade viva, como coisas que tem caminhos próprios e dialogam com os demais.

Nesse sentido, em um belo dia, uma flecha foi lançada por sobre o meu dormir. Sentado dentro de uma canoa, no meio do rio, sob um sol escaldante, um homem de pele preta, sentado na poupa da embarcação, me guiava, em silêncio pelas águas do Opará. Parando em frente a comunidade quilombola do Mocambo, este senhor, levantou o remo e mirou nitidamente para a comunidade e também para dentro do rio. Já perto de acordar ele me dissera seu nome. “Pai João! ”.

Acordei e fiquei com esse nome gravado em minha cabeça, dias, meses, anos se passaram, até que no começo do ano passado, através da certidão de casamento dos meus avós, descobri que o nome do meu bisavô materno era João. Então perguntei a minha tia, a minha mãe, como se chama o avô delas. Ambas, em momentos distintos, me disseram que ele se chamava João, mas que minha avó, as irmãs e irmãos dela, minha mãe, meus tios e tias, o chamavam de Pai João.

Para mim, não restou dúvidas que de fato eu estava diante da presença do meu bisavô naquele sonho, a quem eu pensava ser o meu preto velho, coisa que não foi confirmado pela minha Mãe de Santo em um jogo feita para mim, meses antes de eu dar a minha obrigação ritualística de 03 anos de iniciado dentro da Umbanda. Meu Preto Velho se chama Pai Antônio da Guiné.

É a partir deste meu encontro com o meu bisavô, com este ser encantado, um ex-escravizado do final do século XIX, que a história da minha família materna começa a ter início. É através dele, que mudanças significativas vão começar a acontecer durante toda a realização da pesquisa e principalmente durante a escrita, contando sempre com a colaboração intermediária, dos sonhos, das próprias entidades manifestadas e que me deram orientações importantes para seguir o caminho da escrita.

Foram muitas as orientações, os conselhos, do desejo de fazer deste trabalho, aquilo que acredito, me transcende para outras possibilidades de ser capaz de produzir uma antropologia mais voltada para as nossas próprias

demandas. Sejam essas demandas epistemológicas, científicas, ritualísticas, religiosas, mediúnicas, xamanicas, produzidas pelas pessoas, pelas próprias narrativas contadas pelo Opará, através de sussurros, murmúrios, sopros no ouvido.

Seja sentando nas suas margens e em silêncio, apenas contando com a ajuda das marés em seus sons característicos, seja pelos encontros através do caminhar como prática, e não dentro das Universidades. Rio e eu, embora presos as amarras do mundo do valor da mercadoria, somos corpos livres, que buscam seguir os seus caminhos.

O quem me interessa na luta para viver, em meio as ruínas, ao caos, de grandes catástrofes, é ter a certeza que estou caminhando, mergulhando, navegando e nadando, me inspirando através das minhas memórias, das memórias dos meus familiares. Memórias que também são oriundas do próprio rio, dessas águas que se desdobram no tempo e se espalham no além mar.

Muitas vezes são memórias que aparecem entrelaçada com o reencontro com alguém, com alguma fotografia antiga de família. Com os amigos que estavam presentes na minha infância e ou até mesmo momentos marcantes e profundamente marcados dentro do rio, como naufrágios, canoas de tolda subindo e descendo o rio, carregados de toda coisa comerciável, como arroz, carne, charque, couro, algodão, milho, feijão, carvão, madeira.

Nesses anos todos de pesquisa e até mesmo mais recentemente, todas as vezes que desço até a beira do rio, sempre posso encontrar um homem, uma mulher, tecendo suas próprias formas de diálogos com o rio. Que estão, ou fazendo atividades físicas, tomando banho, jogando bola, sentadas olhando fixamente para dentro dele. São homens que estão cuidados de suas canoas, botes, são também pescadores saindo para pescar, depois de terem atravessado a enorme croa. Muitos delas eu conheço, me viram crescer, tiveram e ou ainda mantem certas conexões ribeirinhas comigo.

A minha infância e adolescência foram sendo elaboradas através desses encontros, dessas histórias que iam sendo escritas através do pertencimento, das brincadeiras, dos laços de parentesco e amizades. Hoje, construo essa relação com o rio, com um olhar atravessado pela Umbanda. O rio São Francisco, o Opará, para

mim, é a materialização de Oxum, é a senhora das águas doces, é a senhora que nos promete dar abundância e fartura, que alimenta aos seus filhos e filhas, principalmente de amor e seios fartos de tudo que pode acolher.

Os domínios de Oxum são os rios, córregos, cachoeiras e lagoas. A Santa também está presente no “encontro das águas” (o lugar onde o rio desemboca no oceano) e, às vezes, na beira do mar. Seu elemento é a água doce, potável, sem a qual não há vida. Lembramos que a água está presente em cerca de dois terços do corpo humano (representa metade do peso corporal, em média) e cobre aproximadamente 75% da água do planeta. Oxum é dona do caudaloso rio que leva seu nome, na Nigéria e que corre ao longo da província de Oshun State, bem no centro do “país ioruba”, território que compreende o sudoeste nigeriano e um pequeno trecho do leste do Benin. (LIMA, 2008, p. 28).

Neste aspecto, Oxum como mãe e senhora das águas doces e dos encontros das águas, me possibilitou construir laços mais profundos com ela. Foi para suas margens, e aqui compreendendo que Opárá, que é uma das qualidades de Oxum, podem ser a mesma divindade de água doce, sempre foi o colo que me acolheu, me banhou e renovou meu corpo, meu espírito, me permitindo tecer pare além do mundo do visível, minhas capacidades de, sentado em suas margens conversa com ela, ouvir seus cantos a me embalar pelo mundo da reflexão onírica que acompanha os balanços das águas.

Oxum como potência criativa, me ensina a bailar, a fazer girar a gira em noites de lua crescente. Que potencializa a criatividade e faz corredeiras, as quedas das cachoeiras se transformarem em águas cristalinas. Ela nunca é uma só, assim também como não é um só o rio São Francisco, ela e ele se desdobram em vários sentidos, várias composições susceptíveis e formas de encarar a realidade cotidiana.

Existem muitas Oxuns, assim como são muitos os trechos do rio. O rio tem sempre uma nascente, onde a água é cristalina e tranquila. Daí por diante, seu curso d' água pode ser raso, ou profundo, manso ou agitado, límpido ou barrento, largo ou estreito, sinuoso ou reto, plano ou encachoeirado. Até que desemboca em outro rio, e daí no mar. Assim também é Oxum, que pode se apresentar de muitas maneiras, mas continua sendo sempre ela mesma, esteja como estiver. (Idem, 2008, p. 124).

Mesmo e mesma com tantas possibilidades de ser, Oxum o rio, a divindade e o São Francisco, nos lembram o tempo todo para as nossas fragilidades diante da imensidão de suas multiplicidades, de mostrar suas potencias, seus jogos, suas cruzadas navegáveis. Percorrer o rio, seja da foz até Pão de Açúcar, Piranhas, é também entender que eles variam, estão em constante processos de transformações, de vulnerabilidades, fraquezas e exuberâncias.

Então, quando estou sentando dentro de um bote e ou dentro de uma canoa, a observar o balanço do rio, da Oxum como água viva, eu sou capaz de me lançar sobre duas vidas, dois caminhos, dois e múltiplos corpos que dialogam. Oxum e São Francisco são um só, mas também são mais que um. Não são totalidade, mas fragmentos. São mais que acúmulos, são movimentos que intensificam as nossas pegadas no mundo, ao mesmo tempo que tem a capacidade de nos desacelerar diante das pressões de uma vida moldada pela pressa, pelo consumo, pelo poder.

Assim também me concentro na força vital de Iemanjá, que em território africano, também continua sendo uma Orixá de águas doces, embora no Brasil ela tenha assumido e recebido o título de mãe das águas salgadas. Ela é potência viva e materializada desses encontros. Senhora de todas as cabeças e Orís, Iemanjá nos permite compreender e ao mesmo tempo nos ensinar que não existem forças duais e ou antagônicas, mas que podem possibilitar uma terceira rota e ou modo de pertencer ao mundo.

A vida ribeirinha é cercada por essas possibilidades de modos distintos e ao mesmo tempo complementares. A beira do rio São Francisco, é em suma campo aberto para o banhar-se em águas de alegrias, de sofrimento, de medo, de turbulências, mais também nos arrebatam com a calma. Oxum e Iemanjá, me deram de presente uma criança, uma Erê.

Ofertando doces, pipocas e outras guloseimas a pequena criança, ela me permite navegar pelo mundo com os pés trançados pela água e pela terra. Como menina sereia, ela me oferta conviver com espécies de peixes dentro da água e fazer deles meus companheiros na hora do mergulho.

Rastejando como cobra na água, meu corpo é moldado para se locomover, por debaixo dela, como se de fato caminhasse em encontro dela, do próprio nego

d' água, da mãe das águas e fizéssemos ali mesmo uma pequena reunião. É com Oxum e Iemanjá, mas também com Nanã e Iansã, que também são rios em África, que o rio São Francisco, deve ser lido como corpo feminino, porque são esses corpos, que alimentam um filho que só uma mãe é capaz de ofertar.

É só através do encantamento pelo feminino, que a tese ganha aspectos de cooperação entre diferentes saberes, sentidos, técnicas e habilidades. É só pelo poder do encantamento de Oxum, Iemanjá e Iansã, junto com Nanã, que podemos compreender e dar um novo sentido para o pensamento utópico, entendido como formas plurais de insurreição do que está posto dentro da ciência canônica. Através delas é que podemos pôr em prática nossas guinadas para defender os mundos plurais e descentrados no universalismo, como nos diz Françoise Vergès (2020):

Queremos pôr em prática um pensamento utópico, entendido como energia e força de insurreição, como presença e como convite para sonhos emancipatórios, como gesto de ruptura: ousar pensar para além do que se apresenta como “natural”, “pragmático”, “razoável”. Não queremos construir uma comunidade utópica, mas restaurar toda a sua força criativa em sonhos de insubmissão e resistência, justiça e liberdade, felicidade e bondade, amizade e encantamento. (VERGÈS, 2020, p. 136).

Assim, outro processo que me convidou a adotá-lo como fundamento de construção de narrativa que vá além dos formalismos canônicos de ciência, foram os sonhos. Sonhos como propulsores do despertar de novas possibilidades de olhar para o cotidiano, de aprender novas linguagens, novos sentidos de pertencimento de si mesmo e daqueles territórios que estão em sua volta, como nos fala Ailton Krenak (2020).

Assim como o sonho é fundamental para o funcionamento e construção de uma dada comunidade indígena, para continuidade da vida após a morte, para manter diálogos com os antepassados. Para as religiões de matriz africana não é similar, mas também não é diferente. Os sonhos fazem parte dos processos de alto descoberta, de renascimento, de encantamento, de aprendizagem e também de manter vínculos contínuos com as entidades que interferem nas tomadas de decisão, no cuidado, no caminhar de filhos e filhas de santo.

O que sugere também que o sonho é um lugar de veiculação de afetos. Afetos no vasto sentido da palavra: não falo apenas de sua mãe e seus irmãos, mas também de como o sonho *afeta* o mundo sensível; de como o ato de conta-los é trazer conexões do mundo dos sonhos para o amanhecer, apresenta-los aos seus convivas e transformar isso, na hora, em matéria intangível. Quando o sonho terminar de ser contado, quem escuta já pode pegar suas ferramentas e sair para as atividades do dia: o pescador pode ir pescar, o caçador pode ir caçar e quem não tem nada a fazer pode se recolher. Não há nenhum véu que separa o cotidiano e o sonho emerge com maravilhosa clareza. (KRENAK, 2020, p. 37-38).

E assim, trazendo à tona essas relações de afetos meus com o rio, com meu próprio passado, com as vinculações afetivas com minha família, que sonhos foram sendo fundamentais para expandir e alargar a minha própria compreensão sobre a verdade que se esconde por detrás dos muros e cercanias que encobrem o rio como um ser vivo e que é capaz de se comunicar. O rio se comunicou comigo diversas vezes através destes sonhos, porque eu também estava aberto e preparado para recebê-lo, seja pela minha condição de ribeirinho, seja pela minha condição de umbandista e ou talvez pela junção de ambas nesse novo processo de recolamento da vida.

A seguir, contarei alguns sonhos, dos muitos que tive, mais especialmente de 2019 e no último ano de (2021), demonstrando que ao mesmo tempo em que faço caminhadas no tempo presente na beira do rio e dentro dele, eu também fui e estou sempre sendo transportado para debaixo d' água, sendo encoberto pelas marés, pelos encantos, sem saber quanto tempo aquele momento poderia durar. Dia após dia, protegido tanto pelas cobras, que me rodeavam, tanto pelo arco-íris que cobria o céu azul e cinzento das tardes chuvosas, eu estava a me comunicar com o rio e com o eu criança, adolescente.

IMAGEM 16: Caderno dos sonhos



SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. Agosto de 2022

Em 13 de junho de 2019, depois de muito tempo, voltei a sonhar com o rio. Mas esse sonho foi muito emocionante, pois estava nele o meu avô Odilon, que faleceu em 2001, acometido por um infarto. Na noite anterior, no dia 20 de novembro de 2001, ele fizera como de costume, ido até a rua da frente jogar dominó com seus amigos antigos e também velhos como ele. Voltava para casa às 22:00 horas, sempre, com bastante confeitos, balas e doces, que ganhará durante as partidas de dominó. Percorreu toda a avenida e cumprimentando as pessoas que conhecia, chegou em casa.

Aquela tinha sido a sua última e derradeira ida ao dominó, ao encontro dos seus mais velhos amigos. Falou com quem deveria falar, cumprimentou quem encontrou pelo caminho, adormeceu. Por volta das 05:00 horas da manhã, seu coração o fez padecer dormindo, morreu aos 93 anos de idade, enganado pelo coração. Então, assim foi o sonho:

Era um dia de domingo, fim de tarde. O rio estava cheio, como era comum acontecer, o rio estava chegando nos quintais das casas, quando de repente muitas lanchas, barcos e corridas de canoas, muitas canoas, com panos de muitas cores. Então eu percebo que é mais uma corrida de canoas. Muitas pessoas estão a observar, gritam, torcem, vibram com a chegada. O rio cheio, então eu estou encostado na cerca da casa dos meus pais, que também é a mesma cerca da casa da minha avó paterna. Até então eu não tinha visto meu avô, ele estava dentro do rio, com água pelas canelas. Então eu falo alto em bom tom: agora toda semana tem corrida de canoa? E é aí que me avô me vendo dizer essas coisas, me reprova: “corrida de canoas cria relações, elas são importantes para nós, elas existem desde sempre, não reclame, elas fazem parte de nós. Então eu me viro, baixo a cabeça e sigo em direção ao portão que dá acesso ao quintal da casa dos meus pais. Meu avô continua lá, na beira do rio, esperando as canoas que ainda vão chegar. (Caderno dos sonhos, 2019).

As corridas de canoas estão sempre acontecendo, hoje com mais frequência e competitividade. Subindo e descendo o rio. Todas as vezes que acompanho de perto uma corrida, eu sempre sinto e percebo a presença do meu avô. Sempre me emociono (enquanto escrevo essas linhas, uma borboleta de cores alaranjadas,

acabou de passar por aqui). Eu sempre me arrepio e lágrimas escorrem dos meus olhos. Sua presença é ancestralizada por cada vela que se levanta diante do vento, por cada rasgada da canoa por sobre às águas do Opará.

A proximidade com essas narrativas expande muito nosso sentido de ser, nos tira do medo e também o preconceito contra os outros seres. Os outros seres *são* juntos conosco, e a recriação do mundo é um evento possível o tempo inteiro. (KRENAK, 2020, p. 70-71).

Na última semana de setembro, mais um sonho trouxe à tona memórias da infância às margens do rio. Estava meu irmão e eu dentro do rio, próximos da nossa casa, na casa dos nossos pais, no lugar, na beira do rio, onde hoje se encontram muitas canoas e botes. Eu estava com uma câmera fotográfica na mão e entre uma conversa e outra tirávamos fotos. Era um dia de sol forte, céu azul, quando de repente, uma criança, que eu conheço de vista e mora na rua da alegria – rua que fica de frente para o rio – e que também nunca soube qual é o seu nome, se aproximou de nós dois com uma garrafa pet verde e começou a pescar.

Era comum quando a gente era criança fazer esse mesmo tipo de pesca, não só eu, meu irmão, meus primos, mas também outras pessoas, adultos, idosos, principalmente para pescar piabas. As garrafas pets ainda não eram tão comuns em meados dos anos 90.

A gente pescava, éramos iniciados na pescaria com garrafas de vidro verdes (de vinhos, espumantes, sucos). Com um furo no meio, a boca era tampada e dentro da garrafa era colocada farinha e ou pedaços de pão que servissem para chamar a atenção das piabas. Afundávamos a garrafa nas partes rasas do rio, batíamos com a mão sobre o lugar onde ela estava e então parados e pacientemente esperávamos até que a garra fosse tomada pelas espécies.

Às vezes não entrava só piaba, mas também chulapas, raramente algumas traíras. Então quando a garrafa já tinha uma quantidade considerável, tampávamos a fissura aberta e tirávamos da água, levando para a beira da croa. Essa cena se repetia várias vezes durante uma manhã inteira. Assim também aconteceu no sonho:

O menino do nosso lado, começou a pescar, mas ele não fazia o movimento que eu tinha aprendido enquanto criança. Então larguei

a câmara e comecei a ensinar o menino como ele deveria fazer e assim o dia foi passando e nós continuávamos dentro da água. O menino começou então a pescar várias piabas e outros peixes de tamanho pequeno. Ao final do dia, eu já me via junto com meu irmão e o menino atravessando juntos a croa que separa nossas casas do rio. (Caderno dos sonhos, 2021).

Não quero e nem desejo aqui fazer ou realizar interpretações de sonhos, mas é importante salientar que aqui a tarefa que me cabe, enquanto ribeirinho e ao mesmo tempo antropólogo e umbandista, é fixar de uma vez por todas a importância, que se faz urgente, de construir pontes que nos permitam enquanto humanos instalados no mundo das mercadorias, enquanto seres carregados de antropocentrismo, fazer descolamentos e deslocamentos nos mirando para olhar os mundos que nos cerca com outros olhares, trazendo para a nossa realidade, realidades que estão encortinadas por detrás dos sonhos, das cantigas e cânticos dos Orixás, pelas borboletas pequeninas nos céus de Aruanda.

Certa vez, e isso já faz algum tempo, sonhei que estava junto com uns amigos tirando um bote no rio. Tirar bote significa e ou significava, já que essa prática não é mais nem tão comum nos dias de hoje, pegar uma boia feita de uma câmara de pneu de trator, ônibus, caminhão, inflar ela e sair dos pés do morro do Cavalete, onde está a estátua do Cristo Redentor e pelo meio do rio, chegar até a praia central.

Essa tirada de bote servia como fundamento de vencer as demandas do medo, se arriscar e confiar, sobretudo, no próprio rio, já que sem nenhuma outra proteção, navegávamos em cima, ou apenas segurando a boia com uma das mãos. Enquanto boiávamos, conversávamos, brincávamos, contávamos histórias e também, e em muitos momentos, se escondíamos com medo dos nossos pais, parentes, amigos de nossas famílias, pois tudo era feito, em vários momentos, as escondidas.

Nossos corpos estavam a mais de 4 a 5 metros acima do fundo do rio. Estávamos sempre no limiar entre a vida e a morte, por isso, era uma questão mesmo que se estabelecia entre nós, com nós mesmos e principalmente com o rio. Os botes, em momentos de férias, eram tirados sempre no meio da manhã e no

final da tarde. Com o rio agindo de modos distintos nesses dois horários. O rio da manhã não era o mesmo rio do fim de tarde.

No sonho, eu estava com alguns amigos indo até o morro do cavalete, pela terra, pela areia da beira do rio, saindo da Toca do Índio, quando íamos nos aproximando da praia da bomba, onde também está o morro do cavalete, fomos transportados para uma época em que as canoas de tolda ainda eram vistas aos montes ancoradas nos portos da cidade. Era como se nós estivéssemos vivendo com nossos corpos jovens, adolescentes, nas décadas de 30, 40 e 50. Pessoas nas margens desciam e subiam das canoas, vestidas com roupas das épocas, chapéus, homens de terno e gravata, calças de linhos. Trabalhadores empilhavam sacas na beirada, ao mesmo tempo em que tiravam outros tantos de dentro das canoas, também colocavam. Carregavam e descarregavam produtos. E todos nós, meus amigos, irmão e eu, ficávamos encantados com tudo aquilo que estávamos vivendo. Nossas boias desapareceram de nossas mãos. Estávamos em um mundo preto e branco. Correndo para um lado e para o outro, o dia foi se passando, até que encontro com uma pessoa conhecida e que diz que minha mãe estava me ligando e procurando por mim e pelo meu irmão. Era a hora de despertar. (Caderno dos Sonhos, 2021).

Até os dias de hoje, muitas das vezes me vejo preso e ou fixado pelo poder desses sonhos, que me proporcionam criar afinidades, laços, conexões e reelaborar cotidianamente marcas de memórias que me puseram frente a frente com minhas próprias experiências, corporais, sensoriais e de práticas sendo exercidas com e no rio. Este último sonho, se fixa ainda mais distante, misturando elementos de um passado recente com um passado cujas regras, normas e afinidades ribeirinhas eu não pude acompanhar.

Sempre fiquei a imaginar como seria viver nos tempos das canoas de tolda. Qual era a sensação e quais prazeres podiam despertar em mim, por subir e descer o rio nas velhas canoas? Muitas pessoas realizaram esse desejo, minhas tias, meus avós, meus pais em um curto período de tempo, todos eles e elas, foram conhecedores de outras margens, de outros portos, através das canoas de tolda. *O sonho, nesse caso, se expressa como uma espécie de alargamento do tempo, do espaço e da fruição das linguagens que possam mobilizar outras maneiras de sentir a vida.* (RUFINO, 2021, p. 24).

No dia 09 de novembro de 2021, tive mais um sonho, que me revelaria outra prática bastante comum, para as populações ribeirinhas, especialmente para as comunidades tradicionais quilombolas e indígenas, que possuíam como tarefa cotidiana a arte de transformar o barro das beiradas, em produtos e utensílios para o lar. O barro, domínio fundamental do culto a Nanã Burokê, do qual itans contam que ela a pedido de Oxalá moldou o humano através do barro e deu vida a humanidade, era usado por essas comunidades para o fazimento de panelas, pratos, jarros, quartinhas, fogões.

Sonhei que estava na beira do rio, em um lugar de barranco, quando começaram a aparecer mulheres, em sua maioria, mas também alguns homens e então elas e eles começaram a cavar, cavar e cavar, para encontrar o barro. Achando, começaram a retirar para fazer panelas. Então eu comecei a ajudar a retirar o barro, ele se apresentava para mim, nas cores avermelhadas e de outra forma, na cor cinza. Logo em seguida, já me vejo dentro de um grande buraco, cheio de barro e as pessoas em cima, esticavam os braços e recolhiam o barro que eu conseguia retirar. Eis que acordei logo em seguida. (Caderno de sonhos, 2021).

Naná em seu princípio divinizado, nos ensina que o barro, juntamente com a lama, com mangues e terras inundadas, são processos contínuos de vida e morte, de sonhos materializados nas tessituras dos dias. Para um Umbandista, para um ribeirinho umbandista, todas as coisas ao seu redor têm espírito, tem alma, tem vida. Até mesmo o silêncio das manhãs possui algo que deve compreendido, aprendido, ensinado. As vidas acontecem sem que nós, humanos estejamos preparados para compreendê-las, vê-las e ouvi-las.

O espírito do sonho é esse ser capaz de nós desafiar a voltar a experienciar o espírito sendo conduzido com fluidez pelo mundo, pelas águas do São Francisco, pelo Opará, pela Oxum e por Oxumarê como cobra que molda o rio e faz dele caminhos abertos de infinitas possibilidades. O mundo dos sonhos e dos Orixás, com todas as suas encantarias são elos, pontes, que nos ligam ao mundo ancestral, que me conduz a dialogar com os meus antepassados e traze-los para as linhas que escrevo e narrativas que entoou como cânticos de louvação por tudo que já foram, fizeram e ensinaram.

O esquecimento como parte de uma política de morte plantada pela dominação colonial provocou desarranjo das memórias, desmantelo cognitivo e dissonância das percepções. Não à toa, aqueles que invocam as palavras de força no cair da noite, ritualizam a vida e seus ciclos com cantos, dança, plantio, colheita e festa para permanecer criança, virar bicho, vibrar folha e desaguar nas marés do tempo. São os mesmos que acionam a memória e a ancestralidade como tecnologia e política diante do desencante. (Idem, 2021, p. 24).

Oxum, água dourada que se derrama sobre os nossos corpos. Dona da beleza, da força, do encantamento, que faz Janainas, Yaras, sereias encantadas. Doce mãe dessa gente ribeirinha, doce e serena, que se mescla entre os querereres e os saberes. Senhora que ao entardecer transforma o rio em sons de todas as vozes silenciadas pelo terror dos afogados. Senhora que possibilita aos pescadores, irem ao encontro dos peixes.

O céu alaranjado e ou rosado, muda a cor do rio, é Yansa, que depois de um dia soprando ventos leves e brisas que mornam o calor do sertão, beija a água e a põe para adormecer. Nos ofertando borboletas em toda nossa caminhada, na beirada ou dentro do rio. Oyá nos acompanha, nos protege, soprando bons ventos, ela conduz os canoeiros em boa companhia. Juntas, Oxum e Oyá, são corpos mergulhados nas indefinições, nas interrogações, servindo como pontes contributivas para fazer ciência nas margens da antropologia.

Assim, como Oxumarê, cobra que se camufla, que se molda e se transforma para aquecer e proteger a terra, nas suas continuidades e descontinuidades, nos seus caminhos múltiplos e diversos. Que é senhor dos ciclos e do prolongamento das vidas e existências na terra, a antropologia ribeirinha que eu defendo e proponho, nada tem de direcional, vertical e ou simétrica. É uma antropologia tecida pelo firmamento, pelas conjunturas anexadas horas pelo presente, hora pelo passado.

É uma antropologia que margeia a aprendizagem fio a fio, cruzada nas multiplicidades dos caminhantes, dos navegantes, dos marinheiros que zanzeiam pelo rio adentro. A antropologia ribeirinha é feita pelo que é visto, sentido, sonhado, ouvido, sem se desprender do cotidiano, campo formoso de invenções e

mandingas. É fincada sua encruzada com a memória, com a ancestralidade, sem deixar os corpos formosos que encantam nos dias de hoje fora do alcance da narrativa. É preciso saber quem fala e com quem fala, para saber como ouvir e com quem ouvir.

É uma antropologia que se expressa através das múltiplas vivências que fui adquirindo ao longo da existência, que se dá na base do alargamento dos pertencimentos comunitários, familiares, nos ciclos sempre aberto das amizades e de um rio que se opõe e que contra-ataca as múltiplas guerras travadas pelo poder colonial. É uma antropologia feita no chão, no caminhar, no rastejar da cobra que serpenteia abrindo frestas por onde escorrem todas as formas de conhecimento, de vivência, de transbordamento de mundos. E assim:

Se tem algo que eu persigo desde quando me percebi adulto, alterado pelo acumulo de coisas apresentadas ao longo do tempo, é caçar nessa “adultice” o menino que ainda sou. Não é porque uma pessoa tem a idade que for que ela deixa de ser o que ela era quando estava nisso que convenciamos chamar de infância. A sabedoria de rodopiar nas voltas dessa espiral conhecida como existência está exatamente na capacidade de encontrar a meninice no velho e a força do tempo naquilo que é movido pela curiosidade, pela brincadeira e pelo descobrimento das coisas. (Ibidem, 2021, p. 58).

Neste sentido, os atores que me ajudam a forjar esta antropologia ribeirinha estão em todos os lugares, em todos os ciclos e movimentos. Estão mergulhando e firmando seus pontos em baixo da água. Estão a dançar, segurando seus marafos, na beira do rio. Estão a soltar suas fumaças vindas dos seus cachimbos, sentados na poupa de uma canoa. Estão sentadas nas beiras, lavando as roupas dos seus pequeninos, meninos e meninas levadas, feitos erês.

São homens que travestidos de pescadores, cruzam o rio e se lançam sobre marés mansas e calmas, mas que ao cair da noite retomam com suas canoas vazias e ou por sorte e pacto com as mães d’ água, tem peixe para dar, vender e comer. São jovens que correndo de um lado para o outro, encontram na bola, maneiras outras de driblar o tempo, a ausência de encanto e de desassossego. É na abertura de caminhos que crianças brincam de canoa e desatam o nó para virem a ser, grandes canoeiros.

O povo que vem para a canjira é formado pelos reis da noite, barões e rainhas da rua, maltrapilhos, molambos, malandros de toda estirpe, homens valentes que cavalgam nas asas do vento, lançadores de infortúnios, seres de encanto, multinatuais, supraviventes, ora homens e mulheres, ora peixes, vitórias-regias, que manifestam suas existências nas floradas dos jatobás e sucupiras. São frutos de toda cor e sabor. Baixam por aqui também princesas de além-mar, que na travessia cruzaram com as nossas mães d' água ou vestiram a casa de pena das ararinhas. Existem aqueles que caminham a passos lentos, mas na hora necessária são os que dominam o touro brabo na unha e mesmo estremeando não param de andar. São os matutadores de linguagens do tempo, desatam os nós do pensar o pensar, cismam com as existências e os conhecimentos, fazem com que na canjira não se crie canjerê. (SIMAS e RUFINO, 2018, p. 09-10).

Nesses anos todos de pesquisa, vários foram os Exus, Pomba Giras, Pretos Velhos, Pretas Velhas, Caboclos, Caboclas, que vieram ao meu encontro e me jogaram na mirada para abertura do meu olhar sobre outras maneiras de perceber o mundo, os mundos, os encantamentos e a minha própria forma de encarar o conhecimento científico. Teve caboclo pedindo para me isolar para começar a escrever. Teve Pretos Velhos me pedindo para escrever como se estivesse a psicografar, teve o próprio rio soprando no meu ouvido palavras suas e me fazendo chorar.

Teve Oxumarê, me mostrando as várias vertentes de um mesmo céu. Me encantando com o soprar de cada palavra dita em cada verso de incerteza. Quando tudo parecia estar no desvio calculado através do trancamento dos encantamentos que se apresentavam nas margens. É uma antropologia ribeirinha, porque de fato e de direito, ela foi sendo tecida, dia após dia, noite após noite tendo o rio como janela aberta para o tempo preenchido por várias formas de conhecimento.

Da varanda e ou terraço da casa dos meus pais, o rio continua a produzir questionamentos, como uma boca que tudo come, mas que também quase tudo não engole. Como um corpo múltiplo que muita coisa dá, mas pouca coisa pede. Ele faz de suas curvas, esquinas onde se dobram força e ventania. Seus morros e serras são centros curvilíneos de múltiplos saberes, vidas e olhares. Suas águas esculpidas no feminino são formas miúdas de olhar para o presente e tecer marés

que desaguem no futuro, e que possam serem sentidos nas miudezas das profundezas de cada ser.

Para finalizar:

Eu tive um sonho, nele eu vi meu corpo sendo transformado em cobra;
Vi meu corpo tomado pela grande cobra, correndo pelos campos, ganhar o mundo;
Pelo mundo saí colhendo esperança, espalhando sorrisos, transformando crianças;
Renasci serpente da pele escura, porém clara brilhante como ouro;
Não há portão que me cerque;
Não há muro que me prenda;
Ando e reviro o mundo por debaixo da terra;
Mas também vivo na água doce;
Faço o rio correr em meu corpo,
E do tronco da árvore meu porto seguro;
Escorrego por entre pedras, deslizo no correr das cachoeiras
E lá mesmo me vejo emoldurado através das 7 cores;
Sou a grande cobra, que remexe e sacode os quatro cantos da terra;
Sou Oxumarê, que no arco-íris sobe ao Orum e de lá faz o mundo se mover e os ciclos se iniciarem.⁵

É no alinhava da sabedoria de uma ciência encantada, aquelas em que nossos povos cedem os corpos para manifestá-las, que mergulhamos. É nas perspectivas dos modos de sentir/fazer/pensar das múltiplas presenças, culturas, gramáticas e educações das macumbas que trançaremos nossas esteiras e nos colocaremos para espiar o cair da tarde. (Idem, 2018, p. 10).

Que no trançar das linhas que se seguem, os leitores e as leitoras, possam compreender que o que eu estou para além de produzir tão somente uma antropologia ribeirinha do Baixo São Francisco, é também tentativas inúmeras de romper com as amarras que nos prendem para pensar a nós mesmos e os outros como pertencentes a uma única teia de conhecimento, saberes e práticas de pesquisa.

Todos os demais capítulos há muita bagunça, mas uma bagunça intencional, uma virada epistemológica inspirada no cruzo, nas encruzilhadas, que nos oferecem possibilidades visíveis e invisíveis de escolher nossas alianças, nossas relações multiespécies e mais que humanas para traçar nossa própria estratégia de

⁵ Poesia construída durante o meu recolhimento para a minha feitura de três anos de iniciado na Umbanda. Agosto de 2019.

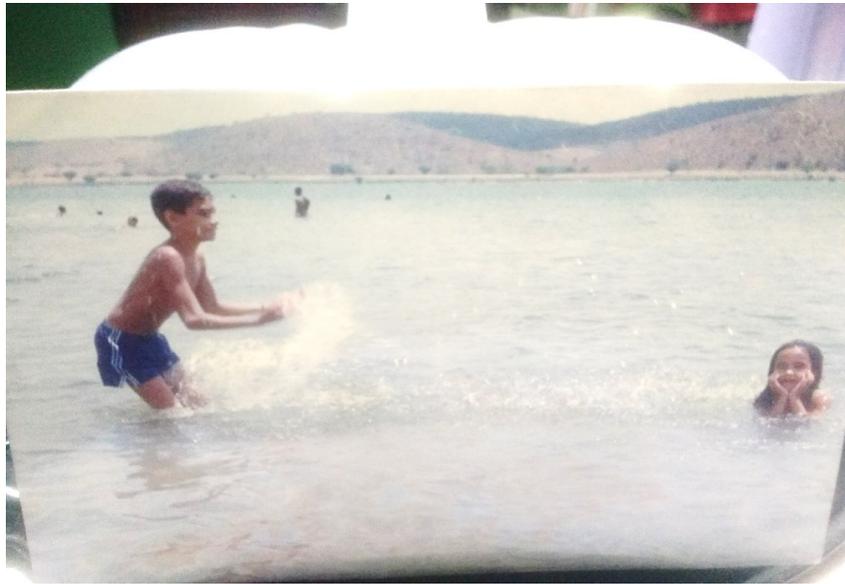
sobreviver, mesmo diante da queda do céu, das catástrofes e ruínas do nosso tempo. Que o peso do seu patuá, não seja maior que a sua vontade de carregar junto comigo essa mirada subalterna dentro da antropologia brasileira.

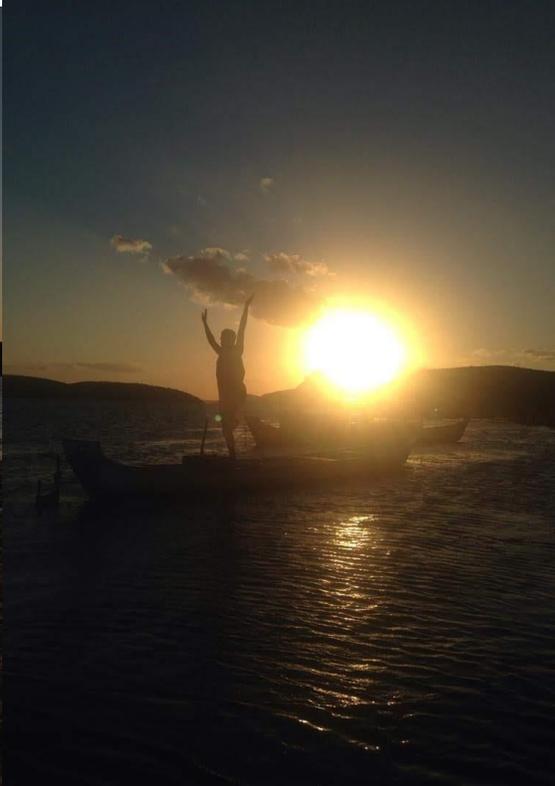
ÁLBUM I

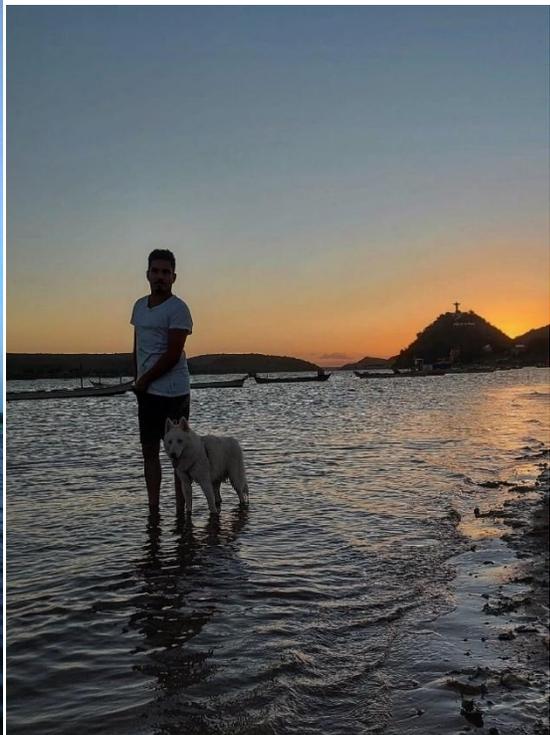
Águas que me banham e me alimentam de sonhos











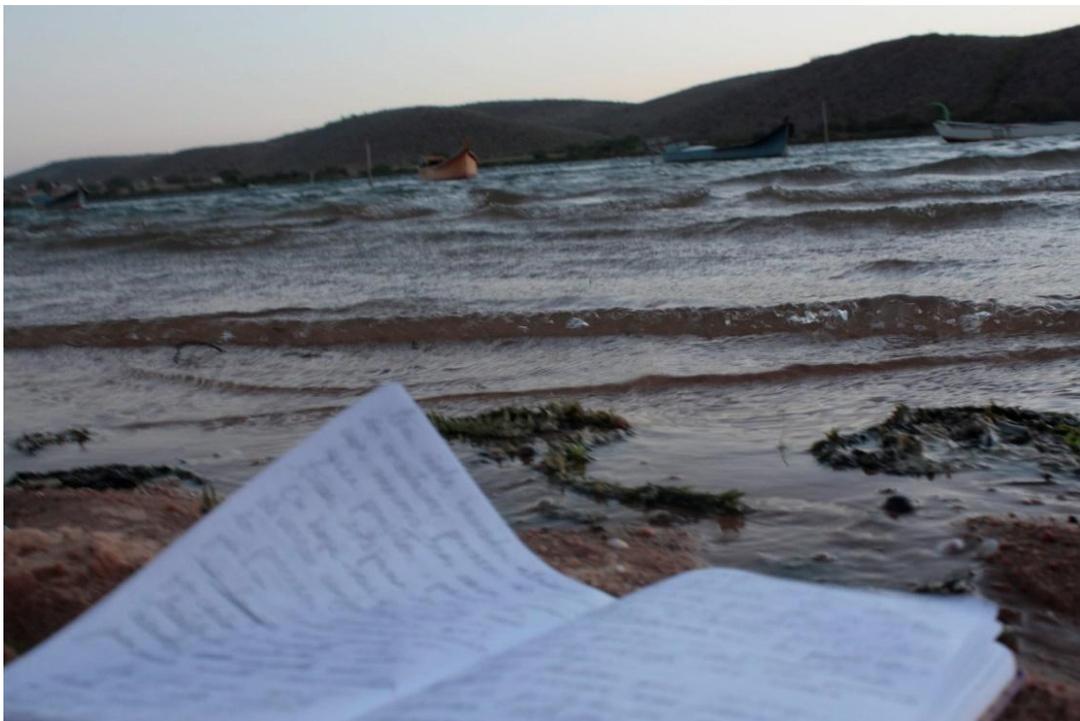


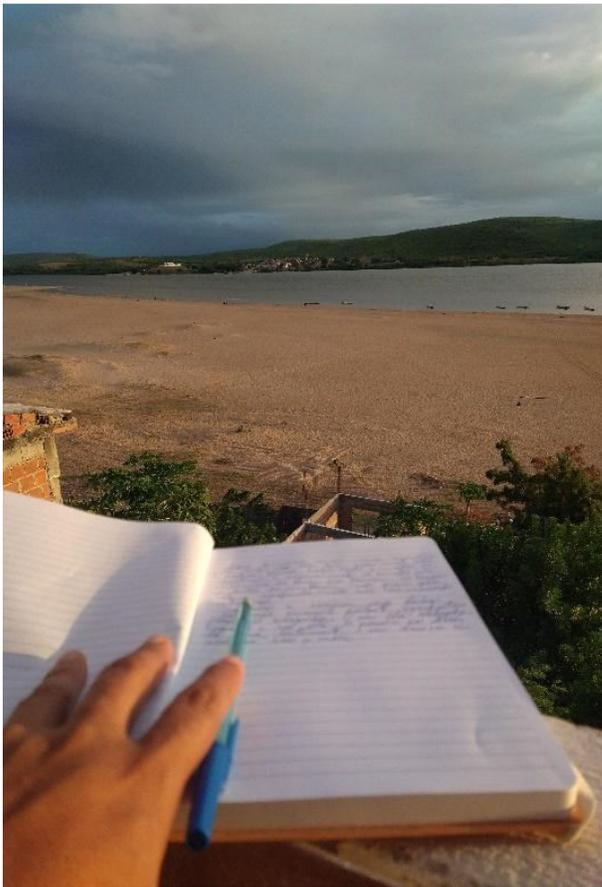
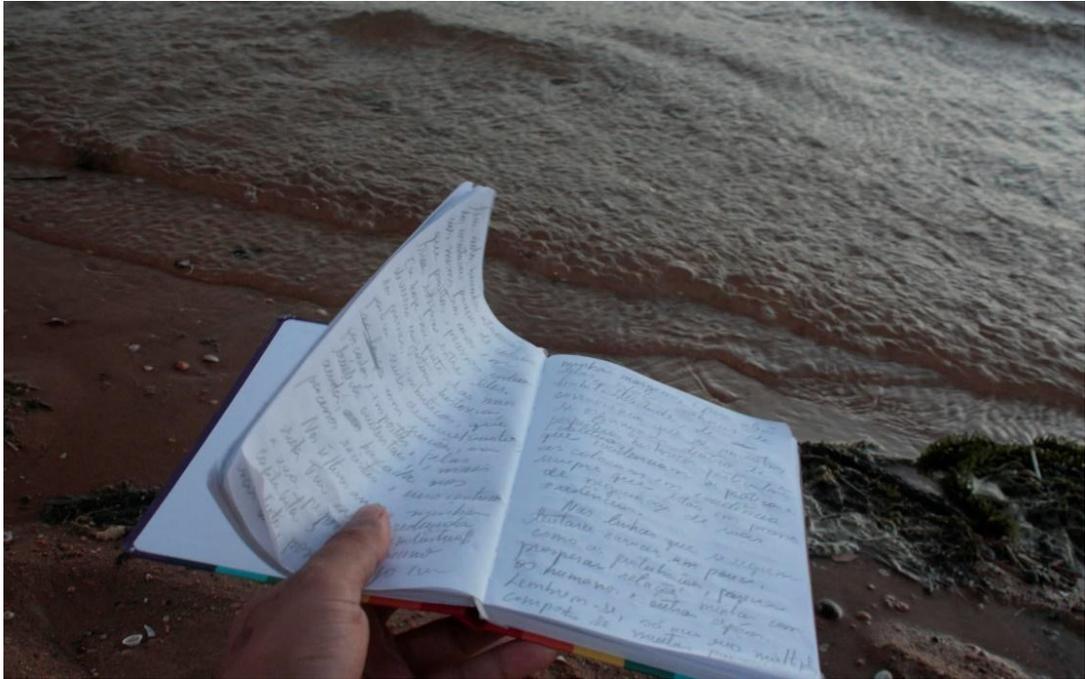


















Este álbum estabelece conexões entre um passado construído na infância e que dialoga com um presente em que as memórias emergem em movimentos contínuos. A primeira imagem, sou eu nos braços do meu pai, acompanhado de familiares dele, sendo que atrás está a lancha Porto Alegre, que até hoje faz parte da nossa construção familiar. Seguindo as marés que me conduzem nessas narrativas pela antropologia ribeirinha, ainda continuo a trazer imagens que me remetem a infância. Com a presença de irmão, irmãs e primos, em manhãs de domingo, brincando e interagindo junto com o rio.

Em seguida, trago imagens do período de isolamento que tive, antes de começar a escrever a tese, dentro do GUESB. Esse isolamento se deu no período da pandemia, passando dois meses dentro do terreiro, sem poder voltar a Santa Catarina e escrever a tese, ou seja, de março a maio de 2020. Meses antes eu tinha recebido uma orientação de um caboclo na Serra da Barriga, durante as festividades de seu Boiadeiro, em janeiro do mesmo ano.

Com os pés fincados na beira do rio São Francisco, então trago à tona, as inúmeras vezes em que, navegando, sentado, caminhando, nadando, mergulhando, perambulando feito menino que brinca, me reconectava com o rio que soprava em meus ouvidos, caminhos e trilhas que, conectando os pontos, experiências e vivências puderam habitar as linhas desta narrativa antropológica e ribeirinha.

Muitos desses autorretratos foram feitos como forma de guiar meus pensamentos e demarcar em mim, momentos importantes e de bastante reflexão, capazes de fortalecer minha caminhada, e até mesmo em momentos oportunos em que antropólogo e ribeirinho não pediam distinção. Em muitas dessas andanças, meus pais me acompanharam, percorrendo caminhos, levados e trazidos pelas águas que sempre foram importantes em suas trajetórias.

Escrevendo as margens do rio ou do terraço da casa dos meus pais, o rio foi, em grande parte dessa longa jornada, meu companheiro de escrita. Olhando para ele e ou sentando na beira dele, fios foram sendo entrelaçados, ventos que

sopravam do sul e ou de Sergipe, dobravam as folhas dos cadernos, sendo preenchidos pelas narrativas e escrituras do Opará.

Para além disso, trago também como parte importante deste processo, a presença e companhia durante um dia, do meu orientador Rafael Devos, da professora Viviane Vedana e da filha deles, Luna, que em um dia de domingo, puderam também se conectar e conhecer um pouco do que acontece para além das margens do rio e da própria Antropologia feita no sertão do São Francisco.

Termino este álbum com duas imagens da grande croa, que tantas das vezes tive que atravessar e cruzar com pessoas, homens, mulheres e com crianças, como esta que chegando na beira do rio, com sua tabica na mão, estava indo brincar com outros garotos em mais um fim de tarde de primavera.

CAPITULO II

NARRATIVAS COLONIAS E DECOLONIAS NO OPARÁ: QUILOMBOLAS, INDIGENAS E PLANTADORES DE ARROZ NAS ENCRUZILHADAS RIBEIRINHAS

*“Onde eu nasci passa um rio
Que passa no igual sem fim
Igual, sem fim, minha terra
Passava dentro de mim
Passava como se o tempo
Nada pudesse mudar
Passava como se o rio
Não desaguasse no mar
O rio deságua no mar
Já tanta coisa aprendi
Mas o que é mais meu cantar
É isso que eu canto aqui
Hoje eu sei que o mundo é grande
E o mar de ondas se faz
Mas nasceu junto com o rio
O canto que eu canto mais
O rio só chega no mar
Depois de andar pelo chão
O rio da minha terra
Deságua em meu coração”.*⁶

Chegou⁷ a hora de eu mesmo dizer algumas palavras nessa caminhada, acompanhada por esse menino ribeirinho. Aqui ele eu, somos mesclados, misturados, como um só, mas também somos dois, dividindo nossas visões, nossos olhares e nossas memórias, nessa caminhada. Essas narrativas que expõem os olhares sobre mim, e que construíram imaginários sobre algo e ou alguém que parece não tem vida própria, e por isso mesmo, é dependente de outras manifestações sociais, políticas, culturais e econômicas, não cabe mais.

Esta ressignificação da minha história será contada por um menino, que desde o ventre de sua mãe, foi acolhido por mim, e que vive e dorme nos meus sonhos, mergulha e se despede sempre nas minhas águas, nas minhas margens.

⁶ Composição de Caetano Veloso (Onde eu nasci passa um rio), retirado do site: <https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/144571/> em 08 de junho de 2020.

⁷ Voz do rio... construção narrativa baseada no experimento feito por Anna Tsing com esporos e cogumelos (2019).

Encantado, traçou um caminho natural, ele me escolheu como curso natural a seguir, como uma canoa que desliza, seguindo seu curso, seu rumo, sem pensar somente em si.

Sempre que ele pensa em ir, é na minha margem esquerda, no pedacinho do sertão, que ele vem sem banhar, se aconselhar, me ouvir, conversar, com os olhos cheios de lágrimas, ele prometeu me defender, me ajudar a contar, mesmo que fragmentada, a história de quem eu fui e a história de quem eu sou agora. Minhas memórias são minhas, assim como meus afluentes são meus, e sobre as quais ele não tem acesso por completo e ninguém nunca terá.

Eu sou o “Opará”, cruzei lugares, abrir caminhos, fiz dos mais altos lugares, corredeiras do meu corpo caudaloso, fiz no princípio de tudo, o semear da vida em abundância e diversidade. Em meu caminho para o mar, percorri desfiladeiros, rolei sobre pedras, sobre a terra seca, até que finalmente, um oceano nasce dentro de mim e eu ouço, em minha foz, os lamentos de todos os meus antepassados, foi assim pela vida toda, e assim continua a ser.

O princípio de tudo? Conta uma narrativa ancestral⁸, que dentre as centenas de povos originários que integravam meu círculo familiar, existiu uma índia de nome Yati, que foi noiva de um grande guerreiro, que um dia precisou partir para confronto com seus companheiros da tribo, cada passo que os índios, bravos guerreiros davam em direção ao confronto, acabou, em cada passada, afundando o solo, formando um grande sulco.

2.1. Colonização e Domesticação:

Essas primeiras linhas, esses primeiros parágrafos, quando eu os escrevi, transcrevi, se assim posso chamar, foram os traços iniciais da escrita da tese. Era uma tarde fria de junho, no bairro de Kobrasol, na cidade de São José, região metropolitana da Ilha de Florianópolis. Um mês antes, em maio, tinha acabado de

⁸ Retirada do site https://cbhsaofrancisco.org.br/noticias/cultura_blog/a-lenda-da-origem-do-rio-sao-francisco/ em 08 de junho de 2020.

voltar de Maceió e conseqüentemente de Pão de Açúcar e do campo. Foi no auge da pandemia. Em isolamento, comecei a escrever tese.

Sozinho, trancado por dias, semanas, estava ainda tomado pela energia do meu terreiro, pelo que tinha vivenciado nos quase três meses que lá passei, também em isolamento. Então quando comecei a escrever a tese, rodeado dessa energia e desse sentimento de profundo pesar por tantas vidas já ceifadas por uma doença até então tão assustadora e desconhecida, coloquei para tocar em meu telefone, músicas e pontos para os Orixás, Cablocos e demais entidades que me guiam e me acompanham nessa jornada.

Além de contar também com músicas que tem como letras, o sentir, pensar e cantar sobre os vários sentimentos das águas. Como essa que abre este capítulo. Foi quando, então, tomado por essa energia das águas que me movem, que movem e tomam o meu corpo, que o rio São Francisco transborda por sobre o meu pequeno apartamento, passava já das 16:00 horas quando linhas vão sendo tecidas. Eu não poderia acreditar que o rio estava tomando conta de mim, de minhas mãos, dos meus ouvidos e pensamentos.

Ele então falava e escrevia, me permitia navegar pelo seu vasto corpo e desafiar a lógica que paira sobre o mundo da ciência. E cada linha que ganhava vida, cada vírgula, ponto que brotava no meio do texto, era acompanhado de uma lágrima, de um choro e uma alegria súbita. Finalmente meu corpo, meus pensamentos, minha memória se encontrava pela primeira vez junto com o agir do rio. Ele transcendeu a distância física que nos separava naquele momento e se pôs com abundância dentro de mim.

Instantes depois, envio uma mensagem para a minha Mãe Pequena Cláudia Puentes, e do outro lado da linha, ela me liga chorando e dizendo que eles (...os meus guias), estavam dizendo para ela que eu precisava escrever a tese como se estivesse psicografando o que o rio e eles estariam sempre me dizendo. Desligamos o telefone e então continuei a escrever. Cada música que tocava aumentava ainda mais a minha inspiração. Dancei, cantei, chorei, escrevi... quando dei por mim, passavam das 18:00.

Luzes acesas, era hora da vigília espiritual que estava fazendo junto com outros irmãos, irmãs do meu terreiro, pelo fim da pandemia. Preces ao Orixá do dia e a Omolu/ Obaluaê, senhor da cura, da saúde e da doença, eram devotadas cotidianamente e assim se estendeu por alguns meses. Juntamente com o rio escorrendo em meus ouvidos os seus primeiros versos e narrativas.

Um dia, a bela Yati, morrendo de saudades do seu amado, chorou tanto que suas lágrimas escorreram pelo chapadão até formar uma cascata, a cascata desaguou pelo sulco formado pelos caminhos dos guerreiros, dando origem ao rio, que *até hoje segue o caminho do norte até desaguar no oceano.*

Assim como Yati, tantas outras indígenas choraram em meus leitos com saudades dos seus amados, que partiram, em busca do sem fim, das batalhas travadas com seus próprios irmãos, moldando meus caminhos, e não havia nada do mundo que eu poderia fazer, a não ser renascer onde o sangue escorria, onde passos moldavam a terra e dela e sobre ela eu brotava.

Eu não teria nascido se não fossem as batalhas, eu não teria corrido por entre campos, por entre pedras e desfiladeiros, se não fossem as lágrimas e os passos dos meus irmãos e irmãs moldando as suas próprias histórias, seus próprios destinos. Por isso, há em mim, guardadas em minhas memórias, um forte apreço pelo povo que me originou, que me batizou e que derramou seu sangue por mim e em mim.

Eu fui Tupinambás, Tupis, Guaranis, Caetés, Caripós, Cariris, Porus, Caroporás, Tupinaés, Abacatiaras, Umãs, Urumaris, Pancararus, Jaconãs, Tucuruãs, Papaizes, Tomaquises, Sacacarinhas, Porus, Pipianos, Vouvés e Xokós. Hoje, eu continuo sendo de todos eles, porém seus rastros, seus feitos, seus materiais, seus traços, a brutalidade colonial impediu de seguir adiante, fazendo de minhas margens o florescer dos dias.

Eles me batizaram de “Opará”, que na língua Tupi-Guarani, significa “rio-mar”, no entanto, com a entrada dos homens brancos, pela boca do grande mar no quarto dia do segundo mês da primavera, através do seu comandante Américo Vespúcio, com toda a sua visão de mundo fortemente vinculada ao catolicismo europeu e dominador dos mundos, começou a me chamar de rio São Francisco, em

homenagem ao santo São Francisco de Assis, cuja data de celebração é o fatídico dia em que me “descobriram”.

Para ele e para eles, meus irmãos e irmãs indígenas não eram dotados de capacidades de se desenvolverem e construir suas próprias trajetórias, interagindo e dialogando com os outros, dando nomes e classificando ao seu modo a terra que habitava, o rio em que nadava, navegava e mergulhava, os animais que caçavam, com eles conviviam e reproduziam os movimentos, os traços característicos de suas peles e plumagens, em seus próprios corpos e cotidianos.

Nos primeiros períodos de colonização e exploração do Brasil e em particular das margens do rio São Francisco, muito se produziu em termos de violência, de domesticação, de exclusão, de silenciamento e de produção de novas narrativas, principalmente sobre e com as paisagens.

Eu sou o encontro das águas, (sussurra o rio em meus ouvidos), mas a partir de então passei a ser o encontro entre o passado “pré-histórico” e o presente civilizatório, entre a origem e o fim. Eles (os invasores) foram vencendo as correntezas, entrando com toda sua devassidão e navios, pelo corpo do rio, afoitos por riquezas. O mar, que é destino natural de todo o rio, foi a porta de entrada para o começo das constantes lamentações e desassossegos deste rio, é lá, no mar, que todos os corpos violentados, decapitados e suas almas adormecem depois das sangrentas batalhas. É lá que minha alma se desprende e eu me desprendo de toda dor que acumulo ao longo da minha jornada, desde a nascente. (Se expressa em tom de angústia, o rio).

A partir destes encontros entre o Opará e a força colonizadora, entre a estrutura colonial e os povos indígenas, que o rio foi perdendo a autonomia, os indígenas foram forçadamente perdendo seus vínculos de pertencimento para com eles. As relações que atravessavam o cotidiano dos povos originários, assim como as próprias relações do velho rio, passam a partir de meados do século XVII, a ser moldadas por outros encontros.

Nas margens que separam, hoje o baixo São Francisco, nos lados alagoano e sergipano, as presenças de portugueses, holandeses e franceses, vão desencadear sucessivas batalhas, sem antes ter construído com as populações

indígenas, um misto de animosidade, a fim de contar com a ajuda deste em seus processos de reconhecimento do território. Desde 1637, quando os holandeses já instalados na margem alagoana, mais especificamente na vila de Penedo, as populações indígenas foram estratégicas tanto do lado português, como do lado holandês na ocupação das margens.

Quando passaram a não mais precisar da gentil companhia dos índios, os portugueses começaram a se utilizar da força, da catequização para tomar e ocupar os territórios pertencentes aos índios, fazendo deles seus escravos, produto fundamental na construção e desbravamento das extensões de terras e águas que compunham o meu corpo.

À medida que os embates eram travados entre portugueses e indígenas, a violência só aumentava, de um lado e do outro havia o uso da força, porém nada se compara a crueldade praticada pelos invasores. Até que a maioria das comunidades indígenas fossem dizimada, massacradas, os conflitos não cessaram. Era necessário varrer ou catequizar as populações para que pudesse haver a ocupação das terras que estavam nas margens e que até então eram de posse e uso exclusivo da ancestralidade indígena.

Há, portanto, em cada nova vila, povoado, recanto, agora ocupado pelos “civilizados”, suas paredes manchadas de sangue, suas paredes estão tomadas por ódio, por violência, por ganancia. Cada capela, igreja erguida a partir daquele momento, que veio a servir de instrumento de evangelização e propagação da fé nas novas províncias, e no novo território recém-conquistado, tem em seus altares e torres os horrores da colonização, indígenas dizimados e ou catequizados.

Tem suas histórias e saberes esfacelados pelas mãos dos missionários e da igreja cristã, entre a então província de Pernambuco, hoje território alagoano e a província baiana, hoje atual estado de Sergipe. Em 1631, eram poucos. Xokós, Caripós, Tacuruás, Pipianos, Tupinambás, Caetés, Jaconãs, Pancararus, Abacatiaras, Cariris, Sacarinhas, Tomaquises, Umãs, e tantos outros, muitos estão em silêncio, desaparecidos no rastro do tempo e das narrativas, outros permanecem ressurgindo, retomando e reencontrando seu passado e território ancestral.

Os que aqui ficaram, nas margens, continuaram enfrentando com muita garra e muita estratégia de sobrevivência, as tentativas dos colonizadores em escravizá-los, dos missionários, dos mais diversos segmentos religiosos, em catequizá-los e torná-los pertencentes a uma vida social a qual eles não pertenciam e muitos não queriam fazer parte e por isso, houve muita resistência, muitas mortes e muitas fugas rio afora, sertão adentro.

Entre tantas populações que resistiram e sofreram os processos de catequização nas margens e ocupando seus territórios bravamente, está a população indígena Xokó, que viveram e ainda hoje vivem na margem direita, no atual estado de Sergipe, que no período colonial pertencia ao estado da Bahia.

Antes de serem expulsos e catequizados, os Xokós travaram intensas batalhas com outros povos indígenas, em especial como os índios Urumaris, da etnia guarani e que viviam na margem esquerda, após terem recebido do então D. João VI, uma quantidade de terras que passaram a chamar de “Jacibá”, que na sua língua, significa (espelho da lua), uma clara referência as noites em que a lua grandiosamente fazia de minhas águas, um espetáculo e um espelho para refletir sua luz.

Os índios Xokós, insatisfeitos com o que seus vizinhos e rivais tinham conquistados, invadiram a terra de Jacibá e lutaram bravamente, até expulsarem os Urumaris e ou dizima-los, passando também a ocupar a margem esquerda do rio, aumentando seus domínios territoriais que iam do meu leito a outro.

Porém, como eu já disse aqui, as margens estavam em acelerado processo de ocupação e invasões, tanto é que, os jesuítas, frades missionários, começaram a ter contato com os Xokós ainda no final do século XVI e em meados do século XVII, no ano de 1660, as terras ocupadas por eles, Xokós, nas margens alagoanas, foi através de uma carta de sesmaria, arrendada pelo português Lourenço José de Brito Correia, transformando as terras indígenas em uma enorme fazenda de gado.

A fazenda passou a se chamar Pão de Açúcar, em alusão a um morro que está ao norte da então fazenda, cujo formato do morro, parecia uma forma de clarear o açúcar encontrado nos engenhos de açúcar. A terra indígena de nome Jacibá, antes ocupada por duas etnias em tempos distintos, a partir daquele

momento passaria por processos intensos de transformações, acompanhando a exploração do gado como elemento importante do desenvolvimento da região. Essas atrocidades não foram cometidas apenas com os Xokós e Urumaris, onde existiam populações indígenas, existia a ocupação forçada e violenta dos seus territórios pelos exploradores.

O comércio dos povos indígenas era exercido sem controle por parte de quem o fazia, dividindo com o pau-brasil, cana-de-açúcar, o posto de atividades econômicas primordiais nos dois primeiros séculos após a “descoberta”. Além do mais, no caso particular dos índios Xokós, na ilha de São Pedro, território ocupado por eles, no lado sergipano da margem, a forte presença da missão jesuítica, logo ergueu uma imponente capela no centro da aldeia.

Além de ser campo fértil para a instalação de missões, catequização e também de inúmeros processos de violência, temor, conflitos, derramamento de sangue nas margens e dentro do rio, a região hoje denominada de baixo São Francisco, foi também campo invadido pelas domesticações de corpos, povos, jeitos e elementos mais que humanos.

Eu vi chegar por aqui e invadir minhas margens e para muito, mais muito longe delas, grandes sujeitos que em nada se pareciam com aqueles que estavam aqui até a pouco tempo atrás. Pela primeira vez, meu corpo caudaloso, largo e cheio de água e pequeninas vidas, era também ocupado por grandes bichos de quatro patas, que saíam por aí a correr, muitas das vezes sem destino, pelo meio do solo ressecado, ressentido e cheio de catingueira, de espinheiros, calumbis e flores de espinhos.

Hoje, vocês humanos chamam esses bichos, de cavalos, porcos, carneiros, cabras, ovelhas. Tem também o que nasceram dessas misturas, como os jegues, jumentos, que de tão desvalorizados, aguentam as mais diversas e dolorosas agonias de trabalho pesado.

Eles chegavam aos montes, vindos dos mais diferentes lugares, dentro das grandes embarcações que cruzavam o grande e salgado rio e aportavam por minhas águas lá onde eu me encontro com o mar. Muitos eram jogados em minhas águas, quando não suportavam a longa e penosa viagem. Os que suportavam, eram

tratados melhores do que os homens que também viajavam forçadamente e acorrentados para serem explorados e escravizados junto comigo.

O que o rio nos narra, é o que também aconteceu em outros lugares e territórios em que a presença de cavalos, bois, porcos, carneiros e ovelhas não eram assim tão presentes, como também não eram presentes no território sãofranciscano. Aqui como lá, o gado era potência criadora da domesticação de lugares, vidas e modos contra hegemônicos de dominação.

Neste sentido, as espécies que chegaram ao Novo Mundo, desestabilizaram as histórias e modos de vida dos povos indígenas, do mesmo modo que interromperam e ou fragmentaram as trajetórias e narrativas dos povos africanos e escravizados, produzindo duplo deslocamento deste povo, dentro de um território do qual eles também não eram parte constituinte. As “Criaturas do Império”, como bem definiu Virgine Anderson (2006), e que dá título ao livro, foi o alimento substancial do desenvolvimento das pequenas vilas e povoações ao longo do rio São Francisco, em territórios mais pertinentes para pastagens e instalação dos extensos currais, próximos as margens do rio, ou estabelecidos próximos a riachos e cacimbas.

A paisagem natural característica do sertão, em especial, a caatinga foi sendo amplamente devastada. Seus mandacarus, xique-xiques, cactos, cabeças de frade, que juntas com outras espécies que caracterizam a paisagem sertaneja, vão cedendo lugar para as cabeças de gado e cavalos, também trazidos como necessários para a modernização dos meios de transportes e para o estabelecimento de uma sociedade centrada na domesticação de gente e dos próprios animais e plantas nativas, além é claro do pasto, que sendo aplicado nas fazendas de gado, monopoliza a paisagem, fazendo com elas perdessem e ou fosse perdendo sua diversidade.

Indígenas e africanos escravizados, que vivendo sem fronteiras e territórios definidos, precisavam de cercamento, de rédeas e passando a ser utilizados como pertencentes a propriedade privada dos fazendeiros e comerciantes do couro.

In order to be domesticated, animals have to breed in captivity and learn to depend on human caretakers. Domesticable creatures are

generally social animals whose group behavior demonstrates a dominance hierarchy. This social structure allows humans to substitute themselves as leaders of the herd and exert control. (ANDERSON, 2006: 33).

O gado tendo exercido papel secundário nos engenhos de açúcar, apenas como força de tração na moenda da cana-de-açúcar, quando se desloca para o interior das colônias e se espalha pelos sertões e margens do rio São Francisco, passa a ser o principal mecanismo de povoamento ao longo do rio, o elo de todo o interior nordestino. Trilhas, caminhos, antes sob a direção dos povos indígenas, agora eram executadas pelos bois e cavalos, que percorrendo longas distâncias, vai proliferar currais e vilas, soterrando várzeas, lagoas, e o próprio leito do rio.

Neste contexto, o gado adquire status que nenhum outro elemento oriundo da política ou sistema colonial, no sertão, consegue atingir. Cabeças de gado são e eram mais valiosas que o preço de um índio ou africano escravizado. Pois para além de ser um importante fornecedor de matéria prima e alimento, como a carne e o couro, foi meio de transporte fundamental para se fazer chegar, onde o rio deixava de ser a principal rota de passagem, das idas e vindas de pessoas, produtos e missões.

O gado, o cavalo foi sendo guiado e guiando, transformando, modificando, ampliando e criando paisagens, cruzando e reordenando paisagens históricas, produzindo paisagens heterogêneas e no plano social e cultural, fazendo emergir novos símbolos da cultura sertaneja e ribeirinha. “Paisagens são tanto imaginárias quanto materiais; envolvem geografias físicas, fenomenologias e compromissos culturais e políticos.” (TSING, 2019: 247).

A partir desta argumentação, que concluiu o parágrafo anterior, feito por Anna Tsing (2019), o gado então produz o entrelaçamento destes elementos, para o surgimento e disseminação das conquistas e do desenvolvimento do sertão, das margens e leitos. A dominação política e econômica da região que margeia o rio São Francisco, que surge da introdução do gado no cotidiano local, vai atravessar séculos e cujos resquícios respigam ainda hoje nas mais diversas cidades que se encontram localizadas no nordeste setentrional.

Os coronéis do gado e dos grandes latifúndios, desde os primeiros séculos pós-invasão e “descoberta” do Novo Mundo, estabelecem seus domínios para além dos seus currais e de suas propriedades, proliferando seus modos de trabalho e obtenção de riquezas no campo social, político e cultural.

O gado e os currais interrompem histórias e recriam tantas outras. O rio “Opará” dos índios passa a ser o “rio dos currais”, de bois, cavalos, ovelhas, esmagando vegetação nativa, se apropriando das beiras de rio com a construção de cercas de pedras e estacas, se alastrando como pragas, colaboram para a expansão do poder, acentuando a reprodução das diferenças. Onde antes era mata, caatinga, torna-se potencialmente produto pronto para ser explorado em suas potencialidades específicas, se não dá para ser engenho de cana-de-açúcar, que seja então estabelecido grandes propriedades de gado.

Os bois agem como agentes intermediários, entre os sonhos dos fazendeiros de prosperidade, de obtenção de riquezas e desenvolvimento de sociedade, e como pesadelo dos povos originários e africanos escravizados, que são inferiorizados e tratados em níveis desiguais de desabitados em suas próprias terras. O gado é o potencializador de um mundo que se sobrepõe a outro, de projetos de mundo que estão caminhando em sentidos opostos e que se chocam, alargando as modificações de paisagens ao longo do sertão e do rio.

Ainda nas palavras de Tsing (2019), os rebanhos animais e nesse caso específico, os rebanhos bovinos, foram e são fundamentais na compreensão do mundo como proveniente de longos processos de perturbações humanas e consequentemente de contribuintes, como outras espécies invasoras, que alastraram durante as navegações europeias pelo mundo, para a expansão do Antropoceno.

Para a autora, os animais são pragas que em um determinado momento histórico, exercem com grande velocidade o controle sobre as ações e intenções humanas. Neste caso, localizo os bois e cavalos como sendo as pragas que vão estabelecer novas dinâmicas nas paisagens do rio São Francisco, pois eles dialogam constantemente com esse elemento não vital. “Os autorreasselvagedores apreciam e criam perturbações; as pragas de plantações e rebanhos são

autorreassalvagadores talentosos. Autorreasselvagadores são pragas invasoras definindo agilidades a partir de antigas e modernas conquistas.” (Idem, 2019: 251).

Correndo soltos ou habitando os vastos currais, bois e cavalos, disseminaram poder e exclusão, rearranjos territoriais e políticas, já que o relevo plano ao longo do rio favorecia a criação e comercialização. Trocas comerciais eram marcas de um rio que corria em direção ao progresso, ao desenvolvimento. Em cada porto, em cada viagem rio a cima, rio a baixo, gados são transportados, enchem currais e criam cidades.

Primeiro com a casa do fazendeiro, depois as pequenas instalações dos trabalhadores, capelas e depois igrejas são marcas importantes dessa modernização e projeto civilizatório. Trilhas e depois, estradas são abertas, o caminho do gado é prospero e eficaz. “É sob o amago das fazendas de gado que essa economia emerge no sertão nordestino. Tais estancias, por simbiose com os currais, prolifera-se pelo território.” (ARRAES, 2011: 07).

Neste caminho de conhecimento, de apropriação de paisagens históricas e de narrativas anteriores aos processos coloniais, há ampliação do comportamento humano, fazendo emergir novas demandas, ampliando escalas de ocupação territorial, de vidas sendo entrelaçadas. Com a invasão dos territórios são-franciscanos por bois, ovelhas, cavalos e também jegues, há também substancialmente a ampliação escalonavel, das paisagens ferais, ao passo que os bois avançam sertão adentro, eles também negam e excluem em certos ambientes a proliferação de outros seres e espécies que antes se faziam presentes. Árvores e espécies nativas são destituídas de seus ambientes, de seus modos de convivência.

Quando criança, nas margens e beiras do rio, vi e presenciei, muitos bois, vacas, principalmente, atravessarem de um lado para o outro, da margem sergipana para a margem alagoana, muitos ou em cima de uma chata, canoa que se parecia com uma canoa de tolda, mas não tinha o elemento que caracteriza a segunda, e tantos outros animais, atravessavam boiando como se estivessem nadando dentro do rio. Por muitos anos, esses animais foram fundamentais para abastecerem o açougue do município.

Então quando chegavam no lado de cá, a apreensão era enorme, porque muitos, ao pisarem em terra firme saíam desembestados pelo meio da croa, correndo de um lado para o outro, sem que os vaqueiros e seus próprios donos. O destino final era sempre o matadouro da cidade. Se a croa estivesse com muitas pessoas, um alvoroço se formava quando os bois e as vacas estavam descontrolados.

Até o final da década de noventa, bois, ovelhas, cabras, bodes, porcos, galinhas, vacas, eram trazidas das mais diversas comunidades ao redor de Pão de Açúcar para serem comercializados vivos nas feiras livres, às segundas-feiras. Nas chatas e ou em lanchas menores, até mesmo em canoas e botes, os animais vendidos e comprados ou trocados, eram levados rio a cima e rio a baixo.

Muitas vezes meus irmãos, primos, amigos e muitas outras pessoas levamos carreira desses animais soltos na beira do rio. O rio, para muita gente e bichos, eram as ruas que tinham para se locomover e transportar seus agentes mais que humanos, até que a produção decaiu, as chatas desaparecem e agora os animais são transportados em caminhões refrigerados, equipados e com toda segurança possível.

2.2. Descolonização e Contra domesticação: resistência e retomada indígena e quilombola.

Abordo de uma canoa, desembocamos em memórias e narrativas que transbordam contra-argumentos de resistência e retomadas de forças ancestrais, fundamentais para compreender, ao menos, outra visão sobre a realidade do rio São Francisco, a partir do início do século XX e que dialogam com os aspectos das transformações paisagísticas vinculadas com o antropoceno.

A cultura do arroz foi fundamental para que a comunidade Indígena Xokó, na Ilha de São Pedro e a comunidade Quilombola do Mocambo pudessem estabelecer narrativas concretas que lhes pudessem servir de elementos importante nos reconhecimentos étnicos, culturais e de posse dos seus territórios nas margens do rio.

No entanto, ao contrário, como procurei demonstrar na primeira parte deste capítulo, a cultura do arroz, foi fundamental para a continuação dos passos dados pelos exploradores e desbravadores em direção ao desenvolvimento e progresso para todas as margens do rio e de seus afluentes, aqui, me voltando com especial atenção para a região do baixo São Francisco, território sobre o qual se debruça este trabalho e que desde então, tem sofrido com a forma como estão sendo implementadas as políticas de gestão dos usos das águas no país.

Porém antes disso, antes dessas implementações, o que vigorava era a lei do mais forte, dos mais poderosos (não que esse quadro tenha mudado nos últimos tempos). A passos largos e fincando estacas e fazendo cercanias, o território são franciscano, viu brotar em suas margens, não só as fazendas de gado, mas o poder hegemônico dos produtores de algodão e também do arroz. Viu, sobretudo o florescer e o findar do ciclo naval das canoas de tolda, do secar de seus afluentes e da precarização e desaparecimento (em muitos lugares) da produção do arroz e seus sistemas culturais.

Porque, se entre os séculos XVIII, XIX e XX, o arroz fazia parte do sistema de domínio econômico e social da região, ao passo que se avança em direção ao século XX, ele passa a ser a principal fonte de renda das camadas mais excluídas e marginalizadas e cujas formas de produção (artesanal e coletiva, principalmente do arroz), escapa da ideia de plantation estabelecida pela cana de açúcar. São pessoas negras, pobres, provenientes das linhas de descendência escravistas que exercem através de técnicas e habilidades, o plantio e colheita de arroz.

E quando eu digo, o findar de um ciclo, estou então me referindo, sobretudo e mais localizado, para a modernização dos meios de transportes, em meados da década de 50 e 60, com a abertura de estradas, afetando diretamente o transporte de cargas que eram feitas pelas canoas de tolda. Em segundo lugar, o findar deste ciclo está condicionado ao brotar das primeiras hidroelétricas, também localizada temporalmente a partir da segunda metade do século XX e que não permite nem a continuidade com tanta facilidade de embarcações, como as canoas de tolda, bem como começa a desregularizar os períodos de cheias, de vazões do rio e que eram

primordiais para o desenvolvimento das plantações de arroz como se tinham até então.

E as coletividades que tinham no plantio do arroz, o seu maior bem econômico e social, não acompanhar e nem serem assistidas pelas modernizações provocadas pelos governos que se alternam no poder do país, entre a segunda metade do século XX até a redemocratização. Produção de arroz em várzea não se sustentava ao passo que iam sendo elaboradas outras políticas de produção de energia, irrigação, ao mesmo tempo em que, populações indígenas e quilombolas (Xokós e Mocambo), estavam também tendo que forjar alianças para a continuidade de suas práticas e sistemas socioambientais de uso do território as margens do rio.

Mas não só eles, aqui em Pão de Açúcar, muitas famílias também detinham o conhecimento técnico, tradicional de plantar e colher arroz. Em sua grande maioria, eram e são famílias de pessoas pretas/negras, que construíram sistemas próprios de partilha, de repartição, de acúmulo de saberes e fazeres. Só na sede da cidade, três lagoas eram utilizadas para o plantio de arroz. A lagoa de cima, situada entre os pés do morro do cavalete e cuja a desembocadura, se dá, ainda hoje, embora, com pouca entrada da água do rio, muito próximo à rua São Francisco e a estrada da Cohab, e a antiga delegacia.

A lagoa de cima, hoje muito seca, dá lugar a muito pé de algaroba e outras espécies típicas da caatinga, como mandacarus, xique-xiques, jurema, entre outras. Encontrando limites nos quintais de muitas famílias, desde a Cohab, passando pela praça 13 de maio e um pedaço da av. Bráulio Cavalcante e do alto Humaitá, até pouco tempo atrás ela foi local de criação de suínos, de carneiros, de ovelhas.

Desde o fim de sua utilização para o plantio e colheita de arroz, ela passou a ser utilizada pelos moradores que a cercam, para outros fins. Deposito de lixo, para o colocar de pequenas roças e também como alargamento de suas próprias residências. Minha tia Solange, irmã do meu pai, contou-me uma vez, que seu marido, quando jovem e adolescente, costumava com seus irmãos e primos, tomar banho na lagoa cheia. Era um divertimento para os jovens, adultos e crianças da conhecida rua de cima.

Além de ser também, um ambiente propício para a construção de laços, fortalecimento de vínculos e remodelamento de práticas e técnicas que se assentam sobre o plantio de arroz. Minha família materna, quanto a paterna, também participaram desses processos de produzir, mesmo sem a posse da terra da lagoa de cima, eles participavam continuamente desse sistema econômico produtivo.

Não trago relatos sobre esse período que demarcam as narrativas históricas e ancestrais das minhas famílias, porque eu percebo que há um silenciamento, que me incomoda e me inquieta sobre esse tempo de “fartura”, mas também de escassez. O racismo e a violência produzida em outros tempos, se instala no vazio dos tempos presentes. Boa parte do território ocupado pela lagoa de cima, pertence a uma família bastante tradicional, composta por pessoas brancas e de influência forte no cenário político local.

Além do mais, o silenciamento se encontra também através da morte. As pessoas que mais poderiam me ajudar a recontar e narrar as alegrias e tristezas enraizadas em cada hectare de arroz plantado, morreram antes de eu pensar em me fixar enquanto um antropólogo ribeirinho. Minha avó materna, preta retinta, eximia cozinheira e filha do meu Pai João, meu bisavô, faleceu em 1998, quando eu tinha apenas 13 anos de idade.

A morte de minha avó paterna, que morou muitos anos na comunidade Quilombola do Mocambo e de lá trouxe os saberes repassados através das antigas plantações, na lagoa daquele lugar, faleceu em 1989, quando eu tinha apenas quatro anos de idade. Com elas se foram os conhecimentos, os saberes, as memórias e histórias legadas através dos seus pertencimentos ancestrais. Pouco se conta e se narra deste período em minhas famílias.

Mas eu também tenho memórias para reativar, não do período em que se plantava arroz, mas do período em que a lagoa, já sem água, já sem plantio, me servia como ponto aberto para minhas horinhas de descuido. Quando do meu nascimento, ainda muito pequenino, morei até mais de alguns anos, no lado da avenida Bráulio Cavalcante em que a lagoa de cima encontra limites, porém somente anos depois é que a lagoa vai fazer parte, também, deste meu processo de aprendizado e modelagem das experiências de mundo.

Quando criança e adolescente e também jovem, a lagoa seca, já em seu processo de ser campo aberto para o florescimento de outras espécies vegetais e animais, se fixa em meu cotidiano como potencializador de brincadeiras, mas também de conhecimento. Até hoje a minha tia Solange, irmã do meu pai, mora de encontro com a lagoa. O fundo da sua casa se limita em muro (hoje) e cerca (ontem) com ela.

Era atravessando essa cerca feita de pau e arame, que seus filhos, Neto e Rodrigo, outros primos, amigos e eu, saímos, ou pela manhã e pela tarde, para se aventurar pelas arvores e plantas espinhentas da caatinga. Corríamos, nos escondíamos, mas o que mais procurávamos fazer, era caçar e pegar rolinha- (caldo- de- feijão, fogo- pagou e a rolinha-de-asa-canela).

Com petecas (estilingue) comprados na feira, muitas das vezes feita por nós, com pedaços de pau (madeira) encontrados pela gente e ou feitas pelos adultos, possuíamos ainda pequeno bornal, que servíamos tanto para colocar o soro (elástico), caso danificássemos o que estava em uso, quanto para colocar as pedrinhas cuidadosamente encontradas enquanto se caminhava por dentro da lagoa, mas também para colocar a rolinha que, com sorte e muita destreza pudéssemos capturar, atingida e já sem vida.

Do quintal e dos quintais, já que não somente tia Solange ficava nos vigiando e gritando por nós, quando íamos muito longe, mas também outros vizinhos, como Dona Valdice, avó de Geovanny, Regis (Parea) e Aparecida, pai e mãe de Germinio, Dona Eliza avó de Idalmir, tio Gumercindo, bisavó de Neto, Rodrigo, avó de João. Muitos eram os olhos que vigiavam. Muitas eram as bocas que gritavam por nós.

E já naquele tempo eu não temia a caatinga, não tinha medo de cobra e qualquer outro bicho que pudesse aparecer em nosso caminho. A fauna e a flora tinham se modificado para outra coisa. Ali não mais encontrávamos vestígios de arroz. Nenhuma outra voz cantava as antigas cantigas, nenhum corpo se agachava para plantar as sementes e mudas do arroz. Nenhuma mão colhia mais o cereal que levava para as casas, o sustento de muitas famílias.

A lagoa era então adormecida, silenciada pela não presença do rio, das águas que entravam, desafiando o tempo e força da evaporação. E nós não

tínhamos noção da magnitude e importância daquele lugar para as nossas famílias. De tudo que se construiu por dezenas de anos, por um longo período da vida dos nossos antepassados. Talvez até hoje, muitos da minha geração ainda não compreendam a importância daquela lagoa para a constituição de traços particulares que estão enraizadas na vida das pessoas que vieram antes de nós.

A imagem a seguir é da lagoa de cima, em um período de muita cheia. A água que outrora ocupava todo o território, como falei anteriormente, hoje está tomado pela imensidão de árvores, plantas e espécies nativa da caatinga. O rio não tem mais força suficiente para torna-la irrigável e nem abastecida de capacidade lenticas de existir sobre o mundo da catástrofe e das ruínas.

Por onde se ver água, eu, juntamente com primos, irmão e amigos, percorri tudo atrás de capturar rolinhas e experiências compartilhadas de vidas para além e continuidade das margens do rio.

IMAGEM 17: lagoa de cima cheia, na cidade de Pão de Açúcar.



Foto retirada da página “Pão de Açúcar antiga”

A cultura do arroz, como já foi dito, se estabeleceu nas lagoas marginais com a chegada dos jesuítas a região do baixo São Francisco, já com a chegada da frota de Pedro Álvares Cabral, o arroz foi introduzido no Brasil. Assim como o gado e outros elementos provenientes dos processos de invasão colonial, o arroz também não era uma espécie conhecida pelas populações indígenas e nem pelas populações de africanos escravizadas.

Segundo Ana Rita da Costa Pinto [et al], nutricionista, especialista em tecnologias de alimentos e analista da CONAB (Companhia Nacional de Abastecimento), vinculado ao Ministério da Agricultura, em capítulo publicado no livro: A Cultura do Arroz, produzido pela própria CONAB, 2015, pontua que os primeiros registros da cultura do arroz se deu em 1530 na capitania de São Vicente e que só depois começou a se espalhar por outras regiões do litoral brasileiro, sempre em pequenas lavouras de subsistência, com maior destaque para a região nordeste.

Foi nesta região e sem sombra de dúvidas, nos leitos do rio São Francisco que foram desenvolvidas as plantações em áreas de várzeas, cuja produção dependia principalmente dos períodos de inundações regulares que aconteciam todos os anos. Inundando o solo, as águas do rio estabeleciam nas lagoas, propiciando o acúmulo de nutrientes e o manejo sustentável do solo, ao passo que proporcionava o crescimento e desenvolvimento da orizicultura, que para o seu sucesso, dependia exclusivamente das condições climáticas.

O desenvolvimento da cultura do arroz em áreas de várzeas ao longo do rio São Francisco, representou o meio mais viável e mais eficiente pelos recursos tecnológicos que se tinham desde o período colonial invasor até meados do século XX. Representou, sobretudo a eficiente capacidade do arroz em se adaptar as diferentes condições de solo e clima, com especial atenção para o clima quente e seco dos sertões de Alagoas e Sergipe, com seus solos mais áridos e secos, inundados com as águas que jorravam das cheias do rio.

Ao passo que também se desenvolveu bem nas regiões mais quentes e úmidas, nas proximidades da foz do rio, desempenhou papel estratégico no controle

sobre as populações rebeldes e rebeladas, até o fim da escravidão, tanto no sertão, como no agreste e no litoral. Assim, o cultivo do arroz, para além de desempenhar seu papel econômico, formou em seus primórdios, quando as técnicas e tecnologias estão sob o domínio do opressor, sejam eles jesuítas e ou os fazendeiros e arrematadores de terras, um contingente populacional domesticado a partir do próprio alimento que produziam.

Em seu texto intitulado, “Agenciamentos Políticos da “Mistura”: Identificação Étnica e Segmentação Negro-Indígena entre os Pankararú e os Xocó, o antropólogo José Maurício Andion Arruti (2001), estabelece um panorama sobre as disputas que se desenrolaram ao longo das margens sergipanas do rio São Francisco, entre as comunidades de remanescentes quilombolas do Mocambo e dos indígenas Xokós, com os fazendeiros da região.

Em especial com aqueles que por muitos séculos foram, sucessivamente, seus algozes, retirando entre outras coisas, a terra e seus territórios, bem como os modos de produção e saberes ancestrais que os ligavam diretamente a cultura do arroz e seus vínculos familiares e de parentesco.

Neste texto, Arruti, tenciona o conceito de mistura, articulando os modos como este vai, ao longo do tempo sendo moldado e reconfigurado até que sua instrumentalização e operacionalização contribuam para o fortalecimento de identidades distintas (indígena e quilombola), mas, que por serem fruto das fronteiras e dos encontros contínuos, entre ambas, no fortalecimento e direcionamento de suas lutas, acabam sendo complementares, fluidas e revestidas de sentidos que estão bem posicionadas a partir dos encontros, disjunções e oposições políticas e ideológicas.

São complementares porque os processos de invisibilidade e de expropriação de suas vidas, de silenciamento de suas vozes e memórias, esteve registrado em documentos oficiais desde a segunda metade do século XIX. Em Sergipe, relatórios provinciais dão conta de que, já em 1853, não existiam mais territórios e povos indígenas vivendo no estado (ARRUTI, 2001), o que conota para uma ideia de mistura como sendo fundamental para a conformação de uma sociedade sergipana, ribeirinha em especial, localizada geograficamente onde

antes existia a missão de São Pedro, território do Povo Xokó e dos seus vizinhos negros libertos do Mocambo e tratados como mão de obra das fazendas.

A lei de terras de 1850, que leva à repartição das margens do São Francisco entre membros da elite estadual para aí instalarem fazendas de gado, não repercute apenas sobre a Missão indígena. Os “ne gros-do-pé-da-serra” também são expropriados de seus ranchos e de sua autonomia produtiva para se rem reunidos em núcleos residenciais com pactos e subordina dos às três fazendas, Niterói, Jaciobá e Mocambo, em que seu antigo território foi dividido. Passam a trabalhar como diaristas ou meeiros daqueles fazendeiros nas lagoas de arroz, das quais antes usufruíam livremente. (ARRUTI, 2001, p. 238).

A mistura, que por séculos passa a ser vinculada ao poder dos colonizadores, do império e das classes econômicas no início do século XX, em contraposição as diversidades étnicas encontradas dispersas e agrupadas nas margens do rio, em meados dos anos 70 e 80 passa a não fazer sentido ao compreender as organizações políticas, sociais e culturais destas duas localidades.

Tendo em vista, que mesmo tendo vínculos familiares entre uma e outra, eles souberam articular estratégias de retomada dos seus territórios e identidades, que os ligam, mas também que os separam, em forma e conteúdo, tendo sempre em mente, que seus territórios estão imbricados, costurados, em uma clara oposição aos fazendeiros e comunidades vizinhas.

Neste aspecto, cabe aqui evocar a noção de aliança, como sendo fundamental para a compreensão das conexões que foram sendo feitas por ambas as comunidades, tendo o cultivo do arroz em várzeas, sendo determinante para a consolidação dos termos políticos e de agenciamento que levaram tantos os remanescentes quilombolas, quanto os indígenas Xokós, a estarem lado a lado nas duras batalhas no reconhecimento de suas identidades, na própria aceitação desta por parte dos moradores do Mocambo, e na retomada de seus territórios sagrados e ancestrais.

Ainda em seu texto, Arruti (2001), descreve um entre tantos episódios que demarcam a centralidade na cultura do arroz, como sendo determinante no fortalecimento de alianças, mesmo quando os moradores do Mocambo, ainda

estavam economicamente, vinculados aos fazendeiros. Para o autor, 1992 demarca temporalmente a retomada de “consciência” dos quilombolas frente as suas reivindicações e direitos.

Em 1992 um incidente serve como catalisador dessa conexão. Nesse ano, em função do acordo firmado pelos Xocó sobre os limites de seu território aparentemente deixar de fora suas terras, os novos proprietários da Fazenda São Francisco mudam sua estratégia. Permitem que as famílias do Mocambo voltem a plantar arroz na lagoa, mas sob novas condições, segundo as quais os trabalhadores perdiam uma série de direitos anteriormente reconhecidos. Inesperadamente, no entanto neste mesmo ano, esoura novo conflito que leva os índios a acamparem nas terras da fazenda, em torno da lagoa de arroz. Apesar de evidente mente delicada, a situação não impe de que os laços de solidariedade fossem acionados e que as famílias do Mocambo dessem assistência às famílias Xocó acampadas. Em retaliação a este apoio, os proprietários proíbem a colheita do arroz já maduro e soltam o seu gado sobre ele, além de interdita rem o trânsito entre as duas comunidades e instalarem jagunços no local. (Idem, 2001, p. 241).

A descrição feita por Arruti (2001) encontra eco no que propõe Frantz Fanon (1968), em os “Condenados da Terra”, quando analisando os processos de descolonização da Argélia, é categórico ao afirmar que os processos coloniais em seu sentido mais amplo são violentos, e que acabam reverberando também nas inúmeras e recorrentes tentativas de descolonização. Já que e, sobretudo, tais processos se dão através do encontro de duas forças antagônicas, que pertencentes a visões de mundos distintos, dentro de uma mesma abrangência territorial, a partir de tomada de consciência da parte colonizada, criam tensões e confrontos violentos que culminam na desordem e na criação de outros mundos possíveis.

No caso descrito e analisado por Arruti (2001), indígenas Xokós e os remanescentes quilombolas do Mocambo, estavam em constante oposição com os descendentes dos colonos, os fazendeiros, e cujos territórios as margens do rio, permanecia sendo o principal catalisador desses embates, confrontos e violências de ordem física, moral, econômica, social e psicológica.

A violência que presidiu ao arranjo do mundo colonial, que ritmou incansavelmente a destruição das formas sociais indígenas, que arrasou completamente os sistemas de referências da economia, os modos da aparência e do vestuário, será reivindicada e assumida pelo colonizado no momento em que, decidindo ser a história em atos" a massa colonizada se engolfar nas cidades interditas. Fazer explodir o mundo colonial é doravante uma imagem de: ação muito clara, muito compreensível e que pode ser retomada por cada um dos indivíduos que constituem o povo colonizado. Desmanchar o mundo colonial não significa que depois da abolição das fronteiras se vão abrir vias de passagem entre as duas zonas. Destruir o mundo colonial é, nem mais nem menos, abolir uma zona, enterrá-la profundamente no solo ou expulsá-la do território. (FANON, 1968, p. 30).

Nessa conjuntura, a cultura do arroz, introduzida pelos jesuítas no período colonial, servindo de elemento de domesticação e de expropriação dos territórios já habitados pelos povos originários, devemos prestar atenção para este fato, que passa despercebido na leitura e nas análises feitas por Arruti (2001), se torna também um elemento que sobre o qual se produz e se edifica os caminhos que conduzem Xokós e quilombolas do Mocambo, na retomada de seus lugares e sobre os quais lutam corpo a corpo, mas também nas instâncias burocráticas e de poder estatal, até alcançarem a garantia de seus direitos sobre os usos comuns das terras ocupadas por ambos os grupos.

Quando então libertos e conseqüentemente moldados, pelas raízes e brotos que emergiam das várzeas e lagoas nas beiras do rio, produtores e produtos criavam seus próprios sistemas de interação, de ressurgência e abundância. Se utilizando dos ciclos naturais, das chuvas, cheias e clima favorável, homens e mulheres preparavam as lagoas, sem muitos esforços - estes aqui entendidos como sem a necessidade de grandes maquinários, tecnologias - já que a grande parte do trabalho era feito pelas ações dos componentes abióticos, entre eles, os componentes orgânicos e as substâncias inorgânicas, níveis de oxigênio e outros gases, além da temperatura.

Em seu artigo intitulado, *Cultura de Arroz por via Natural de Enchentes: uma análise ambiental*, o geógrafo Reginaldo Gouveia dos Santos (2009), procura estabelecer as principais características encontradas nas plantações de arroz no município ribeirinho de Porto da Folha, na margem sergipana do rio, destacando,

entre outros fatores, que a cultura do arroz ali desenvolvida até o final da primeira metade do século XX, se destacava pelo sistema regular de enchentes, cujas funções humanas eram de preparar, plantar e colher, já que todo o resto dependia exclusivamente dos ciclos naturais, cujo o rio era seu principal agente modelador.

Merece destaque, neste sentido, o preenchimento das lagoas através das enchentes sem a necessidade da força humana em tal ação. Além disso, essas lagoas eram normalmente modeladas pela própria natureza, por meio da força das águas e o depósito de sedimentos aluviais (fertilizantes naturais). Neste caso, o arroz era plantado no alagado e, antes de tudo, as lagoas eram preparadas para o cultivo da lavoura, não existindo herbicidas para combater as pragas. Ao invés do uso de agrotóxicos, havia, naquelas intermediações revoadas de pássaros que protegiam as lavouras das pragas. Bonecos de pano eram instalados em meio às lagoas para que no intervalo, desde a entressafra até o fim da colheita, a produção não fosse ameaçada por tais pássaros. Estes que, ao final da colheita, se alimentavam com as sementes que se perdiam espalhadas pelo solo. Todo período de entressafra colaborava com a presença daqueles, pois de uma forma ou de outra, pouco ou muito, se alimentavam da lavoura e de outras sementes vegetais naturais da caatinga, preservando, assim, a identidade natural regional. (SANTOS, 2009, p. 32).

A descrição muito bem elaborada por Santos (2009), sobre o ciclo reprodutivo do arroz ao longo do baixo São Francisco, deixa claro que havia combinações de organismos distintos para o seu pleno desenvolvimento. Anna Tsing (2019), denomina de assembleia (*assemblage*), esses agrupamentos de organismos que ocupando uma mesma paisagem trabalham coordenadamente para a transformação destas, ao mesmo tempo em que se desenvolvem e ampliam suas experiências de vida.

Rio São Francisco com suas cheias e fertilizantes naturais, às lagoas e suas condições inundáveis, solo receptor de resíduos e nutrientes, as ações humanas com suas técnicas de preparo, plantio e colheita, e os pássaros que combatem as pragas e espalham sementes. São os elementos construtivos das paisagens de arroz que se formavam ano após ano, renovando não tão somente os efeitos sociais e econômicos de sua produção, mas principalmente, o sonho de viver em profundas conexões com o rio.

Mesmo as perturbações humanas, demarcam, sobretudo, a possibilidade de se perturbar paisagens e ambientes, sem que violentos danos fossem causados aos processos de habitabilidade, seja de espécies animais e plantas, seja dos humanos e do próprio rio.

Em “Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras”, Anna Tsing (2015), propõe uma reflexão e uma releitura sobre o conceito de domesticação e suas implicações para as condições da habitabilidade no planeta. Traçando os fios da história da humanidade, ela nos lembra como a noção que as populações tinham sobre domesticação de cereais, se assentavam antes de tudo sobre a sobrevivência de formas de dominação do Estado em diferentes contextos históricos. *Porém, o que manteve e estendeu o cultivo de grãos foi a emergência das hierarquias sociais e a ascensão do Estado.* (TSING, 2015, p. 186).

Neste sentido, mesmo a cultura do arroz sendo vinculada aos períodos de expurgação das diferenças biológicas e culturais entre povos indígenas e seus algozes, sendo tratada aqui como uma espécie invasora, tal realidade que se estendeu com grande significância e agressividade por longos séculos até nossa conjuntura contemporânea, trouxe para as margens do rio o dinamismo e a diversificação tanto da paisagem – atrelada por muito tempo aos currais – bem como modos outros de combinações ecológicas, fazendo florescer coordenações multiespécies, não só entre humanos e o arroz, os pássaros e o rio, mas também com outras culturas agrícolas, como feijão, mandioca e milho, que já eram de cultivo próprio destas populações.

Ao contrário das plantations de cana-de-açúcar com sua característica de se desenvolver sem apreciar a diversidade, que se espalharam pelo Nordeste, e que também foram presentes em menor volume no baixo São Francisco, a cultura do arroz nas várzeas e lagoas as margens do rio, assim como fungos, cogumelos e cereais rastreados e analisados por Anna Tsing (2015), não podem viver sem suas espécies companheiras, sem apreciar e vibrar com a diversidade ecológica que se entrelaçavam no nascer de uma nova manhã, cuja às águas do rio se constituíam como catalizadora dessas alianças e assembleias.

Assim, junto as plantações de arroz, era comum encontrar dividindo a mesma paisagem, o milho, algodão, abobora, feijão, melancia, melão, que nas terras mais enxutas e menos alagadiças, promoviam seus sistemas de autodefesas contra as pragas, contando com a ajuda, entre outras tantas, dos pássaros que fazem do sertão seu lugar de morada e reprodução. As seleções das sementes eram feitas tanto pelos lavradores e lavradoras, bem como pelas aves, que vinculadas à proteção, vivam suas relações transformadoras.

Chamou a atenção, neste caso, a presença de pássaros que sobrevoavam as lavouras devido à bela paisagem e densa vegetação que existiam margeando as várzeas pois os mesmos eram os principais combatentes dos insetos que ameaçavam a cultura vazante no BSFS⁹ [...]. (SANTOS, 2009, p. 31).

É importante salientar que, como vemos no trecho citado a cima, a densa vegetação característica das áreas de várzea ao longo das margens do rio, não só contribuíam para a continuidade da produção do arroz, bem como colaborava para a peregrinação de aves ao longo de todo o ciclo reprodutivo de outras espécies de alimentos, estabelecendo contínuas costuras e rearranjos ambientais que não permitiam o desmatamento e nem tão pouco a degradação por parte do componente humano inserido nestas relações multiespécies.

A cultura do arroz, então era responsável por domesticar não só a sua própria cadeia produtiva, mas por assim dizer, o comportamento dos humanos que dela faziam parte, mesmo que eles nunca estivessem totalmente sob controle. Domesticavam porque diferente das ações não humanas, o humano estava longe de ser autossuficiente, e continua estando. Eles dependiam, sobretudo, de paisagens vivas, interativas, com o rio aumentando seu nível e volume, no momento certo, com o período de chuva regular, com a vegetação do entorno livre de interferências agressivas.

Ao passo que mudanças significativas e grandiosas vão moldando as margens e o próprio rio, há também mudanças nos modos de se fazer produção e

⁹ Sigla para “Baixo São Francisco Sergipano.

produto da grande aliança multiespécies, técnicas, habilidades, ritmos e práticas, vão sendo reordenadas cotidianamente.

Além disso, não ocorria o desmatamento daquela área de maneira devastadora, porque a própria ação da natureza colaborava com o lugar, de forma que não era necessário desmatar a várzea para plantar o arroz juntamente com as outras diversas culturas. Isso se justifica também porque as referidas inundações impediam o crescimento de vegetações rasteiras naquele lugar e, no momento da estiagem, quando aquela área se encontrava plenamente seca, a grande intensidade do sol colaborava com a interrupção do avanço desse tipo de vegetação. (Idem, 2009, p. 33).

Nestas justaposições que se formam em torno da orizicultura, é possível também pensar e recusar as fragmentações e os muros que giram em torno das concepções de natureza e cultura como polos opostos e distintos. Mais que isso, como ficou demonstrado na primeira parte destes escritos, foi a partir do acúmulo de observância, de repetição e de modelagens dos corpos, das técnicas e das habilidades, que os arrozais se expandiram para além das várzeas, das lagoas e da beira do rio, eles invadiram as casas, construíram modos particulares de celebração a fartura, a comida e ao bem viver em comunhão com o rio.

As paisagens estabelecidas pelos arrozais e suas espécies companheiras, propiciaram aos seus participantes humanos, a elaboração de linhas de vida (Ingold, 2015), cujos os emaranhados estavam também carregados de fatores cosmológicos e rituais, que descendiam diretamente das tradições indígenas e africanas. Tais paisagens faziam emergir os pensamentos, as sensibilidades, os fluxos vitais e as representações expressas em cantigas e danças, cujos pés estavam quase sempre, mergulhados no barro e na lama. Moldando a terra, mas também moldando seus próprios sentidos. Resistindo, confrontando inúmeras tentativas de serem jogados para além das margens do rio.

A transformação biológica das pessoas e das plantas que acompanhou a agricultura intensiva de cereais pode ser entendida de melhor forma, portanto, por meio do advento dos arranjos sociais hierárquicos e pela constituição do Estado. Estados encorajam o estabelecimento de fazendas sedentárias e estáveis. O Estado incentivou unidades domésticas de base familiar e garantiu as

formas de propriedade privada e herança que traçaram linhas dentro e entre famílias. (TSING, 2015, p. 186).

As batidas nas mãos, o cantar dos pássaros, o vento tocando as folhas da vegetação, o sol penetrando sob os corpos negros, ritmavam os versos que saíam, contando causos, das bocas dos homens e mulheres, intérpretes de suas próprias alegrias, tristezas. Intérpretes das suas próprias e diversas formas de ser de ciclos, que se iniciavam e findavam através do arroz. Que povoavam as margens do rio, tradutores e narradores das experiências que brotavam continuamente com o findar de um ciclo e nascer de outro, sem que houvesse alterações profundas e violentas nas dinâmicas ambientais, tanto das várzeas, mas principalmente do rio São Francisco.

Todos, em suma, criavam condições e multirelações coordenadas capazes de tornar o ambiente habitável para cada um existir e viver ao seu modo, mas sempre e, portanto, complementares, fonte de toda destreza, diversidade e amplitude. Mundos diversos e amplos eram realizações não só capazes, mas possíveis.

Ao intensificarem seus esforços para alimentar populações humanas cada vez maiores, os agricultores se concentraram num conjunto cada vez menor de plantas e para um conjunto ainda menor de formatos de família. Entretanto, a padronização dos cultivos e de suas famílias humanas não se completou em nenhum lugar. Onde quer que o poder do Estado tenha se atenuado, paisagens de maior biodiversidade e de maior diversidade social continuaram a proliferar. Entretanto, o modelo idealizado de confinamento padronizado foi uma força poderosa por si mesma para manter as margens na marginalidade. (Idem, 2015, p. 187).

As práticas costumeiras de muitas famílias nas margens do rio, perpassavam muitas das vezes, pelo cotidiano das plantações de arroz, evocando narrativas que foram sendo trilhadas nas travessias de um rio e de um tempo, em que floresciam cotidianamente, histórias cruzadas com os corpos que não só cultivavam e colhiam o arroz, mas que dançavam nas margens, embalados pelos sambas de coco.

De corpos que performavam para além dos seus próprios corpos, das suas próprias maneiras de ser e estar no mundo, nas margens. Carregando a beleza da gente simples e dos seus modos distintos de se fazer nascente em cada ribeira que purificava e desaguava no *Opará*, multiplicando a existência de mundos que se

formam e se formavam dentro e fora do rio. Por isso, as veias do rio são ambientes e lugares que, povoados por relações mais que humanas, se celebram os ritos do se desenrolar a vida em comunidade.

Neste aspecto, o arroz e o rio, potencializavam habilidades, evolução dos processos sociais com outros humanos e com outras espécies não humanas, ultrapassando os limites impostos pela tradição, evocando entre outras coisas, o seu poder individual de percepção sobre a sua própria comunidade.

Tendo percorrido um pouco sobre a não memória e não lembrança do período em que minhas famílias, tanto materna, quanto paterna plantavam arroz na lagoa de cima, cabe-me aqui, ancorado no presente, estabelecer uma conexão com o passado através da Família, popularmente conhecida em nossa cidade, como a família Bamba.

Esta família é bastante conhecida em nossa cidade. Formada muito fortemente por pessoas pretas/ negras, se constitui como um ponto de referência sobre a continuidade do legado ancestral africano em nossa comunidade. A matriarca, a Yalorixá Terezinha de Bamba, herdou de seus pais o zelo pela religião de matriz africana, desde pequena era encontrada em rodas e giras da Umbanda em Pão de Açúcar, onde mais tarde viria a fundar o seu terreiro, o Centro São Jorge, em homenagem também ao Orixá Oxóssi.

Para além das funções religiosas, bastantes difundidas em nossa sociedade, se constituindo hoje como o único terreiro abertamente em atividade, a família Bamba, também é reconhecida por ter sido bastante presente durante os tempos de fartura das plantações de arroz em Pão de Açúcar. Ocupando a lagoa do Parujé, com outras famílias, os Bamba plantaram e colheram por décadas o arroz e construíram assim, um legado que produziu e ainda hoje produz um desvio existencial neste mundo enrijecido pela cultura material e de dominação capitalista.

Eles e elas operam no campo das dimensões espirituais, cósmicas, da memória ancestral, do vínculo estabelecido com caboclos, Orixás, Pretos Velhos, Marujos, seres das águas e principalmente com uma memória vinculada a lagoa, a plantação de arroz e mais precisamente com seu Pai e sua Mãe, que desencarnou em 2020, vítima da Covid-19.

Para eles e elas (oito irmãos e irmãs, além de filhos, sobrinhos, netos, genros, noras), as plantações de arroz, demarcam em suma, possibilidades para explicar suas existências através de práticas diferentes e outras de saber, de vir a ser, inclusive se opondo (não intencionalmente) e enfrentando as ausências impostas pela morte, já que quando dançam, cantam, se expressam, se comunicam, Dona Terezinha de Bamba, se faz presente.

Sua presença é sentida, entendida intensamente por aqueles e aquelas que não tiveram a oportunidade de conhece-la. Meu encontro com ela se deu ainda muito mais jovem. Nunca tive uma aproximação mais firme ao ponto de poder conversar com ela. A conheci através de um dos seus filhos, o mestre Laercio de Bamba, quando lá nos anos de 2003, 2004 e 2005, passei a integrar o coco de roda Choro de Bela, que traz em seu conjunto de ritmos, cantigas e colorido das roupas, os saberes e sons oriundos das antigas plantações de arroz, em que Laercio também aprendeu com seus pais e irmãos e que ainda hoje transmite para muitos jovens e adolescentes de Pão de Açúcar.

Recentemente, a família Bamba, através da sua mais velha e Yalorixá Grancinha de Bamba, junto com seus irmãos e irmãs, organizaram o que eu, na ocasião, batizei de “replântio das tradições do cultivo do arroz”. Claro que eles e elas não denominam dessa forma e nem tem um nome e ou título para o que eles consideram como uma homenagem aos seus antepassados, seus pais, mas também aos antepassados de outras famílias que ali também estavam.

Com umas três semanas de antecedência, o mestre Laercio me convidou para participar desse momento junto com sua família, para ele, poucas pessoas tinham sido convidadas para estarem participando desse momento festivo e de reafirmação de suas memórias, da alegria de estarem na beira da lagoa e revivendo os tempos bons do plantio de arroz.

Foi em um sábado de calor intenso, marcado para fazerem a caminhada da residência de seus falecidos pais e onde também fica a sede do terreiro Centro de Umbanda São Jorge, que às 10:00 horas da manhã, que eles saíram em grupo e caminhando e ou através de veículos, se dirigiram até as margens da lagoa do Parujé, local que celebravam e faziam os grandes batalhões de arroz, para então

sentirem a emoção de reviver e cantar as alegrias, as dores e saudades de um tempo prospero.

Quando cheguei na residência, eles e elas já tinham saído, tendo que me deslocar até lá juntamente com o mestre Laercio, que ainda se encontrava em sua casa e que me deixando lá, deixou sob os cuidados de sua irmã e Yalorixá Gracinha. Lá já estava boa parte de sua família, seus outros irmãos e irmãs, sobrinhas, familiares dos antigos plantadores e plantadoras, alguns vaqueiros e aboiadores, amigos e amigas da família.

Debaixo de uma tenda branca, armada para facilitar a estadia de todos e todas naquele dia bastante quente e ensolarado, pouco a pouco mais pessoas iam chegando, se sentando, conversando, lembrando historias, contando causos, tirando rimas e versos, fazendo aboios, toadas. Sorriam e cantavam, gritavam, se cumprimentavam.

Pouco a pouco mais pessoas foram chegando. Carro de som, homens, mulheres, crianças. A festa ia ficando cada vez mais animada, ainda maior, mais calorosa e partilhada com muito afeto. Cada pessoa que chegava trazia consigo alguma memoria, lembrança, causo e história que viverá com a família Bamba, sempre tendo o arroz e os grandiosos batalhões, a lagoa como potência relacional de vidas que se cruzavam e que ainda hoje permanecem entrelaçadas.

A lagoa está ali, com pouca água, resquícios ainda da última enchente que deu no início do ano de 2022, mas também pela temporada bastante farta de chuvas que caiu de maio até agosto e que ainda continuou caindo nos últimos meses. Um ano atípico no sertão alagoano. Me aproximo ver de perto a lagoa e a Mestra Gracinha, se aproxima de mim e começa a explicar como se dará o ritual de reviver o tempo de plantio de arroz.

Passa do meio dia quando então, começam a se organizar. Os homens e mulheres passam a se trocar dentro da casa. Se vestindo, começam então a incorporar uma vida e ou uma identidade que estava adormecida enquanto fruto da ausência das condições ambientais e necessárias para que o arroz voltasse a brotar de dentro da lagoa. Sorridentes, com brilhos nos olhos, os homens e as mulheres, sentem que na inconstância dos dias, aquele era certamente o mais completo.

Suas relações então, como nos diz Ingold (2015), estão sendo atreladas e experienciadas através dos movimentos, da vida sendo vivida através das trilhas, dos sons e dos cheiros, das dores e dos alívios na hora da colheita e no pós colheita, quando os sacos de arroz dão lugar as danças e cantigas, da celebração do nascimento e da vontade de comer o que lhe transporta para a felicidade.

Ao passo que plantam, colhem e pisam o arroz, elas e eles se fazem vivas e vivos, refazem aos seus modos, rompendo seus limites, o continuar de uma tradição, enriquecendo-os e o mundo do qual fazem emaranhar, sem fragmentar, sem hierarquizar, apenas narrar, tornado- o criativo, passivo de atualizações. *A vida, em suma, é um movimento de abertura, não de encerramento.* (INGOLD, 2015, p. 26).

Uma vez que reconhecemos, contudo, que desenvolver uma pessoa deve produzir não uma consciência fora do mundo, mas um ser completo em um mundo, então é necessário reconhecer que neste desenvolvimento também está a produção de tudo que permite à pessoa seguir sua vida: suas habilidades de percepção e ação, sua língua, suas residências e instrumentos, suas instituições, e assim por diante. (Idem, 2019, p. 15).

Nestes termos, dona Gracinha, Laercio, seus irmãos, parentes e amigos, sua mãe, o arroz, o rio, a lagoa, a lenha e o lugar onde elas e eles habitam, só existem enquanto tais, com suas características, com seus traços particulares e abrangentes porque estão envoltos, por livre vontade e doação, por perturbações humanas e não humanas em trabalhos colaborativos em expansão no tempo e nas margens. Todas e todos estão agindo por coordenação, cujo rio, é o fio condutor dessa trama relacional e ecossistêmica. Juntos e juntas, se definem, fortalecem uns aos outros e outras, se expandem para si mesmos e para o mundo.

Para além do caminhar, essas outras práticas e performances, simultaneamente, são produções criativas e perceptivas que agem sobre a paisagem são franciscana. Não produções perceptivas através de habilidades naturais, mas e, sobretudo, fruto das operações compartilhadas em conjunto, em assembleia, que ao produzir seus caminhos partilhados, estão também produzindo ações reflexivas e sistematizadas no presente. Tradições são herdadas, mas elas

também são transformadas, reorganizadas, fluidas e envolventes, como são as marés que reorganizam as margens.

Fazendo uma meia lua bem próximos à beira da lagoa do Parujé, dona Gracinha, seus irmãos e irmãs, juntamente com outras pessoas que também plantavam arroz, iniciam a vivência encantada dos seus corpos que estão agora livres para serem tomados pelas memórias e histórias de outro tempo. O presente (quente) se mescla (sem barreiras) com o passado. O arroz e a lagoa deixam de ser protagonistas do passado, para serem elos (instrumento) de prática de liberdade e diferença em mundo que ataca a diversidade e as raízes de resistência.

Então dona Gracinha inicia querendo saudar e reverenciar seus antepassados, seus pais e todos aqueles e aquelas que naquele território sagrado plantaram, não só o arroz, mas também esperança, legado, tradição e resistência. De mãos para cima, todos e todas rezam o pai nosso, acompanhado de uma ave maria. E cantam:

*“...esperando que cheguem as almas, tão puras e tão belas para visitar, Jesus nosso pai, Jesus redentor. Te adoramos na eucaristia, Jesus e Maria, Jesus rei de amor. Te adoramos na eucaristia, Jesus e Maria, Jesus rei de amor.
Brasileiro quereis que essa Pátria, tão pura e tão bela, seja serena. Como daí, como daí todo dia, a eucaristia, é livre e nos dá...
Jesus nosso pai, Jesus redentor. Te adoramos na eucaristia, Jesus e Maria, Jesus rei de amor. Te adoramos na eucaristia, Jesus e Maria, Jesus rei de amor.”*

Esse cântico, é também ouvido constantemente em celebrações da Igreja católica, sempre e durante a semana santa, mas também em outras liturgias que fazem parte do calendário litúrgico. A forte presença do catolicismo é um aspecto fundamental para entender as relações que foram sendo estabelecidas na formação da nossa sociedade e de todas as comunidades ribeirinhas do São Francisco.

Passado esse rito inicial, pedindo pela interseção dos seus antepassados e pedindo a Jesus e Maria que permita que todos tenham o descanso eterno, dona Gracinha então começa a cantar as primeiras rimas que denotam para a chegada do plantio de arroz entre nós, seguindo das outras vozes daqueles e daquelas que se transformaram pela e através das plantações de arroz.

*“... é hoje, é hoje, é hoje o nosso dia, é hoje o nosso trato de nós ir
buscar Maria, eítá! É hoje, é hoje o nosso dia, é hoje no nosso trato
de nós ir buscar Maria, eítá!
Oi Lé a lá, lê a lagoa!
Oi lê a lá, Lê a lagoa!
Oi lê a Lá, lê a lagoa, Bela menina!
Lê a lá, lê a lagoa, Bela menina!*

Enquanto entoam os primeiros versos, ex- plantadores e plantadoras de arroz, comandados por dona Gracinha, enfileirados vão se aproximando cada vez mais da lagoa e se abaixando, começam a plantar as primeiras mudas. Com o solo úmido e em contato profundo com a água da lagoa, as mãos calejadas pelo tempo, desses corpos negros, que reverberam resistência e formas dinâmicas de encantar o mundo.

Vejo em cada rosto, em cada olhar sereno, o encantamento por, mesmo que era uma atividade dura, penosa, estarem ali mais uma vez. Adiado, ainda que tardiamente, a queda do céu, o encerramento de lembranças que não se diluíram com o tempo. Cantando, dançando, plantando mais uma vez o arroz, estão (é importante salientar), sem intenção, passando por cima das catequizações, das hierarquizações, das tentativas inúmeras de silenciamento, de uniformidade da vida.

Os fogos anunciam que ali estão acontecendo algo de muito importante. Evidencia a retomada, que o mundo de ontem está hoje interagindo com o presente, ensinando mesmo sobre uma vida debruçada na oralidade, na formação de assembleias vivas entre homens, mulheres, lagoa, arroz, rio São Francisco e a ancestralidade negra. E cantam:

*“Oi, feche a porteira do meio Mariquinha,
Para esse boi não passar, Mariá!
Oi, feche a porteira do meio Mariquinha,
Para esse boi não passar, Mariá!”*

Esses dois versos se repetem mais algumas vezes, até que a Mestre Gracinha, se lembre de outra cantiga e ou que seus irmãos possam também se lembrar. Ela então se levanta do agachamento natural para quem era acostumada a plantar arroz. A curvatura do corpo também é a posição indica para quem tem a

Orixá Nanã como Mãe, como é o caso da lalorixá que agora comanda o terreiro herdado de sua mãe.

Nanã, como mencionei no capítulo anterior, é a Orixá da lama, do barro, do encontro da água com o barro, com a terra, como acontece entre a lagoa e sua margem. No meio da lagoa, há uma enorme concentração de lama e barro. Secando e enchendo, a mistura da água que vem do rio, com a água que se acumula das chuvas, recebem também componentes orgânicos, possibilitando uma concentração de macrófitas aquáticas e outras plantas, também encontradas no rio.

Terminado os movimentos de plantio das mudas de arroz, a mestra Gracinha então, entoa outra cantiga e agachada, com as mãos para baixo e pedindo que recuem e saiam de onde plantaram as mudas, até que todas e todos estejam fora da área demarcada como um novo nascedouro para a futura colheita do arroz. E então cantam:

*“Adeus linda, adeus bela!
Adeus rosinha cor de canela!
Adeus linda, adeus bela!
Adeus rosinha cor de canela!”*

Todos e todas, já em pé, sem uma muda de arroz se quer, batem palma e cantam:

*Pau pereiro, pau pereiro, olha a seca do verão!
Toda folha cai e seca, só o pau pereiro não!!*

*Meu machado novo, eita!
Ele corta o pau, eita!
Meu machado novo, eita!
Ele corta o pau, eita!!
Meu machado novo, eita!
Ele corta o pau!*

Ainda na beira da lagoa, entre uma brincadeira e outra, cantam:

*“Eu vi, eu vi, dois piau nadar!
Beira mar, dois piau nadar!
Eu vi, eu vi, dois piau nadar!
Beira mar, dois piau nadar!”*

*“É hoje, é hoje, o nosso dia!
É hoje o nosso trato de nós ir buscar Maria, eita!*

*Meu automóvel, tomba mais não cai
Cheio de moça, carregado de rapaz, eita!
Meu automóvel, tomba mais não cai,
Cheio de moça, carregado de rapaz! ”*

Depois de terem cantando, batido palmas e dançado dentro da lagoa, virados e viradas para onde acabaram de plantar algumas mudas, a mestra e lalorixá Gracinha, então lembrando reverenciando seu amado pai, o mestre Bamba, entoava a cantiga que segundo ela, era a que ele cantava para encerrar o batalhão de arroz. “*Na virada, na virada, é que é a do mestre Bamba.* ” (Mestra Gracinha). Então, ela acompanhada dos outros e outras participantes cantam:

*“Eu viro aqui! Eu viro aqui, eu viro, viro andar!
Eu viro aqui! Eu viro aqui! Eu viro aqui mais você
Eu viro aqui! Eu viro aqui mais você!
Eu viro aqui, pelo caminho do meio!
Eu trouxe o mestre Bamba, mesmo de cravo vermelho! ”*

Formando uma fila indiana, puxada pela mestra, todos vão saindo lentamente de dentro da lagoa até encontrarem a terra firme. E então essa cantiga, transcrita aí logo acima, serve para fazer esse movimento de saída de dentro da água e também para encerrar o batalhão. Não houve colheita, apenas plantação. Quem sabe, logo não teremos mais um dia para celebrar o arroz sendo colhido, com muita gente, com mais cantiga, com mais bebida, com alegria, memórias, lembranças e continuidade das experiências sendo tecidas nas linhas tênues na beira da lagoa do Parujé.

Com cestos vazios, colocados sobre as cabeças e ou nas cinturas, homens e mulheres, ainda enfileirados, vão de encontro a bandeira branca, que simboliza o início e o fim do batalhão. Geralmente a bandeira era trazida junto com os plantadores e plantadoras de arroz, quando esses acabavam de colher o arroz e junto com o dono da terra, todos levantavam a bandeira, como sinal que o trabalho tinha sido encerrado.

Nas religiões de matriz africana, a bandeira branca é o sinal do senhor do Tempo, um orixá, que tudo comanda, rege e governa. “O tempo dá, o tempo tira! O vento bate e a folha vira! Esse é um provérbio entoado sempre dentro dos terreiros

como sinal de que todos, indistintamente, devem respeitar o tempo que o Tempo determina para cada coisa, para cada ação, para cada momento, para cada acontecimento dentro e fora de um barracão.

Arrodeados da bandeira branca, a família Bamba, sabe e tem ciência disso, que todas as vezes que estão reunidos e reunidas, seja louvando o sagrado, seja em um palco se apresentando e cantando todas essas canções, dançando na pisada do pagode, samba de coco, estão transgredindo, estão expurgando para longe, o desencante do mundo.

Estão continuando com o compromisso e legado assumido pelos seus pais com a ancestralidade africana, com o Axé que emana das gargantas, das mãos se entrelaçando e batendo paô (palmas). Da batida firme dos pés sobre a terra batida, evocando os sons e invencionices que não se findam com o romper do dia, mas transcende para além, bastando somente que mais uma vez, eles e elas estejam em comunhão.

Saindo da lagoa do Parujé, a próxima parada a bordo de nossa canoa de tolda, rumo ao encontro das narrativas sobre a cultura de arroz e suas contínuas transformações paisagísticas, é na comunidade indígena Xokó e também no Mocambo, lá ou aqui, é que o cultivo do arroz se emoldura, se reveste e nasce da coletividade. A água do rio, na beira da comunidade, bate e volta, vem e vai, produz sons e gestos, ensina o menino a remar, a menina indígena a bailar. Quem um dia viu ele ser mais e bem mais que o mar, tem muitas lembranças para contar.

O rio que corre ali é um rio de Yara, Janaina, espelho onde os antepassados e as lembranças, são postos em evidências. O Opará, é flecha que mira o futuro, é nascente, que livra a terra e o território das dores das violências e aflições. Se mirando na margem, homens e mulheres se veem ao longe, mergulhando, refazem seus pensamentos e sentem, choram e derramam gotas de espera, de luta, de batalhas, até que um dia sejam de fato reconhecidos pelas suas diferenças e crenças.

É espelho onde o sol e a lua se enxergam, onde mergulham as vozes e os lamentos dos caboclos Xokós, quem em suas canoas e nas margens fizeram zunir no ar, sopros de luta e resistência. Na beira do rio se apresentavam as ventanias,

que faziam rodopiar as penas brancas das gaivotas, dos cocares, das arvores, cabelos das índias há se banharem nas águas lípidas em dias quentes.

Relembrar é para a comunidade indígena Xokó, retomar, ser e permanecer no mundo. Mais do que contar história, os povos indígenas são, antes de tudo, seres históricos, compreendendo e reativando continuamente suas presenças de ser e está no presente. Ao mesmo tempo em que fazem das marés e ondas de lembranças, de tantas vozes que povoaram a calma dos dias nas margens, das águas mansas e revoltas do velho rio, o seu porto de encontro com seus antepassados.

O corpo do rio está povoado por múltiplos corpos, espíritos ancestrais dos Xokós e este deve ser parte fundamental de suas vivências. Movimentos contínuos de lembrar e esquecer, ser, estar e permanecer, retomar, retomadas são também, e principalmente, elementos constitutivos do se afirmar Xokó, do se afirmar quilombola do Mocambo.

Como nos diz Arruti (1997), em, *Por uma história à contraluz: as sombras historiográficas, as paisagens etnográficas e o Mocambo*, é a partir de 1930 que muitos grupos étnicos do Nordeste, como forma de se opor aos insistentes e perversos modos de ocupações territoriais por parte de fazendeiros e oligarcas, apoiados pelo Estado brasileiro, constroem seus caminhos identitários através dos laços de parentesco, de suas tradições, memórias e rituais.

A força da retomada destas memórias e tradições alterou não só os quadros taxonômicos da ação estatal, como também do campo acadêmico, revelando a necessidade de uma releitura da história indígena do Nordeste, assim como de um campo de análise antropológica próprio, que substituísse as abordagens folclóricas. (ARRUTI, 1997, p. 01).

Neste sentido, ainda segundo Arruti (1997), o samba de coco se constitui para os quilombolas do Mocambo, como fundamental na constituição de um modo de vida particular e que poderia ser sempre acessado, revivescido e remodelado, através da plantação de arroz, reverberando territorialmente na condução dos destinos dos modos de ser coletivo, sendo articulado principalmente pelas mulheres dos territórios negros e indígenas vizinhos, entre os quais estão Mocambo e os

Xokós, cujos limites e diferenciações eram aplicadas mais pelas exposições de palavras, de discursos, do que pelas extensões territoriais.

Desde criança, tendo o meu pai nascido na comunidade do Mocambo, e ainda hoje moram alguns parentes dele, como primos, primas, onde morou tios e tias. Onde também minha tia Izabel, foi por muitos anos diretora da escola, era comum ir muitas vezes durante o ano para lá. A bordo da “Porto Alegre”, lancha da família, saímos muito cedo de casa, muitas das vezes no domingo, outras vezes, em um dia de sábado.

Lá, na comunidade do Mocambo, naqueles dias felizes e festivos, tanto em reverencia a Santa Cruz (padroeiro da comunidade), tanto das celebrações do 13 de maio e mais recentemente, em celebração ao 20 de novembro. Em todas essas celebrações, eles e elas, rememoram, reconstroem, revivem suas histórias de resistência, de luta e de enfrentamento.

Os sambas de coco, portanto, eram articuladores de modos de resistência, pontencializadores de memórias afetivas, rituais e ancestrais. *Importante referência cultural para a comunidade do Mocambo ainda hoje, a realização de "sambas de coco" parece ter funcionado como um centro de gravitação móvel daquela topologia principal vínculo daquelas famílias negras.* (ARRUTI, 1997, p. 11). Além do seu alcance político e norteador da vida coletiva, pois todos os anos, os remanescentes quilombolas do Mocambo, relembram através do samba de coco, as narrativas construídas e vivenciadas durante o período mais crítico de suas trajetórias as margens do rio.

A presença e as manifestações desses corpos ontológicos, ao mesmo tempo em que me guiam para uma realidade que fixada e atrelada ao passado, fazem destas mulheres e destes homens projetos emancipadores de suas próprias formas de habitarem o território onde vivem e existem para o mundo e especialmente, para o rio. Dançando e cantando, eles também evocam seu pertencimento ancestral.

Constroem e reconstroem elementos fundamentais para as mobilizações, laços, vínculos e distinções capazes de potencializar fronteiras entre os grupos étnicos e seus algozes, ao mesmo tempo em que construíam um acervo linguístico comum, comunal, a partir de sustentações rituais e orais, através dos quais podiam

buscar o reconhecimento de suas identidades por parte do poder público. História, memória se entrelaçam na medida em que eles e elas avançam em oposição ao outro, ao opressor, moldando cotidianamente através do confronto, do trabalho nas lagoas e nas plantações de arroz, suas formas próprias de construir suas territorialidades e seus corpos.

Sentadas no chão de terra, embaixo de uma velha árvore, dona Evalda e dona Dadinha, fazendo suas panelas de barro¹⁰, se apropriam das oralidades do passado para compreender suas próprias dinâmicas de se encontrar dentro do mundo étnico e político do qual elas agora fazem parte. Vivendo ainda sob o medo que rondava suas vidas, por conta dos inúmeros processos de invasão e violências, elas tecem suas próprias maneiras de conservação e atualização do cotidiano, o rio e o arroz, fazem parte destas atualizações.

Em 1996, quando estudava em um colégio de Freiras, aqui mesmo em Pão de Açúcar, eu estudava a sexta série do ensino fundamental. Todos os anos o colégio tinha a tradição, organizar e realizar a feira de ciências e a feira de cultura. Até aquele ano, diferentes grupos e turmas, podiam sair escolhendo entre todas as séries do colégio, quem podia ou não participar de uma equipe. Com a equipe já organizada em um total mínimo de 06 componentes e um total de 10, se escolhia o tema e conseqüentemente a área de abrangência. Se era ciência ou cultural.

Naquele ano, um grupo que se reuniu já na feira do ano anterior, decidiu em sua grande maioria, continuar juntos. Se no primeiro ano, falamos sobre o ciclo da cana-de-açúcar e não fomos bem pontuados para chegarmos aos três primeiros lugares, em 1996, resolvemos então conhecer um pouco mais sobre a história, a cultura e tradição do que naquela época era conhecido como os “índios chocós”, hoje não são mais índios e sim indígenas e a própria grafia mudou. Hoje são os Xokós da Ilha de São Pedro e da Caiçara.

E agora que me dei conta que quando resolvemos apresentar a história e tradições do Povo Xokó para o colégio e a população local, acabamos indo lá na comunidade algumas vezes. Inclusive umas dessas vezes, foi o meu próprio pai

¹⁰ Voltaremos a falar do barro e de seus feitos ainda neste poslúdio.

que levou a gente até lá, tendo em vista que não é qualquer pessoa e ou grupo que era autorizado a adentrar o território indígena.

Sendo guiados por entre a comunidade, com seus enormes quintais e bastante arvores frutíferas, homens e mulheres pretos e negros, andavam pelas comunidades, outros e outras se encontravam sentados em suas portas, conversando, realizando seus afazeres domésticos e que muitas das vezes, estavam também sentados em seus quintais, produzindo artefatos em barro, como panelas, potes, fogareiros, pratos, utensílios que pudessem servir para casa, mas também como decoração.

Muitos desses artefatos eram vendidos as segundas-feiras, na feira livre em Pão de Açúcar. Todos eles transportados, seja através de canoas, seja através das lanchas, que subiam e desciam o rio. Uma dessas mulheres indígenas que encontramos, foi dona Dadinha.

Sentada no fundo do seu quintal, embora parecia difícil definir naquele momento o que era a porta de entrada da casa e o que era quintal, Dona Dadinha estava embaixo de uma árvore enorme, se me lembro bem, uma mangueira alta, com muitas folhas e alguns frutos, fazendo suas panelas de barro. De pernas abertas, vestida com uma saia entre elas.

Pode soar estranho, o relato que trago, inclusive sabendo o nome da senhora, mas o que acontece: agora em 2022, enquanto eu estava acompanhando o ritual da retomada na comunidade indígena, enquanto caminhava na companhia da médica Laura Canejo, que é minha vizinha aqui na rua São Francisco e do seu companheiro, o historiador Davi Borges Fraga, uma das casas, em que paramos, estava vendendo miniaturas de panela de barro e uma senhora estava lá, sentada, observando toda a movimentação que estava se apresentando diante dos seus olhos.

Era Dona Dadinha, a doutora Laura cumprimenta ela, as crianças que ali também estavam e então, passamos a admirar as panelinhas. Quando então eu olho para Dona Dadinha, a reconheço e ela também diz, se lembrar de mim. Eu tive contato com ela a mais de 25 anos atrás. No tempo da feira de ciência e cultura do meu antigo colégio, eu tinha 11 anos. Hoje eu já estou com 37.

Então comecei a contar, que em 1996, eu era uma daqueles adolescentes que vieram fazer uma pesquisa sobre a comunidade para a feira de ciências e cultura do Colégio São Vicente. Que na época, a gente tinha entrevistado ela. Tinha visto ela fazendo as panelas de barro no quintal de sua casa. Que compramos e levamos algumas peças para servir de mostruário durante a exposição.

Ela disse que lembrava, demos um abraço e conversamos mais um pouco. Disse que agora as netas fazem panelas pequenas, que estão aprendendo e que as vezes faz uma aqui, outra ali, mas que tem ensinado as netas para que elas possam, se quiserem, levar esse conhecimento adiante. Inclusive, aquelas que estavam expostas naquele momento, eram das netas e que cada uma estava custando 5 reais. Acabei trazendo uma para casa, assim como também, Laura e Davi.

Nós despedimos de Dona Dadinha, mas ficamos de voltar para pegar as panelas no final do ritual da retomada. E assim foi feito. Dona Dadinha, aquela personagem lá da minha infância, da adolescência, volta a ser, aqui um fio condutor para a compreensão dos ciclos e das várias retomadas que a vida do rio dá, quando se quer lançar sobre suas miradas de resistência.

Dona Dadinha, enquanto estabelece seus vínculos com pessoas que acabaram de conhecer (estudantes), elas também estão presas aos seus cotidianos. Enquanto revivem o passado, ela e as demais mulheres que plantavam arroz e produziam panelas de barro, estão prazerosamente vivas no presente. Além da música, galos e galinhas emitindo seus sons, interação, também estabelecem seus modos coletivos de se fazerem presentes na paisagem da Ilha de São Pedro.

O rio, então, deve ser tomado como o protagonista, como a gente além do humano do qual prosperavam novas possibilidades de existência tanto de espécies vegetais, como é o caso do arroz, como de espécies aquáticas, como é o caso do piau e outros peixes cantados nos versos das mulheres, além do que também é o embrião de tais manifestações sociais que estão presentes no cotidiano das comunidades.

Sem conhecimento sobre os ciclos de enchentes, cheias e secas do rio e conseqüentemente das lagoas que recebiam as águas do São Francisco, ficava

impossível estabelecer o surgimento dessas paisagens e dessas ecologias substantivistas (Tsing, 2019). *Paisagens surgem em processos históricos; os interesses e os indivíduos que emergem desses processos são consequências da formação de paisagens multiespecies.* (Idem, 2019, p. 98).

Neste aspecto, o rio, o arroz, o fertilizante natural deixado pelas águas e as populações humanas, estão o tempo todo, negociando suas continuidades, trajetórias, sobrevivências e, por conseguinte, o desenvolver uma paisagem histórica, através das dinâmicas estabelecidas nesses encontros e desencontros, se constituindo através das relações, relações estas que se formam primordialmente através de e nas águas, tendo como uma das principais preocupações destas comunidades, manter um relacionamento sustentável, se aqui eu posso usar esse termo, com o rio e suas lagoas, bem como com a vegetação que se proliferava e se mantinha no entorno.

Os versos ritmados e em consonância com suas próprias experiências, constroem assim, as teias de significado, que só podem ser entendidas, levando em consideração as indeterminações provocadas pelas existências coletivas destas mulheres e homens, que estavam não só transformando e modificando as paisagens das lagoas e da beira do rio, mas também estavam sendo modificados e modificadas, ao passo que se inseriam nas próprias experimentação do mundo que estão habitando. Habitar como forma de produção das próprias narrativas, em que os indivíduos e os grupos, coletivamente estão imersos no mundo da vida. (INGOLD, 2015).

Rompendo os dias, seja na chuva ou no sol quente, homens e mulheres, crianças também, juntamente com o rio São Francisco, com as lagoas, com as aves, com o arroz, se moveram, caminharam, dançaram, se conectaram, produziram vidas, possibilitaram o emergir de tantas outras, de tantas espécies, estabelecendo mútuos e contínuos vínculos sonoros, afetuosos, com a natureza, com o rio.

Há devires humanos, devires animais, devires vegetais, e assim sucessivamente. Conforme se movem juntos através do tempo e encontram-se uns aos outros, esses caminhos se entrelaçam para formar uma imensa e contínua tapeçaria em evolução. (Idem, 2015: 34).

Na ribanceira do rio, nas correntezas do rio, canoas vem e vão, sobem e descem, se aconchegam nas margens, se enchem de produtos, de gente, de animais e grãos. O arroz que tanto foi produzido nas comunidades ribeirinhas, encontra nas canoas, a possibilidade de ir além dos seus próprios territórios. Viajando nas canoas de tolda, navegando, rio, outras canoas, canoeiros, arroz e vento nas velas, iam produzindo fluxos contínuos de modificação das paisagens, transformando lugares e indo além do próprio território são franciscano.

Assim como o arroz e seus ciclos reprodutivos, as canoas de tolda também estavam imbricadas na vida de um rio que não reconhecia seus medos e fracassos. Pelo contrário, seu espírito revelava potente em si mesmo. Se constituindo como fonte de toda metamorfose, escapando a qualquer entendimento profundamente humano. As canoas de tolda, também só se constituía enquanto tais, porque a sua idealização e adaptações foram sendo moldadas para navegar em um rio de seu tempo, em um rio cuja fartura era sinal de equilíbrio e pujança.

Do mesmo modo, que o rio também se constituía como o principal agente mais que humano, capaz de ser ao mesmo tempo fluxo e contra fluxo, transformado em objeto para os interesses do homem do antropoceno, operando como elemento político, ideológico de dominação, de modernização e de desenvolvimento, a partir de uma visão de mundo em que a própria existência do rio era impensável sem a presença de homens e mulheres modernos, prontos e prontas para se apropriar e aniquilar a diversidade, do qual o rio é essência.

Sem vento não se anda, sem remo e panos também não. Nas águas que desaguam no mar, em um rio que o mar também se eterniza, as canoas de tolda espalhadas por todos os cantos, revelavam em todos os portos e cais, a força de um rio de marés, de lembranças, de saudades e despedidas, dos amores de cada porto, de cada família que foram sendo formadas, entre uma parada e outra. As águas doces e mansas, fonte de toda sabedoria e destreza, produziu junto às canoas, sábios canoeiros.

Velhos canoeiros, no rio de lágrimas, de saudades, deixavam suas casas ainda muito cedo, preparavam suas canoas, contando com a contribuição de seus ajudantes, que eram na maioria das vezes seus filhos, sobrinhos e vizinhos, e

esperavam o momento mais oportuno para abrir as grandes velas e partir. Várias canoas atracadas no mesmo porto, eram abastecidas pelos trabalhadores da terra, que levando sacos sobre a cabeça e sobre os ombros, movimentavam a economia do lugar. Sacos de feijão, arroz, algodão, farinha, carvão, milho, macaxeira (mandioca), eram organizados, um a um, dentro da canoa, até que ela atingisse sua capacidade de sacas.

Aqui na minha rua, a São Francisco, do tempo em que eu era criança e adolescente, vários canoeiros, que pilotavam e eram bastantes conhecidos em todo o Baixo São Francisco, residiram até o dia em que faleceram, como seu Jonas, mais um velho canoeiro das águas do São Francisco, e também o seu irmão Zé da Goiana. Eles pilotavam enormes canoas de tolda. Se aposentaram sendo reconhecidos mestres da navegação. Seus quintais, em tempo de cheia do rio, eram os portos de suas embarcações.

Seu Zé da Goiana (Goiana, era o nome da canoa que pilotava), era um senhor muito querido, muito sorridente e brincalhão. Depois que se aposentou, vivia por longas horas, sentado em sua cadeira de balanço na porta de casa e conversando com as pessoas que passavam, rua a cima, rua a baixo, sem nunca deixar de contar boas histórias do tempo em que vivia a velejar pelas águas do Opará.

Eu tive mais contato com seu Zé da Goiana e inclusive vivia muito dentro de sua casa, pois uma das minhas melhores amigas até hoje, é a sua neta Samea. Lá, na sua casa, era um dos lugares que mais gostávamos de estar, brincar, já que também a sua esposa, Dona Santinha, além de fazer panelas de barro, aprendidas na comunidade Xokó, de onde era natural, fazia uma deliciosa cocada, molinha, branquinha, que derretia na boca.

Com seu cachimbo sempre na boca, dona de um sorriso meigo e encantador, Dona Santinha, bem baixinha e magrinha, tinha o poder de, também contar muitas histórias do tempo das plantações de arroz, do fazer-se mulher caiçara da Ilha de São Pedro em tempos passados. Nem seu Zé da Goiana, nem Dona Santinha estão mais vivos. Mas a casa onde eles moravam, no começo da rua São Francisco,

continua lá, resistindo ao tempo, guardando em si, memórias dos meus tempos de infância.

Poucas ou quase nenhuma canoa resistiu as ações do tempo, as modificações estabelecidas no curso do rio nos últimos 70 anos. Os anos 50 demarcam a abertura do rio para iniciativas pioneiras (como os visionários do liberalismo e da sanha desenvolvimentista gostam de classificar os projetos imperais grandiosos), como a construção de barragens, lagoas artificiais (Sobradinho), hidroelétricas e sistemas de abastecimento de águas, até culminar no projeto de transposição do rio, ocorrido entre a primeira e segunda década deste século. Este e ou estes são os temas abordados no próximo capítulo. As intervenções e modificações do corpo hídrico do rio, ganharam a partir de agora mais destaque.

Tanto a minha família materna, quanto a minha família paterna, além de viverem seus dias sendo tecidos na beira do rio, foi também nas plantações de arroz, principalmente na lagoa de cima (cuja imagem está logo mais a cima), que por muitos anos eles tiraram o seu sustento, infelizmente quem de fato participou desses processos, diretamente, como meus avôs e minhas avós, não estão mais aqui e infelizmente, minha tia Marilena que contava muitas histórias e gostava de resgatar suas memórias, faleceu quando da escrita desta tese, além do que, minha tia mais velha, irmã da minha mãe, convive desde alguns anos com Alzheimer. Mas as vezes lembra que quando era adolescente, dividia suas manhãs, hora da escola, para também cuidar dos seus irmãos, e por muitas vezes ir com sua mãe Julieta e com suas tias materna, plantar arroz.

Ela também teve ainda a oportunidade, de muitas vezes subir e descer o rio a bordo das inúmeras canoas de tolda, principalmente com destino a Penedo em Alagoas, mas também para Neópolis, Propriá em Sergipe. Lembra também de como comia bastante camarão, pescado pelo seu pai e de como o camarão era abundante, de fácil acesso e pescado com covos.

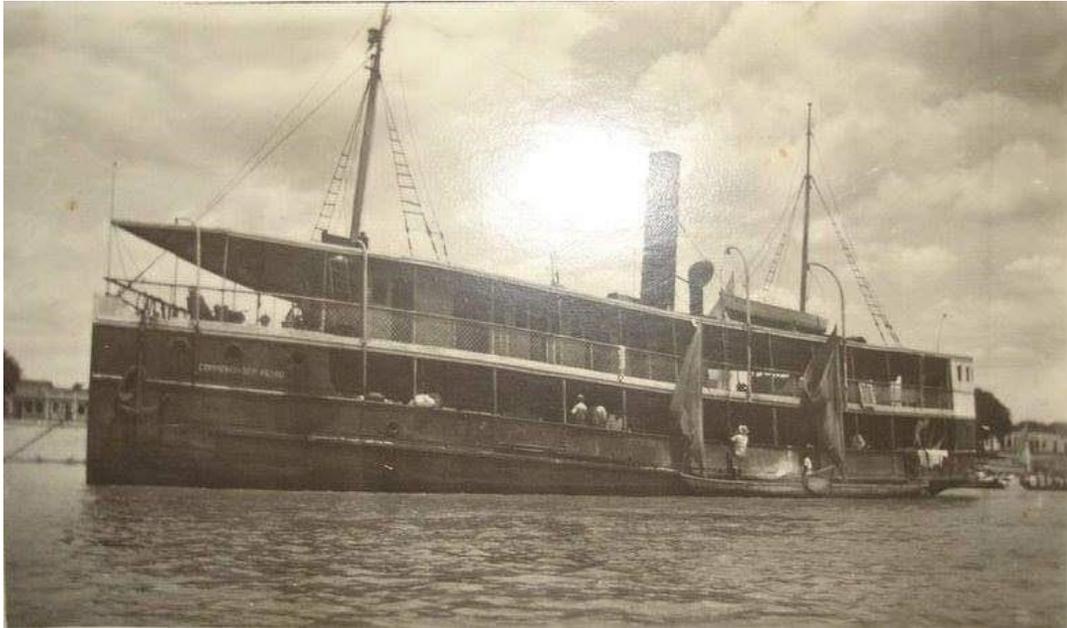
IMAGEM 18: Vô Odilon em um dia de pescaria em sua canoa, segurando um covo.



Acervo Familiar

ÁLBUM II

A vida do rio em ebulição e movimentos









Este álbum estabelece conexões com as enchentes que aconteciam regularmente no rio, até meados de 80. Todas as imagens são da cidade de Pão de Açúcar, Alagoas. A primeira delas é um amontoado de canoas de tolda, no porto da cidade ribeirinha. Pão de Açúcar se apresentava como um dos principais portos, recebendo e embarcando cargas advindas das mais diferentes regiões. A imagem (1) faz parte do acervo do pesquisador Etevaldo Amorim. A segunda é do navio Comendador Peixoto, que navegou no rio São Francisco por muitos anos, na imagem ele está sendo fotografado no porto em Pão de Açúcar. Ele operou e navegou até a década de 60.

A terceira imagem é da cadeia pública tomada pelas águas do rio, na enchente de 1919. A Quarta imagem é da rua atrás da cadeia pública, na enchente

de 1979, onde a lagoa de trás ficou totalmente cheia e suas águas escorreram pelas ruas que dão acesso ao morro do Cavalete. A quinta imagem é da cheia de 1960, em que a água chegou na Avenida Ferreira de Novaes e na, até hoje existente banca do peixe.

A sexta imagem, vista do alto da cidade de Pão de Açúcar totalmente ilhada, com as águas do rio adentrando as lagoas do fundo e da frente, na cheia de 1960. Assim como a imagem sete, que é de uma das ruas que ficam entre uma lagoa e outra, a rua onde já existia a escola, que hoje leva o nome de Rosália Sampaio Bezerra e nas proximidades da Igreja do Bonfim.

A oitava imagem é da enchente do rio que chegou até o cais da cidade, onde hoje é a rua da frente. É uma imagem ainda preenchida por pessoas que passeavam por essa praça que ainda hoje se veste de pedras portuguesas e demarca a ligação com um passado rico em que o rio era o principal caminho de progresso. A fotografia também traz a lancha Porto Alegre, pintada de verde e amarela e que já fazia travessia entre Pão de Açúcar e Niterói, além de ir para outros povoados. Essa lancha ainda hoje está presente em minha família, mudando sua forma, estrutura e tamanho.

Percebam que também uma árvore, que tem parte do seu caule encoberto pela água do rio, demonstrando que naturalmente, em tempo de vazões reduzidas, vegetações se proliferavam e ainda se proliferam onde ainda hoje o rio pode chegar e ocupar.

A última imagem é da Igreja Senhor do Bonfim, totalmente arrodeada das águas que escapuliam das lagoas, tanto de baixo, como a de cima. Como eu já disse em algum momento desta tese, as lagoas marginais eram demais importantes para o desenvolvimento do município, das plantações de arroz e para a formulação e elaboração de sistemas de pertencimento e identidade fortemente ancoradas na ancestralidade indígena e africana. Há ainda na imagem, a presença de uma canoa, canoieiros e seus panos fechados, a espera de começar mais um dia de trabalho ou auxiliar alguma família que se encontrava ilhada naquele momento.

Neste sentido, as imagens demonstram o quanto de poder, de magnitude, de força e de pujança o rio tinha até meados dos anos 70. O quanto que suas águas

escorriam por ruas, avenidas, lagoas, deixava a cidade ilhada e deste modo, moldava as vidas, as existências e as formas de pertencimento da população para com o rio.

Todas essas imagens estão publicadas na página do Facebook, “Pão de Açúcar Antiga, que reúne moradores da cidade e pessoas interessadas em construir e preservar a memória da cidade através de imagens.

CAPÍTULO III¹¹

Da Foz ao Sertão: navegando em um rio de paisagens múltiplas- uma antropologia ribeirinha

Pão de Açúcar, madrugada de 20 de janeiro de 2018, são 02h30 da manhã, sem conseguir dormir, talvez por conta da ansiedade da viagem, me levanto, arrumo ainda algumas coisas, chamo o meu pai, nos preparamos para sair e ir encontrar o restante da turma que junto com a gente vai até a cidade de Piaçabuçu, onde lá iniciaremos o passeio da foz do rio São Francisco, voltando até a cidade de Pão de Açúcar, onde agora estamos. O ponto de partida é em frente à Igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus.

Meu pai e eu fomos os primeiros a chegar, ainda não tinha a presença de ônibus e nem dos organizadores que aqui ficaram, tendo em vista que outros já estavam no dia anterior em Piaçabuçu, programando tudo por lá.

De fato, o passeio começa ainda em Pão de Açúcar, a saída do ônibus prevista para as 03h da manhã, só aconteceu às 03:40, com fogos anunciando a nossa saída. Durante o trajeto, várias pessoas já começaram a beber, a cantar, outros se concentravam em tentar dormir, mas sem sucesso devido ao barulho que muitos faziam ao conversar sobre os assuntos mais diversos.

Tivemos uma parada na cidade de Arapiraca, onde meu irmão e outras pessoas que participariam do passeio esperavam, vindas de outras cidades e inclusive da capital, Maceió. A parada também serviu como pausa para um café, um descanso do motorista, idas ao banheiro. Já passava das 05h da manhã, quando partimos em direção a Piaçabuçu, mais uma hora e meia de viagem e chegaremos ao destino inicial do passeio.

Chegamos em Piaçabuçu às 07h45, mais de duas horas de viagem. A cidade estava em feira livre e muitas das ruas que davam acesso ao porto das lanchas, onde o nosso barco estava a nos esperar, estavam interditadas em virtude da

¹¹ Este capítulo contém um conteúdo audiovisual disponível em: <https://youtu.be/FBPopgQulf4>

grande quantidade de feirantes e clientes, o que impediu que nosso ônibus chegasse até o cais. Então ele é estacionado em uma das ruas e a gente desce e caminha até o porto com bagagens, isopor contendo bebidas (água, refrigerante e cerveja), colchões, redes, instrumentos musicais, etc.

Ao mesmo tempo, alguns moradores das ruas estão a nos observar, e a comentar com os vizinhos, a quantidade de homens que descem e se locomovem pelas ruas da pequena cidade. O porto estava a cinco a sete minutos de onde estacionamos. Chegando na embarcação de nome “Magnifica”, o organizador do passeio, o meu primo Dorgival, mais conhecido como Dorginho, já estava lá com mais 20 pessoas. A nossa espera também tinha um caprichado café da manhã, bem típico de nordestino, com cuscuz, com linguiça calabresa frita, charque (carne seca), ovos mexidos, macaxeira, frutas (maçã, melão, abacaxi, uva), sucos, água, refrigerante e café.

O porto da lancha fica ao lado e na frente de uma comunidade de pescadores, ruas que se espremem de tão estreitas e que pontualmente estão dispostas para frente do rio. Atravessando apenas a pista se chega com facilidade ao cais. O odor característico de peixe fresco está impregnado no local, entre balanças onde os peixes são comercializados assim que chegam da pescaria e também onde são estocados cotidianamente e congelados.

Muitos homens e algumas mulheres, que acredito serem pescadores e pescadoras, estão sentados nas calçadas e observam atentamente a nossa movimentação. De certo eles parecem até já ter se acostumado, pois essa chegada é realizada já há alguns anos pelo mesmo grupo.

Ao entrar no barco, é hora de cumprimentar todo mundo, de reconhecer o terreno, como dizemos por aqui quando chegamos em um novo lugar, é hora de saber as coordenadas de onde devemos guardar as nossas bolsas e pertences. Feito isso, é hora de tomar o café.

O barco agora está lotado, mais de 76 homens estão dispersos, cada um com seu prato na mão, fazendo o jejum e se preparando para iniciar o passeio. Na linguagem naval, é hora de zarpar, com a câmera na mão começo a procurar

um melhor ângulo e local para capturar as primeiras impressões sobre esses dois dias, que dê certo, foram intensos e cansativos.

IMAGENS 19 e 20: Primeiras impressões de viagem.



Fonte: Geovani Oliveira Rodrigues (2018).

A embarcação, cujo nome revelei logo acima, tem capacidade para 280 pessoas, divididas de seguinte forma, de acordo com uma placa que está pregada na porta da cozinha e exposta para toda a embarcação: convés inferior (60 pessoas sentadas e 70 pessoas em pé), 1º convés (46 pessoas sentadas e 54 em pé) e 2º convés (50 sentados). A embarcação ainda possui 20 balsas rígidas, 06 boias circulares e 311 coletes, 06 banheiros, uma cozinha. No segundo convés encontramos a cabine do piloto ou comandante, que é como mais eles se referem

ao chefe da tripulação, com um camarote de lado e muitos armadores de redes espalhados pela embarcação.

No porto de onde saímos, as casas de alvenaria, bem na beira do rio, se misturam com as embarcações dos pescadores. São embarcações de pesca grandiosas, dessas que a gente encontra geralmente nas praias e servem para pescaria em alto mar, mas também logo se vê, à medida que a embarcação vai deixando a cidade, a presença de canoas, típicas da região do baixo São Francisco.

Logo me deixo envolver e ser guiado pelas águas do Velho Chico, suas paisagens em constante transformação, várias ilhotas (ou bancos de areias, com as mais variadas vegetações). Nosso primeiro ponto de parada é como que um rito realizado todos os anos, é em direção foz do rio, ou o encontro do rio com o mar.

Com um sentimento de alegria, de entusiasmo, de admiração e gratidão, me sinto realizado e agradecido aos meus guias por essa oportunidade. A navegação até a foz dura em média uns 30 minutos e a paisagem vai se modificando, até que se avistam as dunas que dão forma e compõem o cenário fílmico e cinematográfico, expostos em novelas, séries, filmes e tantas outras produções locais, nacionais e internacionais, além de ser um cartão turístico amplamente divulgado e visitado em várias épocas do ano.

É desse encontro em água doce e salgada, entre a água simplesmente de beber e a água apenas que molha, que na foz se faz nascer marés que ondas pequeninas, se encontra com uma água forte, de ondas gigantes e barulhentas, onde pedrinhas, pedregulhos, sedimentos vão forjando, junto com o vento e os desencontros entre o rio e o mar, as grandes dunas que lá estão e que se movem, se movimentam. Remodelam as paisagens, ao mesmo tempo em que obriga uma comunidade quilombola se locomover junto a ela.

Entre a foz e o rio não há tristeza. Há sempre resistência e completude. Sem o rio, o mar e suas beiradas miradas para o horizonte, não se alimentam. Assim como sem o encontro com o mar, não faz do rio território de muitas vidas e experiências. Ambos carregam na foz a beleza e a união entre mundos distintos, mas são complementares. Se forma nesse encontro, terras férteis, abundantes e mesmo que o mar avance sobre o mundo do rio, ainda sim, são águas irmãs,

alimentadas pela união, pela comunhão, de peixes, crustáceos, plantas, águas e sedimentos.

IMAGEM 21: chegada da embarcação com a turma a foz do rio.



SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. (2018)

É em meio às dunas é que é feita a foto oficial do passeio, a foto que vai estampar a camisa utilizada no passeio do ano seguinte. Feitas as primeiras fotos, sou convidado a me juntar ao grupo e também participar dessa foto oficial, logo em seguida todos se dispersam e com seus telefones na mão, saem a registrar os melhores momentos, quando ouço o meu primo, que é o organizador, dizer que precisa tomar um banho para descarregar as energias pesadas e as coisas ruins que o novo ano trouxe junto, ele mergulha e outros o acompanham.

Eu, juntamente com o meu amigo mais próximo nessa viagem, Luiz (conhecido mais como Pretinho), que está no passeio para assumir as responsabilidades da cozinha, nos afastamos do grande grupo e tentamos chegar

o mais próximo do limite entre o rio e o mar, além é claro de respeitar o limite de tempo estipulado pelo comandante da embarcação, do nosso tempo de permanência em terra, já que segundo ele, quanto maior for ficando a maré, as condições de navegação dessa parte do rio, se tornam mais complicadas porque a maré está subindo cada vez mais e controlar uma grande embarcação requer mais atenção, mais cuidado, é a força do mar adentrando o rio e querendo também ele, compartilhar um pouco dessa aventura.

Voltando em direção ao barco, dou uma rápida parada, coloco minhas mãos nas águas, elevo a minha mão com água sobre a cabeça, faço o sinal de bênção, pedindo a Oxum e Yemanjá, proteção, paz e sabedoria, para que elas possam limpar as energias negativas. Logo em seguida obtenho a resposta de que aqueles pedidos tinham todos sido atendidos, pois me sobe a boca, vindo da garganta uma bolha de ar e água e logo é posta para fora, como ocorre todas as vezes que estou no terreiro e passando por processos de limpeza espiritual.

Nas tradições de matriz africana, Oxum e Yemanjá, assim como as demais Yabás, tem fortes ligações com as águas. Cada uma delas, seja também Nanã, Obá e Oyá (Iansã), possuem em determinados territórios africanos, rios com seus nomes. No Brasil, Oxum ganhou o domínio sobre as águas doces, cachoeiras e córregos e Yemanjá ficou com o domínio da água salgada. Quando então estou diante do encontro das águas doces com as águas salgadas, tenho a oportunidade de reverenciar as Yabás, que segundo o jogo de cartas, estão na minha corrente espiritual me protegendo e cuidando de mim.

Para mim, o rio São Francisco, é então essa materialização de Oxum, que me acompanha, me guia e me protege. Quando então estou diante da foz, Oxum e Yemanjá estão falando e colocando suas mãos sobre o meu Orí, sobre a minha cabeça, me inclinando para a construção dessa experiência etnográfica, de imersão e mergulho nas águas do Velho Chico. Em África, Yemanjá é também um rio, é a senhora das águas doces. É fonte vital de perpetuação da vida em abundância.

A embarcação parte, seguimos nosso caminho, subindo o rio em direção ao destino final. A animação no barco é grande, e imaginar que essas pessoas não dormiram se quer um minuto durante toda a madrugada, o grande grupo começa a

ser dividido em vários, de acordo com as afinidades, intimidades, amizades, uns se alternam entre os diversos tipos de jogos que servem como instrumentos de diálogos, interações e risos, jogo de baralho, gamão, e taba (uma espécie de jogo em cima de um tabuleiro, com uma marcação em forma de cruz, com quatro jogadores, cada um com quatro pedras, que precisam rodar todo o tabuleiro até que todas as peças alcancem o fim, assim, o primeiro que concluir é o vencedor).

Como sou um pesquisador e na vida, uma pessoa um pouco tímida, demoro para interagir com os homens que não tenho afinidade e nem um longo convívio fora da embarcação, apesar de conhecer a maioria deles, pois todos estão ligados a alguém da minha família, pois vivem em uma cidade pequena, onde as relações são bem mais compactas. Como sou o único a portar uma câmera fotográfica, ela começa a servir de artifício ou instrumento facilitador e facilitando a comunicação e as trocas de diálogos cordiais, estabelecendo um convívio que sem ela, talvez, não seria possível.

É importante frisar que na embarcação só tem homens. Não tem mulheres e nem crianças. Só jovens em idade permitida podem participar. A maioria dos participantes são amigos, são colegas, são familiares uns dos outros. Muitos possuíam e ainda hoje possuem pais, tios, avós, primos, irmãos, que ao longo do tempo foi construindo uma relação mais próxima do rio e por isso gostam de estar ali. Outros, porém vão pura e simplesmente pela celebração, pelas farras, mas não deixam de apreciar e dialogar sobre a vida do rio e seus processos de degradação.

Me encontro no 2º convés, meio solitário, na frente da cabine de comando, tentando escrever algo e ao mesmo tempo registrar através das imagens o que me chama atenção nessas primeiras horas de viagem. O meu amigo mais próximo (o Pretinho, já citado aqui anteriormente), se aproxima, procura saber o que estou fazendo, toma em suas mãos a câmera e saí pelo barco fotografando a todos, algo que eu ainda não tinha conseguido fazer e nem me permitido, já tinha de certo fotografado meus amigos mais próximos, meu irmão e seus amigos, meus primos, mas não todos os participantes do passeio. Assim, ele e a câmera servem de interlocutores nesse meu processo de navegação e pesquisa, ou navegação como pesquisa.

O encontro com a foz do rio foi carregado de significados, em primeiro lugar porque era um sonho de criança, muito inspirado pelas histórias, causos e memórias que ouvia dos meus avôs, ambos acostumados a navegar pelas águas do Velho Chico, também pelas histórias contadas pelo meu pai, bastante conhecedor do rio; em segundo lugar por estar fazendo esse passeio ao lado dele, ao lado do meu pai, com meu irmão, com primos e amigos próximos; e em terceiro pelo significado espiritual, pela fé, pela energia que o encontro das águas tende a proporcionar.

Para outros amigos, essa mesma percepção e emoção é sentida, já que muitos vieram de família de pescadores, lancheiros, barqueiros e que anualmente refazem o passeio para assim também poder se conectar com um passado vivido na infância, embora, muitos deles e ou a grande maioria, assim como eu nunca tínhamos ido até a foz de barco.

No caminho até a foz, muito guiado pela emoção, tendo em vista que é a primeira vez que realizo esse passeio, como eu acho que já repeti algumas vezes aqui, as paisagens me encantam, já na saída da cidade de Piaçabuçu, com suas casas, ruas bem coladas ao rio, casas separadas pelo imenso cais que protege a cidade das oscilações do rio, talvez hoje sirva mais como um marco referencial e histórico do que um mecanismo de proteção e cujos barcos de pesca estão a repousar, várias embarcações cruzam o rio, desde uma canoa com duas pessoas (pescadores).

Imagem 22: Pescadores indo até a foz do rio, no encontro com o mar



SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. (2018)

As paisagens se articulam entre coqueirais, mangue, modificados tanto pelos rastros humanos, como pude perceber com a presença de pequenas construções, algumas feitas de taipa e cobertas com palhas de coqueiro, outras cobertas com telhas, talvez servindo como ponto de parada e descanso durante dias de pescaria, ou até mesmo como ponto de lazer e divertimento, não sabemos ao certo, mas gostaria muito de ter descoberto. Várias pequenas ilhotas estão dispostas pelo caminho, formando uma espécie de labirinto, cobertas com vegetação típica de manguezal, o rio se divide em vários, até se encontrar com o mar.

As dunas formam uma imagem deslumbrante, com poucos coqueiros resistindo aos seus movimentos sinuosos e fortes, quase imperceptíveis. Na margem sergipana da foz, ao longe se avista um farol solitário e torto resistindo às ações do mar, mesmo que toda uma comunidade que existia perto e era ponto de chegada e partidas de muitas embarcações, tenha desaparecido em virtude o avanço do mar sobre o rio.

IMAGEM 23: Encontro do rio com o Mar- Foz do Velho Chico



SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. (2018).

Já depois de passar por Piaçabuçu, subindo o rio, as primeiras comunidades rurais ribeirinhas são avistadas. É um povoado que aparentemente, mais próximo a margem do rio, não possui calçamento, com as casas bem mais próximas à beira, cujas canoas estão dispostas umas do lado das outras, em grande quantidade. Debaixo de árvores, um conglomerado de pessoas está reunido, sentadas em mesas de um bar localizado entre a beira do rio e a pequena igreja do lugar. Mais à frente, algumas crianças estão mergulhando e brincando nas águas do rio, sob o olhar atento de uma mulher, possivelmente a mãe de alguns deles.

É impressionante a quantidade de canoas nesse povoado, causando a sensação de haver uma para cada habitante. Mais uma comunidade fica para trás, o barco segue subindo rio a cima, rumo ao seu destino final, flutuando levemente sobre as águas. Mulheres lavam roupas, pessoas ascenam quando o nosso barco passa, de certa forma, é um sinal de que a nossa presença, tem por um instante que seja, provocado um rompante na rotina do lugar.

Tendo passado a euforia do incio da viagem e desse passeio, me sento um pouco, desligo a câmera e me ponho a observar o grande barco, flutuando sobre o

rio, traçando seu trajeto, desvelando paisagens e sons. Pecebo que, se bem no início do passeio, tínhamos a presença constante de pessoas na beira do rio, nesse trecho do percurso, entre as cidades de Piaçabuçu a Penedo, as pessoas e as canoas dão lugar a mata fechada, uma mata tão fechada que quase não se percebe qualquer tipo de passagem, cujos galhos, árvores e plantas chegam a beijar o rio.

Conversa vai, conversa vem, avisto a cidade de Neopolis, que fica na margem sergipana do rio. Neopolis é uma cidade bastante desenvolvida e importante na construção e desenvolvimento da região do baixo São Francisco. Um dos principais portos de embarque e desembarque de pessoas e produtos no início do século XX, até hoje é conhecida pelos seus tradicionais carnavais, suas antigas fabricas e produção de material em argila.

Nas margens de Neopolis, muitas embarcações encontram-se ancoradas, pessoas se banham. A partir desse trecho já é possível ver a formação de pequenos bancos de areia. Destaque para um circo de nome “São Geraldo” que está instalado bem perto da margem do rio. A cidade tem uma orla abandonada. No alto da cidade, tem duas igrejas uma em contato com a outra, imponentes se destacando na paisagem urbana.

Essa é uma imagem que veremos ao longo de todo o percurso e viagem. Igrejas imponentes quase que na beira do rio, são marcas profundas dos processos coloniais, de invasão e missão cristã e jesuítica na região do Baixo São Francisco.

Mais a frente, uma fabrica abandonada e em ruínas se destaca em meio a vegetação, certamente essa fábrica era umas das principais existentes em toda a região, pois como dito antes, Neopolis se constituía enquanto um importante centro comercial. Eram os tempos aureos das grandes navegações dentro do rio, que traziam, além de progresso e desenvolvimento, também produzia rupturas paisagísticas dentro e fora dele.

Atravessando o rio a embarcação se vai em outra direção, enquanto estamos no meio do rio, mais afastados da cidade de Neopolis e nos aproximando da cidade de Penedo, com seus prédios históricos. Penedo foi umas das primeira cidades fundadas em Alagoas e teve em seu processo de desenvolvimento a influência holandesa.

Atualmente o centro histórico da cidade é tombando pelo IPHAN. Enquanto navegamos até a cidade, no meio do rio, uma obra de drenagem do rio com embarcações fixadas e ancoradas, com grandes canos ou mangueiras de grosso comprimento que ficam jorrando água e aprofundando o Velho Chico, permite que a balsa que vem no sentido de Neopolis até a outra margem possa trafegar com mais autonomia e sem a preocupação de ficar encalhada. Estamos lado a lado com a balsa Brasília, carregada de pessoas e carros, caminhões. Penedo também vai ficando distante dos nossos olhos.

Também vai ficando para trás aquelas margens cercadas por uma vegetação mais viva, mais esverdeada, mais abundante, dando lugar aos grandes barrancos. Muitos lugares servem de de pastos para animais, grande quantidade de áreas desmatadas, canoas dão lugar a bois e vacas, o rio antes com seus tons mais escuros, vai ficando cada vez mais claro, vai dando sinais de sua vazão e seca. A partir da nítida separação das profundidades de acordo com os tons da água, a parte mais profunda apresenta um tom mais escuro, já a parte mais rasa, o tom mais claro mostrando a areia no fundo do rio, impossível de se observar onde o rio é mais fundo.

Sem piscar, meus olhos contemplam uma cena muito comum por essas beiras de rio, canoas coloridas, com tons vibrantes, encostadas as sombras das árvores. As árvores quase escondem uma mulher a lavar roupas, enquanto três meninas, que parecem ser suas filhas, tomam banho e se divertem nas águas do Velho Chico, uma delas chega a notar que a câmera está na direção delas e olha fixamente. Neste mesmo lugar é possível registrar uma placa sinalizando que aquela área é uma reserva legal de proteção do governo federal, proibindo a caça e o corte da vegetação e de árvores.

14 horas e 40 minutos, estamos nos aproximando das cidade de Propriá, em Sergipe e Porto Real do Colégio em Alagoas. O almoço foi servido às 14:00, uma bela feijoada acompanhada de arroz, salada e laranja.

Depois do almoço servido, todos voltam a se dividir em turmas, cada um com suas brincadeiras, com suas conversas e dialogos, falando desde futebol, cotidiano, lembrando dos amigos que ficaram em Pão de Açúcar, narrando causos e bebendo

muito, já que a cerveja está sempre disponível e servindo como uma ponte agregadora de sociabilidade, assim como a ponte que agora vejo na minha frente, ligando as cidades de Porto Real do Colégio e Propriá. As memórias da infância logo se transportam para o presente.

Era em Propriá que costumava passar as férias de janeiro e junho na casa da minha tia materna, tia Edvalda (Divardas), a filha mais velha dos meus avós maternos, como ela não tem filhos, ela junto com seu esposo (já falecido), ajudou a cuidar de mim desde o momento do meu nascimento, e me tinham como aquele que preenchia essa lacuna, tanto é que a primeira vez que viajei para sua casa, sem meus pais foi aos três meses de vida.

Na época das férias escolares, até o ano de 1997, ano em que eles se mudam para Pão de Açúcar, lá era meu destino certo, cidade que fiz vários amigos e amigas, muitos desde esse ano, nunca mais pude encontrar, conversar e lembrar as muitas histórias. Correndo pela cidade, jogando bola na praça do cemitério, brincava e me divertia sempre com muita intensidade, meus tios não tinham a preocupação de que eu pudesse correr riscos, embora muitas das vezes, o marido da minha tia tinha o hábito de me trancar em casa, mas eu sempre acabava, com a ajuda da minha tia, pulando a janela.

Do cais da cidade via chegar e sair embarcações, sobre a ponte, carros, caminhões e ônibus, que até hoje continuam a trafegar. Assisitia também do cais, a procissão de Bom Jesus dos Navegantes, sempre no início do mês de fevereiro. São lembranças que guardo comigo sempre e que as vezes sinto imensa vontade de voltar lá, rever as pessoas que marcaram essa parte da minha infância.

Até agora, é nesse trecho do rio que vejo a situação mais crítica, a ponte de extensão longa, de uma margem a outra, está quase sem a passagem de água, ou seja, o que antes era todo coberto de água, passava o rio, hoje está tomado por um longo banco de areia coberto por vegetação, com plantas, pequenas árvores, típicas da região, causando não só em mim, mas nos outros companheiros de viagem que estão presenciando esse cenário pela primeira vez, embora tenha acompanhado o desenvolver dessa situação atual pelo noticiário, é de fato uma situação calamitante.

O que antes era tomado pelo rio (memória de infância) até o pé do cais, hoje com as constantes secas e baixa vazão, tem uma enorme faixa de areia com bares e até um pequeno campo de futebol e para não fugir à regra das outras cidades, as torres da igreja matriz se mostram majestosas na paisagem do lugar. Ou seja, o rio sai de um processo de perturbação lenta e passa para regimes de escassez, erosão, e aceleração de destruição e ou simplificações de paisagens.

O rio está dividido, muitas praias, bancos de areia tomam conta do rio, a navegação agora está mais lenta, mais cuidadosa, já que o rio se mostra mais raso em alguns lugares, e cada vez mais Propriá vai ficando para trás. E assim, outro cenário se apresenta diante dos nossos olhos, subo e desço as escadas que dão acesso a parte mais superior da embarcação para registrar com mais liberdade e precisão os processos erosivos que tomam conta desse trecho.

A vegetação rasteira não dá conta de conter os processos erosivos, árvores mortas e secas estão quase que submersas, me surpreendo com o que vejo e me ponho a indagar o por quê dessa situação?! Será que as pessoas, os ribeirinhos não percebem a proporção e o tamanho do desastre ? ou estão sempre a produzir mecanismos de reflexão e potencializando suas voz em torno da degradação?

Navegando mais um pouco, bombas de captação de água estão distribuídas às margens do rio, são cenas comuns ao longo de todo o rio, às vezes sistemas mais elaborados, as vezes mais artesanais, captam água do rio e servem para abastecer residências, para irrigar plantações, usos diversos. É um novo cenário que se articula e se molda.

Mais uma longa faixa de areia se apresenta na margem sergipana, com bares padronizados, alguns vazios, outros com uma quantidade enorme de pessoas, muita gente tomando banho e se refrescando nessa tarde quente, despertando também em mim a vontade de mergulhar, embora na parte de trás da embarcação tenha três chuveirões, nada pode se comparar a um mergulho nas águas do Velho Chico.

Muitos banhistas notam que eu estou a registrar a nossa passagem pelo lugar, que o nosso barco encontra-se entre eles e retribuem o olhar fixado em minha direção, rapidamente me pergunto o que será que estas pessoas pensam ou acham

a respeito da situação do rio ? Há quanto tempo existe essa prainha, é um processo recente? E o barco prossegue e minhas dúvidas e inquietações me acompanham.

Ao passar por essa prainha, uma enorme ilha surge em nossa frente, encoberta de vegetação rasteira, é um convite aos animais como bois, vacas que lá estão, curtindo o pasto esverdeado ofertado pelo Velho Chico, e o mais curioso é saber como esses animais chegaram lá, já que a ilha está quase no meio do rio.

Rapidamente me vem uma memória de infância, quando presenciava inúmeras vezes, bois (brabos), vacas (brabas), atravessarem em grandes canoas (canoa de toldas, que hoje já não existem mais), e muitas vezes, alguns desses animais passavam de uma margem a outra, no nado, vindos da fazenda Niterói, que fica em frente a grande croa em Pão de Açúcar.

Essas travessias eram muito comuns no fim da tarde, mas não estava livre de acontecer em outros horários, e quando ocorria no fim da tarde e muitas pessoas estavam, ou jogando bola, ou caminhando, ou tomando banho e essas canoas chevas com os animais, era uma expectativa se entre eles, tinham aqueles que sempre saíam “desembestados” correndo no meio da croa, às vezes vindo pra cima da gente e era uma correria danada, depois caíamos todos rindo da situação.

Vacas, bois, carneiros, ovelhas, cavalos, éguas e tantos outros animais, assim como as garças, urubus, pássaros, fazem parte do cenário vasto que é a beira do rio. Em um dado período da história, o rio possuía tanta fazenda com muito gados, com embarcações subindo e descendo o rio, que chegou a ser chamado de rio dos currais.

Depois que vejo esse pequeno curral no meio do Velho Chico, na outra margem, um homem solitário e sua canoa estão a pescar, com a rede na mão, joga rapidamente no rio na esperança que ao recolhe-la, ela possa estar com peixes e assim prosseguir sua atividade.

Para mim esse passeio é carregado de uma carga muito grande de lembranças do nosso avô Odilon, um homem que viveu para e com o rio, um homem que amava nagevar, defender e ensinar sobre os mistérios, que envolvem o Velho Chico, foi ele que ensinou muitos de nós a nadar, a andar de canoa, a pescar (embora eu nem mais me lembre), que nos levava todos os domingos para a beira

do rio. Esse registro significa a continuação de um legado, de que as narrativas que se constroem no e com o rio continuam a flutuar, continuam rondando o cotidiano de cada um de nós, na certeza de que os laços continuam.

Estamos cada vez mais nos aproximando do nosso porto de pernoite, a cidade onde vamos dormir, mas antes ainda temos muita coisa para observar, apreciar, buscar inspiração e um rio para desbravar e subir navegando. Estamos passando por mais um povoado, este tem uma apropriação do ambiente de forma diferente, está situado em cima de um morro, suas casas estão no alto, na parte baixa do povoado, pessoas estão sentadas em baixo de uma enorme mangueira carregada de mangas, enquanto crianças e jovens estão mais embaixo no nível do rio, jogando futebol em um campinho improvisado, enquanto outros tomam banho.

Essas duas cenas descritas são comuns em toda a beira do rio. As crianças que jogam bola e as que estão dentro do rio, assim como tem sido corrente, quando me proponho a registrar essas passagens, também percebem a presença da câmera apontada para eles, começam a fazer poses e ascenar com as mãos e sorrindo.

De um lado e do outro do rio, de uma margem a outra, o rio vai moldando seus traços, ajudando a tecer paisagens, ritmos, mudanças no modo de se navegar e se relacionar. Mais um povoado está a nossa frente, uma longa faixa de areia, formando uma prainha, um paredão construído com pedras, lembrando os já vistos em quase todas as cidades que cruzamos ao longo de todo o passeio.

Uma pequena igreja bem no centro desse paredão ou cais, enquanto na prainha muita gente aproveitando a tarde de sol, desse sábado, às margens do rio. Morros, serras, começam a aparecer nas paisagens, antes inexistentes até aqui, eles conferem um ar mais singular, oferecendo registros e imagens de encher os olhos, entre o rio, o sol, casas nas suas encostas, nos lugares mais altos, os morros beijando o rio.

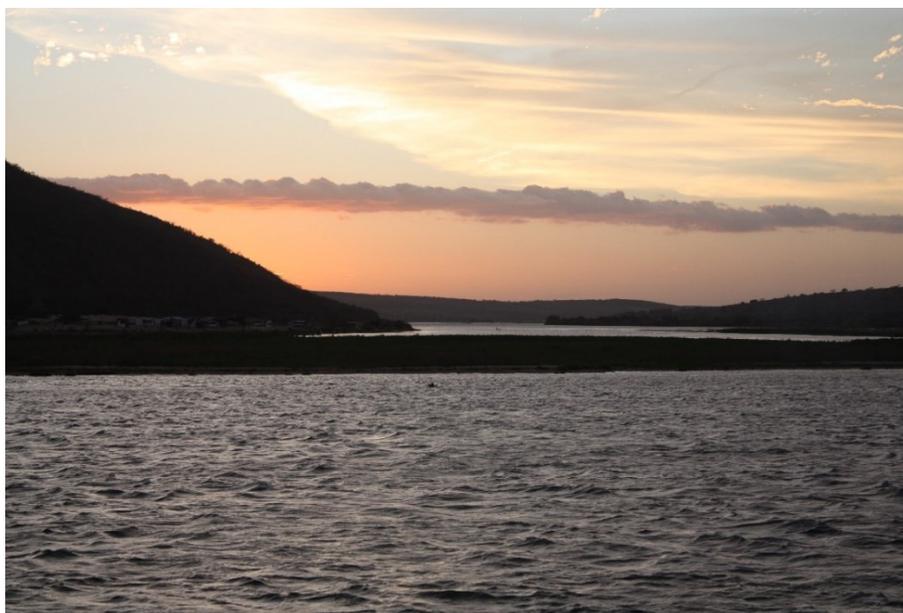
Um dos meus amigos, carinhosamente chamando de Zé Gotinha (em homenagem ao famoso personagem das campanhas de vacinação infantis), cujo seu verdadeiro nome é Wemerson, me chama atenção para uma casa ou casarão, que parece ser do final do século XIX e início do século XX, pelo seu tipo de

arquitetura, ela está ali, em ruínas em cima do morro, recebendo todos os raios solares possíveis, gastando suas paredes dilaceradas pela ação do tempo, sem telhado, sem proteção, plantas e árvores habitam suas entranhas.

Se mantêm em pé, como uma comprovação de um período em que o rio era abundante e trazia prosperidade à região, ao mesmo tempo que destruição. A vegetação típica de climas mais tropicais, vai dando lugar paisagem da caatinga, estamos na região agreste do estado de Alagoas, região de transição entre litoral e sertão, por isso, começamos a sentir um calor mais forte, a temperatura mais elevada, vegetação mais seca, solo mais arenoso e pedregoso fazem parte do passeio.

O sol começa a fazer a sua despedida do dia, descendo lentamente por trás da serra, ganhado formas e contornos distintos, o céu começa a ser preenchido com cores diversas, destaque para uma tons mais rosados e laranjas sobre o céu azul.

IMAGEM 24: pôr do sol entre a cidade de Traipu e a margem sergipana do rio.



SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. (2018).

O rio mais agitado não parece querer descer em direção ao mar, está agitado como se produzisse marolas contrárias a direção que o conduz até o encontro com o mar. Grandes formações rochosas, estão às margens do rio, o sol finalmente adormece. São 17horas e58 minutos pela hora local, chegamos a cidade de Traipu, a cidade está estebelecida para o rio, ou seja, as ruas, as casas, se voltam para o rio. É a primeira vez que estou aqui, diferente das outras cidades, que cheguei a visitar algumas vezes, Traipu não me traz nenhuma lembrança. Um cais também protege a cidade das possíveis elevações do rio.

Canoas, dezenas delas, estão dipostas lado a lado, protegidas do sol, em minúsculos estareleiros artesanais feitos de madeira e cobertos com palhas de coqueiros. Na prainha, tem uns pequenos quiosques com cobertura de palha de coqueiro, além da presença da canoa da minha família materna de nome Geórgia (em homenagem a uma de nossas primas).

A canoa está aqui porquê amanhã pela manhã, ela juntamente com outras canoas da região vão disputar uma corrida até a cidade de Gararu, próxima cidade subindo o rio em direção a Pão de Açúcar, mas que fica no lado sergipano do rio. Corridas de canoas são tradicionais em todo o baixo São Francisco. Muita gente presencia a nossa chegada e aos poucos a noite vai chegando.

O barco repousa, escurece, o jantar vai ser servido em instantes. A hora da refeição é sempre muito divertida, todos querem conversar ao mesmo tempo, disputam para ver quem tem o prato mais “apilado” e mais cheio, alguns chegam a repetir depois que todos já se serviram, muitos correm para elogiar a comida, agradecer e compartilhar suas impressões, e tanto eu como o cozinheiro oficial, ficamos felizes e cheios de sí.

Todos acabam de jantar, uns começam a descer da embarcação e vão andar pela cidade, outros descem e ficam em frente a embarcação, na prainha tomando suas cervejas, tocando seus intrumentos e cantando músicas que se intercalam entre o pagode (ritmo preferido entre eles), samba, forró, sertanejo, etc. Passado algum tempo, desde que jantei, me desdobro a procurar um banheiro vazio no qual eu possa tomar banho.

Depois do banho tomado, sento dentro do barco junto com o amigo Luiz (Pretinho- o cozinheiro), começamos a conversar e a beber também uma cervejinha, enquanto observamos a diversão dos outros fora da embarcação. Existe rumores de que em um povoado próximo estaria rolando uma festa de rua e que conta com atrações nacionais e se apresentam de graça para a população local e lugares vizinhos. Barcos no porto esperam a chegada de jovens, adultos, homens e mulheres, e vão chegando em turmas, entram na embarcação até que ela fique com capacidade máxima, saem com um som alto rumo ao povoado.

Já passa da meia noite, quando armo a minha rede no 1º convés, outras redes já estão armadas, ocupadas, alguns já dormem ou tentam, assim como eu, pois o barulho ainda é intenso, luzes refletem na água, no barco, o tempo todo é gente transitando, conversando. Durante toda noite e madrugada, tenho apenas alguns picos de sono, não chegando a ter um sono profundo. 05:03 da manhã, já tem gente acordada, demoro um pouco para levantar, até que tomo coragem, desarmo a rede e sigo em direção a parte inferior da embarcação, para guardar a rede.

Aos poucos vou despertando e contemplando a experiência de acordar dentro do Velho Chico, de dormir em um barco. Passa das 05:53 da manhã quando começo a registrar através da fotografia, o dia, o nascer do sol, o rio com toda sua serenidade, com sua tranquilidade e calma. Vejo muitas coisas acontecendo ao meu redor, um sol surgindo e seus raios invadindo e refletindo suas cores sobre o rio, amigos tomando banho, uma mulher lavando roupa entre as pedras, a canoa da família sendo preparada para sua tarefa do dia.

IMAGEM 25: mulher na beira do rio, na cidade de Traipu, lavando roupa.



SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. (2018).

São realidades que se confluem, se unem e coabitam o mesmo plano, o mesmo momento, o mesmo ambiente, que se tranforma, se transporta e se alinha com o mundo, cujo o fio condutor, ou o ator-rede, nos termos de Bruno Latour (2015) é o rio, possibilitando as trocas, as ações e os processos de engajamento, participação, ação e apropriação. O rio, não é um mero pano de fundo, ele é um agente que provoca vínculos, afetos, relações, entrelaçamentos de gerações de homens e mulheres que margeiam e navegam dentro dele.

A mulher sentada na beira do rio lavando roupa é quase que um elemento incorporado às pedras, de longe nem se quer notamos a sua presença ali, na beira do rio lavando suas roupas. De cabeça baixa, sentada nas pedras, com movimento leves, ela esfrega a roupa nas pedras e com uma das mãos joga a água do rio sobre a roupa que está sendo lavada, com o intuito de tirar o sabão que serviu de instrumento para a limpeza.

Lanchas começam a chegar no porto, mesmo lugar onde está a nossa embarcação. Quase próximo à outra margem, uma canoa a motor, com quatro homens navegam no rio calmo e brilhoso, refresca essas primeiras horas da manhã, uma manhã, diga-se de passagem, já um pouco quente.

Quase 08h da manhã, é hora de embarcar, o café da manhã já foi servido. O barco começa mais uma jornada. É hora de deixar Traipu para trás e boas lembranças certamente estarão comigo. Paredões que se aprofundam com o rio nos acompanham nesses primeiros momentos da viagem, assim como o pequeno barco do ambientalista Jackson, famoso na região pela sua defesa implacável do rio.

Os paredões com imponentes mandacarus, uma água bem esverdeada, chama não só a minha atenção, mas também serve de moldura para o registro de imagens feitas pelas câmeras de celulares de muitos, muitos que assim como eu estão participando do passeio pela primeira vez, compartilhando comigo o sentimento de admiração, fascínio pelas formações rochosas que estão dispostas na nossa frente.

É um trabalho de centenas, talvez milhares de anos e que continua a ser realizado, a ser cotidianamente esculpido através da força da água, do vento, do sol. Mas também existe a ação humana, já que ao longo da navegação, encontramos muitas casas, plantações, bombas de captação de água, além de uma quantidade incontável de animais de pasto.

09h09, avistamos a cidade sergipana de Gararu, uma cidade que conheço não só por conta de inúmeros passeios familiares, mas também pela enorme quantidade de vezes que fui jogar handebol e enfrentar os times da cidade. Gararu está em festa, é a festa de Bom Jesus dos Navegantes, e por isso a chegada das corridas de canoas na cidade. Fogos anunciam a nossa presença. Gararu, igual às outras cidades. Possui um cais que beija o rio, uma igreja imponente a se destacar em meio às outras construções arquitetônicas. A orla, que era um cartão de visita da cidade, com seu majestoso índio apontando seu arco e flecha para o rio, parece abandonada, e embora a cidade esteja em festa, o vazio toma conta.

É a partir deste ponto que me parece que a situação do rio vai ficando mais crítica, pois é enorme a quantidade de bancos de areia, a profundidade do rio reduzida, demonstrada pela lentidão da embarcação comprometendo a navegação. Chegamos ao povoado de Ilha do Ouro que fica no município de Porto da Folha em Sergipe, passa das 11h20 da manhã, nesse povoado mora minha tia Izabel, irmã

do meu pai, ela é a mais velha entre todos os filhos dos meus avôs Walter e Maria Angélica, ambos falecidos.

Ela mora com seu filho autista e acaba de perder seu esposo, José Roberto (Zé Roberto) pescador bastante conhecido na região. Acabou falecendo no início do ano depois de uma longa jornada lutando contra doença nos rins. Tenho poucas lembranças daqui, é um povoado pequeno, bastante visitado por turistas de Alagoas e Sergipe, uma comunidade que vive da pesca e agricultura. Muitos bancos de areia estão por aqui, tem canoas e lanchas paradas no meio do rio e pessoas em pé se divertindo.

Até o almoço ficar pronto, o barco para em um povoado chamado Barra do Ipanema, que fica na margem alagoana do rio, na cidade de Belo Monte. No povoado Barra do Ipanema, que tem esse nome por ser aqui que o rio Ipanema, que nasce em Pernambuco e atravessa o sertão alagoano, passando pelas cidades de Santana do Ipanema, Batalha e desaguando no São Francisco. É um rio intermitente, no período de estiagem suas águas desaparecem.

Há um elevado morro, quase como uma ilha, em que no topo existe uma capela que se tornou um importante instrumento de devoção, fé e peregrinação e que chama muita atenção, tanto é que muitos dos companheiros de viagem e passeio, registram na nossa passagem. Ficamos por aqui cerca de uma hora e meia. Chegou a hora de voltar a embarcação, o almoço logo foi servido e como acompanhamento do peixe e do camarão, foi feito um saboroso pirão de peixe e servido junto com o arroz.

O almoço é servido ao mesmo tempo em que a embarcação deixa o porto, já passa das 14h50 e a navegação começa a ficar mais comprometida, o rio cada vez mais raso, até que todos são chamados a se dirigir até a parte da frente da embarcação para que com essa ação, possa haver uma maior facilidade de navegação até o nosso destino. O comandante faz essa chamada mais de três vezes entre a cidade de Gararu até aqui, gerando um misto de preocupação, ao mesmo tempo em que muitos acham divertido essas convocações.

Grandes bancos de areia dividem o rio, fazendo com que essa parte final do passeio seja um pouco mais lenta, demorada, requisitando do comandante e do

restante da tripulação (em um total de quatro pessoas), mais atenção para com o rio.

Às 15h20, chegamos ao povoado de Limoeiro, ou vila Alecrim, é o sinal que já estamos no município de Pão de Açúcar. A vila Limoeiro é um dos principais povoados do município, é considerado pela história oficial da cidade, como a primeira vila a existir fora do eixo central da cidade. E até hoje é considerada a Vila que desde que foi denominada de vila, permanece como tal, sendo assim a vila mais antiga do Brasil.

A igreja de Jesus, Marie e José, padroeiros do povoado está encravada no ponto mais alto, suas duas torres imponentes se destacam, as ladeiras do lugar escorrem todas para a beira do rio, é lá que vemos, como em outros lugares já percorridos ao longo desses dois dias, barracas, bares cobertos com palhas de coqueiros, ponto de encontro os moradores e visitantes que escolheram passar à tarde de domingo aproveitando o rio.

No próximo final de semana do dia 29 de janeiro, a comunidade celebrou seus padroeiros, com uma programação religiosa que se inicia no meio da semana e culmina com a procissão fluvial no domingo. Certamente minha família, que todos os anos acompanha, deve se fazer presente. Limoeiro vai ficando para trás. Os ânimos dos amigos, dos embarcados, já começam a ficar alterados, muitos estão eufóricos com a proximidade da chegada.

O próximo lugar que surge diante dos nossos olhos, é a comunidade indígena XoKó na margem sergipana do rio, fica nos limites geográficos do município de Porto da Folha, quase não se vê a comunidade, pois depois do porto, grandes árvores e mata ciliar dão conta de “esconder” as residências que ficam mais ao centro da comunidade, estão a vista apenas as torres da igreja que existe por lá, bem como a torre de comunicação (provavelmente uma torre de telefonia) e uma outra com uma caixa de água no alto.

Nenhum (a) indígena pode ser visto (a) na beira do rio, diferente das outras localidades que passamos ao longo desses dois dias, à margem, existem apenas canoas, barcos, um barco que serve de ambulância náutica, outra que serve de transporte escolar, e tantas outras para a navegação da comunidade. Mais a frente,

cavalos e provavelmente, éguas, estão dentro do rio, a uma longa distância da margem, denunciando o quanto o rio está assoreado.

15h59, passamos pelo povoado de Jacarezinho, que fica também bem próximo de Pão de Açúcar e de outros dois povoados, Santiago e Espinhos, formando a tríade de pequenas comunidades, que sobrevivem e estão intimamente conectadas com o rio e tudo que ele pode oferecer. É no em frente ao povoado de Jacarezinho que pela primeira vez, em todo o passeio, que é possível observar a presença de grandes pedras no meio do rio, mais um sinal da vazão do rio. Dez minutos depois, chegamos a mais uma comunidade, desta vez é a comunidade quilombola de Mocambo, que fica no município de Porto da Folha, em Sergipe.

Terra e vegetação seca, árvores e plantas típicas do sertão. Barreiras e encostas em processo de erosão compõe o cartão de boas-vindas ao povoado. Muita coisa mudou por aqui, uma faixa de terra que existia antes e nos permitia chegar a comunidade com mais facilidade, hoje não existe mais, a vegetação era mais presente, o rio encontra o barranco e ambos se transformam e moldam seus corpos.

Diferente da comunidade indígena é possível ver as casas, a pequena capela ou igreja da comunidade, chego a procurar entre essas casas, a casa que costumava visitar os parentes do meu pai, que pertence às primas e primos do meu pai, já que ele nasceu nessa comunidade e está sempre aqui, visitando seus familiares e amigos.

A ligação do meu pai com seu lugar de origem é tanta, que ele sai de onde se encontra e vem em minha direção pedindo para que eu possa fotografar a comunidade, e assim eu faço. Imediatamente me lembro que foi com essa vista que sonhei pela primeira vez com o Preto Velho, que me guia e me acompanha nessa caminhada. No sonho, eu estava sentado dentro de uma canoa junto com ele, e ele com a sua bengala apontava em direção a comunidade ao mesmo tempo em que navegávamos, daí foi que surgiu a inspiração para o tema do projeto de pesquisa, que agora se transforma em tese de doutorado.

São 16h33, o Cristo Redentor, ao longe, anuncia que estamos chegando ao destino final do passeio. Pão de Açúcar e sua extensa praia começa a nos receber.

Na nossa frente, do lado sergipano temos o povoado de Niterói, que através de uma placa instalada na beira do rio, anuncia: Divisa dos Estados de Sergipe e Alagoas. Niterói é um povoado que pertence ao município de Porto da Folha, servindo como ponto de embarque e desembarque de pessoas, produtos, que passam, que se vão, que chegam de estados como Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe, é um povoado que estabelece uma relação de irmandade em Pão de Açúcar e acaba por se utilizar dos serviços.

IMAGEM 26: Divisa dos estados de Sergipe e Alagoas. Do outro lado se vê a cidade de Pão de Açúcar.



SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. (2022).

Aqui passei grande parte da minha infância e começo da adolescência, até ir morar em Maceió, na companhia de meu pai, muitas vezes da minha mãe, irmãos, tios, primos, e amigos que aqui fiz, costumávamos brincar e passar um dia inteiro correndo pelo povoado, jogando bola, tomando banho de rio, participando de festas nas casas de compadres dos meus pais (batizados, aniversários, casamentos, etc).

É um povoado que cresceu e se desenvolveu muito nos últimos anos devido à chegada do asfalto no final da primeira década de 2000. Daqui partem barcos, canoas, balsa fazendo travessia o tempo todo, saem ônibus para outras cidades de Sergipe e principalmente para a capital Aracaju. Ao longo dos anos, meu pai e seus

irmãos têm gerado empregos para alguns moradores, principalmente homens, que os ajudam trabalhando nas embarcações da família.

Na beira do rio, ainda em Niterói, é possível perceber o fluxo de caminhões pipa, que diariamente vêm buscar água para levar às comunidades rurais mais afastadas da margem do rio e que ainda não contam com um sistema de abastecimento de água feito por tubulações e que no período de estiagem e seca prolongada não conseguem armazenar água em suas cisternas e poços artesianos.

Já em Pão de Açúcar, as balsas que fazem o transporte de caminhões, carros, uma se encontra parada e a outra em pleno funcionamento, fazendo travessia de veículos, ao mesmo tempo em que lanchas cruzam de uma margem a outra com passageiros dos ônibus, com turistas fazendo passeios. Uma travessia que em outro momento durava em média de 30 a 25 minutos pela distância percorrida, hoje não ultrapassa os 05 minutos, devido ao alargamento da praia central, bem como da profundidade do rio, ocasionando que os portos mudem de tempos em tempos.

O grande cais, bem afastado da margem do rio, lembra cotidianamente até onde podia chegar o rio em suas grandes cheias, mesmo antes da construção da hidroelétrica de Xingó. Antigos portos ainda estão no cotidiano da população, já que a última grande cheia e a água que chegou nesse limite foram no início do ano de 2007.

Dentro do barco a animação é total, todos juntos registram suas chegadas, é a maior concentração de *selfies* por metro quadrado. Eu subo no banco para ficar mais alto e poder registrar esse momento, essa chegada na hora que todos levantam as mãos para cima e batem palma, indicando a satisfação de poder viver essa experiência. Logo em seguida alguém (que não me lembro exatamente quem foi e nem sei o nome), propõe que façamos uma oração agradecendo pela chegada e pela tranquilidade do passeio, desses dois dias navegando pelas águas do Velho Chico, um Pai Nosso e uma Ave Maria são entoados, no final todos aplaudem e a alegria contagia.

A praia central continua lotada e o sol parece não dar sinais de que quer ir embora, o calor do fim de tarde é amenizado por uma leve brisa que costuma cair

nesse horário por aqui. A igreja matriz do Sagrado Coração de Jesus, majestosa com suas duas torres, um coração gigante na faixa, podem ser avistadas por todos, já que a sua frente existe apenas um coreto e nada mais pode lhe atrapalhar de ser vista.

As serras atrás e ao longe compõem o cenário típico de uma cidade de interior, que é ao mesmo tempo banhada pelo rio e cercada por morros, serras e caatinga. Vou fotografando toda a praia, as casas, as ruas, passando pela casa dos meus pais, a comunidade de pescadores existentes na rua da alegria.

Estamos nos últimos momentos do passeio, a proximidade do Cristo, de braços abertos anuncia o porto de chegada, crianças jogam bola às margens do rio, em um campinho improvisado com capim que se formou com a diminuição do rio e logo acima deles, uma antiga fábrica em ruínas serve de cenário para o encontro entre o presente e o passado. Canoas estão dispostas ao longo de toda a margem, preenchida também com barcos e lanchas, carros, bares, barracas, animais e uns três estaleiros artesanais.

Aos pés do morro do cavalete, morro onde se encontra o Cristo Redentor, temos a bomba que leva água à estação de tratamento que abastece toda a cidade. Neste ponto, é onde fica a parte mais profunda do rio nesse trecho da cidade e boias estabelecem os limites para os banhistas, moradores e turistas, pois muitas vezes chegam notícias de afogamento de pessoas no local.

O barco dá a volta até a parte de trás do morro e onde podemos avistar outra adutora de captação de água, só que essa é responsável por levar água para as cidades da região. No horizonte se vê uma pequena ilha, conhecida como ilha do sossego e que fica entre os povoados de Bonsucesso, pertencente ao município sergipano de Poço Redondo e Ilha do Ferro, pertencente a Pão de Açúcar, a ilha está mais no lado sergipano do que alagoano, mas é muito frequentada pelos moradores de Alagoas.

Nessa ilha encontra-se um navio naufragado do século XIX, cujas estruturas começaram a aparecer recentemente em virtude do baixo volume do rio, se tornando alvo de visitas constantes. Depois de dar a volta, o barco chega ao seu destino, parando exatamente do lado da bomba que abastece a cidade. Assim,

todos com o sentimento de alegria, de felicidade e cansaço, começam a desembarcar, alguns familiares os esperam no porto, seus pais, irmãos, esposas, filhos, amigos.

Foram dois dias intensos, muitas coisas vistas, observadas, sentidas estão presentes apenas na cabeça e que não acabam sendo passíveis de descrição ou narração, mas que com o tempo e um longo processo de aprendizagem, mais e mais passeios, talvez em outro momento e contexto seja possível externalizar as experiências.

A noite cai, as luzes da cidade se ascendem, a lua refletida no rio remonta ao significado do nome dados pelos índios à cidade, Jaciobá, que na linguagem tupi guarani, significa “Espelho da Lua”. O barco vazio repousa merecidamente, pois ao amanhecer será a hora de voltar, fazer o caminho de volta por essas águas, que banham cidades, povoados, que contam e narram histórias.

3.1- Os desassossegos de uma vida em barramentos:

É mais um domingo de sol. É mais um domingo em que a temperatura está ultrapassando a casa dos 34º graus. O mormaço toma conta de toda a cidade. A beira do rio está vazia, situação difícil de imaginar em tempos de verão. Enquanto escrevo estas linhas, há um decreto estadual de 2021, publicado no início de março, proibindo entre tantas coisas, a circulação e estadia de pessoas nas beiras de rios, praias, lagoas e marinas aos finais de semana.

A Pandemia se alastra por todos os lados e nos impõe ficar distante do rio em dias de sábado e domingo. Essa medida tomada pelo governo do estado vem e vai a todo instante, o que acaba também por dificultar ainda mais a vida dos donos de barracas e bares nas margens. Afasta turistas, afetando também o trabalho dos barqueiros, canoeiros que fazem passeios com os turistas.

Por conta deste decreto as margens só passam a receber moradores e visitantes durante a semana. Moradores mantem rotina diária com o rio, lavam e secam trouxas de roupas, cuidam dos seus botes e canoas, fazem reparos. Mulheres, crianças e jovens, caminham, brincam, jogam bola dentro e fora da água,

moldam seus corpos, suas relações enquanto o próprio rio faz e refaz seu curso, seu caminhar e suas próprias narrativas temporais.

O rio estando e sendo ocupado, experienciando e friccionado, mesmo que descontinuamente é lugar de encontros, de prazer, de entregas que atravessam as homogeneidades do cotidiano, mesmo que este não seja o mesmo de dez anos atrás.

Do alto do terraço da casa dos meus pais, cujo fundos (o quintal) se encontra com a grande croa que margeia o rio, daqui de cima eu tenho uma visão ampla e privilegiada de toda a croa e de uma boa parte do rio que seguindo em direção a foz, banha Pão de Açúcar, Niterói, Mocambo, Ilha de São Pedro, tantos outros povoados e comunidades que estão se conectando tanto com o rio, como com a terra de Jaciobá.

Daqui de cima eu reconfiguro o meu olhar, os meus pensamentos e me conecto oniricamente e ontologicamente com o ser que embalou todas as minhas capacidades físicas, emocionais e espirituais, ao mesmo tempo em que foi moldando e até hoje faz, a minha conscientização de ser e estar no mundo, de forma crítica, empírica e subjetiva.

Cotidianamente, então, os meus olhos colapsados e entregues ao mundo real são franciscano, cruzam com canoas, lanchas, botes, balsas que vem e vão, histórias que estão sendo narradas através das técnicas, das habilidades, das dores e preocupações de uma gente que vai inventando modos de estar entregue às águas e vão se reconfigurando ao passo que as paisagens que são oriundas do rio e ele próprio, passam por processos de atualizações de suas capacidades de gerar energia, riqueza e lucro.

Do alto do terraço meus olhos encontram o povoado Niterói, que ficando na margem esquerda do rio, pertencente ao município de Porto da Folha, é a porta de entrada e saída de pessoas, produtos. As travessias são feitas pelas balsas, que funcionando vinte e quatro horas não deixam o rio dormir e nem cochilar, mas também são idas e vindas embaladas pelos barulhos dos motores de canoas e lanchas.

IMAGEM 27: Povoado Niterói, na outra margem do rio.



SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. (2021).

As lanchas são feitas de madeira, chegando a comportar até quarenta e duas pessoas. Já as balsas são construídas tanto de madeira, como de ferro e aço, transportando carros, motos, caminhões, ônibus e etc.

Lembro-me de uma época em que essas travessias poderiam durar mais de quinze a vinte minutos, dependendo da velocidade de cada lancha e balsa, quando o porto de Pão de Açúcar era ainda mais distante de Niterói, hoje ele se encontra há aproximadamente cinco minutos. Por vezes era tão demorado esperar pela balsa, principalmente, que filas de carros, caminhões e motos se formavam por algumas ruas da cidade em pleno verão ou férias de meio do ano. Hoje é preciso atravessar toda a croa para poder chegar até o local de embarque e desembarque.

Com a atual situação do rio cada vez mais raso, mais assoreado, com as margens aumentadas e sua largura cada vez menor, a viagem de uma margem a outra tem ampliado as experiências contraditórias de um rio povoado por práticas fragmentadas pela modernização, enquanto peixes somem, esgotos desaguam e jogam dejetos ao longo e além. Diferentemente das canoas que deslizam sobre as águas e bailam com o passar e abri de seus panos, balsas e lanchas travam batalhas para se pôr em navegação, sem que fiquem encalhadas em bancos de areia.

De volta há um tempo em que nem os bancos de areia e em o lodo em abundância eram problemas reais a serem enfrentados com mais atenção, meus pais moravam na Avenida Ferreira de Novaes, que junto com a rua Ferreira de Novaes, a rua São Francisco e a rua da Alegria, estão situadas de frente para o rio e cujos os quintais estão voltados para o rio. Todas as pessoas que precisam ir e voltar dele, dependendo do ponto onde estão, precisam passar por estas ruas.

Toda minha infância, adolescência e parte da juventude, até completar 16 anos, foram vividos na Avenida Ferreira de Novaes, correndo entre uma rua e outra, tendo amigos, tios e tias residindo nas ruas da Alegria e São Francisco. São desses períodos, correndo atoa por lá e construindo meus próprios mecanismos de pertencimento, que busco navegar, nadar e brincar em um rio mais farto e abundante e para o qual olho da janela do presente refletindo sobre tantos ensinamentos aprendidos enquanto na beira do rio caminhava, para então contrapor com lucidez as destruições, desequilíbrios dos nossos dias.

Fechando os olhos, sentindo o vento forte bater em meu corpo, ouvindo pontos para Oxumarê, “... *Araká mó bó órun! Si ló ba dê owo ô, Osúmarê ô! O ni a fé um! Fé un fé! O ni a fé um! Fé un fé! Dan e su dan e boboh e su dan! A ijò á un belê Bessém ko dê maria!* Me vejo dentro de casa, uma casa de cor verde, de arquitetura datada do início do século XX, é uma casa alugada, faixada verde claro e com batentes, um pequeno quintal com uma goiabeira, uma casinha de cachorro e nosso cachorro rambo.

Dentro de casa estão meu irmão lury (um ano mais novo que eu), minha irmã llana (quatro anos mais nova que eu) e minha prima-irmã Josineide (Neide, que é uns cinco anos mais velha que eu). Enquanto meu pai estava trabalhando na lancha, fazendo a travessia de passageiros entre um porto e outro ou em viagens para outros povoados e cidades, minha mãe trabalhando na 8ª Coordenadoria Regional de Ensino de Alagoas e depois dando aula e dirigindo escola estadual, era ela, essa prima que tentava tomar conta da gente.

Quando não era ela, era a Cristiane, atualmente ex-esposa do nosso primo Edmilson. Em frente a nossa casa sempre existiu bares e uma escola municipal. A escola continua formando e educando crianças e adolescentes das ruas próximas.

Os bares assumiram outras funções, muitos hoje são casas. Porém, o bar Toca do Índio, que pertenceu ao meu tio Dedo, funcionando como bar e também como um ateliê de sandálias de couro.

Meu tio continuou a fazer sandálias que por muito anos foi também uma das atividades desenvolvidas pelo meu avô Odilon. Hoje, além do meu tio, seus filhos também fazem e produzem as sandálias de couro, além de conserto em outros tipos de sandálias, calçados em geral.

Era lá também e ainda hoje é, de forma menos intensa, que se reuniam os homens, os mestres, os pescadores, canoeiros para conversar, para bolarem ideias e planejar viagens pelas águas do rio, atrás de madeiras para fazer as canoas, de bambus para moldar as vergas que sustentariam as velas, os panos. Era na toca, digo era, porque a realidade cotidiana de hoje, sufocada pelas ausências desses antigos mestres, pela proibição da retirada de madeiras, pelos percursos e trajetórias interativas moldadas pelos atuais mestres e demais homens do rio na contemporaneidade, não se perpetua mais por lá.

Assim como o rio não é mais o mesmo, e ele nunca foi o mesmo, dia após dia, os mestres e todos aqueles se relacionam através de práticas, técnicas e habilidades com ele, seguem suas experiências sendo modificados pelo desenvolvimento de novos equipamentos e na constituição de novos laços.

Enquanto eles bolavam estratégias de aperfeiçoamento de suas técnicas nas reformas e construções de canoas e botes lá na Toca do Índio, nós as crianças, filhos e filhas, sobrinhos (as), netos e netas, brincávamos entre uma verga e outra, fazíamos dos panos, barraquinhas capazes de nos esconder, entrávamos dentro dos grandes pneus que serviam de base para suspender a canoa e deixá-la pronta para passar por pintura, tapagem de rachaduras, etc.

Às vezes brincávamos dentro da canoa, fingíamos que estávamos dentro da água e a canoa a navegar, subíamos no pé de castanhola (amendoeiras), corríamos por entre os bares até descer para croa.

No tempo em que o rio estava mais seco, entre a croa e os bares, existia uma vegetação rasteira bem diversificada, às vezes era possível encontrar entre um “mato” e outro, cabaças, pés de abobora, de maxixe, tomate, mamona e tantas

outras espécies vegetais que não consigo lembrar o nome popular, mas que continuam presentes e vivas nas minhas lembranças. Ainda de olhos fechados consigo ser transportado para os fundos dos bares e correndo por entre essa vegetação, nos alimentava da terra e caíamos por sobre ela e aprendíamos através da coletividade a expandir nossas porcentagens criativas de viver nas margens.

Todas essas plantas faziam também parte do nosso divertimento, fosse na parte da manhã ou atarde, dependendo sempre dos horários das aulas durante a semana. Era com elas que interagíamos, compartilhávamos nossos dias nas margens.

O rio se apresentava como um ser supremo, fonte de todas as alegrias e também de castigos. Com ele ampliávamos os horizontes permissíveis para crianças daquela época (década de 90), mas também com a ajuda dos adultos nos colocava limites e medos. Através dos olhos da infância não compreendíamos muito bem o que os adultos já sentiam e percebiam as mudanças significativas que estavam começando a acontecer pós-construção e funcionamento da hidroelétrica de Xingó.

O que eu, meus irmãos, primos e amigos queríamos ali, era apenas se divertir e ao passo que a diversão era gerada, também aprendíamos, modificávamos e construíamos nossa própria relação mais que humana com ele. Ele nos unia, nos ritmava, havia e de certo modo ainda há, certa interdependência entre nós com o rio e com suas águas.

Há um pensamento de Ailton Krenak em “Ideias Para Adiar o Fim do Mundo” (2020), sobre o rio Doce que interage reflexivamente com o modo, com os modos com os quais tenho, ao longo dessa minha existência e pertencimento ao rio, e deve ser assim também para muitas pessoas que compartilham suas vidas com o rio São Francisco. Para Krenak, o rio Doce, que na língua indígena é chamado de Watu (nosso avô), é um ser vivo, uma pessoa, não é visto como um recurso, como produto.

Ele não é algo de que alguém possa se apropriar, é uma parte de nossa construção como coletivo que habita um lugar específico, onde fomos gradualmente confinados pelo governo para podermos

viver e reproduzir as nossas formas de organização (com toda essa pressão externa). (KRENAK, 2020, p. 40).

Assim, ao encarar e conviver com o rio compreendendo que ele é também um ser que vive, que tem desejos, uma pessoa, um ser capaz de construir suas próprias narrativas, sejam elas interativas ou não, que foram sendo apagadas, silenciadas, descoladas e deslocadas em torno de uma ideia de vida mais globalizante, como nos alerta Krenak (2020).

Porém o simples fato de acordar todos os dias, ir até a porta dos fundos e olhar para o São Francisco, a minha capacidade de existência e de estar conectado a ele, como um filho está conectado ao pai, a mãe, é muito mais que uma metáfora ou uma imaginação, é real.

Só não é real o rio que eu imagino agora diante de mim. Como também não é real o rio que foi projetado e imaginado pelos meus, nossos antepassados quando por ele navegaram, pescaram, nadaram e nas margens andaram, porque desde que ele foi “descoberto”, invadido pelos colonizadores, ele foi despersonalizado de suas características ontológicas, vitais, míticas, sensoriais e mais que humanas dadas pelos povos originários, como sendo sagrado e de memória ancestral.

O rio da minha infância e adolescência me tomava por inteiro, de vínculos fortes e compartilhado com as minhas famílias e amigos. Não havia um só dia em que os meus pés não tocavam as suas águas. Crescer com o rio, navegar por sobre ele e mergulhar por debaixo dele me possibilita reivindicar caminhos de aprendizados que não começaram comigo e não se encerram com a minha geração. Ele está se movimentando e criando novas possibilidades de continuar mexendo em nossas próprias estruturas e paisagens fixadas pelo concreto, pela ciência.

São camadas de memórias, de histórias, de imaginações e desejos que foram sendo fixadas e configuradas ao longo do tempo, mas sobre os quais nós fomos adicionando pitadas de criatividade oriundas de nossa sede pelo imediatismo. *É importante viver a experiência da nossa própria circulação pelo mundo, não como uma metáfora, mas como fricção, poder contar uns com os outros.* (Idem, 2020, p. 27).

E eu fui criado sabendo que o rio, que o São Francisco pariu todas as nossas maneiras de se perceber no mundo e que sua vida está continuamente remando em nossas andanças, em nossos medos, mesmo que conscientemente, muitos de nós tenhamos tentado, delirando em nossas próprias ganancias, se descolar do mundo do rio.

Um dia, como tantos outros dias em que descíamos depois das cinco horas da tarde, quando largávamos do colégio, para jogar bola do lado de cá da croa em frente à toca do índio, traves de areia demarcadas com chinelos, bola de borracha. O limite de um dos lados do campo dava de encontro com um pequeno laguinho que sobrevivia com água depois que o rio secava. Seu comprimento sempre ia quase em frente da toca até a churrascaria do pinto, não era tão profundo e nem tão grande, mas a água era suficiente para que peixes ali se desenvolvessem, mesmo não atingindo peso e tamanho suficiente para o consumo.

Era possível encontrar principalmente, piabas, chulapa, saburica, traíras, além de muitos ovos de sapo que iam virando girinos e depois se desenvolviam até chegar a idade de ser um sapo e buscar outros habitats ao redor do laguinho. Alguns deles conseguiam sobreviver as intemperes do caminho e atingir o auge do sucesso quando avistavam as ruas da cidade e pela Avenida Ferreira de Novaes eram mortos pelos carros, pedestres. Nós tínhamos uma convivência muito próxima com os girinos, eles não nos provocavam nojo, como era comum perceber em outras pessoas que não tinham o convívio quase que diário com eles se proliferando dentro do nosso laguinho.

IMAGEM 28: nosso laguinho: meu irmão lury de patins e meu primo Ray, cuidando dos carneiros.



Arquivo familiar, década de 1990.

De vez em quando um ou outro girino aparecia pregado em nosso corpo, dentro da roupa, quando por vezes em disputa de bola, acabávamos caindo dentro do laguinho, já que de livre vontade, havia restrições impostas pelos adultos para não tomar banho nele, suas águas eram consideradas paradas, só encontrando outros movimentos quando chovia ou quando o rio enchia e aí havia o encontro de ambos os corpos hídricos. Mas a bola sempre caía nele, nossos corpos em confronto se chovam e lá estávamos cobertos de lodo, de girinos.

Os girinos eram nossa espécie companheira de todos os rachas e jogos na areia. Eles eram pretinhos com um corpo que se assemelhava a um espermatozoide com rabinhos muito finos, seu corpo era escorregadio e por isso muita gente sentia nojo em tocar, mas eu não. Era do tamanho de uma unha do dedo indicador. Muitas das vezes os levávamos para a casa, dentro de garrafas e copos, no intuito de vê-los crescendo diante dos nossos olhos. Aos poucos fomos compreendendo e aprendendo que eles não sobreviveriam longe do seu habitat e nem que virariam sapos dentro de garrafas.

Assim também fomos aprendendo aos poucos que piabas, chulapas e qualquer outra espécie de peixe que pegávamos vivas e depositávamos em garrafas, tanques de lavar roupa, não iam sobreviver mais do que uma ou duas horas sem viver na companhia da água do rio, do laguinho e de seus componentes vegetais que davam sustentação biótica a sua evolução e desenvolvimento.

Queiramos de todo jeito e forçadamente criar peixes em casa, misturando água do rio com a água abarrotada de cloro coletada das torneiras e acumuladas em baldes e nos próprios tanques velhos feitos de pedra e abandonados em nossos quintais. Nunca tivemos aquários apropriados para a criação de peixes e conseqüentemente não tinha oxigênio e a temperatura ideal da água. O peixe morria e logo enterrávamos ali mesmo, no quintal. Quando percebíamos que eles estavam prestes a dar seu último suspiro, por vezes saímos correndo pelo meio da rua até alcançar o laguinho ou a outra margem do rio e jogávamo-lo ainda vivo.

Revivendo em mim e aqui essas memórias mais fortes, não é demais acreditar no quanto não só eu, mas todos os meninos e algumas meninas fomos capazes de desandar e desorganizar a vida de tantos peixes, de tantos projetos de sapos, até mesmo do próprio laguinho que mesmo vivendo de forma precária, mantinha seu modo operatório de continuar existindo, pois ao mesmo tempo em que tínhamos a necessidade de viver junto dele, a nossa meninice apegada as alegrias de viver correndo e nadando solto pelas margens, nos fez aprender.

Como nos diz João Guimarães Rosa em “Grande Sertão: Veredas” (2019), contando em versos e prosas a vida sendo tecidas nas margens de um sertão vasto, diverso e colaborativo do seu tempo: [...] E a gente, isso sei, às vezes é só feito menino. Mal que em minha vida aprontei, foi numa certa meninice em sonhos – tudo corre e chega tão ligeiro – será que se há livre de responsabilidade? Se sonha; já se fez [...]. (GUIMARÃES ROSA, 2019, p. 25).

Matei muitos peixes e não os comi, matei muitos girinos e eles não cumpriram suas funções aqui neste mundo. Até hoje não sei se careço de perdão. Se existe céu de peixes e girinos, espero que todos aqueles que foram sacrificados pelas minhas mãos, pés, corpo e bagunça, tranquilamente são para lá que irei e nem aqueles que fizeram o mesmo que eu, mesmo que tenha toda uma carga de

inocência e pouca preocupação ambiental. Mas o nosso castigo é ter desobedecido a lei e palavra dada pelos adultos. *Tempos foram, os costumes demudaram. Quase que, de legítimo leal, pouco sobra, nem sobra mais nada.* (Idem, 2019, p. 26).

Havia ainda nesse laguinho (nosso laguinho), que não era nem onde os sapos faziam morada e família, depositava seus ovos, uma estrutura de um poço feito de tijolos e formato circular. Nunca conseguíamos ver mais que quatro palmos do resto de sua estrutura, ela estava debaixo da terra. Quando o laguinho secava mais um pouco, a estrutura que estava coberta pela água ficava a mostra, pulávamos de cima dele, às vezes tentávamos retirar a areia que ficava no centro, mas sem muito sucesso.

Brincávamos muito ao redor dele e com ele. Criávamos histórias sobre o seu passado. Por que de um posso está na beira do rio? Por que não conseguíamos ver ele por completo? Quem construiu? Quem será que dedicou a sua vida a tirar água de dentro dele, se é que um dia existiu água ali? Por muito tempo a gente acreditou que tinha um passado indígena, que nunca foi confirmado. Os nossos mais velhos sequer se lembravam que existia aquele poço ali. O que de fato eu sei é que aquele poço encoberto de areia, lama e lodo aguçava o meu pensamento, me fazia criar e recriar histórias ao seu respeito.

Hoje soterrado pelo tempo, pelo vento, pela areia que se move já que não existe mais o nosso tão companheiro e cheio de vida precária, o laguinho, o poço, que de tão misterioso se tornou fonte de devaneios, está tão preso nas margens de um rio que impregnou na saudade. A cabeça dentro da água, o corpo mergulhado e encostado no poço, no lodo, junto aos girinos transbordava felicidade. *Perto de muita água, tudo é feliz.* (Ibidem, 2019, p. 28).

Todos os anos esperávamos cheios de contentamentos e planos as cheias do rio, pois sabíamos que suas águas chegariam mais próximas de nossas casas, da rua da frente, dos quintais da rua São Francisco, rua da Alegria. Água na beira do caís, indo e vindo em velocidade correnteza trazendo para seus antigos portos, lanchas, canoas e balsas, já que grande croa que margeia o rio e a cidade desaparecia, quando ele enchia.

Quando o rio enchia suficientemente até bater no caís e nos portos, a croa sumia, ficar submersa até que o rio recuasse. Desaparecer é um termo que usamos para se contrapor ao que está aparecendo e que de uma hora para outra some de nossas vistas, do que pode ser visível. Sabíamos sempre que ela, a croa, estava ali, só que imersa debaixo da água, do rio. Tudo isso era possível vivenciar ainda na década de 90, já que a recente inauguração da usina hidroelétrica de Xingó em 1994, não conseguia pôr em movimento as drásticas reduções das vazões como ocorrem hoje.

Eram oito o número de portos que antes de toda e qualquer construção de usina rio a cima, recebiam as grandes embarcações, canoas, lanchas e balsas. Todos esses portos ficavam na parte central da cidade, sendo dois deles localizados mais próximos do morro do Cristo Redentor. Dois deles localizados na Avenida Ferreira de Novaes, que antigamente era a rua da praia, recebiam principalmente passageiros e não mercadorias pois em alguns há a presença de degraus ao invés de rampas. Em torno dessas escadarias e portos foram construídas praças que até hoje servem como um dos principais pontos de encontros da cidade.

Esses antigos portos nunca mais viram as águas do rio São Francisco beijarem suas paredes, seus degraus e rampas. Eles são rastros esculpidos no tempo, foram pensados e preparados para conter a fúria de um rio que não via limites e nem desvantagens em ser forte. Me conectando com Anna Tsing (2019), posso considerar tais estruturas como sendo pertencentes as ruínas do Antropoceno, cujos os usos e desusos encontram motivos reais na proliferação, a partir da década de 50, das hidroelétricas que estão situadas desde a nascente até próximo da foz do rio.

Porém, entendo que a própria construção do caís e das escadarias do si só já se constituíam como produção fundamental para o represamento do rio e sua livre circulação e conseqüentemente seu estreitamento, já que Pão de Açúcar ficava ilhada em tempos de cheias. É uma ruína porque são construções impostas para conter a força do rio, para receber as embarcações que chegavam de todos os lugares. Sem a força do rio, eles servem para quê?

Pode-se até imaginar e ou refletir sobre a possibilidade de que muitas cidades ribeirinhas do Baixo São Francisco, incluindo Pão de Açúcar, são cidades ruínas, pois até o tempo em que o rio era a malha fluvial mais importante de ligação entre outras regiões do Nordeste e do Sudeste, elas eram proeminentemente fartas, onde a economia, o poder, a riqueza prosperava, mesmo que para isso, a paisagem e as águas do rio fossem bulinadas e manchadas.

Enquanto traço e ponho no papel esses recortes produzidos pela memória, flashes e pequenos fragmentos se misturam, me confundem e reviram meus pensamentos pelo avesso. De olhos abertos, enquanto escrevo, ou por alguns segundos quando fecho, o tempo todo eu vejo crianças, jovens, meninos, meninas correndo para cima e para baixo indo de encontro as canoas e lanchas que chegavam nesses portos (quando do rio cheio).

Mas eu também me vejo correndo pela rua da frente, procurando a lancha do meu pai. Correndo e gritando, ia de encontro a ele e a lancha, vendo onde ia parar e desembarcar os passageiros, suas bagagens e algumas mercadorias que vinham de Sergipe, ao mesmo tempo sabíamos que aquelas paradas e portos não durariam para sempre, o rio havia de secar. Quando o rio voltasse a correr e passar longe dali as lanchas voltariam aos seus portos mais usuais.

Muitas lanchas paravam vindas de baixo, sentido foz a Pão de Açúcar e de Niterói- Pão de Açúcar, entre os portos da Avenida Ferreira de Novaes e a Rua São Francisco, já as que vinha de cima, sentido Ilha do Ferro, Bom Sucesso, na parte de cima do rio, paravam sempre nos portos mais próximos do morro do Cristo. Eram muitas lanchas todos os dias, mas principalmente as segundas-feiras, pois a feira ainda acontece sempre as segundas.

Corríamos de um lado para o outro acenando com a mão, gritando para ver se meu pai notava a nossa presença. Queríamos subir na lancha, dar uma voltinha. Ir a Niterói e voltar. Sentir as marés agitar a lancha. Queríamos emoção, divertimento. Andar de lancha. Aprender a pilotar, cobrar a passagem aos passageiros, pegar dinheiro, comprar doces, bola, pipoca. Pegar carregos que chegava com cada desembarque. Tudo isso, repito sempre que o rio se encontrava cheio, corria ligeiro, corrente e apressado, da cor de barro e terra molhada.

Naquele momento, acreditava eu, que nada era capaz de parar o rio. As barragens naqueles instantes em que canoas subiam e desciam o rio com redes, covos, com pescadores, peixes e camarões, parecia ao menos para mim, sinal de progresso e nada mais. Não entendia de certo, mesmo ouvindo constantemente as preocupações dos mais velhos, quando se reuniam na toca do índio e ou na beira do rio e falavam sobre a situação agravante do rio, principalmente quando meu avô falava.

Ele sinalizava em meados da década de 90 novamente, os dias de desassossego e tormenta que o rio viria a enfrentar alguns anos depois. O Baixo rio não daria conta de suportar tantas agressões. É ele quem tem seus desassossegos, suas angustias. Água só para gerar energia, por que só me, prendem, represam as águas que deviam revirar as profundezas do rio? Há um contraste presente ao longo de todo rio. Enquanto o alto e o médio São Francisco continuam a prosperar, o Baixo se rebuliça para não sucumbir de fome e sede.

Certa vez, lá em 1997 (por mais que o tempo passe, eu nunca me esqueço do ano, mas o dia e o mês não provocam o mesmo despertar dos dias que se foram), meu avô Odilon deu uma entrevista na rádio local, a Jaciobá FM (que já não existe mais), ao meio dia para o radialista Helio Fialho. Na pauta estava a atual situação do rio, que já naquele ano, ou seja, três anos depois da inauguração da hidroelétrica de Xingó, já começava a preocupar as comunidades ribeirinhas e principalmente os pescadores e antigos pescadores e mestres canoeiros.

Entre tantas coisas que ele falou naquela entrevista concedida na hora do almoço, certamente o que mais chamou atenção, foi quando enfaticamente pontuou que o rio estava passando por um momento bastante crítico, principalmente pela ausência de algumas espécies de peixes e seu baixo volume.

Era preciso então, aproveitar o máximo, parar de pegar os peixes pequenos e os deixar crescerem, povoarem e reproduzirem. Era preciso parar de jogar lixo, os pacotes de pipocas, os copos. Agora já crescido e desfrutando de certos privilégios dados pelos acúmulos de conhecimento sobre a vida e sobre a minha própria história, refletindo continuamente nas trocas silenciosas com o rio, com os sonhos e com práticas, estabelecendo outros ritmos temporais e angustiantes.

E por isso mesmo, me faz recorrentes viagens e mergulhos nas profundezas de minhas memórias reconectando-me demasiadamente ao nosso passado e a partes compostas de um mesmo mundo habitado, construído nas bordas limites de dois territórios fronteiriços que se unem e se separam pelas tuas águas. Somos ambos neste instante e nesta constância, sertanejos, ribeirinhos e frutos de mudanças paisagísticas, industriais, capitalistas e prejudicialmente conectados ao poder econômico e político global.

É importante destacar que partindo deste ponto, é fundamental compreender que nenhuma cidade ribeirinha, especial em Pão de Açúcar, por está incluso nela, nunca teve uma relação harmônica, sustentável, ambientalmente dialógica com o rio. Sempre foram cidades que se lançaram sobre o rio para prosperar e promover economia, bens e produtos para outros lugares.

Mesmo assim, o modo como elas foram sendo constituídas nunca conseguiram de fato, parar a força do rio, nem suas correntezas, marés, cheias de vazões. São na verdade as barragens e hidroelétricas que de fato aumentam e de fato transformam radicalmente as paisagens, vendo o rio como um recurso hídrico especializado na geração de energia. Elas ameaçam e forçam um recuo, dominação, domesticação, perturbando as suas ecologias e provocando rupturas de técnicas e habilidades dos humanos com o Velho Opará.

Se em mim ocorrem mudanças na ordem do pensamento e do fazer-se ribeirinho e no mesmo compasso antropólogo, do conflito interno e externo, advindas da participação consciente e muitas vezes inconscientemente no mundo material e de consumo, é da ordem do sentir e do observar transformações serias e impactantes que decorrem o meu caminhar hoje e agora.

Quero aqui abrir um parêntese para descrever o que está acontecendo neste momento, quando escrevo estas breves linhas. Hoje é 21 de abril de 2021. É meio de tarde, quarta-feira, feriado. Estava até este momento fazendo um calor absurdo. Logo pela manhã o noticiário informava na previsão do tempo, que havia possibilidade de chuva dedes o recôncavo baiano até os limites do estado de Sergipe.

Naquele instante vislumbrei no mapa que mostrava na Tv grandes chances de a chuva atravessar o rio e chover aqui em Pão de Açúcar também, nem sempre isso é possível ou acontece, as chuvas ficam, quando vem do sul para o norte, presas nos morros que margeiam o rio e nem sempre do lado de cá, recebemos chuva. Vez ou outra é possível acompanhar a chuva passando toda ainda mais para o norte, sem cair uma gota se quer aqui.

Eis que a chuva chega, no relógio mostra que é 15h30 da tarde. Eu estou no terraço da casa dos meus pais, fiz daqui ponto fundamental para a escrita da tese. Escrevendo, no celular tocam músicas e pontos de Orixás. Percebo que a chuva começa a cair lá na serra de Meirus, um povoado que fica na zona rural de Pão de Açúcar e que daqui de casa, é possível visualizar ao longe a serra. A chuva faz um arroteio até chegar à beira do rio. Ela ameniza o calor, molha e refresca a areia quente da croa.

Quatro meninos estão brincando de bola em uma das traves que fica em frente ao quintal aqui da casa dos meus pais. Um bote no meio do rio aparece navegando apressadamente contra a correnteza enquanto ele recebe contente as águas que descem do céu. Um a um, pingos também refrescam o Opará, que tendo já evaporado um bocado com o calor de 33º graus, sente o prazer de ainda está vivo.

As águas do rio que pareciam paradas, se agitaram, começaram a descer no sentido da foz mais rápidas, já que na parte da tarde, quando o sol começa a se preparar para dormir, o rio parece fazer movimento de subida em direção a nascente. Chuva e sol se encontram bem ao lado do Cristo Redentor, brindando a todos com mais um espetáculo.

É neste momento que percebo o quanto tudo está confluindo, que conexões estão acontecendo. Por alguns instantes paro de escrever, me dirijo para frente do rio visto de cima, estando abaixo dos meus pés, começo a observar mais atentamente a chuva cair e o sol continuar lutando bravamente para mostrar sua força e seu brilho intenso.

Em pé, começo a ensaiar uns passos que me fazem circular e me conectar ao som dos toques de Orixás que saem do telefone, neste instante vejo desabrochar

por detrás da fazenda Nitéroj, no povoado do mesmo nome, um arco-íris, sem muita força, sua outra ponta começa a surgir por trás da Igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus, formando um arco, como é característico de todo arco-íris, de forma imperceptível sobre o rio.

Nuvens carregadas impedem seu completo florescer e plenitude. Nas religiões de matriz africana, o arco-íris é a incorporação de Oxumarê. Ele é o senhor dos meus caminhos, que rege os meus destinos, traçando e confirmando o que digo nas linhas que foram feitas até aqui, neste capítulo. O que implica dizer que as confluências e os fragmentos pensados e imaginados para compor essa malha narrativa e analítica, faz algum sentido. É essa malha que começo a tecer a partir de agora.

Tendo já navegado e mergulhado pela memórias de um rio da infância e trazendo ele para as margens do olhar antropológico tais vivências que não são completas e acabadas, é hora de temporalizado no agora, das perturbações que ascendem os sinais de alerta. Essa segunda parte começa em 2018, quando o transbordamento inspirador do rio invade subjetivamente os meus caminhos, quando a bordo de uma grande embarcação, percorro em dois dias seu corpo caudal e heterogêneo, da foz até a terra de Jaciobá (Pão de Açúcar).

A foz do rio por muito tempo era apenas uma construção tecida através da oralidade de muitas pessoas que por várias vezes foram até a lá, inclusive meu avô Odilon e meu pai Luiz. Eu sempre cresci ouvindo muitas histórias e sem ver fotos, construía emaranhadamente a minha própria noção de foz como sendo encontro de dois mundos que se completam, se unem e se misturam. Foi em 2018 que fui a foz do rio pela primeira vez. Acompanhado de meu pai, meu irmão, alguns primos, um dos meus padrinhos e amigos fui conhecer a foz como amante do Velho Chico, como ribeirinho, como neto e filho de pescadores e barqueiros, mas também com o olhar antropológico em foco.

No final de 2017, eu estava profundamente mergulhado nas ideias e escritos de Annemarie Mol (2002) e seu “Corpo Múltiplo”. Para mim, a ideia e análise antropológica no campo da saúde que atenua que a construção da doença se dá através de contatos interativos, em processos e situações específicas e temporais,

se encaixaria em forma de tradução para análise do rio, que na minha visão profundamente submersa em tuas águas claras e mansas, é feito de constantes amanhã, de hoje, sem se ater tão somente a um passado emoldurando em tuas margens, beiras e profundezas.

Em uma entrevista concedida em 2018, para a Revista Interface: comunicação, saúde e educação da USP, Annemarie Mol, a autora explica que o corpo que é feito dentro de um hospital, através da descoberta de uma doença, é feito através do “nós”, ou seja, através das múltiplas interações elaboradas cotidianamente pelos agentes presentes, por exemplo dentro de um hospital.

Do mesmo modo, eu focalizo para a ideia e a urgência de pensar o rio São Francisco, sendo esse corpo múltiplo, que é composto por todos esses elementos humanos e não humanos e que contribuem para a sua construção como um agente, como um ente, como uma divindade, como multiplicador e potencializador de experiências, através de suas águas profundas, rasas, mansas, frias, quentes e adocicadas.

Neste sentido e para ela, para Annemarie Mol (2018), é necessário que se preste atenção no que está sendo tecido e elaborado na prática, nas relações que se desenvolvem ao passo que doença, paciente, rio e vidas multiespécies estão se entrelaçando, olhando para outras práticas para aquelas que já estão estabelecidas na beira do rio, por exemplo. Portanto, isso não significa dizer que cada um vê um rio diferente (relativismo), mas que o rio real é uma composição de multiplicidades que só existem porque são praticadas por cada agente que compõe as beiras, margens e profundidades do rio (por isso a Mol propõe pensar ontologia a partir da prática que faz um corpo).

Se o sobrado de Oxum é debaixo d’ água, é no rolar dos dias que são feitas as disjunções, as justezas, os encontros e as transformações de um corpo estruturado, mas não moldado em sua completude. Não há um mesmo rio que corra para o oceano e depois volte ao começo, para no outro dia voltar a ser somente do mar. O rio está em cada um de nós, ele forma cada parte do nosso dia, das nossas manhãs, com ele compartilhamos intimidades, realizações e frustrações e de forma violenta, muitas destruições.

Navegar e mergulhar pelas águas do rio, nesses últimos anos, tem assumido um caráter mais sensível e que não se pode evitar. Por longos períodos, muitos dos ribeirinhos (exceto pescadores e comunidades tradicionais), têm cada vez mais se desprendidos dos cordões umbilicais que os ligam ao útero gerador de suas próprias existências, como seres que habitam em conjunto com outros seres um mundo navegável, água em estado sublime e organicamente invadindo nossos corpos.

A maioria tem virado as costas, parece, para as agonias e dores de um rio que geme silenciosamente, que é devorado pela nossa fixação pelo consumo, pelo seu controle e retirada de tudo aquilo que é vital para nossa sobrevivência, mesmo que para isso esqueçamos e vamos cotidianamente negando a sua linguagem, sua humanidade mais que humana e potencialmente abrangente, acolhedora e que gera inspiração de resiliência, força e coragem. O rio tem vivido no mundo das catástrofes. *Em outros termos, através da administração da catástrofe.* (GENEVIÈVE AZAM, 2020, p. 39).

Ao mesmo tempo em que as instâncias governamentais concretizam continuamente o aniquilamento de paisagens, memórias, tradições e espécies não humanas, além de prevaricar planejadamente a própria vida humana e suas relações construídas no local, é urgente entender que também somos nós responsáveis diretos pelas ruínas que aumentam e aceleram nossa precarização nas margens do rio.

Neste sentido, o experimento de viagem durante dois dias entre a foz do rio e Pão de Açúcar, ziguezagueando por entre cidades e povoados de um lado e do outro do rio, estabeleceu e materializou a compreensão do quanto que estamos, mesmo que nas margens, distantes do equilíbrio entre os nossos quereres e os quereres do rio e de suas estruturas paisagísticas, reelaboradas a partir das inúmeras intervenções demasiadamente tocantes ao desenvolvimento econômico através da geração de energia, da agroindústria, da irrigação, da transposição das águas e de canais de abastecimento de água. *Nós estamos, devagarzinho, desaparecendo com os mundos que nossos ancestrais cultivaram sem todo esse aparato que hoje consideramos indispensável.* (KRENAK, 2020, p. 98).

Para Ailton Krenak (2020), desde que a experiência mundana passou a ser construída pela busca incansável pela civilização, é que se pensou e se pensa que só há um único modo de viver e estar habitando a terra. A concepção de verdade absoluta, fruto da exploração de recursos e acumulação de bens e que hoje estão incorporadas em agências e instituições públicas, privadas, em organismos internacionais, aprimoram e nos fazem acreditar que somos partes fundamentais deste desenvolvimento, se apropriando dos modos de produção e exploração dos recursos.

Essas agências e instituições foram configuradas e mantidas como estruturas dessa humanidade. E nós legitimamos sua perpetuação, aceitamos suas decisões, que muitas vezes são ruins e nos causam perdas, porque estão a serviço da humanidade que pensamos ser. (KRENAK, 2019, p. 13).

Ao contrário, o que tenho visto e já vi nesses últimos anos, é o quanto as populações ribeirinhas que estão situadas entre Alagoas e Sergipe, em sua grande maioria formada por um contingente populacional de pretos e pardos, tem sentido gradualmente com os avanços tecnológicos, industriais e desenvolvimentistas sobre os quais se assentam a continuidade do rio. E por mais que essas populações, através de organizações comunitárias e associativistas se esforçam para se contrapor a degradação e defender a vida do próprio rio e os direitos de permanência nos territórios que estão nas margens.

Entretanto, há formas de organização que, no entanto, ainda não parecem compreender que a “queda do céu”, se constitui nos dias de hoje, como um programa mais veloz do que as redes de computadores, alimentação imprescindível da alienação que toma conta dos modos de pertencimento ao lugar, à beira do rio.

Essa humanidade que não reconhece que aquele rio que está em coma é também o nosso avô, que a montanha explorada em algum lugar da África ou da América do Sul e transformada em mercadoria em algum outro lugar é também o avô, a avó, a mãe, o irmão de alguma constelação de seres que querem continuar compartilhando a vida nesta casa comum que chamamos Terra. (Idem, 2019, p. 47-48).

Quando então, todos nós e aí também me incluo somos cooptados pelo mundo fascinante da modernidade, das conexões com o mundo global, com a falsa ilusão de que somos convidados a organizar e gerenciar o trânsito contínuo das mercadorias e do consumo, das contradições do capitalismo, reduzindo nossa participação ao ser servil para o trabalho, mais fácil é de se ignorar a sustentação e defesa do rio e seus outros seres mais que humanos e toda biodiversidade que afeta e remodela as paisagens. *Essa alienação é a crença numa vida desmaterializada, em estado de suspensão. Como se estivéssemos desaterrados, fora do solo e fora do mundo.* (AZAM, 2020, p. 18).

Quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista. Do nosso divórcio das integrações e interações com a nossa mãe, a Terra, resulta que ela está nos deixando órfãos, não só aos que em diferente graduação são chamados de índios, indígenas ou povos indígenas, mas a todos. (KRENAK, 2019, p. 49-50).

Sou muito da observação que faço sobre essa tal de alienação, sobre ela tem contaminado e reverberado em muitos ribeirinhos, em especial de muito dos meus vizinhos em relação aos sinais que o rio tem dado, de seu estado crítico e de manutenção de suas próprias capacidades de ser um todo orgânico e biodiverso fundamental para a manutenção e produção de vidas humanas, mais que humanas, vegetais, paisagens, relações distintas e compartilhadas de habitar suas beiras, margens e profundezas.

Muitos dos moradores das ruas da Alegria, São Francisco, Avenida Ferreira de Novaes, COHAB, que estão mais situadas e mais enraizadas nas margens, tem construído trajetórias de identificação constante com o rio que recebe lixo, esgoto, todo tipo de poluição. São carros, motos, ônibus, caminhões que transitam nas margens e invadem vez ou outra as águas, colocam seus pneus e rodas dentro do rio. Rompem e desorganizam mais brutalmente os ecossistemas aquáticos que se fixam mais próximos das margens.

Aos finais de semana o consumo e a produção de lixo se espalham de uma ponta a outra da croa central, esta que está aqui bem na frente da casa dos meus

pais, e de outras pequenas praias, com a da bomba, e as ilhotas que todos acostumaram chamar de “caribes”, que são bancos de areia que se formam ao longo do rio, passando a existir em pequenos períodos de tempo devido as condições do rio, ou que pela sua força passam a existir e se fortificar para sempre.

Ao mesmo tempo em que muitos quintais acumulam lixo, resto de construção, que sinalizam costumes oriundos não do tempo presente, mas forçadas pelo acúmulo de práticas enraizadas e reordenadas de acordo com o comportamento do rio. É como se já estivesse programado em nós mesmos a ideia de que com o tempo, o que se acumulou ali vai desaparecer de nossas vistas, quando não se queima e solta carbono, fumaça para todo o resto da rua.

Não temos pressa, parece e estou chegando a essa confirmação, em cuidar, em coabitar a beira do rio e nos banhar nele como se estivéssemos cuidando de nosso próprio corpo. O que há, no entanto é ânsia de saciar nossos desejos mais imediatos, de construir muros que não nos permita olhar o rio mais atentamente. O meu pai, que é um homem que vive a navegar pelo rio, quis um dia desses fechar por completo a vista que temos para o rio aqui do terraço, imaginem então o que somos capazes de realizar e de transformar para atravessar a vida usufruindo das invenções que provocam o aquecimento global, a seca constante do nosso lado?

Estamos tão grudados e tão acostumados com o rio nos proporcionando lazer e divertimento, que não paramos para contemplá-lo ou se quer para compreender que ele secou, seca, se transformou a ponto de sumir peixes e camarões, pilombetas. O que tem se perpetuado pelo contrário, são narrativas circunstanciais quando o rio deixar de satisfazer desejos, deixa de produzir riquezas e bens tangíveis ao consumo.

Não há mobilização, não há vozes que possam nos tirar da nossa zona de conforto. Tratamos com os olhos da sonhegação, da indiferença. Estamos presos a um realismo fantasioso, que produz pós-verdades e negação da nossa condição de pragas do Antropoceno, de destruidores de nossas malhas relacionais com o rio e com tudo que dele foi brotando e emergindo. Estamos sendo mecanizados pelo mundo global e suas armas letais para a extinção das diferenças, das políticas ontológicas globais.

Estamos viciados em modernidade. A maior parte das invenções é uma tentativa de nós, humanos, nos projetarmos em matéria para

além dos nossos corpos. Isso nos dá sensação de poder, de permanência, a ilusão de que vamos continuar existindo. A modernidade tem esses artifícios. [...]. Estamos a tal ponto dopados por essa realidade nefasta de consumo e entretenimento que nos desconectamos do organismo vivo da terra [...]. (Idem, 2020, 17-18).

O mesmo acontece em outras cidades e povoados ao longo do Baixo São Francisco, como pude observar e fotografar durante o “Passeio dos Amigos” em 2018. Antes da Pandemia do COVID-19, aos sábados e domingos praias, croas, ilhotas, bancos de areia, são e eram disputadas por moradores, turistas, animais (cachorros, cavalos, gaivotas, urubus, barracas, lanchas, carros, motos, motos aquáticas (jet ski, como costumamos falar por aqui). Todos colaboram de suas maneiras, usos e práticas, para uma noção de totalidade, exclusividade em relação ao rio.

Muitos que são adolescentes e jovens, nos dias de hoje, não conheceram o rio quando ele era menos afetado pelas baixas vazões, hidroelétricas, mudanças climáticas, etc. Ou seja, eles não conheciam o rio sem caribes, sem assoreamento. Por isso mesmo, eles estão engajados e fazendo suas observações através deste “novo rio” que está a sua volta, com todas essas mudanças e possibilidades de encontros outros.

Para muitas dessas pessoas, não importa saber que as ilhotas e os nossos caribes surgem porque o rio está seco demais ou com vasão abaixo do indicado. A um rio que passa, mas que não se reconhece em muitos de nós, ele tenta pescar vidas e vozes para tua saga, poucos ouvem e muitos silenciam. Poucos sentem as tuas dores, muitos nem te socorrem, ao contrário vivem iludidos pela ganancia. Mesmo assim eles são e fazem parte do mundo e ou mundos do rio.

O que importa e deve ser bem comemorado, é acordar cedo para pegar um lugarzinho nela, armar sua barraca, levar seu isopor, sua cuba, sua churrasqueira, seus copos descartáveis e torcer para que no outro domingo, o rio continue seco e que dê condições para parar lá uma lancha fretada e muito sol para queimar o corpo, quando na verdade também seria obrigação, levar para suas casas o lixo que produzem e não deixar que se afoguem em tuas águas.

Estamos ocupando as tuas ruínas, tuas feridas, teu cansaço. Estamos aniquilando a nossa própria condição humana e levando você junto. *Você não suporta mais o peso de nossos delírios expansionistas e a anexação da vida pela economia global. Não mais do que suportam as sociedades, cada uma à sua maneira. As catástrofes nos afetam a todos juntos.* (AZAM, 2020, p. 28). Geneviève Azam, em “Carta à Terra, e a Terra responde”, reflete:

Tuas intemperanças se amplificam e se sucedem sem trégua. Elas nos projetam em tempos incomuns, pontuados por eventos improváveis, imprevisíveis e excepcionais. Você bate com força. A vida está em perigo. De modo que nossos medos e fascinações são agravados por uma “consciência infeliz”, uma vaga responsabilidade que não nos sabe onde se situar. (Idem, 2020, p. 47).

Em seu livro “A Vida Não é Útil,” Ailton Krenak (2020), se pergunta que tipo de humanidade é essa que não consegue refletir sobre a sua própria realidade e experiência, correndo o risco de deixar de ser. Que tipo de humanidade estamos compartilhando e experimentando, se somos capazes de negar, negligenciar e exterminar outras formas de vida, de mundos e realidades?

Onde estão contidos os animais, o rio, florestas, organismos vivos e até mesmo as relações e sonhos que fabricamos com os nossos antepassados, entidades cosmológicas e ancestrais? *Quando pergunto se somos mesmo uma humanidade, é uma oportunidade de refletirmos sobre sua real configuração.* (KRENAK, 2020, p. 33).

Que tipo de humanidade somos nós, então, ribeirinhos e ribeirinhas do Velho Chico, já que somos capazes de poluir, degradar, por em extinção peixes e demais vidas aquáticas, ao mesmo tempo em que pescamos, mergulhamos, nadamos, navegamos e nos banhamos? Eu não estou muito preocupado (se eu posso não ser considerado grosso por usar essa expressão) em responder tais questões.

Elas servem mesmo como mecanismo auto reflexivo, como pontes que me conduzem para experimentar minha própria presença flutuante em um mesmo rio, cheio de contrastes, projetos de vida e morte. Também como forma cada vez mais intensa de me culpar por ser também parte deste projeto de extinção.

Correndo por entre veredas, vales e pedreiras o rio carregava consigo, todo e qualquer sedimento que livremente desciam em uma velocidade que não permitia se acumular e formar grandes bancos de areia. O destino final era sempre a cabeceira dos estuários que margeiam a parte final do rio e cabeça do mar. Cada gota de partícula potencialmente rica de nutrientes se esparramava na companhia das águas.

É a partir de 1913 que o rio São Francisco começa a passar pelos processos de segmentação e interrupções de suas águas que correm, em decorrência de ser um rio que possuía, já naquele período, aproveitamento hídrico e potencial para gerar energia muito elevada. Pouco a pouco, o corpo do rio vai sendo tomado por usinas hidroelétricas, como é o caso da primeira delas, a usina de Angicos, esculpida e instalada nos paredões rochosos entre os estados de Alagoas e Bahia. Mas Angicos não conseguiu ainda, no tempo da sua construção, instalação e geração de energia, causar tantos impactos capazes de descaracterizar e mudar substancialmente o comportamento do rio.

A hidroelétrica de Angicos representou a tão sonhada entrada da região do Baixo São Francisco, assim de todo o rio, na modernidade da qual a energia elétrica era uma das principais medidas. Os sonhos e os planos de D. Pedro II, em meados do século XIX para o rio estavam então começando a sair do plano das ideias, estavam sendo concretizados, embora ele não estivesse mais diretamente envolvido, já que o país era agora regido por um sistema republicano de poder.

Foi através de estudos, pesquisas, mapeamentos orquestrados e patrocinados pela coroa, que o rio passaria a ser considerado como um produto rentável, com mais potencial econômico e com mais aberturas para o desenvolvimento do país, já que como venho mostrando desde os primeiros capítulos, o rio foi importante na interiorização, servindo como rota fluvial indispensável para a invasão de outros tantos territórios sertões a dentro.

Embora os currais, as vilas, as estradas de ferro, os navios tornavam o rio mais dinâmico e capaz de transformar paisagens, são as usinas hidroelétricas que vão radicalmente administrando e ou tentando controlar a vida do rio,

desestabilizando processos biológicos, ecológicos, geofísicos fundamentais para a cooperação simbiótica das mais variadas espécies.

Ao longo do caminho, o rio foi perdendo não só seu potencial e força hídrica. Na verdade, não foi perdendo, foi sendo reaproveitada para a geração de energia, abastecimento de água e irrigação, mas também suas características fluviais. Às margens foram ficando cada vez mais mirrado, mais estreito, foi sendo encanado para romper com a escassez em lugares distantes de seus leitos e beiras da água.

No documentário *“Agradeço a Deus, ao meu Pai e ao rio São Francisco”* de 2001, produzido e dirigido por Ana Reiper, é possível compreender e vislumbrar através das narrativas que se desenvolvem a bordo da lancha “Oriente” que fazia viagens entre Propriá em Sergipe e Pão de Açúcar em Alagoas, a importância dada à navegação como o principal meio de locomoção das populações ribeirinhas até o final dos anos 90.

A lancha “Oriente” navegava no rio como uma Canoa de Tolda. Carregava pedras, alimentos, pessoas subindo o rio, descendo o rio. Mas ao passar para as mãos de seu Tonho da lancha e seu filho Geninho, se transformou em lancha, já que no final da década de 70, as Toldas eram cada vez mais raras, menos comuns nos processos interativos de navegação do Baixo São Francisco. Como lancha passou a transportar cada vez mais passageiros, que iam e vinham de um lugar para outro, atrás de feira livre, visitando parentes, em constantes movimentos de devir, elaborando cotidianamente relações de confiabilidade com a lancha, com o rio, com seus donos.

Se com as canoas de Tolda, as viagens subindo e descendo o rio, desde a foz até Piranhas duravam de dois a três dias, dependendo das condições do vento e das condições de parada nos portos das cidades, com as lanchas, cada viagem durava, dependendo de trecho entre, Propriá e Pão de Açúcar poderia durar em média 12h, pois o motor veio substituir as velas. As asas coloridas foram perdendo importância e função, em detrimento da velocidade dos motores.

Não era só a lancha “Oriente” que fazia viagens entre as cidades ribeirinhas. Outras tantas lanchas também desempenhavam essa importante atividade, principalmente nas últimas décadas do século XX, já que as estradas

permaneceram sendo de barro e terra batida por um longo período. Na verdade, ainda existem comunidades ribeirinhas que se ligam por essas estradas de terra. Carros e outros veículos automotivos ainda eram poucos e muitas das vezes não chegavam em algumas comunidades mais afastadas das cidades e assim, lanchas, por uma longa tradição, ocupavam essas ausências.

No documentário, os personagens centrais, da vida real, são o senhor Tonho da Lancha, sua esposa dona Fatima, seu filho Geninho e três indígenas da comunidade Xokó, entre eles, o cacique da época, cacique Heleno. Para este último, as lanchas que faziam os transportes de passageiros de uma cidade para outra, eram os únicos meios de locomoção para Pão de Açúcar, para onde costumavam ir todas as segundas-feiras para fazer compras na feira livre.

Reativando suas memórias enquanto a lancha navega e os levam de volta para casa, os indígenas Xokós que estão embarcados, destacam a as experiências cotidianas que o rio era capaz de proporcionar antes de receber em seu curso tantas barragens. A pluralidade de experiências elaboradas pelos indígenas perpassava substancialmente pelas relações que se estendiam pelo rio, dentro da lancha e nas idas e vindas das feiras livres.

Em 2001, a situação drástica do rio, já era percebida pelos moradores da comunidade indígena Xokó, atrelado, segundo relatos do próprio cacique da época, ao represamento das águas pelas construções de barragens. Sem universalização, Cacique Heleno, expõe sem rodeios as demandas que se operam à medida que o rio caminha cada vez mais para uma ideia homogeneizante de progresso.

Porque o rio não enche mais, a água criou um mato que a gente chama de gofo. Que a tarrafa não deixa, os chumbos da tarrafa chegar no fundo, no chão, então fica sempre por cima, então o peixe saí sempre por baixo da água. A água fica muito limpa. Quando o rio enchia, a água ficava muito suja, aí todo mundo era pescador, mas hoje tá bem difícil. O rio mudou muito por conta dessas barragens que estão sendo feitas aí. Cada vez mais eles estão sentindo necessidade de prender água para é, conseguir o que eles querem né? Energia, que eu não sei me aprofundar bem. O que eu sei é que a água está sendo presa, parada. (Cacique Heleno, 2001).

Neste sentido, é fundamental compreender que assim como faz Ailton Krenak (2020a, 2020b) e David Kopenawa (2015), o então Cacique Heleno, em 2001, reverbera as dores, as preocupações que sente não só ele, mas também o seu povo diante do avanço e da constatação que as águas do rio São Francisco estavam sendo presas, estavam cada vez mais parada, menos suja e cheia do gofo. O gofo a qual ele se refere, é o mesmo percebido por outros tantos ribeirinhos que o definem como lodo.

Cacique Heleno assinala também e principalmente, a questão desenvolvimentista como fator limitante da vida abundante do rio, com seus peixes, crustáceos, canoas, lanchas e gente em movimento, cada vez mais limitante, deficitário, com a modernidade e suas infraestruturas criando ausências, perdas, limitações, quebrando assembleias e permitindo a proliferação de espécies que até pouco tempo estavam alinhadas e justapostas em acordos simbióticos com tantas outras, como é o caso do gofo e ou lodo.¹²

A oralidade e as narrativas da comunidade indígena Xokó e de muitas de nossas comunidades ribeirinhas foram sendo silenciadas e apagadas propositalmente em favor de discursos desenvolvimentistas, totalizantes e homogeneizantes, que ao longo desses últimos séculos, mas sobretudo na segunda metade do século passado, devastando o rio, seus afluentes, negando e colocando em estado de subordinação comunidades através de violências ecológicas e raciais.

É inegável que as populações ribeirinhas do Baixo São Francisco tem sido alvo das ausências de políticas de reparação de danos. Até hoje, o município de Pão de Açúcar luta para receber da CHESF uma porcentagem mínima de recursos advindos da geração de energia da hidroelétrica de Xingó.

O rio São Francisco então para mim, se abre em minha frente como um espelho, refletindo tanto a minha própria trajetória (nunca individualizada), já que nunca estive sozinho junto dele e na sua própria companhia. Ele também é espelho que reflete e conduz as próprias experiências e reflexões feitas por pescadores,

¹² Dedicarei o próximo capítulo para desenvolver uma narrativa a respeito do lodo, gofo e como a proliferação tem mudado o comportamento do rio, transformando paisagens e acarretando outras maneiras de percepções e práticas dos pescadores e ribeirinhos para com esse tipo de vegetação.

canoeiros, barqueiros enquanto seres participes das encruzilhadas do rio sendo feito e refeito por tantos braços, mãos, nados, navegações.

É navegando, remando, jogando a rede ou até mesmo fazendo alguma atividade nas margens, que esses homens e algumas mulheres dialogam com o passado, vivem, desafiam o presente e projetam frustrações, medos e com as próprias existências, pois sabem que o rio diz muito sobre como todos nós habitamos, nos educamos nas margens e dentro dele.

Por isso mesmo, eu estou sempre indo e voltando, mergulhando, nas minhas próprias narrativas existenciais experienciadas no ontem e no hoje, no intuito de fazer a parte que me cabe, para não ver a profecia de Antônio Conselheiro se concretizar, onde dizia que o sertão ia virar mar e o “Opará” definitivamente poderia vir a ser o mar, já que em Tupi-Guarany, “Opará” que dizer “rio-mar”.

Se eu durmo e durante o sono caminho na tua margem, com você meio cheio e ao mesmo tempo coberto em algumas partes com montinhos de lixo, lodo e galhos das arvores beijando seu corpo, é a projeção de um futuro que se anuncia? Estamos vivendo, pois, na mira de um futuro incerto, na época das extinções e você rio, não ver mais andar nas profundidades de tuas águas, nem tão fundas assim, surbins, pirá, mandin, pitus, pilombetas.

Cotidianamente o rio parece está se esgotando, dando sinais de esgotamento, não permitindo que lanchas naveguem com mais tranquilidade, fazendo emergir bancos de areia, porque a força das águas não consegue empurrar os sedimentos que se acumulam no fundo. Redes também não conseguem tocar o fundo, porque o lodo se acumula tão amplamente e tão ligeiramente que fica difícil de achar algum peixe.

Não estou liberando a responsabilidade e a gravidade de toda a máquina que moveu as conquistas coloniais, estou chamando atenção para o fato de que muitos eventos que aconteceram foram o desastre daquele tempo. Assim como nós estamos hoje vivendo o desastre do nosso tempo, ao qual algumas seletas pessoas chamam de Antropoceno. (KRENAK, 2020, p. 72).

Como já foi visto nos capítulos anteriores, as máquinas (as quais se referem Krenak), impulsionaram as invasões, as tomadas de territórios, a chegada de

espécies invasoras, pragas, modificações das paisagens ribeirinhas, foi a mãe de muitas violências, de conflitos que drasticamente colocaram a maior parte das populações das margens, dos fundos do rio em abismos de alienação, extinção e silenciamento.

No entanto, as narrativas dominantes cujas bases, a partir do século XX, estão assentadas por aqui, através dos sistemas modernos de geração de energia, irrigação, abastecimento e transposição. São narrativas que se alternam, se cruzam, se chocam com as vidas de milhões de pessoas e tem sido, cotidianamente, quando não as histórias vivas que são elaboradas e reelaboradas nas margens, em lanchas e canoas, subindo e descendo, transportando desejos, apegos e memórias.

Vencem, todas as vezes que deixam de escutar pescadores que alertam para os perigos das baixas vazões, para a redução da diversidade dos peixes, de outras espécies, de outras vidas não humanas encontradas ao longo de todo o Baixo. Quando não dão importância, ousam calar as invencionices, as sutilezas, os sistemas de trocas que se formam com a aprendizagem, com a educação impulsionada pelas inúmeras possibilidades de fazer caminhos.

O mundo que nos foi ensinado há pouco mais de cinco séculos produziu a humanidade de uns em detrimento da desumanização de milhões de seres. Assim, inventou-se o “outro”, raça, racismo, o indígena, o ser etnocentrado, o não branco, não europeu, desalmado, selvagem, peça, escravo. Nessa perspectiva, não basta matar, escravizar e humilhar. Se o colonialismo opera, em suma, numa lógica de terror e de produção de escassez, é preciso ir além, é preciso aniquilar. É exatamente por isso que o sofisticado sistema de dominação da era moderna caça a linguagem, a captura, aprisiona, investe no esquecimento e destrói. Em outras palavras, o assassinato sistemático dos seres, dos saberes e linguagens. (SIMAS e RUFINO, 2019, p. 53).

Tornam a vencer todas as vezes que tentam enfiar em bolhas a diversidade de pensamentos, de tradições que nascem e emergem da criatividade junto ao rio e com ele. Era a correnteza (mais forte e veloz) do rio que tornava a vida mais fluida, mais dinâmica, mais carregada de abundância. Junto com os ventos, soprava por

sobre as paisagens flechas capazes de agrupar coexistências, tessituras de mundos em recomeços, reordenados fios a fios pelas relações multiespécies.

O rio era mais feliz porque ele era livre, por que corria no seu tempo certo para o encontro do mar, sem aprisionamentos, sem precisar negociar com seus algozes, com as maquinas reprodutoras de destruição. Era geradora de imaginação, de multiplicidades de caminhos, de reflexos. Agora suas águas estão tristes e melancólicas, estão lentas, sem força, sem graciosidade, estão pesadas, sendo alimentadas de ganâncias, de opressões, de poluições e desassossegos. O rio tem perdido por força e por omissão (de muito de nós) a sua capacidade de se autogovernar.

3.2 - O rio no mundo da Bacia hidrográfica:

As unidades territoriais que hoje chamamos de Bacia Hidrográfica, foi instituída aqui no Brasil a partir da Lei Federal nº 9. 433, de 08 de janeiro de 1997, se configurando como uma política demasiadamente nova e que tinha por finalidade, o planejamento da gestão hídrica do país, profundamente impregnada a uma concepção de posse sobre os recursos naturais, biodiversidade e geração de riquezas através de agências reguladoras, muitas delas sem participação efetiva das comunidades que estão à margem do poder desenvolvimentista do Estado e de grandes corporações multinacionais e globais.

Em 2003, por meio da Resolução nº 32/2003, elaborada pelo Conselho Nacional de Recursos Hídricos, foram instituídas 12 regiões hidrográficas, entre as quais estão a do rio Paraná, da Amazônia e a do rio São Francisco. Anteriormente, em 1992, na cidade de Dublin, Irlanda, foi escrita e aprovada a Declaração de Dublin sobre água e desenvolvimento sustentável.

Assim, considerando que a água para ser bem usada e continuar existindo em abundancia, perpassa por uma gestão eficaz dos recursos hídricos, tendo como fundamental a proteção dos ecossistemas naturais. Também vinculada com o desenvolvimento econômico e social, em que os usos da terra e da água sejam

corretamente equilibrados dentro de todo o território de uma Bacia. Ou seja, não pode haver desequilíbrios e formas distintas de se gerir um território hidrográfico.

Muito antes da Declaração elaborada na Irlanda em 1992, há muito tempo se tem notícias sobre a gestão de recursos hídricos através dos sistemas de Bacias, como demonstram Porto e Porto (2008). Em 1616, 115 anos da invasão do rio São Francisco, o rio Danúbio já estava sendo alvo de políticas regulatórias sobre águas. Quatro anos antes, em 1611 a terra de Jaciobá (hoje Pão de Açúcar), território Urumaris, começava a se transformar em uma enorme fazenda de gado. Em 1922, o rio Colorado nos EUA também já vivia com esse mesmo tipo de experiência encontrada no Danúbio.

As primeiras iniciativas em solo estritamente brasileiro, datam de 1851 e 1928, já que existiam acordos firmados entre o Brasil e o Peru sobre o rio Amazonas, e entre o Brasil e as províncias republicanas do rio da Prata. Em 1976 (ditadura militar), foi formada uma parceria entre o Governo Federal, através do Ministério de Minas e Energia e o Governo do Estado de São Paulo, para promover melhorias nas Bacias do rio Tietê e Cubatão.

Só a partir de 1978, é que começam estudos para a criação de outros Comitês de bacias. O do rio São Francisco só vai ser instituído e criado em 2001, demorando mais de vinte anos para ser amplamente posto em prática, décadas depois desde a primeira construção de uma grande hidrelétrica nas águas do rio.

Hoje no Brasil os recursos hídricos têm sua gestão organizada por bacias hidrográficas em todo território nacional, seja em corpos hídricos de titularidade da União ou dos Estados. Há certamente dificuldades em se lidar com esse recorte geográfico, uma vez que os recursos hídricos exigem a gestão compartilhada com a administração pública, órgãos de saneamento, instituições ligadas à atividade agrícola, gestão ambiental, entre outros, e cada um desses setores corresponde uma divisão administrativa certamente distinta da bacia hidrográfica. (PORTO E PORTO, 2008, p. 45).

O velho rio, que por séculos correu solto, desenvolvido, domesticando populações, espécies, vidas não humanas, reorganizando paisagens, vegetações, em processos mútuos de coevolução em continuas apropriações e dinâmicas de cheias e secas, de ritos e rituais tão fundamentais a sua própria continuidade e

fluidez. Agora, hoje, desde ontem se vê arrendado por uma visão de mundo baseado em logicas mercadológicas e de classificação segundo relações comerciais mecanizadas e potencialmente capaz de integrar vidas distintas em torno de um mesmo projeto de poder.

Talvez o grande problema do conceito e a sua própria aplicabilidade está em evidenciar que o rio já está pronto, acabado. Que ele já possui sua forma vital pré-estabelecida, que suas paisagens já estão formadas e moldadas há milhares de anos. O rio, me parece, não é percebido dentro de uma política ambiental como zona de inconsistências, de interpenetrações, como aglutinador de diversidade, de relações fluidas, mutuamente tecidas, vivas e conectadas localmente.

Antes mesmo do estabelecimento da política de bacia hidrográfica no rio São Francisco, era recorrente a utilização das águas para a geração de energia. O que estou dizendo, é que já havia um estado permanente de controle das vidas aquáticas, sem que para isso pudesse ser pensando em termos do todo, das macroestruturas de controle e poder. Barragens localizadas estrategicamente em determinadas regiões, seus impactos, reordenamento de paisagens e populações estavam vinculadas mais localmente.

Consequentemente, o estabelecimento e a construção das hidroelétricas ao longo de todo o rio, começando em Minas Gerais, passando por Pernambuco e Bahia, até desembocar entre Alagoas e Sergipe, veio alterando em doses cavalares a vida livre, biodiversa e múltipla do Opará. Por isso mesmo é que não se pode entender e compreender, a finalidade do conceito de bacia, como unidade, como universalidade.

Há justaposições relacionais que estão condicionadas desde antes, que são anteriores a aplicabilidade deste projeto político de monitoramento e de homogeneização de modos de vida. Há vínculos, modos subjetivos que não operam na lei do regramento ordenado. As pessoas circulam, interagem, se refazem, modificam suas próprias afinidades com o rio o tempo todo. Do mesmo modo que o rio, corre, percorre, vira, se revira, cai, sobe, desce, se alarga, se estreita, se aprofunda, das mais diversas formas e pressões. Ele não é o mesmo ao longo do caminho até encontrar o mar.

Pensar o rio como unidade é deixar de lado os desvios, as manifestações que circulam, se alongam, se aprofundam, se rompem, navegam e emergem das temporalidades distintas das camadas profundas que não podem ser mensuradas pela observação pré-configuradas e demarcadas por exigências de relatórios que respondem em sua maioria aos interesses das agências estatais e empreiteiras amigas que tocam as obras desenvolvimentistas e imperais.

Muitos destes relatórios estão respondendo a perguntas prontamente elaboradas pela própria estrutura governamental, muitas das vezes impossibilitando as intervenções críticas, pautadas em vivências e conhecimentos locais, nega as narrativas que podiam contribuir muito para uma política eficaz de promoção de desenvolvimento econômico, sustentável e que respeite a pluralidades de mundos.

No documentário “Agradeço a Deus, ao meu pai e ao rio São Francisco” (2001), dirigido por Ana Rieper, enquanto a lancha “Oriente” cruza o rio, deixando e levando gente, parando em cada porto, narrativas emergem confrontando memórias de um rio de “farturas”, em termos de navegação, produção de alimentos e comportamentos.

Tonho da lancha, proprietário da “Oriente”, junto com sua esposa dona Fatima e seu filho Geninho, traça em seu depoimento um paralelo entre a construção de estradas com a diminuição mais acelerada de passageiros nas viagens das lanchas, acarretando para ele a troca de atividade, o desligamento parcial de sua vida junto ao rio.

Em 2001, Tonho da lancha e seu filho Geninho estão atentos as mudanças significativas que estão acontecendo com a navegação. Para Geninho, na época, ele estava fazendo o possível para aguentar a “tradição”, como ele mesmo diz. E de fato, ele fez o possível até onde deu. Conversando com minha prima Edilma (Dinha), que há anos mora em um lugar chamado “Mundo Novo”, nas margens do rio, pertencente ao município de Belo Monte, e que com frequência vinha de sua casa para Pão de Açúcar na lancha “Oriente”, me disse um dia desses, que já tem alguns anos que Geninho deixou de fazer viagens, deixou de cruzar o rio a bordo de sua lancha.

Ele agora, assim como seu pai já tinha feito antes, desde 1993, pega passageiros com seu próprio ônibus. A lancha hoje se encontra, segundo meu pai, lá para as bandas de Penedo, fazendo travessia entre essa cidade e a cidade de Neópolis, na margem oposta do rio.

Algumas vezes pude, ainda adolescente, na segunda metade dos anos 90, fazer essa viagem entre o povoado “Mundo Novo” e Pão de Açúcar. Eu tinha ido passar alguns dias junto dela, do marido e dos seus filhos, meu irmão também tinha ido. Minha estadia não demorou mais do que quatro dias, logo eu quis retornar para casa. O nosso único meio de transporte era lancha, que descia e subia o rio todos os dias. Gastava um dia inteiro para subir o rio, um dia inteiro para descer de volta ao porto inicial, lá em Propriá.

Do dia que botei para vir embora, ainda esperei mais dois dias, já que tomei a decisão de voltar, bati o pé, fiquei de briga, de cara fechada, no final da tarde, depois que a lancha já tinha subido o rio, em direção a Pão de Açúcar. Naquele momento era esperar ela descer e depois subir novamente. Até que por volta das quinze às dezesseis horas, a lancha “Oriente” atracou no porto de “Mundo Novo”.

Nela, na lancha, já estavam homens, mulheres, jovens, crianças, galinhas, galos, passarinhos em gaiolas, sacos de feijão, de arroz, de milho, botijões de gás, sacos de carvão, bolsas de roupas e poucas vagas para sentar. Viajei sozinho, fui recomendando aos cuidados do dono da lancha e algumas pessoas conhecidas da minha família, que estavam já na lancha, mas que eu não consigo lembrar quem era.

A lancha parte, o rio nos acompanha, ventos vindos do sul fazem surgir marés turbulentas, mais altas, mais furiosas, a lancha cortando elas, balança, zinga, treme e se vai. No balanço da lancha cortando as águas agitadas, muita conversa circula no interior dela, o radinho também toca músicas. É comum a presença de radinhos, toca-fitas. Naquela época era difícil encontrar aparelhos que já tocavam cd's nas lanchas.

A noite caí, já passa das dezoito horas. Ainda tenho mais três horas de viagem pela frente e algumas paradas para fazer. Naquele tempo, os bancos de areia, um rio tão seco, tão raso, ainda não era uma constante. Algumas poucas

croas se espremiam entre as margens e o rio, nada que pudesse comprometer a navegabilidade. Ziguezagueando por entre uma margem e outra, a lancha e todos nós seguíamos cruzando caminhos das águas.

Desce gente, sobe gente. Luzes fortes sinalizam que é chegada a hora do desembarque final. Pão de Açúcar é o fim da linha, no porto, meu pai me espera. Depois de algumas palavras trocadas com Geninho, ele me traz para casa montado em sua bicicleta. Essa talvez tenha sido a última viagem que fiz a bordo da “Oriente”.

Outras vezes, ao longo de todos esses anos, fiz algumas pequenas viagens entre Pão de Açúcar e povoados como Ilha do Ferro, Bom Sucesso, Ilha do Ouro, Curralinho, Ilha de São Pedro, Niterói, Mocambo, sempre na companhia dos meus pais, meus irmãos, primos, tios e tias, amigos. Passeios esses que até hoje se constituem como reafirmação das trocas familiares com o rio, do saborear momentos de coexistências, de responsabilidades, de se reeducar e se reconectar com as águas que alimentam nossas caminhadas, nossas memórias e ancestralidades.

No cair da noite, a lancha “Porto Alegre” sempre nos traz de volta para as margens, nos traz de volta para a vida ampliada sobre um projeto civilizatório que não nos permite, muitas das vezes, tomados pelo vazio das correrias diárias, apreciar o cair do dia sobre o rio. O cotidiano na beira do rio é em suma, campo aberto para o entrelaçamento de reverberações e vivências atemporais, fluidas e encantadoras, encantadas pelas águas que zelam, que abastecem, que dão forma e sentido as Yaras, sereias de água doce.

Cotidiano como lajeiro de invenções, campo formoso que se abre para o estudo, reflexão e da ciência encantada. Nele se imbricam as presenças, experiências e práticas de saberes e ritos como tessituras de um complexo e imensurável balaio de possibilidades de mundo. [...].

Quais são os caminhos possíveis diante um mundo obcecado pelo paradigma da grandeza, da totalidade? Nessa flecha atirada de nossas bocas firmamos que possibilidades serpenteiam na vida comum e muitas vezes não são credibilizadas porque nossos olhos estão condicionados a miradas grandes, subestimando a força que habita no miúdo. [...]. Assim, o cotidiano, mais quem um campo inventivo, múltiplo e inacabado, se inscreve também como inventário de diferentes saberes e rotas. (SIMAS e RUFINO, 2019, p. 14).

A hidroelétrica de Xingó, recém-inaugurada e não tendo todas as suas turbinas ainda em funcionamento, permitia ainda uma navegação mais sossegada, sem grandes tormentos para pescadores, barqueiros e canoeiros, mais fluente, sem o risco de encalhar lanchas, canoas e balsas. Em 2001, o ano do documentário, Geninho estabelece ali as dificuldades enfrentadas por ele e por tantos outros lancheiros na condução de suas lanchas em viagens mais longas, mais demoradas, cujo modo como se navega, para ele, já não são mais os mesmos.

Apesar que hoje, a coisa é totalmente diferente. Mudou a navegação, mudou os transportes de passageiro, entendeu? Isso aqui na lancha mudou. Mudou a navegação do São Francisco, fluvial em termo geral e em todo canto. Canoa de tolda não se viaja mais, que existia em todo canto, naquele tempo. Depois que o rio São Francisco mudou a maneira dele ser, aquelas enchentes, né? Mudou o comportamento todo, de quem navegava nele. (GENINHO, 2001).

Mudanças drásticas aconteceram de 2001 para cá. Não só em termos da navegação, mas fundamentalmente em relação a vulnerabilidade da própria existência e permanência do rio entre nós e conseqüentemente das formas híbridas, contextualizadas, relacionais que mantemos a nossa própria existência. Para Geninho, não só mudou a forma dele próprio navegar no rio, como em sentido primeiro, o rio mudou a sua própria maneira de navegar, de chegar em cada lugar, em cada porto, em cada margem, de chegar até o oceano.

Desde as primeiras construções hidroelétricas em todo o curso do rio, que ele tem sido atormentado, sufocado, que até recentemente sua fala (porque ele fala, se expressa, não através de palavras, mas de usos constantes de suas próprias condições de ser e mudar, se transformar), seu comportamento, eram as partes ignoradas dentro do sistema global de produção material, da água como recurso, como princípio emancipador das populações ribeirinhas frente ao atraso e toda falta de estrutura do bem viver atrelado ao desenvolvimento econômico. Não bem viver compactuado pelos povos indígenas das Américas, mas um bem viver materialista, povoado por desigualdades de condições, de rupturas e fragmentações com história, com a memória.

3.3- Desenvolvimento para quem?

Pelo contrário, o que pesquisas apontam é que há abandono e descaso de instituições e agências reguladoras com a grande parte das populações ribeirinhas que estão abaixo da cachoeira de Paulo Afonso e da usina de Xingó. A Fiscalização Preventiva Integrada do São Francisco (FIP/SE), em 2017, capitaneada pelo MPF e MPE/SE, Fundação Nacional de Saúde, IBAMA, PRF< PF, ICMBio e tantos outros órgãos em visita técnica as cidades sergipanas que se encontram na beira do rio, relata a devastação da região da foz do rio. Ausência do Estado, que tem facilitado os “ilícitos ambientais”.

Criação desordenada de camarões em viveiros. Construções irregulares nas margens, bem como a irrigação e agrotóxicos que abastecem o rio de desassossego e poluição. Para a FPI/ SE, em 2017 ainda eram poucos os investimentos destinados à recuperação do rio, em especial no Baixo São Francisco, por parte do Governo Federal.

No Boletim Cientistas Sociais da ANPOCS, de nº 42 de 18 de maio de 2020, a socióloga Cristiane Montalvão Guedes, denuncia em um artigo intitulado “Os ribeirinhos e o novo Corona vírus”, as dificuldades enfrentadas pelos moradores da cidade de Brejo Grande em Sergipe, com as constantes diminuições das vazões do rio São Francisco, cujo nível mais baixo foi atingido em 2019, chegando a 580 m³/s, na usina de Xingó, implicando para o rio e para as comunidades danos ao ecossistema, com a diminuição de espécies de peixes, salinidade da água. Problemas enfrentados desde 1970 com as intervenções ao longo do rio.

Os resultados foram a redução e a mudança no tipo de pescado, a dificuldade de os barqueiros transitarem e o fim da rizicultura, atividade típica da região. Esta última atividade praticamente não existe mais em decorrência da salinização da água. O rio não tem mais força para se lançar em abundância mar a dentro; ao contrário, passou a existir a intrusão marinha que prejudicou não apenas a cultura do arroz, mas pôs em risco a saúde dos moradores da foz, principalmente em Brejo Grande (SE) e Piaçabuçu (AL). A negligência das agências governamentais é tamanha que os ribeirinhos ficam à mercê da falta de água de qualidade para beber,

cozinhar e se higienizar, sobretudo em tempos do novo Corona Vírus. (GUEDES, 2020, p. 05).

Além do mais em sua tese de doutorado, intitulada “E O MAR VAI VIRAR SERTÃO? NAVEGABILIDADE E PROBLEMAS AMBIENTAIS NO BAIXO SÃO FRANCISCO”, (2019), a autora faz um panorama ambiental, social, cultural, trazendo à tona, que mesmo com as intervenções governamentais, de ONG’s do CBHSF, o rio continua a sofrer os impactos alavancados em maior grau e velocidade a partir dos anos de 1970. Em sua tese ela também constata que embora, tenha sido aprovado um plano de recuperação do rio em detrimento da transposição de suas águas, até o ano de publicação do trabalho, tais medidas e soluções práticas ainda não estavam em curso. Como não está em curso três anos depois.

Há ainda segundo a autora, um descumprimento importante por parte da gestão governamental e das instituições que regulamentam e produzem mecanismos de políticas públicas que envolvam às águas do rio São Francisco e de outros rios país a fora, afetando diretamente o Baixo São Francisco, que é o descumprimento da Lei nº 9. 433 de 08 de janeiro de 1997, que estabelece e institui a política nacional de recursos hídricos, além de priorizar dentro dessa normativa constitucional, os usos múltiplos das águas e priorizar em situação de escassez, que a água deve ser utilizada para o consumo humano e de animais.

Quando na verdade, o que temos assistido ao longo desses últimos anos, é a priorização das águas do Velho Chico para a produção e geração de energia, irrigação dos grandes latifundiários e do agronegócio, principalmente para a exportação de frutas e outros gêneros alimentícios. Além do que, quase que não há participação efetiva das comunidades ribeirinhas afetadas nos processos de decisão e consulta prévia, nem tão pouco se pode ver o progresso chegar nessas bandas de cá, pois na verdade o rio, com todas essas interferências contribuiu para as grandes navegações que possibilitavam o escoamento, geração de emprego e renda por meio do rio.

Um rio que antes possuía volume d’água suficiente para a navegabilidade de embarcações de grande porte, hoje apenas

permite o tráfego de pequenos barcos, canoas, lanchas, balsas e catamarãs no seu trecho inferior, o que despertou o interesse pelo estudo sobre a problemática do rio São Francisco. Como um rio pode garantir seu próprio sustento e, por consequência, a sobrevivência ribeirinha quando sua quantidade de água se encontra comprometida? (Idem, 2019, p. 24).

3.4- A canoa de tolda e a luta pelo Velho Chico:

Um importante trabalho de observação e monitoramento das consequentes modificações do rio São Francisco, principalmente na região do Baixo São Francisco, é realizado pela Sociedade Socioambiental Canoa de Tolda. Nascida em 1998, a instituição sem fins lucrativos ou filiação partidária, como gosta de se identificar, tem desde o seu início desenvolvido iniciativas de que alertam tanto para a grave situação do rio, especialmente no trecho que está situado, entre Alagoas e Sergipe.

Bem como, com objetivos voltados para a valorização do arcabouço histórico e cultural da região e melhorias das condições de vida das comunidades ribeirinhas. Com sedes nas cidades de Brejo Grande em Sergipe e no povoado Mato da Onça, em Pão de Açúcar, Alagoas.

Nesta última sede, se encontra a Reserva Mata da Onça, formalizada em 2014, é uma Unidade de Conservação da classe RPPN, se caracterizando como a única deste tipo às margens do rio São Francisco. Entre as principais ações e projetos desenvolvidos na reserva, estão o Programa de Restauro de Caatinga, com meta estabelecida até 2035. Outro projeto é o Viveiro da Reserva com a intenção de produção de mudas nativas do semiárido, com uma quantidade de mudas previstas para o plantio, de até 20.000 mil mudas.

Ano passado, antes de concluir a pesquisa, mais exatamente no dia 13 de março e, portanto, alguns dias antes de o Brasil ser completamente tomado pela Pandemia do Covid-19, estive juntamente com minha mãe e meu pai, que conduzia uma lanchinha voadora, na reserva Mato da Onça. Eu já tinha tentado ir lá algumas vezes, mas nunca acabou dando certo. Fui lá com o objetivo de conhecer o projeto, mas principalmente de ouvir e conversar com o senhor Carlos Eduardo Ribeiro

Junior, que desde a década de 90 tem sido uma importante voz na defesa do São Francisco, da Canoa de Tolda e da vida ribeirinhas em todas as suas formas e densidades.

Chegamos a comunidade Mato da Onça por volta de umas 10:20 da manhã, debaixo de um sol forte, típico de fim de verão. O povoado se constitui como uma pequena comunidade ribeirinha, sertaneja e rural, onde moram poucas famílias de pescadores, agricultores e artesãos. Como em outros povoados situados ao longo do Baixo São Francisco, canoas e botes nos recebem em seu porto. Chegando, logo percebo o quanto o rio recuou. É evidente a distância que separa o rio das primeiras casas. Um bote em terra, quase que coberto por areia e vegetação ciliar, revela a secura do rio.

IMAGEM 29: minha mãe em caminhada pela comunidade Mato da Onça, onde antes era rio.



SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. (2020).

Alguns homens e mulheres estão em suas portas, sentadas, conversando, vendo a manha passar enquanto o rio também passa. Meu pai permanece na beira do rio, a lancha parece que teve problemas com o motor e ele ficou para tentar concertar. Subindo até o encontro dessas pessoas, minha mãe cumprimenta alguns e se dirigindo a uma senhora, pergunta onde podemos encontrar o senhor Carlos. Atravessando cercas e propriedades particulares, somos guiados pela esposa do seu Avelar, um famoso e conhecido pescador da região.

Ela nos deixa dentro no início da Reserva, por alguns instantes ficamos esperando o senhor Carlos aparecer, ele estava do outro lado, realizando algumas tarefas junto com sua esposa e um ajudante. Deixando eles, ele se dirige até nós e então nos cumprimentamos. Apresento a minha mãe e logo começamos a conversar sobre a Reserva antes de entrar no assunto que me levou até lá.

Parados no meio da Reserva, seu Carlos acompanhado de chapéu de palha, óculos escuro, camisa regata azul, bermuda clara e uma bolsinha de pano atravessadas no corpo, reafirmam a vida simples, conectada com a realidade ribeirinha e com o calor do verão. De início ele nos explica, a mim e a minha mãe que também ouve atentamente, as atividades que estão sendo desenvolvidas naquele momento. Apontando para a esposa e seu ajudante, diz que está fazendo plantio de Pau d' arco roxo, aroeira, recuperando o que ele chama de "fragmentozinho de paisagem."

Ao mesmo tempo em que expressa o quanto é difícil por conta de embates e situações culturais de comportamento, de práticas maldosas culturais seculares de mau uso e convívio com a natureza. Não querendo dizer diretamente, seu Carlos nos deixa entender que esses conflitos são com os próprios moradores da comunidade, sua casa mais afastada das demais e também o acesso limitado, demarca a existências desses estranhamentos, conflitos e comportamentos culturais.

Ao termino dessa sua reflexão em tom de desabafo, sou questionado por ele se também trabalho com paisagem. Ligeiramente respondo que um dos focos da pesquisa é justamente com paisagens, tentando observar as mudanças e transformações das paisagens, através dos grandes empreendimentos, como

barragens e hidroelétricas. Imediatamente ele me interrompe, que diz que naquele momento, naquele ano (2020), a represa de Sobradinho estava fazendo 40 anos.

Esse ano, são 40 anos de Sobradinho. Quem é que tá falando disso? O que nós temos no Baixo São Francisco são quarenta anos de rio regularizado né? Então o que acontece, estamos agora com outro projeto chamado “o rio batia aqui!” Nós estamos desenhando essa cartografia das memórias das pessoas. Nós vamos ter como se fosse um marco. A pessoa vai chegar lá e vai dizer: “o rio batia aqui! Pá! Tira uma foto e tudo mais, e ali naquele ponto geoprocessado. Nós vamos desenhar a cartografia porque as pessoas estão esquecendo aonde o rio chegava, então isso interessa aos donos da água. Sacou? Então o que acontece? Nós temos uma apropriação brutal da água pelo setor elétrico, pelo agronegócio. Isso daqui não é nada! Não é nada, na verdade! Os 23 anos que eu estou aqui, já fiz parte do Comitê da Bacia, na parte inicial de fundação. Por causa da transposição achávamos que não tínhamos nem que discutir isso aí. Voltamos em 2007, saímos novamente reeleitos pela terceira vez em 2014, porque entendemos que ali não era o caminho adequado, né? Então essa discussão de Sobradinho, que temos toda essa discussão de redução de vazão em 2013, ali não é o ponto. O ponto é Sobradinho 79/80. De lá para cá, foi um acumulo de passivo socioambiental e ninguém quer discutir isso. Eu acho que a gente quer discutir. (CARLOS, 2020).

O relato que o presidente da Sociedade Canoa de Tolda faz, ainda no início do nosso encontro, estabelece uma compreensão bastante significativa sobre a ideia ou conceito de rio como recurso, em que cada gota de água, cada parte do rio está a serviço do desenvolvimento regional, nacional, da construção de nação enquanto soberana sobre os nossos recursos naturais. Operando verticalmente sobre os lugares, sobre paisagens e práticas mais locais.

Rompendo relações entre comunidades e o rio. Oportunizando o esquecimento, o apagamento das memórias das pessoas sobre “onde o rio chegava”. O que para o senhor Carlos, favorece os empreendimentos dos donos da água se multipliquem, que seja mais fácil de comprar terras, invadir territórios, produzir regimes de trabalho atrelados ao conhecimento local a serviço do poder global.

Neste sentido, o que o senhor Carlos e tantos outros ambientalistas, defensores e estudiosos da vida do rio São Francisco, tem já a bastante tempo insistido em refletir e apontar, são os processos contínuos de degradação, não só

hoje, mas desde tempos passados, mas de forma mais acelerado depois que a CHESF nasce para cumprir seu papel de aceleradora do desenvolvimento nordestino e principalmente nas margens do rio, em 1945.

Depois acelerando com a construção das barragens, desde Três Marias (Minas Gerais), passando pelo complexo de Paulo Afonso e, sobretudo com a construção de Sobradinho entre 1975 e 1979, culminando em 1994 com a construção de Xingó e nessa última década com a obra de transposição do rio.

Quando então ouço o senhor Carlos se referir a Sobradinho como uma realidade que nunca passou por um debate sério, que nunca é pauta de discussões mais profundas dos órgãos colegiados e nem problematizado como se deveria. Quando a barragem foi construída, ela dividiu o rio no meio, ocasionando inundações de inúmeras cidades, expulsão de populações, gerando impactos significativos na biodiversidade, sistemas ecológicos e sociais.

Com Sobradinho chegou também os primeiros sistemas de irrigação do Vale do São Francisco, compondo hoje uma das maiores produções de frutas irrigadas do país, regimes agrícolas diversificada, vinícolas, favorecendo o agronegócio e a repartição do rio entre seus donos, como menciona seu Carlos, favorecendo, entre outras coisas, as desigualdades sociais, a exploração de recursos, homogeneização de culturas agrícolas, expansão de monoculturas.

Se Sobradinho não estiver com a sua capacidade hídrica aumentada, nos níveis recomendáveis pela ANA (Agencia Nacional de Água), todas as partes do rio sofrem com a redução de vazão. É o que os especialistas chamam de efeito cascata. O que promove entre outras coisas, impactos danosos na vida do rio, o assoreamento e na parte mais próxima da foz, a salinização da água.

Aspecto a considerar é que, ao contrário do que se imagina, as usinas hidrelétricas contribuem para as mudanças climáticas globais. Os reservatórios emitem gás metano, cujo efeito estufa é maior do que o gás carbono. O gás metano é proveniente da decomposição de plantas que surgem quando o nível do reservatório está baixo a ponto de formar um lamaçal. Com a subida do nível d'água elas se decompõem no fundo onde não existe oxigênio. De um modo geral, o empresariado desconsidera que as usinas têm alterado a fisionomia dos rios, prejudicando a pesca e a navegação, pois suas operacionalizações, a exemplo do controle de

vazões, não estão sendo feitas de forma mais racional para promover a equidade do uso das águas fluviais. (GUEDES, 2019, p. 45).

Desde 2013, ano em que o rio São Francisco passou pelo seu estado mais crítico, chamado de crise hídrica, que a ANA, IBAMA e CHESF tem, em meio de muitos silenciamentos (a própria população ribeirinha, governos locais, estaduais), reduzido drasticamente o percentual mínimo de vazão, chegando a ser liberado em 2017, a vazão mínima da Usina de Xingo em 550 m³/s e ou com vazões inferiores a 1.300 m³/s.

Segundo o **INFOSÃOFRANCISCO**¹³, um veículo de notícias e informações sobre questões socioambientais do rio São Francisco, que é um projeto que faz parte da Sociedade Socioambiental Canoa de Tolda, alerta em uma matéria veiculada em 13 de dezembro de 2019, e republicada em 01 de dezembro de 2020, para a continuidade da nota de autorização especial 12/207, que estabelece a vazão mínima de 550 m³/s para a hidroelétrica de Xingó, a depender, como dito anteriormente, da situação de Sobradinho.

Para o Senhor Carlos, que também atua como o diretor do INFOSÃOFRANCISCO, este estado passivo socioambiental, é a forma como estes modelos de desenvolvimento e geração de energia se sustentam, operam suas cadeias produtivas, aumentam o risco de produção de danos não reversíveis, retiram muita água do rio, ao mesmo tempo em que não promovem possibilidades de tornar viáveis e sustentáveis todas as outras formas de vida.

Segundo a matéria de 13 de dezembro de 2019, não há por parte dos órgãos responsáveis por gerenciar e operar as vazões, relatórios, estudos de impactos, de danos, ao mesmo tempo em que não existe também, projetos e análises a curto prazo que promovam estudos pós redução das vazões. Implicando neste sentido, na qualidade da água, na proteção dos patrimônios naturais e suas continuidades.

Localmente tenho assistido continuamente o desdobrar dessas reduções de vazões e também o aumento delas, em períodos remotos, quase inexistentes. O

¹³Disponível em: <https://infosaofrancisco.canoadetolda.org.br/noticias/regioes/baixo-sao-francisco/550-m%20b3-s-vazao-minima-autorizada-ainda-em-vigor-no-baixo-sao-francisco/>

que as populações ribeirinhas assistem e presenciam em estado quase passivo, como nos alerta o senhor Carlos, é um rio cada vez mais seco, assoreado, mais lento, sem peixes, mais estreito, com faixas de areias emergindo aos montes. Riachos secos, também bem assoreados, não dão conta de correr para dentro do rio e distribuir material orgânico e água barrenta, tão essencial para a gestação de espécies de peixes.

Os riachos que estão situados em Pão de Açúcar, tais como o Pauferro, riacho Grande, do Farias, Itororó que são intermitentes e que, portanto, só correm em tempo chuvoso, estão cada vez mais passando por processos de assoreamento, de perda de suas capacidades de drenar águas que correm no outono e no verão. Durante boa parte do ano as suas areias são retiradas para a utilização na construção civil, de casas e prédios. Matas ciliares são queimadas, desmatadas, viram pastos, secam.

Quando eu era criança, além de viver nas margens do rio, quando sabíamos que os riachos estavam correndo, devido às fortes chuvas, passávamos, sempre que possível, a conviver junto desses riachos. Os mais próximos eram (e na verdade continuam sendo), o do Pauferro e o riacho do Farias. Era comum irmos ou caminhando, em uma turma de mais de 6 pessoas, fugindo de seus pais, ou nas nossas bicicletas. Quando um ou outro não tinha a bicicleta, quem tivesse bagageiro levava e revezava com o outro.

IMAGEM 30: riacho pau-ferro correndo para o rio São Francisco.



SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. (2022)

Quando chegávamos no riacho do Pau-ferro, situado um pouco atrás do morro do Cavalete (onde fica a estátua do Cristo Redentor), deixávamos nossas bicicletas na margem do riacho e saíamos ou por dentro da água tomando banho, mergulhando, atravessando pequenas cachoeiras, ou por cima das pedras, se a correnteza e o volume da água que rasgava as terras do sertão, estivessem mais fortes.

Caminhando por sobre as pedras ou por entre a vegetação, nos enfiávamos por minutos até encontrar um lugar melhor para permanecer e ali brincar sem correr grandes riscos. Se fosse durante a tarde, permanecíamos até começar a escurecer e depois voltávamos felizes e molhados para casa. Nos finais de semana, tínhamos a companhia de alguém adulto da família, principalmente de tia Solange, que junto com seu esposo Beto, uma propriedade chamada de Pau-ferro, cujo riacho corta por dentro até desembocar no rio.

O riacho então, como um afluente natural do São Francisco, também é parte fundamental dos desassossegos, das euforias, que criava e que cria, quando corre, condições necessárias para dar vida as espécies, criando e recriando paisagens, ambientes, pequenas frações de mundo habitáveis por nós, humanos e não humanos. Os riachos, correndo nos preenchem de motivações, de possibilidades de resistir em meio as diversidades, ao caos, ao seco, ao árido, ao melancólico.

Neste ponto, é importante destacar a capacidade de interdependência entre chuva, riacho, rio e proliferação de espécies ao longo do curso de todo baixo São Francisco, fornecendo, entre idas e vindas, entre correntezas e ausências delas, entre cachoeiras e o sumiço delas, entre a produção ou não de água suja (como nos diz os pescadores, para se referirem a água barrenta que toma conta do rio, em tempos de riachos cheios), dos efeitos das degradações, desmatamentos e também dos ressurgimentos e regenerações.

Além do mais, as espécies naturais que compõem a vegetação das margens aqui nessa parte do Baixo São Francisco, têm sido retiradas e perde sua capacidade de se regenerar mais aceleradamente por conta dos grandes e pequenos processos de irrigação, criação de pequenos e ou enormes rebanhos, construções de residências, hotéis, pousadas, bares e restaurantes, que transformam continuamente as margens como um recurso e atrativo turístico.

O rio e a Bacia hidrográfica estão degradados, não há alimentação das calhas do rio pelos seus afluentes, que percorrendo cidades pelos sertões, pelos gerais e pelo cerrado, quando correm chegando ao encontro do rio, sem força, com acúmulo de lixo, poluição das águas pelos esgotos e agrotóxicos. É por isso, que a Sociedade Socioambiental Canoa de Tolda entende que a aceleração de modelos e projetos de irrigação, barragens como altamente prejudiciais a vida do rio, dos biomas, ecossistemas aquáticos e das populações que com ele vivem.

IMAGEM 31: Mapa da região da Bacia Hidrográfica do rio São Francisco.



<https://brainly.com.br/tarefa/39381902>

Quando Sobradinho, pensada aqui como uma estrutura imperialista de aceleração das modificações das paisagens, reduz a sua vazão para guardar água utilizada na geração de energia, provoca então, como dito anteriormente, uma reação de cadeia nas outras barragens, que são alimentadas, reguladas pelo volume concentrado em 342 km², com a capacidade de armazenamento de 34,1 bilhões de metros cúbicos.

O que torna o maior lago artificial do mundo, a principal fonte de regulação de recursos hídricos de toda região compreendida pela Bacia, ela provoca prejuízos enormes as relações que se estabelecem pelas comunidades com o rio, pela forma como se navega, se pesca, se mergulha e produz maré a maré, nado a nado especificidades de comportamentos e modificações de paisagens.

3.5- Um rio, muitas vozes:

Ainda durante uma de tantas andanças que fiz nas margens, aqui na cidade de Pão de Açúcar, em uma dessas manhãs de verão, encontrei com alguns pescadores, barqueiros e canoeiros, que nas margens se encontravam ou fazendo reforma de suas canoas e botes, ou apenas conversando entre eles, ou tratando peixes sentados na beira. Não houve em momento alguma marcação previa de entrevistas e ou coisa do gênero.

Descendo até a beira do rio, atravessando o quintal de casa e a croa que me liga até o rio, vejo três pescadores, dois deles moram na rua São Francisco, a mesma que meu pai moram e que eu tenho vivido nos últimos tempos. Me aproximando devagar, converso com Antônio Lima, mais conhecido como “Capitão”. Quando me apresento e digo que sou filho de Luiz da Lancha, ele toma de susto e diz que me viu criança e muitas vezes na companhia do meu pai, estabelecendo nesse caso específico uma abertura a mais para conversar.

A construção do ser pescador às margens do São Francisco, especialmente aqui na região que se encontra Pão de Açúcar, estabelece entre outras coisas, por essas conexões que são tecidas pela abertura de laços corriqueiros. Como ultimamente o rio não está para peixe e conseqüentemente para a pescaria, o fazer-se e refazer-se pescador se dá pelas trocas e rememorações de lembranças, pelas percepções sobre a realidade em terra, na margem.

IMAGEM 32: pescadores reunidos antes da pescaria.



SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. (2022).

Cada qual, muitas das vezes se constituindo com pescador através da pesca individual e ou em dupla, quase nunca passando de três ou quatro, tem a oportunidade de, nesses ambientes e também nos estaleiros artesanais, de consumirem, de reafirmarem seus saberes, suas técnicas e seus modos particulares de desenvolver a pesca junto com o rio.

A pesca em Pão de Açúcar e em muitas cidades ribeirinhas se faz entre margens, é uma pesca mais delimitada geograficamente, não se avança muito sobre outros territórios pesqueiros, raramente um pescador vai pescar por exemplo em Piranhas, rio a cima e em Belo Monte, rio a baixo. Ultrapassar esses limites é um ato que demanda muito conhecimento sobre o rio, sobre os riscos e perigos da navegação, principalmente nesses lugares onde pedras estão mais presentes no fundo do rio, como é o caso de Piranhas.

Cotidianamente, seja de manhã ou à tarde, é possível encontrar um ou mais pescador, sentados, por vezes em barracas instaladas e montadas próximas as margens, dividindo o ambiente com um ou dois botes, lanchas, canoas. Quando

então estão em períodos de proibição da pesca, a mestrança de construção de embarcações, a agricultura, o artesanato, a construção civil ocupa as lacunas de quem vive da pesca.

IMAGENS 33 e 34: tio Zacarias em um dia de pescaria.





SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. (2022).

“Capitão”, pescador desde os 14 anos de idade, hoje com 68, lembra que pescava entre a cidade de Traipu e Piranhas e traçando um paralelo com o rio de hoje, afirma que é difícil ir até Piranhas, porque segundo ele o rio está seco e, portanto, as pedras impedem de se navegar com segurança. As pedras não deixam mais os pescadores entrar em Piranhas.

Tinha Surubim, Tubarana, Mandim amarelo. Peixe melhor que tinha no rio São Francisco era o mandim amarelo. Capadinho, você conhece capadinho? Conhece não! Boca frita, oia! Tudo peixe só de

espinha no meio. Exporação, peixe de exporação. Hoje não, hoje só tem negócio de chulapa, negócio de chulapa de viveiro. O Pirá, á o pirá parece golfinho, bonito que é um “fi dá...” azuzinho com as costas com branco, a barriga. O golfinho é bonito, mesma coisa do pirá. O “o fi da peste” parece.

Aí hoje tem o quê? Pirambeba. Só é o peixe que a gente vai pescar, eu mais ele aí. Nós pegamos só pirambeba, só o que tem mesmo e lodo como a porra. De vez em quando você pega uma Piranha, porque a gente pesca de linha, sabe? Estamos pescando de linha agora. Aí de vez em quando pega uma Traíra também. Mas tem, traíra tem muito. Chulapinha pequena tem também. Tá até aparecendo muito também, aqui também. Antigamente não existia esse negócio de peixe não tá aparecendo. Uns estão aparecendo e outros estão acabando.

Esses peixes estão desaparecendo por causa das enchentes do rio que não tem mais, deve ter sido isso né? O rio também seco, lodo demais. Casa ano que passa a gente vê ele seco, sei não! Ainda quero viver pelo menos dez anos para ver como ele tá. Só dez anos tá bom pra ver como ele vai ficar. (Capitão, 2020).

Outro pescador que também estava na mesma barraca em que se encontrava “Capitão”, era o seu Roberval, que há mais de vinte anos é pescador e exerce seu ofício pescando apenas com linha, assim como também faz seu amigo “Capitão”. Ele também afirma que só tem pescado nesses últimos anos, pirambeba e piranha. Diferente do seu amigo, que estava sentado e conversando, seu Roberval está fazendo alguns reparos em uma lancha de fibra, que aqui chamamos de voadora, são lanchas mais rápidas e de motores maiores.

Esta lancha estava à venda. Sem camisa e em pé do lado da embarcação, enquanto usa um pequeno pedaço de madeira, ele pega a cola e passa repetidas vezes na lateral da lancha. Quando eu pergunto como ele estava enxergando a atual situação do rio, ele me diz que piorou muito. Já secou muito, as águas estão controladas. Que as águas só são soltas para encher o rio em alguns períodos. Ele lembra que o rio enchia com mais frequência, mas de dez anos para cá as águas estão mais controladas.

Me despeço de “Capitão” e seu Roberval. Caminhando mais um pouco, pensando em tudo que acabara de ouvir, principalmente por não conhecer o peixe que “Capitão” chama de capadinho. Ao mesmo tempo em que tento lembrar quando houve de fato o surgimento e a diferenciação de tamanho entre a chulapinha e a chulapa de viveiro. A chulapinha continua existindo no rio. Todas as vezes que estou

dentro da água, costumo vê-las passar por perto, quando meus pés estão parados e mergulhados no rio, elas costumam encostar, dá uma bicada aqui, uma encostada e logo se afastam.

O que Capitão chama de chulapa de viveiro, é a tão famosa tilapia, que nos últimos anos ganhou a preferência na mesa de muitos brasileiros, em especial no Nordeste. Por aqui existem alguns viveiros dentro do rio e que produzem em grande quantidade peixes desta espécie que são comercializados em toda região. É importante salientar que não são, em sua grande maioria, os pescadores mantem esses viveiros dentro do rio, ao contrário, são em muitos casos, pessoas que antes não viviam e nunca tiveram contato mais profundo com a pesca.

Caminhando ainda bem devagar e observando o desenrolar de relações, tentando imaginar o presente de modo diferente deste que se apresenta. Como seria a vida coletiva do rio se nele e dentro dele, não existissem as barragens, as hidroelétricas? Como estavam hoje os pescadores, os canoeiros, os barqueiros, as comunidades ribeirinhas que viviam das plantações de arroz? Como estariam o mandim amarelo, a tubarana, o capadinho, em seus sistemas de cooperação, de reprodução, de reelaboração de suas trajetórias interativas com o rio e outras espécies companheiras?

Como estariam sendo conduzidas, semeadas as relações multiespécies entre peixes, camarões, pitus, sedimentos, plantas aquáticas em estado de equilíbrio, com o rio? Será que teríamos a morte de mais de 50 milhões de peixes no lago de Itaparica, em Xique- Xique na Bahia, em 2017, pela grande quantidade de espécies de plantas invasoras que ameaçam a biodiversidade?

A experiência de estar nas margens vendo cotidianamente as transformações do rio, a alteração dos seus leitos, das variações dos níveis da água, tanto pelas condições naturais, bem como pelos acelerados processos de barramento, tem me guiado para o compartilhamento de dias baseados em vínculos profundos com as memórias do ontem, do antes de ontem. E são as narrativas que encontro no caminho que confrontam o vazio de dias sem a pescaria, sem a navegação, sem uma corrida de canoa. Que revelam o fracasso da ideia de bacia hidrográfica que tenta suprimir a diversidade de modos particulares de coexistir.

Desde 2018, um grupo de pesquisadores e pesquisadoras de diferentes Universidades e instituições de pesquisa, capitaneadas pela UFAL, vêm realizando anualmente expedições científicas no rio São Francisco, especialmente na região do Baixo São Francisco, com o intuito de conhecer, monitorar e estudar a situação ambiental, social dos ribeirinhos e do próprio rio, monitorando entre outras coisas, a situação da pesca, a qualidade da água, os impactos das barragens e hidroelétricas sobre o rio.

Durante dez dias os pesquisadores e as pesquisadoras de diferentes áreas, abordo de duas embarcações, uma delas é a mesma que é usada pelo passeio dos amigos, organizado pelo meu primo Dorgival, saindo de Penedo, as embarcações navegam subindo o rio até a cidade de Piranhas e chegando lá fazem o caminho de volta até a foz. Por duas vezes eu tentei participar da expedição, mas as vagas já tinham sido preenchidas, cabendo então esperar pelos resultados das análises.

Em 2019, a Expedição contou com a participação de 50 pesquisadores, pesquisadoras, estudantes, técnicos, distribuídos entre dezesseis instituições. Se por um lado temos os pescadores que continuamente estão a navegar e remar pelas águas do rio, sentindo na pele os profundos impactos antrópicos e seus processos acelerados maiores do que os efeitos naturais abióticos e bióticos, por outro lado, compactuando e reforçando as experiências contínuas e diversas das comunidades ribeirinhas com o rio e sobre ele, estão os resultados da expedição realizada em 2018, 2019, 2020 e 2021 já são do conhecimento de toda sociedade.

Entre outras coisas, é importante salientar que o Baixo São Francisco, em termos de formulação de políticas públicas, está aquém de outras regiões que compõem toda extensão do rio e da bacia, com baixos índices de desenvolvimento humano, refletindo diretamente nas relações que se estabelecem com esgotos a céu aberto correndo para o rio, tantos outros poluentes e a forma como encaram e percebem os processos degradantes.

O Baixo São Francisco (BSF) é uma das regiões mais conflitantes do Nordeste, devido a localizar-se em ambiente arido, onde a água é a principal força motriz das comunidades rurais. Assim, fatores ligados a pesca e aquicultura, geração de energia elétrica, produção oriunda dos esgotos das cidades, assoreamento, uso de agrotóxico

em culturas às margens do rio, desmatamento da vegetação marginal, avanço da cunha salina, alteração da vazão, endemismo de espécies, entre outras atividades, refletem diretamente na vida social, econômica e ambiental dessa mesorregião que compreende os Estados de Sergipe e Alagoas, cobrindo uma área de 25.500 quilômetros quadrados, onde vive uma população de cerca de 1,5 milhão de habitantes, dos quais 440.000 residem em áreas ao longo do rio São Francisco. O BSF apresenta os piores índices socioeconômicos, com um PIB de 9% do PIB da bacia inteira e os Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) dos municípios classificados como médios (entre 0,600 e 0,699), como Japaratuba e Propriá, no Estado de Sergipe, Arapiraca e Penedo em Alagoas. (SOARES, et al..., 2020, p. 11).

Repetidamente, ao longo dos anos, temos ouvido sair da boca de pescadores, de canoeiros, de homens e mulheres ribeirinhos, o que a ciência só de uns tempos para cá, por meio dessas expedições, estão apontando. Impactos ambientais, leitos sobrecarregados de materiais orgânicos, e conseqüentemente o desmatamento de tantas margens rio a cima e rio a baixo, causando assoreamento, dificuldades de navegação e de pesca.

Neste sentido, são através das práticas sendo atualizadas, modificadas, refletidas cotidianamente e com muita destreza e habilidades que as populações ribeirinhas, nem todas e nem todos, entendem se estabelecem contrapontos sobre a vida do rio. Eles sabem quais são os peixes que não podem ser mais pescados, por onde se pode, naquele determinado dia, navegar ou não.

Os poderes de percepção sobre as metamorfoses do rio perpassam então pelas práticas, pelas experiências das vidas sendo reatualizadas, feitas, cruzadas entrecruzadas com o rio, sobre ele, no próprio caminho, no próprio sentido de pescar, de jogar a rede, a linha e o anzol. Rastros de destruição estão por toda parte, adoecendo o corpo hídrico, mas também corpos humanos e não humanos.

A pesca está em franca decadência por várias razões: a poluição oriunda dos esgotos domésticos e de atividades agrícolas; o desmatamento, com conseqüente assoreamento; os barramentos e a incompatibilidade entre a operação das barragens e as necessidades ecológicas, entre outras. Ações antrópicas de cunho não sustentável prejudicam e alteram, de forma negativa, os territórios de trabalho dos pescadores artesanais (LIMA, 2020). Além disso, a falta de gestão contribui com um contínuo e acelerado

processo de degradação ambiental. (OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2020, p. 227).

Assim como Tonho da lancha e seu filho Geninho fazem os processos de migrar de uma atividade para outra, do rio para a terra, da navegação para as estradas, muitos pescadores tem também estabelecido movimentos de abandonar a pescaria, se afastando cada vez mais de práticas e habilidades, das técnicas que foram sendo aprimoradas por longos anos, por anos de doação aos modos de vidas itinerantes as suas condições de ser.

Como é o caso de Wita, que tendo sua vida dedicada desde a infância a pesca nas águas do rio São Francisco, hoje raramente sai para pescar, tanto em virtude de seu corpo adoecido e já cansado, mas principalmente, como ele mesmo diz, pela falta e sumiço de peixes. Hoje, ele habita as margens através de sua barraca, comercializando bebidas, comidas, artigos infantis e que remetem as brincadeiras no rio, como boias, baldinhos e etc.

Com a construção das barragens e suas interferências para além dos territórios fixados nas margens, redefinem também os modos de encantamento das pessoas para com o rio, para com as vozes outras que estão sendo silenciadas pelas baixas vazões.

Vazões estas controladas pelas hidroelétricas que estão acima do Baixo São Francisco, ocasionando períodos de seca, falta de força nos braços do rio (os afluentes), que deveriam empurrar os sedimentos ao longo do rio, assim aumentando a biodiversidade. Mas o que se ver por todos os lados é a destruição dos habitats, dos territórios compartilhados pelos saberes ancestrais, enquanto esgotos correm ao ar livre e bombas de captação irrigam e jogam agrotóxicos por sobre produções agrícolas.

Wita sentado por sobre um pneu velho dentro rio, está tratando peixes que ser quer pescou. Ele trata tilápias que comprou e que foram criadas em cativeiros perto de Canindé do São Francisco, cidade que fica ao lado da hidroelétrica de Xingó. Assim como esse cativeiro, existem outros tantos espalhados por todo o rio, seja para a criação de peixes, seja para a criação de camarões.

Essa atividade tem sido outra saída para a falta espécies nascidas e desenvolvidas no próprio São Francisco. Todas as tilápias que estão sendo limpas e tratadas, serão comercializadas ao longo do final de semana em sua barraca. Assim como ele, outros barraqueiros e comerciantes das margens tem vendido muito esse tipo de peixe, tanto pelo seu tamanho, bem como pelo seu sabor, pela ausência de espinhas.

Tilápia virou o prato chefe de vários estabelecimentos, propiciando o sumiço de outras espécies de peixes, não só de dentro do rio, mas também das tão tradicionais barracas. Piau, piranha e pirambeba também estão no cardápio, mas não estão no gosto dos consumidores.

Durante 40 anos Wita pescou, herdou do seu pai e dos seus avós a vida emaranhada em redes, em linhas, em anzóis junto ao rio, tecendo a própria pescaria e suas maneiras distintas e modificadas de habitar cada parte do território sãofranciscano a bordo de sua canoa e ou bote. Sem conseguir mais puxar a rede por conta de problemas de saúde, ele também estabelece e situa a falta de peixe com a construção das hidroelétricas, das barragens, especialmente a de Xingó.

Para ele, água parada faz com que os peixes não consigam desovar. O rio de ontem, o da fartura, da abundância, dá lugar a um rio em que o “peixe bom se acabou.” Wita me conta, olhando para os morros que estão em nossa frente em do outro lado do rio, que fazem parte do povoado Niterói, que a situação atual do rio, em sua relação particular com ele, se apresenta de duas maneiras.

Rapaz, pro lado de pegar peixe tá fraco, agora da parte de, no caso pra mim, melhorou porque eu botei um barraquinho alí, aí achei melhor, mas para pegar peixe tá muito diferente. Já cansei muito de sair daqui pro morro do carrapicho, pro morro do Cristo alí. Não precisava ir muito longe não para pegar 30, 40 peixes. Eu pegava ligeiro demais e hoje em dia é zero. Tô trabalhando com tilápia criada em cativeiro, ela vem de longe, de Canindé, de Xingó. (WITA, 2020).

Tendo deixado de pescar a uns seis anos, Wita transmitiu a arte da pesca artesanal para o seu filho Willian. Willian é um velho, mas nem tão velho, conhecido meu. É mais novo que eu, cresceu aqui na Rua da Alegria, conhecida popularmente como “rua do Boga”. Conheço ele desde que era garoto, correndo pela rua estreita

onde mora e também pela beira do rio, jogando bola na croa enquanto se dividia entre o brincar e ir para a pescaria com seu pai.

Já tendo casado, é na Rua da Alegria que ele ainda mora. É na Rua da Alegria que laços familiares se moldam junto com o rio. Grande parte dos seus moradores sobreviviam da pesca. Muitos até hoje tentam sobreviver, mas também desenvolvem outras atividades, pois como venho narrando, a falta de peixe vem ocasionando o repartir de tarefas entre os pescadores e suas famílias. É através da pesca, da barraca que Willian também existe, reinventa seu cotidiano.

Às vezes costumo ouvir sua voz, aqui nos fundos da casa dos meus pais, onde joga bola com outros amigos também da Rua da Alegria, São Francisco e de ruas mais próximas. Também é comum encontra-lo brincando de corrida de tabicas¹⁴, ou passando em cima de sua moto com peixes e matérias da sua barraca.

Depois que conversei com seu pai, saí caminhando pela beira do rio até encontrar com Willian fazendo alguns reparos na barraca. Ele é sempre muito atencioso e muito disponível para conversar comigo sobre os assuntos do rio, sobre como é ser pescador no atual contexto do rio. Não é a primeira vez que converso com ele sobre essas questões. Certa vez ele conversou comigo via rede social, quando por aqui eu não estava.

Willian aprendeu a pescar em um rio cheio de nós, que produz devires que tornam o próprio ato de pescar como uma atividade secundária e quase inacessível. Como a grande maioria de pescadores situados às margens do rio, em Pão de Açúcar, não é todo dia e nem regularmente que ele sai para pescar. O rio e suas profundezas e seus territórios pesqueiros, como apontou seu pai, tem sido cada vez menos convidativo para o lançar da linha, do azol, de mergulhar com o arpão e voltar para o bote com vários peixes.

O rio só está para uma pirambeba aqui, uma piranha alí, um piau encostado no morro. A falta de peixe também emerge como um elemento potencializador e dinamizador de outros caminhos viáveis para o fazer-se homem e menino do rio. É o estado de escassez que produz rompimentos, produz perda de pertencimento, de

¹⁴ Nos próximos capítulos vou me ater mais a narrar sobre essas práticas que também compõem a vida das crianças, adolescentes jovens ribeirinhos.

distanciamento, de tristeza, mas mantem presente a esperança que um dia volte a ser como era. De se poder enxergar caminhos abertos para os recomeços, como as marés que vão e vem dando sentido permanente e continuo da vida do rio.

No caso específico de Wita e Willian, pai e filho, filhos de um mesmo corpo ancestral, moldados ambos também pelas ausências e permanências nas margens. Willian pescador desde os 14 anos de idade, estando hoje com 31, construiu suas próprias marés de sorte e observação. Vendo a pesca para além do aprendizado continuo junto com o pai, acredita e crê que ela também é exercida através do dom. Sem o dom, segundo ele, não tinha como aprender a ser pescador.

Dom, fé e esperança se constituem como elementos importantes na vida de Willian enquanto um homem, menino e jovem pescador e ribeirinho. Ele mantem a esperança que um dia volte a ser como era antes, que os peixes voltem a aparecer e assim possa desenvolver o ofício que o acompanha desde pequeno. Daqui a 20, 30 anos ele espera que o rio esteja sempre cheio, abundante de água e de vidas, mesmo que para isso, a barraca de sua família deixe de existir, pois ele tem plena consciência de que eles estão ocupando um ambiente que faz parte do próprio rio.

Rapaz, eu espero que ele volte ao normal. Com várias cheias para poder ter a reprodução dos peixes, né? E vê se melhor as coisas não só para os pescadores, mas vai melhorar para muita gente. As barracas influenciou muito no turismo, pra muita gente, assim. Mas a questão do rio até agora não tá influenciando em nada não. Há não ser que daqui alguns anos que ele possa voltar a encher, a ter a cheia e aí posso vir a tirar a gente do local. Quando a gente colocou aqui, já sabia que era uma área de risco, que o rio poderia vir e tirar a gente daqui. (WILLIAN, 2020).

O projeto imperial que instaurou barreiras, projetos energéticos e agroindustriais se por um lado instala o silenciamento e apagamento das linguagens, dos saberes. Inviabilizam as técnicas, as transmissões de práticas e performances ancestrais. Ao mesmo tempo promove a variação de mundos possíveis e formas de territorializá-los. Com Sobradinho foi assim, ao retirar populações de seus lugares de origem, desenvolvimento, vida e morte e continua sendo assim com Xingó.

A região do Baixo São Francisco apresenta uma série de impactos ao longo do curso, com alterações bastante visíveis sobre o rio. A redução das áreas de pesca por outras atividades tem sido atestada na região. O aumento da poluição do rio, o desmatamento das matas ciliares, a grande descarga de esgotos e a baixa vazão de suas águas, devido ao represamento da hidroelétrica de Xingó, têm causado assoreamento, formação de bancos de areia e destruição de habitats importantes, como as lagoas marginais, com efeitos muitas vezes devastadores sobre os recursos pesqueiros. (OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2020, p. 241).

As transformações que ambas promovem no Baixo São Francisco, se multiplicam em cada canto, em cada ambiente, em cada paisagem, provocam rupturas na ictiofauna, na abundância e variação de espécies de peixes, no aumento significativo das macrófitas, que conhecemos aqui como lodo, principalmente nas margens, onde o rio visivelmente encontra-se sem força para arrastar até a foz os organismos e sedimentos.

O Baixo São Francisco representa 8% de todo o território hídrico do rio São Francisco, mesmo assim, é possível observar diferentes níveis e variações das condições do rio. Ele é um rio múltiplo não somente pela sua capacidade de provocar diferentes relações com comunidades, mas por ser em sua própria composição e vida naturalmente multiplicador e tais estados continuam se redefinindo e de forma mais acelerada através dos barramentos, poluições, atividades agrícolas irrigáveis.

Assim sendo, segundo dados produzidos pela Expedição do Baixo São Francisco (2020), as condições de pesca, do tipo de pesca e dos peixes encontrados variam em relação a afetação e o comportamento do rio naquele município e ou comunidade. Em Pão de Açúcar, por exemplo, como também demonstrou Willian, em nossa conversa, a pesca é feita mais por rede de emalhar, por tarrafa e linha. Sendo que para ele, a rede é a técnica que ele mais utiliza para pescar, embora seja a mais prejudicial para a coluna.

Os peixes mais encontrados durante a expedição em Pão de Açúcar, foram: piau, xira, tucunaré, cari, sendo que a pilombeta e o surubim desapareceram neste trecho do rio. Já em cidades como Piranhas, Canindé do São Francisco, Delmiro Gouveia, Olho d' Água do Casado, localidades mais próximas de Xingó e até

mesmo antes delas, como Delmiro, a variedade de peixes é muito maior, além dos mencionados e encontrados em Pão de Açúcar, tais como: bamba, mandi, corvina, piabas. Assim como também mudam a forma de pescar. (OLIVEIRA et al., 2020).

Com a construção da barragem de Xingó o rio passou a viver em um estado de lentidão. Lentidão também sentida na própria produção de peixes, da variedade de peixe, no aparecimento de camarões, pitus, pilombetas. Ao mesmo tempo em que quanto mais próximo da foz a pesca é realizada, mais espécies marinhas são vistas, pescadas no rio, especialmente em Penedo, Piaçabuçu e Brejo Grande, com o aumento do cunha salina e diminuição da vazão.

Vivemos hoje, todos nós, ribeirinhos e ribeirinhas à espera das enchentes controladas, anunciadas em avisos poucos dias antes de nossos olhos presenciarem o rio ganhando força e cortando a croa por dentro, limpando às margens que se encontram, cada vez mais, povoadas por macrófitas aquáticas e muito lodo, até que se feche mais uma vez as comportas da usina de Xingó e as baixas vazões reduzam tudo que já foi abundante. Estou falando nesse sentido, em um Baixo Rio São Francisco em ruínas do Antropoceno.

ÁLBUM III

O rio-mar em caminhos de desassossegos



Acervo da coleção de Thereza Cristina, do Museu Nacional

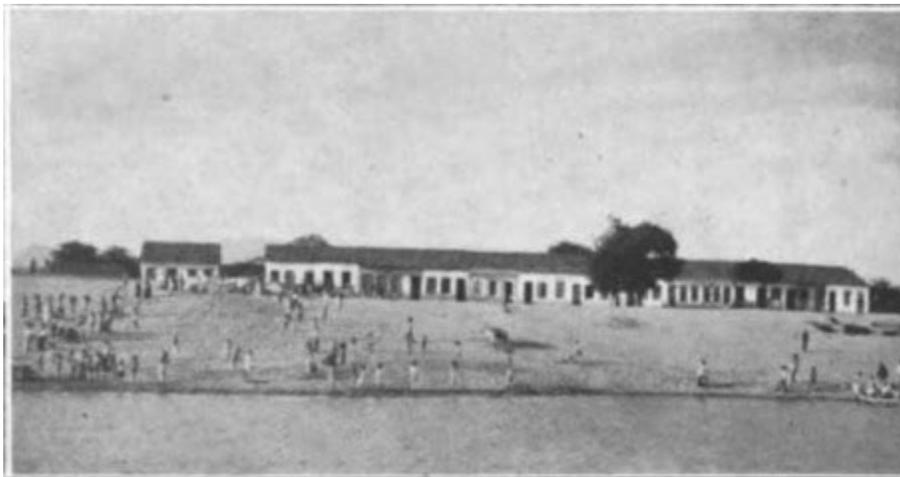


Imagem de H. W. Furniss, 104/1905- Pão de Açúcar vista do rio.

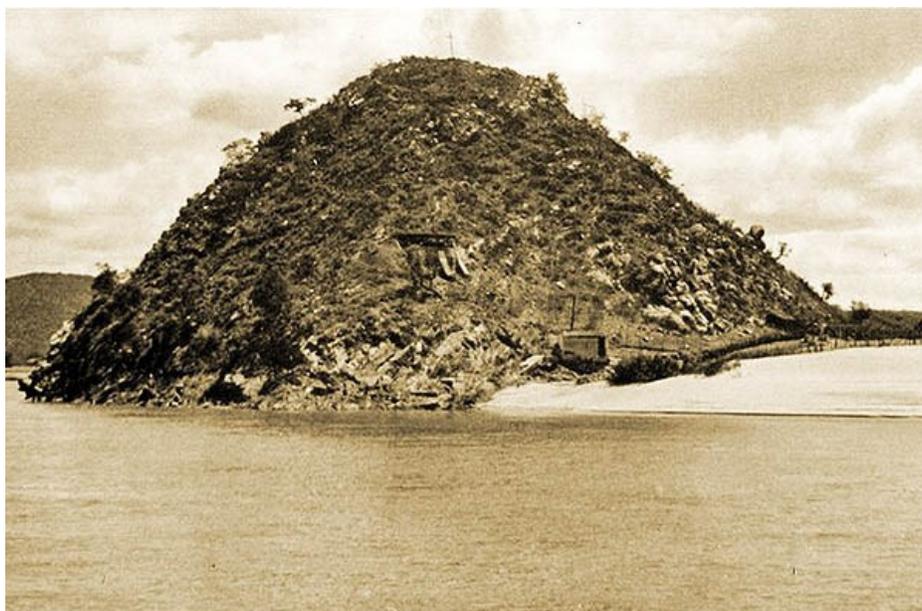


Foto de Edgard de Cerqueira Falcão, 1939



Imagem do acervo de Etevaldo Amorim¹⁵

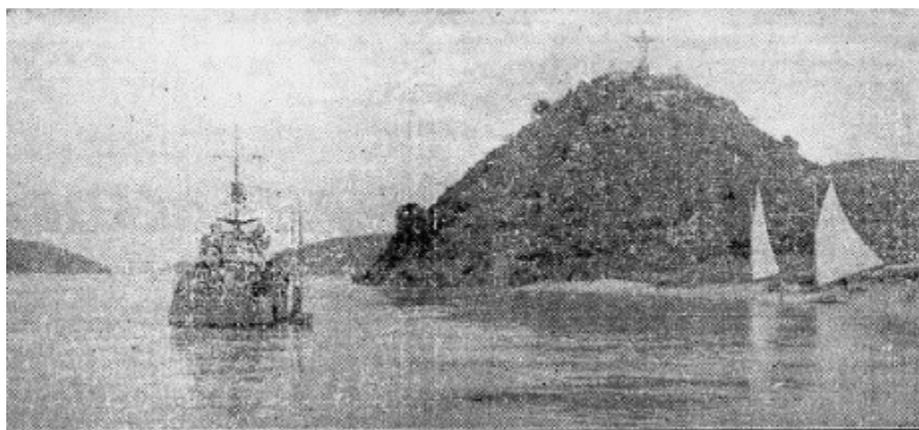
¹⁵ <http://blogdoetevaldo.blogspot.com/2017/09/rio-sao-francisco-caminhos-de-pao-de.html>



Imagem retirada da página da internet “Pão de Açúcar antiga”



Vapor “Comendador Peixoto em Pão de Açúcar. Acervo de Tonho do Mestre.



Navio da Marinha, ao lado de uma canoa de tolda em frente ao morro do cavalete, na cidade de Pão de Açúcar em 1960. Fonte, Diário de Notícias, RJ, 1962.

Este pequeno álbum de imagens fotográficas, traz em sua composição, em primeiro lugar, um mapa da estrada de Ferro, que data do início do século XX, que vai da cidade de Piranhas até a cidade de Paulo Afonso, passando pela cidade de

Delmiro Gouveia. Até meados do século XX, essa estrada de ferro assim como o rio São Francisco, antes das construções das hidroelétricas ao longo de todo o rio e das estradas pavimentadas, foram as principais vias de escoamento de produção que vinham dos mais diferentes lugares do sertão, assim também, servindo como caminhos tanto naturais, como rotineiros de importação de mercadorias e produtos, bem como do tráfego de pessoas, em navios, bragantins, canoas de tolda.

Nessa época, a cidade de Pão de Açúcar, em 1904/1905, era uma das principais escoadoras de produtos (entre os quais, o arroz, algodão, carne, couro de boi, entre outros produtos), sendo desse modo uma cidade bem desenvolvida e com um comércio local bem importante para a região. Vê-se que na imagem, a imensa quantidade de pessoas próximas da beira do rio, na certeza que estavam por ali a espera das embarcações e navios.

Outra imagem em destaque é do morro do cavalete ainda sem a presença da imagem do Cristo Redentor, em 1939, que só viria a ser construída na segunda metade do século XX. Hoje, nos pés do morro se encontra também a bomba de captação de água para a própria cidade.

A próxima imagem é do vapor Penedo, no porto de Pão de Açúcar, sendo que mais na frente encontram-se duas canoas de tolda, emoldurando a paisagem ribeirinha, certamente em um momento de grande cheia para o rio, sendo possível perceber que as embarcações estão bem próximas a rua da frente, como ainda hoje é conhecida a Avenida Ferreira de Novaes.

Situando então para a década de quarenta, temos então imagens que demonstram não tão somente a presença constante de canoas de tolda, mas também de grandes embarcações, como se vê na imagem, do navio “Comendador Peixoto”. Ele está entre aspas, porquê, depois de longos períodos navegando pelas águas do São Francisco, o navio hoje dá nome a “Chegança Comendador Peixoto”, que na linguagem popular do povo desta terra e dos seus próprios brincantes, é um folgado natalino que constrói toda uma narrativa que está presente nas lutas e batalhas travadas pela identidade cristã contra o povo Moro que habitava outros “países”, do então continente europeu.

Chegança então, é a narrativa e ou narrativas produzidas no Brasil, também chamadas de fandangos, marujadas, entre outras, para propagar as conquistas e vitórias dos colonizadores sobre os colonizados, tendo o cristianismo como fundamental para a compreensão do poder da salvação e renascimento em Cristo através dos processos de catequização, batalhas, cruzadas e conversão.

Realizando movimentos que parecem transcrever os balanços dos navios em alto mar e ou até mesmo em rios, homens e hoje também mulheres dançam e celebram em seus modos particulares as suas próprias conquistas particulares que atravessam o tempo. A chegança “Comendador Peixoto”, acaba de completar mais de 80 anos de existência em Pão de Açúcar, fortalecendo assim os vínculos ancestrais com e no rio São Francisco.

Ainda no mesmo ano, pode-se perceber e notar a presença de canoas de tolda nas margens do rio, próximas as ruas do município de Pão de Açúcar, com o morro do “cavelete” ao fundo. Já em 1960, se fotografa a presença de um navio da marinha do Brasil, fazendo o trajeto que desde antes do seu “descobrimento”, era realizado pelos povos originários e que depois de 1501, se tornou bastante comum e confiável perante os expedicionários vindos de todos os cantos e recantos da Europa, demonstrando então que até final da década de 60, todo tipo de embarcação poderia cruzar o “Baixo São Francisco”, sem correr o risco de ficar encalhada pelo reduzido volume de água.

CAPÍTULO IV¹⁶

O RIO E OS SEUS REINOS FERAIS: O LODO, AS PLANTAS E VIDAS EM EMERGENCIAS ANTROPOCENICAS

Valendo-se da afirmativa de que o Antropoceno ocorre em todos os lugares onde haja habitabilidade, mesmo sendo global, impactando pessoas e ambientes das formas mais particulares e restritas como as margens do rio, em especial as cidades que estão povoando a região do Baixo São Francisco, o foco deste capítulo centra-se para um fragmento ou para uma partícula de paisagem irregular, que vem chamando a minha atenção nos últimos anos, de forma cada vez mais aparente e de forte impacto, ao menos para o meu olhar de ribeirinho, filho de barqueiro, neto de pescador e antropólogo.

Estou falando das macrófitas aquáticas - ou plantas aquáticas, para os ribeirinhos, o lodo, cuja proliferação tem permitido sucessivas atividades, operações quase rotineiras por parte de órgãos do governo municipal da cidade de Pão de Açúcar, na intenção de coibir e ou de frear que as plantas aquáticas tomem conta de toda a faixa de areia – croa - que se situa na parte central da cidade¹⁷. Tais proliferações são mais comuns e presentes nos últimos 10 anos, afetando sobremaneira, como nós ribeirinhos temos ocupado as margens e construído relações mais que humanas.

As macrófitas também tem produzido relações conflitantes com barqueiros, pescadores, canoeiros e banhistas, fazendo emergir no vasto curso da água, a “diversidade contaminada”¹⁸ (TSING, 2019), cujas consequências, limites, adaptações, ainda estão fora do alcance de entendimento, principalmente de antropólogos e antropólogas.

¹⁶ Álbum deste capítulo está disponível em: https://youtu.be/uwLZtTAyL_M

¹⁷ Voltaremos para o detalhamento dessas ações mais a frente.

¹⁸ “diversidade contaminada” para me referir a modos culturais e biológicos de vida que se desenvolveram em relação aos milhares de anos de difusão da perturbação humana. Diversidade contaminada é a adaptação colaborativa a ecossistemas de perturbação humana. Emerge como os detritos da destruição ambiental, da conquista imperial, dos fins lucrativos, do racismo e da norma autoritária – assim como o devir criativo. (TSING, 2019:23).

Esclareço que o intuito deste trabalho não é construir análises como as que são produzidas pelas pesquisas nas áreas das ciências naturais, da geografia ou das engenharias ambientais e de pesca mas, descrever relações-ou tentar fazê-las-entre as plantas aquáticas, com barqueiros, com pescadores, com as lavadeiras de roupa, e comigo, que entre processos de idas e vindas, mergulhos, nado e navegação, tenho estabelecido linhas de devir e de experienciar um rio do presente, ao mesmo tempo em que me lanço sendo atravessado pelas memórias de um rio vivido na infância e juventude.

Assim como Anna Tsing (2019), e aqui é minha argumentação central, penso que as macrófitas aquáticas, em comparação com os cogumelos e fungos, fazem parte do “reino feral”, em que a vida que brota, fruto das perturbações humanas, dos grandes empreendimentos, e nesse caso específico, da construção de hidroelétrica, barragens, dos projetos dos agronegócio, da irrigação, etc., têm conseqüentemente ampliado e permitido a proliferação das plantas em paisagens que elas antes não ocupavam, não habitavam e nem produziam relações multiespécies.

As macrófitas passam a ser as protagonistas que inspiram movimentos de devir e do despertar para a compreensão de ritmos da vida. A valorização baseada na performance de ecologias humanas e não humanas pode oferecer modelos de conscientização ambiental para nossos tempos (TSING, 2019:41). Bem como para pensar e refletir sobre os caminhos da antropologia no tempo das grandes catástrofes humanas, da “democratização” do ensino superior, e a chegada de alunas e alunos oriundos de comunidades tradicionais, e que, portanto, estão ampliando os olhares e os métodos de pesquisa, escrever e narrar seus próprios processos e olhares sobre suas comunidade

IMAGEM 35: pés fincados no rio feral



Nesses últimos meses tenho assistido as transformações das paisagens em torno do rio, tenho visto e observado a criação, em ritmos próprios, de novas paisagens, as inesperadas plantas aquáticas brotando e resistindo mesmo quando os homens tendem a retirá-las das águas, mesmo quando pescadores puxam suas redes e com ela sobem à superfície um montante considerável delas, em junções cujas sobrevivências estão atreladas, alavancando rompimentos de hierarquias entre o homem e plantas, entre a água e eu, entre mãos que arrancam as macrófitas e as jogam sem pena sobre a areia, para que depois dali passe uma caçamba ou uma carroça de burro e leve sem destino.

Sempre que posso, acompanho de perto as simbioses que vêm sendo parte fundamental da compreensão de se perceber e narrar o rio como sendo uma paisagem múltipla¹⁹, protagonista de sua própria história e que tece histórias com todos aqueles e aquelas que experienciam viver com ele, bem como construído meus próprios modos de criar minhas conexões com as macrófitas.

Seguir os rastros das plantas aquáticas, é, portanto, conseguir narrar ao mesmo tempo, ampliar modos de conviver com o rio, através da diversidade que emerge destas relações e ações. E tudo que emerge aqui e com o rio dá sentido a modos de sobreviver em tempos de ruínas.

Tais ações, que começam sempre com a observação externa desses homens, muitos deles garis e auxiliares de limpeza urbana, é algo já programando anteriormente no setor ambiental da secretaria municipal de agricultura e meio ambiente, em conjunto com a secretaria municipal de obras e infraestrutura.

São sempre ações que ocorrem no início da manhã, ou final da tarde, tendo em vista que o sol é bem quente, chegando a temperaturas medias acima dos trinta e três graus, fazendo com que esses homens estejam sempre na companhia de um

¹⁹ O múltiplo, empregado aqui, está sendo pontuado a partir do que estabelece Annemarie Mol, nos seus escritos sobre o corpo múltiplo e suas relações com o cuidado médico e as doenças, em que a medida que corpo, paciente, equipe médica, hospital e doença começam a se reunir e habitar um mesmo lugar, cotidianamente o diagnostico vai sendo desenvolvido. Nos escritos da autora, a doença não está pré-estabelecida no corpo, ela é relacional. Assim também compreendo o rio, ele existe de forma relacional e suas paisagens, seus caminhos e suas atividades estão sendo produzidas ao passo que entra em contato com outros agentes, humanos e não humanos, objetos e coisas.

garrafão de água, chapéu, blusas de manga longa, como forma de proteção, para o trabalho não se estender até depois das dez horas da manhã. E não antes das três da tarde.

IMAGENS 36, 37, 38, 53, 39, 40 e 41: sequência de imagens de retirada de lodo e macrófitas aquáticas do rio São Francisco.







SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. (2019).

É um trabalho repetitivo, com habilidades específicas e desempenhadas em conjunto e colaboração, de saber o local exato onde deve ser colada à rede para puxar e deslocar a maior quantidade de plantas até a margem, até a areia do rio, limpando o maior ambiente possível.

Como se vê nas imagens, a retirada das macrófitas aquáticas da água está ordenada da seguinte maneira: um dos rapazes observa o ponto onde deverá ser retirado o montante de plantas, então, outro rapaz em um pequeno barco de fibra, segurando uma corda começa a segurar a rede que cercava as plantas, enquanto a outra parte é dada para um terceiro rapaz que fará o processo de puxar essa corda até a areia da praia, enquanto outros dois seguram a rede e trazem em movimento contínuo e bastante lento, uma enorme quantidade de macrófitas.

Em média, todo esse acontecimento relacional entre as macrófitas, rio e os agentes humanos, demora uns 20 a 30 minutos, até que as plantas estejam amontoadas na praia e sejam levadas para outros locais pelos tratores e caçambas de lixo.

Essa ação organizada pela prefeitura acontece ao menos algumas vezes no mês, sempre nos finais de semana, para que então, os locais que antes recebiam muitos turistas para o lazer as margens do rio, possam estar em condições de recebê-los. Porém, o que eu tenho percebido, é que mesmo que haja limpeza de uma parte do rio, em algumas semanas, o local que foi limpo, está mais uma vez tomado pelas macrófitas.

Assim, como Tsing (2019) nos informa, estamos diante de um processo de coordenação, em que a partir da interação de humanos e não humanos, estamos assistindo paisagens sendo criadas, em processos simbióticos, de evolução e modificação de seus hábitos e modos de existir no ambiente. Tendo em vista que por mais que esses homens, semanalmente ou mensalmente, vão lá e retirem as plantas da água e faça uma espécie de faxina aquática, elas crescem, se desenvolvem e produzem seus modos de viver e suas alternativas de vida compartilhada e moldada a partir do emergir das relações.

Quase todos os organismos, ao que parece, transformam os habitats à sua volta. Esses mundos redesenhados, por sua vez, tornam-se os habitats em que tanto os membros de uma mesma espécie quanto de outras espécies vivem suas vidas e se reproduzem. A evolução, argumentam os teóricos da construção de nicho, trabalha através desses ambientes continuamente refeitos. Ao reconfigurar habitats, os organismos moldam a evolução de outros organismos, incluindo outras espécies. Em vez de unidades de evolução autonomamente interessadas, temos relações que criam paisagens multiespécies. (TSING, 2019: 97-98).

Como já dito em outro momento, as macrófitas aquáticas são as mais variadas possíveis, de acordo com a textura, tamanho, por vezes são submersas, são livres e boiam, estão presas por raízes, etc. Nas imagens a seguir, vemos muitas espécies produzindo seus relacionamentos e contribuindo para estabelecer coexistências em que ambas possibilitam suas proliferações e suas continuidades, permitindo ainda a presença de outros organismos em meio aos seus processos evolutivos, como é o caso dos caramujos.

IMAGENS 42, 43, 44 e 45: assembleias multiespecies entre plantas aquáticas e o rio.







SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. (2021)

Neste sentido, temos então, nessa relação entre os homens que trabalham para retirar e limpar os ambientes aquáticos da presença das macrófitas, ações de perturbações ocorrendo. Eles estão, na verdade, colaborando para que as plantas estejam em constante processo de expansão e proliferação, criando habitabilidade e redesenhando também a convivência com outras espécies. Criando aproximações com os próprios humanos, estabelecendo para estes, relações performáticas e desenvolvimento de habilidades específicas com o rio e com as próprias plantas.

O Surgimento e disseminação das macrófitas aquáticas (lodo, em especial), estabelece também a produção de novos saberes e perspectivas distintas de lidar cotidianamente com elas, pelos pescadores, barqueiros e muitos moradores desta beira de rio. Forçadamente e ou conscientemente, esses homens dotados de conhecimento sobre o rio e sobre tudo que já veio antes, se transformaram e moldaram, assim como o rio.

Eles e elas estão imersos em processos simbióticos. Seus olhos, mãos e todo o corpo forjado pelas águas, são agora múltiplos e cheios de novos rumos nessa engenharia imperialista de “destróçar gente”, mas de reencantamento do mundo. (RUFINO, 2019, p. 12).

A proliferação das macrófitas aquáticas para além da socialidade com esses agentes dos órgãos públicos da Prefeitura municipal de Pão de Açúcar, também tem dialogado com barqueiros e pescadores. E com eles, às relações tem sido construída na base de muita reclamação e chateação, de disputas, que com algo que até pouco tempo era apenas mais um componente vivo e inofensivo para o rio e principalmente para eles, pescadores e barqueiros.

As plantas aquáticas têm contribuído para a mudança de comportamento destes agentes humanos, modificando inclusive a relação dos corpos em contato tanto com a água, bem como com suas próprias maneiras de se perceber em contato com as macrófitas, realinhando habilidades, gestos, interações e padrões comportamentais. Cotidianamente, pescadores e barqueiros estão reaprendendo a ser que são junto às macrófitas, ocupando ambientes degradados, sem que para isso seja necessário um projeto de ocupação destes ambientes que estão sendo recriados cotidianamente em constante interação.

Imagens 46, 47 e 48: Meu pai Luiz, moldando seu corpo e práticas, em contato com o lodo e as macrófitas aquáticas.



SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. (2019).

Os barqueiros, em especial, têm encontrado dificuldade em promover suas navegações, tendo em vista que as plantas aquáticas têm em muitos casos parado o motor das embarcações, chegando até mesmo a quebrar o motor, principalmente das embarcações de pequeno porte como canoas, botes e barco de fibra. Em outros casos, as hélices das embarcações estão cheias de plantas, das mais diferentes espécies, formando uma barreira e se utilizando das âncoras como suporte de fixação de suas vidas em ebulição.

Nas imagens acima vemos o barqueiro Luiz da lancha (meu pai), tendo que promover um grande esforço para conseguir limpar a âncora, que submersa por algumas poucas horas, recebeu uma grande quantidade de plantas não fixas. Meu pai conta que esse processo de retirada da âncora da água requer um esforço imenso, requer novas formas de posicionar o corpo, de reorganizar suas habilidades e técnicas de navegação, contribuindo para o fazer e refazer de paisagens multiespécies em comunhão com ações performativas das tradições.

Já o pescador não pesca mais peixe, nas suas tarrafas, quando são jogadas e puxadas para suas canoas, são as plantas que se sobressaem, impondo também ao pescador, novas dinâmicas de sociabilidade, de resignificação de suas práticas e modos de existir enquanto pescadores com o rio.

4.1- Uma vida sem lodo: memórias das águas de brincar:

Há em mim lembranças de um tempo em que conviver com as macrófitas era algo mais familiar, me aproximava de um rio de continuidades, sem rupturas, sem a divisão e negociação de ambientes entre o humano e as plantas. Ou seja, há mais ou menos 20 a 25 anos, mergulhar no rio e com o rio era desfrutar de um suposto “equilíbrio” entre plantas, peixes, camarões e o próprio desenvolvimento de relações sociais para além das margens.

Certa vez sonhei que meu corpo estava encoberto com lodo. Boiando dentro do rio, na frente ou no fundo da casa do meu tio Dedo, o lodo se revirava ao passo que eu ia lentamente descendo o rio. Até que em certo momento, as plantas, não apenas o lodo, plantas aquáticas, me tomaram por inteiro, e assim sou puxado para o fundo do rio, tentando esticar a mão até a superfície para ver se consigo ser salvo por alguém nas margens, mas sem sucesso.

Ficando sem ar e sem forças, estou por inteiro um homem lodo, sufocado. Acordo e assim passo minutos pensando sobre mais essa experiência em que, através dos sonhos, posso encontrar caminhos para ir além dos processos de aprendizagens e experiências de mundo que ao longo dos séculos e dos caminhos fomos sendo obrigados a desviar e negar.

O tipo de sonho a que eu me refiro é uma instituição. Uma instituição que admite sonhadores. Onde as pessoas aprendem diferentes linguagens, se apropriem de recursos para dar conta de si e do seu entorno. (KRENAK, 2020, p. 34).

Sonhar interagindo com o lodo e com as plantas aquáticas tem trazido nesses últimos anos, no campo da realidade prática e experienciada no cotidiano, certo ar de repulsa, de nojo e de medo. Repulsa porque hoje eu vejo a feralização de assembleias de lodo, plantas e outras espécies, como o caramujo africano, como sinais de desastre, como sinal do desequilíbrio, de crise ecológica e rupturas de paisagens.

Como a crise existencial de um rio que tece todas as manhãs novas possibilidades de reorganizar suas águas, suas margens, mesmo com o avançar dos projetos desenvolvimentistas e agroindustriais, de geração de energia. É um rio tomado por engenharias da morte. Por acumulo de experiências coloniais de destruição e destroço. Somos nós, todos culpados? E eu também tenho nojo de pensar que sim.

Nojo porque não vejo mais o lodo e suas espécies companheiras como partícipes colaborativos de me fazer menino ribeirinho. Medo porque a sua feralização acelerada, provocada tanto pela baixa vazão do rio, ano após anos,

fazem só aumentar, tendo em vista a água parada se acumulando, principalmente nas margens.

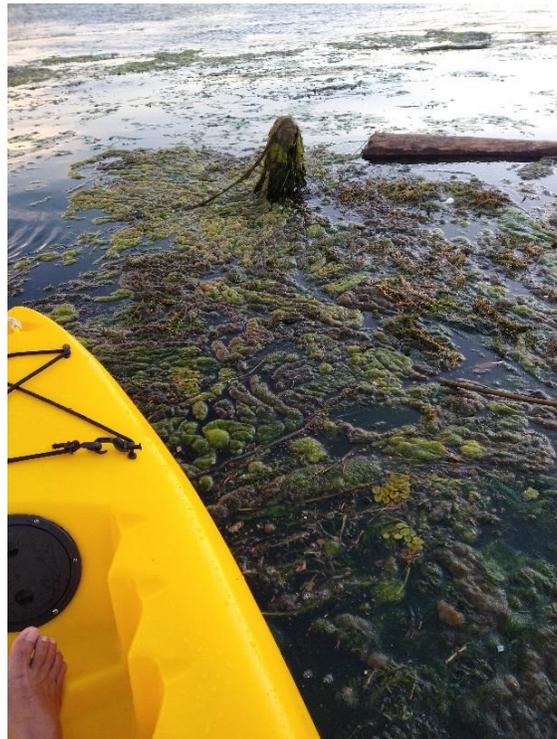
A proliferação acelerada do lodos e plantas, encontra sentido nos impactos sentidos pelo rio, de forma mais impactante a partir da Hidroelétrica de Xingó, que tem acumulado sucessivas baixada de volume do rio. Rio a cima, muitos lugares estão tomados por lodo, plantas aquáticas, especialmente de baronesas.

Neste sentido, as formações aceleradas de populações construídas a partir de relações ferais, principalmente com o lodo e plantas, não nos permitem mergulhar, nadar, sem que suas malhas relacionais, suas ramas se enrosquem nos nossos pés, nos braços, no corpo, nos aprisionando, nos forçando outros movimentos de liberdade. Ao mesmo tempo, medo de ser tragado, afundando e sufocado pelas assembleias que se encontram nas partes mais fundas do rio e ser afogado por elas.

Todas as vezes que estou mergulhando ou mesmo tentando mergulhar, missão quase impossível, principalmente nas margens do rio, eu de olhos abertos em baixo da água estou sempre atento e vigilante, com medo e tentando me encaixar em paisagens aquáticas que parecem florestas submersas, escuras encruzilhadas, fixando dentro do rio CO₂ e produzindo competições e respostas às condições ambientais sobre as quais estão agora sendo também partícipes.

Recentemente, em um domingo desses do outono que passou que se intercalava entre sol, nuvens carregadas e um céu nublado, acordei com vontade de andar de caiaque, embora por essas bandas tenha chovido bastante. Sempre foi um desejo meu fazer uma travessia entre uma margem e outra do rio. Mas eu sempre me imaginei fazendo com uma ou mais pessoas e nunca sozinho. Eu nunca tinha tentado fazer, mas nesse domingo acordei com aquela vontade que mais parecia um chamado do rio e, ao longo dele, muitas coisas foram tomando a forma necessária para estarem reunidas aqui nessa narrativa.

IMAGENS 49, 50 e 51: meus próprios caminhos relacionais com o lodo e as macrofitas aquáticas.



4.2- Travessia para além das margens: um caiaque, muito

Iodo:

Sabendo que meu primo, que mora com meus tios aqui do lado da casa dos meus pais, tem um caiaque de cor laranja, fui lá perguntar se ele não poderia emprestar para dar uma volta e também fazer algumas imagens do atual contexto paisagístico do rio.

Atravessei a rua e fui até lá. Cição como nós o chamamos, na verdade se chama Cicero Eliakim. É o filho mais velho de meu tio Waldik, irmão do meu pai e de tia Ana, cuja mãe, é prima da minha mãe. Ele é marceneiro e artesão, produz moveis planejados sobre encomendas. Aprendeu o ofício com seu avô materno.

Assim como eu, ele passou grande parte de sua infância brincado próximo ao rio, muitas das vezes impossibilitado por um problema de saúde na sua perna esquerda que não permitia muita locomoção, que fez com ele usasse bota ortopédica por quase toda sua infância. Seu pai, junto com o meu, são mestres do navegar e pilotar lanchas e barcos, subindo e descendo este rio.

Depois de ter pedido a ele, prontamente me emprestou e disse que levaria o caiaque e eu até o melhor lugar para começar a travessia. Então marcamos o horário. Meio dia foi o horário escolhido, se o sol tivesse mais força que as nuvens carregadas e o céu nublado, ele estaria justamente em cima da minha cabeça. Ao meio dia o sol se coloca justamente entre o povoado Niterói e o morro do Saco grande, onde seria nosso ponto de chegada do outro lado do rio.

Passava do meio dia quando chamando por ele na porta de sua casa, onde fica também seu ateliê, ele veio e foi logo acoplado o caiaque em sua moto bis, mandou eu subir e saímos em direção ao porto das lanchas na ponta da croa que fica mais próximo ao bairro Cohab e quase perto do morro do Cavalete e do Cristo Redentor. Lá onde antes era rio e é agora é margem, é leito aumentado e seco, coberto por vegetação rasteira. Onde antes era rio, agora é ponto de desdobramentos do cenário turístico através de barracas e bares.

Chegando na beira do rio, mesmo estando proibida a permanência de pessoas aglomeradas por causa da Covid-19, era enorme a quantidade de pessoas nas margens, mesmo as barracas estando fechadas. Muitas pessoas estavam com seus carros, sons ligados. Cada grupo tinha sua cuba, sua caixa térmica, churrasqueiras, motos aquáticas e muita gente aglomerada, em pé, sentados, interagindo entre mesas.

O rio serve como elemento disjuntivo e catalizador de quebras de regras e normas impostas. E eu me senti culpado naquele momento, por também, embora individualmente, romper com as normas sanitárias impostas sobre o coletivo e sobre o rio, embora estivesse remando sozinho.

Colocamos o caiaque na água. Recebi algumas instruções e então me arrumo dentro dele. Fazia anos que tinha andado pela última vez, mais precisamente em dezembro de 2015, pois fotos e registros feitos naquele dia, também não me deixam esquecer. Estava fazendo algo que talvez eu tenha realizado ainda muito criança, mas não do modo e da intensidade que fora realizado em 2015.

Diferentemente dos tempos atuais, 2015 mostrava um outro rio, embora o lodo e as plantas já dessem sinais de sua feralização e modificação das paisagens. Assim como os bancos de areia ao longo do meio do rio. Naquele momento, final do ano, verão, sol quente, combinei junto com algumas amigas e amigo de infância, Bebel, Thamy, Hana, Marcinha e Geovanny de irmos até a praia da bomba, que naquele momento começava a despontar como o melhor lugar para encontrar amigos, tomar banho e apreciar a vista. Era um lugar mais limpo, embora de maior perigo, devido a sua profundidade e correnteza.

A praia da bomba é onde ainda hoje está localizada a bomba de captação de água que abastece a cidade e por isso que essa pequena praia colada no morro do cavalete, recebe esse nome. É a menor faixa de areia situada às margens do rio e cuja localização está dentro do território de Pão de Açúcar.

As horas se passavam quando então, entre tantas idas e vindas, passa uma lancha voadora. O meu primo Nicolas, irmão de Cição, conhecido como Nick, pilota a lancha do seu pai, meu tio Waldik, todos os finais de semana. Ele costuma, ainda

hoje, andar com a lancha para fazer passeios curtos e rápidos com turistas e moradores da cidade, que desejam se aventurar pelas águas do rio.

Quando então Nick para na praia da bomba, tivemos a ideia, em conjunto, de andar e ficar um pouco em um banco de areia (ilhota), que está do outro lado do rio em frente ao Morro do Saco Grande. Pegamos a mesa de plástico que estávamos usando na beira do rio, uma caixa de isopor com cervejas, refrigerante e água, pegamos algumas cadeiras e subimos na lancha. Demos uma volta até a bomba de captação que leva água para outros municípios no sertão e depois nos dirigimos até o que depois seria batizado de Caribe.

Mas então por que estou fazendo esta narrativa aqui? Por que estou reavivando essa experiência coletiva neste momento? Porque neste mesmo dia, um pouco depois de já estarmos lá, nos divertindo, brincando, conversando e bebendo, chegou Wiston, amigo também de infância e irmão de Bebel, que estava lá também e que nos avistando de longe, chegou vindo da margem oposta, da croa central de Pão de Açúcar. Foi Wiston chegar a bordo do seu caiaque amarelo e todos nós quisemos aproveitar um pouco da experiência de andar.

O que interessa por agora é continuar expressando através destas linhas, que o caiaque, naquele dia, não digo que foi fundamental, mas foi pontual para me reconectar com a água de um modo que até então nunca tinha experienciado, pois eu não me lembro de nenhuma memória de infância e adolescência em que tivesse andado sozinho num bicho daquele.

No início, sem nenhuma prática, fiquei por alguns segundos me movimentando em ciclo, tocando com o remo as pontes mais rasas próximas do Caribe, e perceptualmente logo se muda de uma condição de navegação para outra. A parte mais esverdeada e escura, no tom de um verde mais escuro é sinal da parte mais profunda do rio, bem como de uma maior concentração de lodo, plantas convivendo e se juntando em assembleia nos mesmos ambientes aquáticos. Ainda naquele tempo elas não estavam emergindo para a superfície, como acontece nos dias atuais.

Foi possível navegar tranquilamente naquele momento e o remo do caiaque conseguia ir até uma profundidade melhor, sem que para isso voltasse a superfície

com algum punhado de lodo e plantas que estavam no fundo do rio. Fazia assim pouca força para conseguir tirar o caiaque do lugar e ir adiante, feliz, contente e sob a vigilância dos amigos e do dono do brinquedo.

Neste 26 de dezembro de 2015, o sol e o calor nos permitiam estar mais confortáveis e sem maiores agitações do rio, porque o vento ainda era pouco, embora já passasse das 13:00. O rio estava calmo, o vento mais suave deixava que o caiaque, os nossos corpos boiantes e flutuantes se reconectassem com ele mesmo, como filhos e filhas que se conectam com suas mães quando são amamentados e amamentadas, já que para Thamy, Geovanny e eu, o rio estava naquele momento nos recebendo depois de tanto tempo, de tantos meses morando fora de Pão de Açúcar. O rio estava nos pondo frente a frente com a nossas mais claras e límpidas travessias rumo a memórias coletivas e particulares formadoras de nossas próprias experiências e sensações identitárias.

IMAGENS 52 e 53: o ano que o despertar para as consequências do Antropoceno



Arquivo pessoal (2015).

Naquele cruzar de águas de uma margem a outra, com os sopros leves do vento em direção ao norte, Wiston vai com seu caiaque de volta a margem alagoana. Nick então também parte para nos levar de volta. A travessia também é feita, no balanço da voadora por sobre as ondas. Sentimos o peso do encontro e

das boas recordações que fizemos e levamos adiante. O Caribe vai ficando para trás, desabitado por humanos, ele agora é o destino de aves e pássaros.

É lugar de parada para lodos, plantas que boiando ao longo de todo o trajeto, em lentidão encontram no banco de areia, fixação de vidas. Se ajuntando algas, plantas e lodos, vão formando suas próprias assembleias, suas próprias trajetórias interativas com o rio e com o Caribe, como nós acabamos de fazer.

Se entrelaçando, como fizeram o caiaque, o Caribe, o rio, Wiston, Geovanny, Bebel, Hana, Marcinha, Thamy, Nick, a voadora e eu. O rio, o vento, o sol, a brisa suave vinda do sul subindo em direção ao norte, encontrando os morros em margens opostas, o sol quente da caatinga e do sertão, espremidos por entre as serras que beijam o rio. Garças pousam, levantam voo, se alimentam das plantas, bebem o pouco da água, voltam a pousar, caminhando a passos largos com suas pernas gigantes, ciscam, deixam marcas e fazem das águas claras de Janaina, das areias brancas e molhadas do Caribe, seus pontos de descanso e relações.

As águas doces, calmas e mansas são próprias para o fabricar de rotas, de pausas e de fricções. No meio do rio, nem somos alagoanos e nem sergipanos, somo Opará. Um rio que transborda. Um transbordar de tantas histórias e memórias entrelaçadas nas marés, nos agitos de um rio inquieto, lúcido, que aglutina, mas também separa, mistura, junta e arrebenta. É um rio que também transborda rupturas.

O Caribe, assim como tantos outros bancos de areia espalhados pelo rio, são tanto ruínas, como rupturas que emergem dos seus rompantes de desassossego, das alteridades que ele mesmo sofre através das grandes, barulhentas ameaças e projetos concretos do imperialismo, capitalismo industrial, que teima em erguer sobre águas barragens, hidroelétricas.

Quero aqui ainda, continuar a reler e ficcionar minhas memórias, como faz tão bem Conceição Evaristo, em *Becos de Memórias* (2017). Na qual a escrita, a vivência, ficção, memórias, lembranças estão e se encontram em um mesmo plano de realidade e naturalidade, pois a água, o rio, tem o poder de adaptar-se a qualquer tempo narrativo e à vida de quem o contempla, vive e mergulha, reverencia e adormece em suas margens e beiras.

O simples fato de olhar e ser guiado pelas marés, pelas fontes sonoras, tem já a produção da reflexividade, como diz Gaston Bachelard (2018), de produzir “simbioses de imagens” (p.54). E podemos então não só sentir aquela imagem e paisagem do presente, como também imaginar, coabitar paisagens em profundos estágios de formação, complementação de sentidos e vidas.

Elementos vegetais, animais, humanos e mais que humanos produzem não só vidas materialmente visíveis e palpáveis, como também reflexos dispersos e espelhados nas águas. O mundo da imaginação, dá lugar ao mundo encarado de frente enquanto se espia por sobre a água clara e escura.

Ele imagina muitas outras porque todos esses reflexos e todos esses objetos da profundidade o colocam no rastro das imagens, porque desse casamento do céu com água profunda nascem metáforas simultaneamente infinitas e precisas. (BACHELARD, 2018, p. 55).

Assim que entro no caiaque e vejo meu primo ainda me olhando sair com alguma dificuldade (são seis anos sem entrar em um), me vendo remar, fui indo. Tinha como objetivo fazer a travessia entre uma margem e outra, chegando o mais próximo possível do Morro do Saco Grande. Eu sempre fui encantado por esse morro. Quando estou aqui na casa dos meus pais, sou capaz de ficar por muito tempo admirando os seus contornos, a forma como ele se entrega e se deixar encantar pelo rio.

Através dele eu vou percebendo os níveis de vazão e enchente do rio, em termos de profundidade, pois suas paredes, formadas por imensas rochas e vegetação típica de caatinga, vão ao longo do tempo, recebendo colorações diferentes ao passo que a água deixa de tocar ali.

No início das remadas em direção à outra margem, o lodo, as plantas em várias espécies, que se feralizam na beira, dificultam muito o mover-se do caiaque, do deslizar do remo até que este atinja a areia, missão impossível, devido a grande quantidade de assembleias que se constituem e emergem, dando um peso maior a cada movimento que executo, ziguezagueando de um lado a outro.

Já passava das 12h30 e eu ainda não tinha conseguido me afastar por completo da margem. Por alguns metros não conseguia virar o caiaque em direção

ao Morro do Saco Grande. As assembleias multiespecies compostas por plantas, algas, lodo, caramujos e outros seres já estavam ocupando a superfície, chegando cada vez mais próximo da croa.

Conjuntamente, algas, lodo, plantas, lixo (copos descartáveis, sacos plásticos, sacos de pipoca, garrafas de vidro, garrafas pet, etc.) feralizam nas margens, de uma ponta a outra da croa. É uma situação agonizante, é um convite à morte, ao desespero. É um rio rico, mas não abundante e farto de coisas bonitas e deliciosas. É rico em rupturas, em ruínas, em desastres, em feralização de espécies que até pouco tempo eram companheiras, ocupavam sem se sobrepor ao leito do rio, a profundidade, a beleza da substância da vida.

Olhando sempre para um lado e outro, mirando sempre a outra margem, começo a pegar o jeito de remar, de ficar equilibrado dentro do caiaque e assim poder de fato sair do lugar e ir remando, conversando comigo mesmo e com o rio sobre esse desafio. O medo também me acompanha, é certo, fazer essa travessia sozinho é também meio de me reconhecer, de me reconectar, de ser capaz de abraçar o tempo enquanto se navega.

Me movendo conjuntamente com o rio e sobre ele, sou capaz, mais atentamente, de observar paisagens que se formam, em que o lodo, as plantas, as algas e tudo mais são em caminhos divergentes dos nossos, fundamentais para entender quem é o rio São Francisco hoje. Dentro do caiaque, eu precisava encontrar o ponto de equilíbrio certo para sustentar não só o meu corpo, mas também as minhas memórias e um conjunto de pensamentos que perambulam, como perambulam as ondas e marolas de um dia nublado.

Ir além das margens, enquanto perspectiva de conhecer e construir novas aberturas sobre o real, só é possível porque eu sou parte deste mundo, ou destes mundos que estão dispostos e são tocados por mim e me constituem enquanto ser que vive e os experimenta. *O mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável.* (MERLEAU-PONTY, 2018, p.14).

E quando eu entro no caiaque e me permito fazer a travessia, eu tenho claramente penetrado em mim, assim como o rio que corre em minhas veias, que

as minhas projeções sobre o rio e sobre as relações que estão sendo tecidas com ele e nele, são todas elaboradas à medida que nos movemos, tomamos consciência do lugar e da posição que devemos ocupar como partes integrativas e não totalizadoras.

Assim, eu preciso ter forças nos braços para fazer os movimentos contínuos e repetitivos de remar sempre e às vezes atrapalhadamente, da direita para a esquerda, da esquerda para a direita, às vezes só para a direita, às vezes só para a esquerda. E cansa, desgasta, enfraquece, ainda mais porque eu não percebi, e só quase no meio do rio é que me atento para o fato de que àquela hora, as marés já estavam um pouco mais agitadas, mais altas, fazendo movimentos contrários de descer junto com o rio em direção ao mar.

O vento e a própria maré pareciam e me levavam para distante do meu ponto de chegada. Atuando sobre mim, sobre o caiaque e sobre minhas forças, esses elementos, não estão já predefinidos e orientados para atuarem especificamente em minha direção. Na verdade, eles só atuam e dialogam comigo e criam conjuntamente uma relação, porque estamos sendo tomados pela experiência, pelo movimento, pela simbiose mais que humana e sem intencionalidade preexistente.

Como coloca Tim Ingold em “Caminhando com dragões: em direção ao lado selvagem”, em uma conferência realizada na PUC RS em 2011, em que a materialização dos encontros, da própria noção de conhecimento se daria através das experiências, da observação e das interações com os diversos seres que habitam e povoam os mundos. No contexto dessa relação, ouvir e responder ao trovão não são uma questão de tradução, mas de empatia, de se estabelecer uma relação de comunhão e afeto. Resumindo, em abrir-se para o ser do outro. (INGOLD, 2012, p. 21).

Ao mesmo tempo, quanto mais eu me afasto da margem alagoana e vejo as canoas, os botes enfileirados na beira do rio, rodeadas por assembleias multiespécies de lodo, plantas e outras espécies vegetais, e quase ninguém tomando banho nesse trecho do rio, da croa central, vou ao mesmo tempo me deparando com um outro rio. O rio no meio, é mais fluido, é mais corrente, é mais

leve, é mais “limpo” e em certas partes também mais raso. Da para ver a areia em tons claros no fundo do rio. É uma profundidade considerável.

Lodo, plantas, algas, quase não é possível se ver por perto. Como a correnteza é mais forte e não existe croas muito extensas no meio, de fato o rio corre mais solto e com isso leva tudo que não consegue encontrar meios de se fixar, como é o caso do que pode ser encontrado na beira, com a água mais pesada, sem forças para correr e assim o lodo, as plantas, encontra nessa água mais parada e ao redor de canoas e botes ambientes propícios para iniciarem suas assembleias ferais.

Depois de tanto remar, perco o equilíbrio e caio pela primeira vez dentro do rio. Eu me encontro definitivamente com o rio que corre, que tem forças, que revigora no início do entardecer. É um rio distante daquele que deixei na margem. A câmera gopro cai na água. Por instantes pensei que tinha afundado. O impacto da queda me lança rio a baixo, olho para dentro dele e vejo um mundo inteiro aberto para mim, um mundo que eu não consigo abarcar, mas que me possui, me pertence, me distrai. O meu corpo lançado por sobre ele, pertence a ele, naquele momento estava disponível para o entrelaçar de mundos.

Mergulho a procura da câmera, que não encontro e só a vejo depois que volto à superfície, ela se encontra boiando do lado do caiaque. O rio profundo, em tons de verdes mais escuros, neste ponto, não me deixa ver sua finitude. De volta ao caiaque, é hora de continuar a travessia. A queda também serviu para amenizar o calor abafado, refrescou a pele que começa a sentir queimar em virtude de alguns raios de sol que insistem em despontar no céu nublado.

O tempo e o rio estão juntos. Caminhando energicamente mais rápidos, não permitem que o lodo se ache confortável para ali se feralizar e elaborar mundos outros capazes de perturbar e moldar o próprio comportamento das águas que desaguam no mar. Não sei porque, mas tenho a impressão que nas margens, principalmente na beira do rio, em frente à casa dos meus pais, é como se o rio estivesse preso e sendo sufocado pelas assembleias ferais, das plantas, lodo e algas. E no meio do rio, onde o caiaque também está mais liberto, o rio fosse mais feliz e sabe que sua liberdade é fruto de sua força e maior resistência.

Nuvens carregadas estão por sobre a minha cabeça. O vento cada vez mais forte me obriga a remar cada vez com mais força. Eu já não ando mais em uma linha reta. A essa altura da travessia eu já passei da linha e meta que tinha planejado mentalmente. É como eu já disse, eu não posso brigar contra o rio, eu não posso me indispor com o vento, com as marés, com as águas que me levam para além. Estou agora remando contra a correnteza, já que na hora da primeira sacolejada e queda dentro do rio, eu fui descendo junto com a correnteza.

Já estou praticamente na margem sergipana quando então as primeiras gotas de chuva se lançam sobre o rio. Serenando, o rio parece transbordar e festejar sobre seu corpo o frescor de mais água. Como se mais vida ganhasse, mais forte se tornasse e mais perigosa a travessia se apresentava. O rio então está sob inquietude, por instantes a sua capacidade de emancipar-se, de mover-se lentamente se dobra com a chegada da chuva.

A minha solidão nessa travessia volta a ser figura sombria. Assim como surge também em meus ouvidos a voz da minha mãe, em tom de preocupação, quando contei a ela que iria andar de caiaque. E as palavras ditas por ela antes de sair de casa, ecoaram durante toda a travessia, tanto é que de tempos em tempos, eu olhava sempre em direção a casa dos meus pais, tentando avistar a minha mãe, me olhando e se preocupando comigo. Janelas, portas estavam abertas e eu sentia que em uma daquelas brechas ela por vezes estava lá.

Pela primeira vez, depois de tanto tempo passado, depois do primeiro mergulho, do primeiro nado, da primeira travessia, me lanço livremente por sobre o rio, agradecido, agradecendo, louvando e louvar o rio que está em mim, às águas que me tomaram, me banharam, me acalantaram, que forjou e plantou em mim um ser dentro de um eterno cuidar e ser cuidado, então por que temer?

Eu poderia temer o desconhecido, o que me sufoca, que me toma em perigos, mas o rio? O rio não, mas o mundo, os mundos ferais que emergem dos descompassos das pulverizações das contradições do capitalismo, que remexe nos seus sistemas ecológicos, biológicos e naturais, que faz triunfar sentimentos de alienação. O que me apavora, enquanto remo de um lado a outro, é ser tragado pelos tentáculos do lodo que prendem troncos de árvores na outra margem do rio.

Elas, as plantas, o lodo, as algas, eram organismos vivos que iam e desciam o rio, permanecendo fieis as marés e correntezas, agora estavam criando raízes, encontrando nas margens de águas paradas a construção de seus próprios mundos compartilhados. Quando então esses mundos começam a ameaçar, com suas inteligências, com suas formas criativas de ocupar ruínas, com resistência e resiliência, a minha realidade e de uma grande parcela da população ribeirinha, entramos em crise.

Criamos então, nós humanos, mais um inimigo que precisa ser combatido e exterminado do território ribeirinho que antes pensávamos que tínhamos sobre ele, exclusividade? Remando sem parar e até cansar, perco o equilíbrio pela segunda vez e caio. A câmera já bem fixada não vai junto comigo. O caiaque vira para a minha esquerda. Estou quase me aproximando da margem em Sergipe. Diferentemente da margem alagoana, a sergipana é mais profunda, no entanto, isso não impede que haja por ali assembleias ferais de lodos, plantas, algas, caramujos e outras espécies.

Há um tronco de árvore fino fixado nas proximidades da margem e em volta dele se forma uma grande assembleia vegetal multiespécies, como se ele fosse o elemento hospitaleiro de toda estrutura feralizante que por ali começou a se desenvolver. O fio condutor das teias de relações multiespécies que se formam com e no rio.

Perdendo força, deixo que o caiaque então se aproxime desta assembleia. Observando por alguns instantes é possível distinguir diferentes plantas que estão compondo essa assembleia, mas eu não saberia dizer nomes e nem me referir a elas através de seus nomes científicos. Lodo em tons mais claros, mais escuros, verde petróleo, verde musgo. Espécies animais que parecem ser libélulas aos montes, espalhadas por quase toda a assembleia. Ovinhos rosinhas, miúdos, de caramujos que vivem em água doce, espalhados ao longo do tronco da árvore.

Todos esses elementos orgânicos, vivos, em decomposição, sugerem então uma diversidade biológica e ecológica colaborativa em que espécies das mais variadas e advindas de todos os lugares, junto das águas que passam, podem prosperar. Juntos e juntas em comunidades resistem às marés, ao vento, ao sol, às

chuvas, às subidas das águas em certos períodos de vazão. Resistem também de modo bastante singular e adaptativa, às investidas humanas.

Quando finalmente consigo colocar o caiaque de volta ao eixo do percurso e recupero a força dos braços, sinto mais uma vez a chuva cair sobre o rio, sobre o meu corpo, aliviando o abafado que insiste em permanecer nesse dia de domingo. Finalmente cheguei à margem. Cheguei perto do Morro do Saco Grande, não sem antes fazer mais um pouquinho de esforço para conseguir atravessar uma quantidade significativa de assembleias ferais multiespécies que estão na beira.

Encosto o caiaque na margem, desço pisando no lodo, sentido meus pés afundando sem que eu tenha controle sobre eles. O lodo encobre um solo enlameado, frio, de terra escura, e quanto mais vou pisando, tentando sair de dentro do rio, mais os pés afundam e mais resistente e mais friccionado se tornam essas conexões simbióticas. Embaixo de uma árvore permaneço até que a chuva amenize mais e até mesmo pare.

Em terra firme e de vegetação típica de caatinga, ouço o tocar dos chocalhos pendurados nos pescoços de bodes e cabras, carneiros e ovelhas. Andando em fila, estão aos seus modos distintos e coletivos, também produzindo relações, colaborações e modificações de paisagens. Embora eu esteja na margem, ali é uma propriedade privada. Com medo de ser visto e pego, fico bem escondidinho, encolhido junto a árvore que me serve de abrigo contra a chuva.

Logo que as cabras, bodes, ovelhas e carneiros passam, que a chuva para, permaneço por um bom tempo observando e fotografando o que vejo emergir de dentro do rio, da água e ganhar forma e força na superfície. *Em suas construções de nichos sobrepostos, eles abrem espaço para muitos tipos de vida.* (TSING, 2019, p. 106).

O que está na superfície nada mais é do que a concretude de um mundo multidimensional formado por organismos vegetais e seres biológicos que em conexões e coordenações simbióticas, fazem nascer novas paisagens habitáveis em que o rio é o elemento aglutinador e imprescindível, dono da régua e do compasso, cuja mão invisível do capitalismo dos grandes projetos assume também lugar de destaque nessa colaboração.

Para que haja a aparição na superfície, mundos já estão sendo fixados e moldados, prontos, entre a areia do fundo do rio e beira dele, que oferece as margens e suas proximidades como caminho livre a ser povoado. A margem é o limite entre um mundo e outro, mas não é o fim. É onde existe a quebra de coordenações, onde mundos distintos se encontram, se conhecem, se reconhecem e decidem se vão colaborar mutuamente na formação de novas paisagens.

IMAGENS 54,55 e 56: relações outras mais que humanas.



SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. (2021).

Baronezas até pouco tempo atrás eram inimagináveis por aqui, nesta parte final do rio. Florescem, espalham suas sementes, germinam e encontram nos leitos e beiras, ambientes propícios para a sua feralização. Diferente das outras plantas aquáticas, elas não formam assembleias com outras espécies. Encontro com elas, separadas, com os seus cachos de flores em tons de lilás e rosa. Flutuando na superfície, elas percorrem longos caminhos até acharem um lugar ideal para ali se fixar.

As baronezas também conhecidas como aguapé e jacinto d'água se desenvolvem em clima quente e úmido, competindo com peixes e com outras espécies por oxigênio, elas se reproduzem facilmente e se espalham. Fora toda sua beleza e sutileza, sua aparição ao longo das margens do rio, é sinal emergente e contundente de paisagens tomadas por processos de poluição e degradação, já que uma de suas principais características é de purificar o ambiente. *As contaminações químicas e a disseminação de fertilizantes químicos prejudicam as ecologias de água doce.* (Tsing, 2019, p.114).

Caso semelhante é estudado pelo pesquisador Iftekhar Iqbal (2021), historiador ambiental, que tendo contribuído para o Atlas Feral (2021), nos traz a proliferação de jacinto d'água com a chegada das ferrovias ao Delta de Bengala na Índia. Apesar se trazer prosperidade para a região, ao mesmo tempo, trouxe consigo sérios danos ambientais, com o aumento significativo das plantas e suas capacidades de provocar rupturas e fluxos contínuos de água e outros sedimentos, até mesmo da própria navegação, tendo em vista que pelos rios e canais da região do Delta, além das plantações de arroz, tudo era transportado e comercializado pelas águas.

O maior dano que as ferrovias causou ao Delta foi bloquear a drenagem natural de rios e outros corpos d'água. As autoridades achavam que permitir que os

corpos d'água, com suas fortes correntes fluíssem pelos aterros ameaçaria as ferrovias. (IQBAL, 2021).²⁰

²⁰ [Feral Atlas \(supdigital.org\)](http://supdigital.org)

IMAGENS 57,58 e 59: baronesas se proliferando nas margens e meio do rio.



SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. (2021, 2019).

Ou seja, o aumento significativo dos Jacintos d'água do Delta de Bengala, estaria fortemente ligado ao aparecimento das ferrovias, da construção e escavação de aterros ferroviários, levando a aumentar casos de doenças como malária, diarreia e cólera, bem como promover perdas de campos agrários e produção de alimentos, principalmente o arroz.

Além disso, ao prosperar nos pukurs (tanques ou lagoas) do campo durante as estações chuvosas, o jacinto de água não só poluiu a água potável, mas representava um perigo para o cultivo de peixes, uma importante fonte de nutrição para muitos moradores. (Idem, 2021).

Neste sentido, para o autor, a chegada do Antropoceno no Delta do Bengala, se instala com a chegada das Ferrovias, pois foi capaz de desterritorializar tradições, modos próprios de articulação com a natureza e principalmente com o rio, córregos e lagoas do Delta. Aqui nas beiras do rio São Francisco, o aparecimento e o crescente volume de jacintos d'água, bem como de outras plantas aquáticas, se dá justamente pela presença da Hidroelétrica de Xingó.

Assim como outras espécies selvagens que se feralizam através das transmissões em escala global, de organismos e agentes poluidores, as baronesas presentes hoje nesse trecho do rio São Francisco, entre Sergipe e Alagoas, [...] *realizam um imenso trabalho invisível para possibilitar a sobrevivência dos humanos*²¹. (Idem, 2019, p. 114). O que pode também ser incumbido às outras plantas aquáticas e o próprio lodo, que se formam em assembleias coordenadas capazes de extrair do caos e da destruição ecossistêmica, modos engajados de sobrevivência mais que humana.

Já passa das 13h20, e o plano era seguir rio a cima, sentido o morro do cavalete, morro do Cristo Redentor, pela margem sergipana, até que quando desce para chegar ao meio do rio, deixar ser levado por ele até o ponto final, que seria o mesmo ponto de partida. Fazendo com que a correnteza e a maré, me permitisse fazer o mínimo de esforço possível na travessia de volta. Mas foi um sonho, mal sonhado e pessimamente planejado.

Puro engano. A feralização das plantas aquáticas e do lodo no ponto onde eu tinha parado o caiaque, se quer me deixava sair do lugar. Tive então que descer do caiaque, empurra-lo até que tivesse condições de subir e remar. Em um ponto em que a reunião multiespécies não pudesse ser mais um problema a ser encarado

²¹ As baronesas também são indicativos de poluição. Elas são plantas aquáticas que proliferam ao sinal da poluição proveniente do despejo de esgoto nos rios. As baronesas estão cada vez mais avançando no rio São Francisco, principalmente nas áreas da região do Vale do São Francisco. Na orla de Petrolina/PE, cidade da região do Vale do São Francisco, no sertão pernambucano, as margens já estão cercadas por essas plantas. Mas não pense que ela é uma planta ruim que estraga o rio, pelo contrário, apesar delas aparecerem ao sinal de poluição, as baronesas são espécies de filtros que se alimentam dos dejetos. O problema é que, quando a baronesa morre, tudo o que a planta absorveu e que ainda não foi jogado fora do manancial vai ser devolvido para a água do rio. É preciso retirar as baronesas e dar outras providências no despejo do esgoto das cidades. https://cbhsaofrancisco.org.br/noticias/natureza_blog/uma-planta-aquatica-chamada-baronesa/

e vencido. Quanto mais eu remava, mais lodo e plantas do fundo eu arrancava, puxava para a superfície.

Lodo por toda parte produziam e de certo modo ainda produzem aflições, agonia, resistência. Aflições porque a hora se passava e mesmo que a chuva já tivesse ido embora, era o sol quente, o volume da maré que me deixavam em estado de atenção. O vento forte, nem se fala. É comum ventar mais forte na parte da tarde. O vento rompe as barreiras dos morros e serras, espalhadas por todo o rio e desemboca nele, vindo do sul, como se entrasse pelo mar, ele vem soprando tudo.

Uma travessia nunca antes feita, a solidão reverbera por entre o olhar de quem se vê, ao longe de sua margem de origem. Indo e voltando enfrento os desafios de permanecer e estar estável junto com um caiaque que parece ter vida própria em um rio agitado e tremulo. *O homem trança, o rio destrança.* (COUTO, Mia, 2003, p. 26). E o rio destrançou a mim e os meus planos por diversas vezes ao longo da vida, mesmo assim me permitiu e tem permitido fazer saltos imaginativos capazes de regar a sua própria água e existência.

O lodo ficou para trás, ao menos por alguns instantes. As marés mais altas subindo o rio, não me deixam tomar o caminho de volta. A angústia é companheira. Estou remando em círculo. A margem sergipana parece amarrar uma corda que me prende, que me puxa sempre de volta para sua beira, me estancando e consumindo as minhas forças. Estou perto do morro que sempre desejei estar, desde a minha meninice e agora o que mais desejava era ir para distante dele. Seguir o caminho, desaguar no outro lugar.

O rio me puxa para onde quer. Me reviro. Não sou dono do meu caminho e nem das minhas escolhas, traços e rotas. O rio não me deixa remar facilmente, como se me botasse com suas pesadas e mansas mãos em um caminho dos contrários, dos pensamentos conflitantes que produzo sobre si, sobre nós. Sobre esse encontro desajustado, intencional e ao mesmo tempo não intencional, capaz de ir além de metáforas que pulsam em ritmos cambaleantes, mas significativos para ambos.

Não sou eu que mando correntezas do rio, com suas infinitas camadas revestidas de gotas cristalinas, que mesmo em face de força e violência,

potencializam olhares mais vivos, mais profundos, estabelecendo coordenações ao passo que vamos cada vez sendo deixados a nos levar por elas mesmas. O rio se agiganta diante de todos os mundos que ousamos criar sem o seu consentimento, sem estarmos orientados por uma ideia de fluidez comum. Naquele dia, por mais que eu achasse que estava fluindo junto com o rio, ele me dizia que não.

Ao invés de subir o rio como tinha planejado antes mesmo de chegar à beira dele, ele vai me levando para cada vez mais distante do meu porto. Mesmo remando, eu só desço e vou parando aos poucos de lutar contra as vontades dele. A outra margem parece nunca chegar. Já não quero e não tinha mais porque querer aquele porto tão desejado. O que me importava agora era só chegar. O perigo do rio não é a sua constância, é o seu instinto de rompantes, sua beleza profunda e silenciosa. É o lodo. São as plantas que na espreita, estão mobilizadas no fundo do rio.

Por assim dizer, então era um dever meu, uma compreensão minha, deixar ser conduzido e experimentar de uma vez por todas a minha própria vulnerabilidade diante da grandeza do rio. Entendendo também que o lodo, as plantas, as algas não são espécies inimigas, não são seres monstruosas com as quais deveria lutar, batalhar e derrotar em prol da minha própria sobrevivência. Todos nós criamos a teia da vida. Todos nós habitamos às margens e as profundezas de um rio que clama e luta pela sua própria vida e pela existência daqueles outros seres cujas vozes não são ouvidas, mas silenciadas e rejeitadas.

[...] excluimos da vida, localmente, as formas de organização que não estão integradas ao mundo da mercadoria, pondo em risco todas as outras formas de viver – pelo menos as que fomos animados a pensar como possíveis, em que havia corresponsabilidade com os lugares onde vivemos e o respeito pelo direito à vida dos seres, e não só dessa abstração que nos permitimos constituir como *uma* humanidade, que exclui todas as outras e todos os outros seres. (KRENAK, 2020, p. 47).

Ao longo dessa travessia quase que interminável, pulei do caiaque e com uma corda em uma das mãos, comecei a nadar. Eu queria chegar o mais rápido possível na margem. Sem meias palavras, eu já não estava aguentando mais. Com

os pés faço movimentos contínuos, como de uma hélice na poupa de um bote sem velas.

Foi nessa hora que me lembrei, que por muitas vezes pegávamos, meus irmãos, primos, amigos e eu, a canoa da nossa família às escondidas e tínhamos o costume de fazer o puxar da corda em uma das mãos e com a outra executar movimentos de nado e batendo os pés, passeávamos, revezando uns com os outros, os mais velhos e com quem sabia de fato nadar, pelo mais profundo que pudéssemos ir, sem correr o risco de afogar.

Não tínhamos tamanho para aguentar o peso e o tamanho do remo que até hoje é usado para mover as canoas, principalmente em tempos de corrida. No esquema de revezamento, subíamos e descíamos o rio até cansar ou até a hora que um adulto da nossa família nos avistasse sequestrando a canoa e botando as nossas próprias vidas em risco.

Com a cabeça mergulhada enquanto dou algumas braçadas, me cansando cada vez mais depressa, mergulho um pouco com a câmera gol pro em uma das mãos e vejo o quanto de lodo, de plantas e algas estão desde o fundo do rio, emergindo, se feralizando, prestes a alcançar a superfície. É uma floresta submersa que está diante de mim. É impossível ver a terra no fundo do rio. A câmera passeia por entre as assembleias de espécies que em alianças resistem mutualmente aos processos de desobediência dos homens e seus projetos imperais para com o rio.

Uma floresta que até pouco tempo, coisa de uns cinco a seis anos não existia com toda essa força, predominância e desdobramentos ferais. Em alteridades que não são humanas, mas que sinalizam para as ameaças e rupturas concretas e instáveis do capitalismo e industrialismo através dos grandes empreendimentos hidroagroindustriais, que como nos diz Latour (2020), no livro “Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno”, causam “uma profunda mutação em nossa relação com o mundo”. (p.24).

Com o aumento de hidroelétricas ao longo do rio, e com a redução cada vez mais das vazões ao longo do ano, o rio acaba perdendo muito de força e de sua capacidade de filtrar, eliminar e empurrar para o oceano os resíduos e plantas que cada vez mais estão encontrando nas águas paradas das margens, lugares e

condições ideais para se proliferarem. Tanto é que agora no início de 2022, com um aumento significativo do rio, as fortes correntezas, levaram consigo todas as assembleias ferais, compostas por lodo, plantas aquáticas, caramujos e outros moluscos da beira do rio.

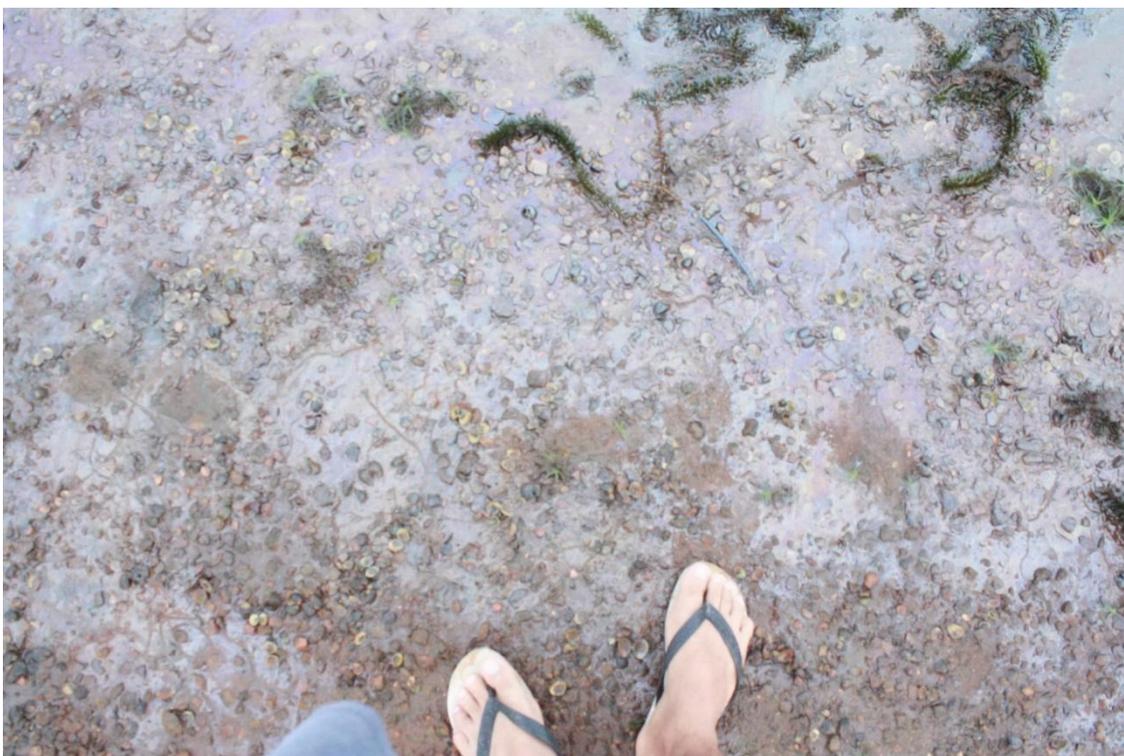
Trazendo o caiaque puxado pelas minhas mãos, chego à margem. Eu saí da ponta direita da croa central por volta do meio dia e vinte, cheguei na ponta esquerda da mesma croa, duas horas depois. O rio, as correntezas, a maré, o vento, a chuva, o sol, o dia nublado junto com o caiaque me levou até o porto das balsas e lanchas, bem na ponta e final ou começo da croa, dependendo do ponto de vista de quem sobe ou desce o rio.

Voltar para o ponto inicial da aventura remando? Nem pensar. Então saí arrastando o caiaque pelas beiradas. O caminho está todo tomado lodo, por plantas, por lama, por caramujos, formando assim assembleias mais que humanas e relações estabelecidas através da feralização multiespécies. Peixes são poucos, miúdos, quase invisíveis. Sem mundos escaláveis de altas violências daninhas, plantas, lodos algas estariam ajudando e contribuindo para o fortalecimento de espécies nativas de peixes e crustáceos, como o caso do camarão e do pitu, mas ao invés disso, temos e tememos vidas imprecisas, que sucateia e pirateia um rio de diversidade.

É importante lembrar que neste período a beira do rio está fechada para aglomeração e permanência. Assim barracas nesta parte mais próxima dos portos estão só com suas estruturas de ferro armadas, sem cobertas, sem ninguém se utilizando do lugar. É neste ponto que a feralização rompe as barreiras impostas pela margem e se alastra, crescendo verticalmente formando assim, o que eu depois entre conversas com amigos e conhecidos, chamo de floresta, com o aparecimento de arbustos, pequenas arvores e plantas que crescem se alimentando dos nutrientes deixados pelo lodo, algas e outras plantas que nas beiras se alastram.

IMAGENS 60, 61 e 62: feralização das macrófitas e lodo na croa central.





SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. (2021)

De longe é possível notar a presença dessa floresta de beira de rio reorganizar a paisagem e ocupando uma quantidade significativa da faixa de areia. Ali também se tornou um ambiente propício e suficiente para a expansão de aves, sejam elas andorinhas, gaviões, lavadeiras, gaivotas e tantas outras espécies que sobrevoando, fazendo ninhos ou passando boa parte do dia, se alimentam, interagem, namoram e se recolocam em trocas e habitabilidades inumeráveis.

Subindo o rio pelas beiradas, puxando o caiaque, pisando por sobre as assembleias ferais de lodos e companhia, vou produzindo reflexões e sou tomado por memórias da infância, da adolescência. Memórias de quem via o tempo passar sempre de dentro do rio e que tomava aquele lugar como a própria morada, como fábrica de sorrisos e felicidades. *Vivendo intensamente cada lugar que chegava. Cada casa, cada pessoa, cada miséria e grandeza a seu tempo certo, no seu exato momento.* (Evaristo, 2017, p. 25).

4.3- Memórias de uma criança que pescava:

Memórias de um tempo em que não havia ainda, embora a hidroelétrica de Xingó já estava funcionando, tanto lodo, tanta planta aquática em projetos escalonáveis de perturbações. Espécies já ocupavam o fundo do rio, mas não na proporção que eu vejo hoje, que eu vi ontem, antes de ontem e mais para frente. Mas serviam de moradia, de abrigo e de esconderijo de peixes, camarões e saburica.

Era comum encontrar traíra, píau, os chupa-pedra, o mandi com suas pintinhas, o esporão que com o seu ferrão era capaz de machucar qualquer criança. Além é claro das pequenas piranhas e pirambebas brilhado quando a luz do sol atravessava a água e ia ao seu encontro. Ali mundos eram compartilhados, espécies diferentes se encontravam com mais variedade. Todas elas estavam interagindo engajadas juntas com as plantas aquáticas, formando suas próprias paisagens interativas e cheias de histórias.

E me lembro disso ainda enquanto caminho dentro da água, porque quando meus primos, alguns amigos e meu irmão e às vezes minha irmã, que ainda era um pouco mais nova, por vezes decididos (as) pescar com nossas tarrafas e redes de saco de estopa, com as nossas garrafas de vidro verdes com um pequeno buraco retangular, procurávamos ir para a ponta da croa, que hoje é o “mesmo lugar” de onde saí com o caiaque.

Mesmo lugar está entre aspas porquê de fato não há mais um mesmo lugar. Antes a ponta da croa era mais fina, o rio passava de um lado e de outro. Muitas cercas das casas da Rua da Alegria eram bem próximas do rio. Por isso que era ponta, porque ia se estreitando à medida que chegava mais próximo do porto das lanchas da fazenda de Dr. Atila e também nas mangueiras. Hoje é croa larga que vai desde as barracas até os pés do Cristo.

Uma faixa contínua, que tem até um pequeno campo de futebol de grama, com traves de ferro, pasto para cavalos e mais barracas. Quando o rio aumenta a vazão, tudo volta a ser água correnteza e esperança. Onde antes existiam peixes,

canoas, plantas, pescadores, lanchas indo e vindo, hoje são paisagens compostas por mesas, cadeiras, barracas, turistas, carros, paredes, multidão e poluição. Fixação de novas coordenações dinâmicas, instáveis e nocivas às paisagens ribeirinhas e sãofranciscanas.

Às vezes quando o rio ainda enche e a hidroelétrica de Xingó solta água, como dizemos sempre por aqui, quando vai aumentar a vazão do rio em dois ou três dias somente, há uma retomada, mesmo que passageira e momentânea as suas antigas formas e modos de alguém que sabe correr livre, ocupar ambientes, ampliando os emaranhados de histórias, práticas, sonhos e caminhos abertos para criação de mundos, ontologias, cosmologias e visões de pertencimento.

Andando ainda sob um sol escaldante se aproximando das três horas da tarde, tendo em vista que a chuva que caiu não amenizou o calor e nem o abafado, pisando no lodo, nas plantas, nas vidas mais que humanas, sinto nojo, um pavor de que anda pelo desconhecido, não sabendo se ia encontrar cobras, bichos estranhos, pirambebas gigantes que gostam de atacar e arrancar pedaços do corpo, elas são ferozes, como nunca antes estiveram de ser.

Lembro-me que não pisava neles e nelas quando, mergulhando com a tarrafa de saco de estopa, mirava nas plantas aquáticas no fundo do rio porque eu sabia, nós sabíamos que ali tinha a possibilidade, muitas vezes certeza, de ter peixe (mandi, chupa-pedra, saburica, às vezes camarão e pitu). Pela aprendizagem e pela prática, pelo conhecimento sendo adquirido no cotidiano, nos tornavam sujeitos participes dessas interações mais que humanas.

Quando subíamos até a superfície com as nossas redes de pesca, com a água do rio batendo na altura do peito ou muita das vezes na cintura, nossa tarrafinha tinha de tudo um pouco, porque como a tessitura era mais emaranhada, de poucas brechas, tinha cascalho de pedrinhas miúdas, partes das plantinhas, algas, saburicas pulando sem conseguir cair no rio, piabinhas, chulapinhas, um ou dois camarões, às vezes só as patas dos pitus. Está quase tudo no diminutivo, porque era de fato espécies bem miúdas.

Se ao mergulhar, além de plantas tivessem também pedras e locas de pedra, era certo ter ali, traíra, mandi, chupa-pedra. O peixe com seu esporão era devolvido

para o rio, assim como o chupa-pedra, já que a gente não nos imaginávamos comendo eles, pois muitas das vezes a gente mesmo era quem preparava o que tinha pescado, antes de ir para o colégio. Ou às vezes deixava para comer quando voltasse brincando de panelada no fundo do quintal de um tio, avó, amigos.

Algas e lodos que emergiam junto da nossa pesca, que ao mesmo tempo era individual, porque cada um tinha a sua própria estopa, e coletiva porque estávamos sempre um ajudando o outro, mergulhando junto quando a rede não era amarrada em nosso pescoço e sim utilizando quatro braços, dependendo do tamanho e da extensão das plantas no fundo do rio, para que pudesse então passar mais abertamente por entre as plantas e depois conseguir trazer com mais segurança e menos impacto para superfície a rede.

Ainda se fixava como coletiva porque tudo era repartido igualmente, comíamos juntos o que conseguíamos naquela manhã. Às vezes tinha brigas? Tinha! Mas, no final, estávamos todos ali, sentados ou dentro de casa ou na porta, compartilhando o almoço de sábado, satisfeitos com os nossos feitos, com a nossa manha cheia de histórias de pescaria, de aprendizados, de independência, valorizando cada parte do rio, cada gota de água que bebíamos quando a sede vinha e o calor mastigava nossa cabeça e pele.

A pesca era feita em partes mais rasas, mas quando estávamos livres e sobre a canoa, mergulhávamos por mais profundo que fosse, até que conseguíssemos trazer um pouquinho de areia ou uma pedrinha do fundo do rio. Plantas eram poucas e muitas das vezes raras nas partes mais profundas. Trazíamos a pedrinha do fundo do rio para conseguir comprovar que a gente tinha decido até lá. Tocado a areia e ou o mais fundo que fossemos, dependendo da nossa respiração.

Quando algas, lodo e pequenas plantas passavam sendo arrastadas pela correnteza e se enroscavam em nós, ali naquele momento não tínhamos qualquer tipo de aversão, não tínhamos qualquer sentimento de repulsa, nojo ou medo. Fazíamos delas (algas) e do lodo, nossas companheiras e companheiros de estadia dentro do rio. O lodo era encarado e visto como uma divindade, de poder mais que humano, pois ao colocá-lo sobre nossos braços, barriga e até mesmo no rosto, eu

me sentia e me achava como um ser das águas. Um Aquaman da beira e das profundezas do Opará.

Uma divindade da água doce? Um protetor do rio? Um ser que emergia e se transformava em guardião do rio, das brincadeiras de infância, dos peixes e o que dele vinha nascendo? Guardião de suas riquezas, belezas, tal qual o Nego D' água, que no final da tarde surgia das profundezas e do breu de um rio já as escuras, sem o brilho do sol, mas no despontar de uma lua cheia e fazendo do rio seu espelho (Jacibá)? Não sei, só sei que sentia um profundo chamar. Dele eu não queria sair.

Quando mais lodo passava por nós, quanto mais algas perambulavam maré por sobre maré, se arrastando no fundo do rio, mais fazia das algas, coroas por sobre as nossas cabeças. Fazíamos braceletes, colares, corda que servia para ser enrolada por todo o corpo. O nosso conhecimento sobre lodo, algas e plantas não era nada além de somente plantas. Não sabíamos o que estava por detrás do real significado de suas existências e resistências entre nós e dentro do rio.

A nossa relação, a minha relação com as algas e lodos, era performativa, porque tinha a junção de elementos para além da própria natureza humana. Existiam diálogos com mundos outros para além das nossas próprias inseguranças humanas. Ao invés de quebrarmos e provocar rupturas com esses seres outros, o próprio Nego D' água, com o lodo e as algas, nos abraçávamos, fazíamos a leitura do mundo e do ser do rio, através e com eles.

O nosso ser das águas, criado por nós e por mim enquanto brincava e mergulhava, era verde lodo, não tinha senão inocência, destreza e pureza. Era um ser criado através do fluxo contínuo do rio, dos seus materiais orgânicos, com a ajuda do sol, do vento, das marés, que nos miravam e iam também moldando a nossa própria energia vital, os nossos corpos, a nossa própria experiência e mentes.

Ele não assustava, apenas zombava, mergulhando, voltava a ser um de nós, menino ou menina ribeirinha, para quem o lodo era uma espécie de companheira cheia de possibilidades de fazer-se ser das margens, da encantaria cabocla dos Urumaris da terra de Jacibá, ou Xokós da Ilha de São Pedro. Naquele momento o lodo era tudo, menos poluição, degradação e ou estagio propulsor de ruínas, de modificações substanciais de paisagens. Como perigo ou devastação.

Certamente se o renomado antropólogo, uns dos principais nomes da antropologia social e incumbido de desenvolver o método da observação participante, e que veio a ser a marca indelével dos estudos etnográficos, Malinowski, estivesse entre nós, crianças da década de 90, fazendo uma pesquisa de campo sobre sistemas simbólicos às margens do rio São Francisco, no sertão alagoano e sergipano, certamente ele ao observar nossos corpos performando com algas e lodos dentro do rio, nos chamaria de “crianças que brincam com algas” e ou “crianças que brincam de ser algas”. Ou ainda mais, “crianças lodo”, pois a minha, a nossa experiência de habitar o rio perpassava continuamente pela construção de relações com organismos mais que humanos.

4.4 - De volta ao caiaque (mais uma vez):

Quando finalmente chego no ponto de partida, amarro o caiaque e olho para trás. Reflito sobre o tanto de águas, lodos, plantas aquáticas, algas, me traçaram, me forjaram como um ser ribeirinho ao longo de toda essa minha trajetória interativa de fluxo da vida. Não só durante essa breve travessia, cheia de desafios, de novas percepções sobre o rio e sobre a suas habitabilidades mais que humanas, mas sobretudo das lembranças e memórias que emergiam em cada nova remada. “O rio tinha sido o céu de sua infância.” (COUTO, 2003, p.20).

Se lodo, algas e plantas, formando suas assembleias multiespecies em estado constante de feralização completamente apossadas de paisagens ribeirinhas do rio São Francisco, principalmente das margens aqui de frente a casa dos meus pais, na grande croa e também nas margens opostas, em frente ao morro do Saco Grande, estão me fazendo revisitar os meus vínculos mais afetivos e profundos juntos do rio é porque nós, eles e eu já somos partes de uma mesma estratégia e ou narrativa que o rio faz unir em torno de si e de sua própria condição de habitabilidade.

Então o rio nos convida, me convida, em especial, a refazer e ressignificar o apego que nós humanos temos sobre uma ideia fixa de paisagem, que me

condicionou a expelir raiva, medo e nojo sobre as vidas não humanas que estão agora a ocupar, mais do que nós, às margens, as beiras, o fundo do rio.

O Antropoceno tem um sentido incisivo sobre a nossa existência, a nossa experiência comum, a ideia do que é humano. O nosso apego a uma ideia fixa de paisagem da Terra e da humanidade é a marca mais profunda do Antropoceno. Essa configuração mental é mais do que uma ideologia, é uma construção do imaginário coletivo – várias gerações se sucedendo, camadas de desejos (projeções, visões, períodos inteiros de ciclos de vida dos nossos ancestrais que herdamos e fomos burilando, retocando, até chegar à imagem com a qual nos sentimos identificados. [...]. (KRENAK, 2020, p. 58-59).

Assim como faz e fez Krenak (2020), não estou aqui, em momento algum desta narrativa tirando a responsabilidade que as infraestruturas industriais do Antropoceno e seus modos operantes e violentos de se apossar dos recursos naturais, das florestas, dos rios, tem sobre as feralizações das assembleias multiespecies de lodos, algas, plantas, junto também com caramujos.

Até porque, ao longo dos últimos anos dentro do rio São Francisco e em suas margens, a hidroelétrica de Xingó tem provocado novos rearranjos sociais, de ocupação, de exploração e de modificações intencionais e não planejadas nas paisagens no curso do rio. Assim como o aumento significativo de agentes poluentes vindos das grandes indústrias do agronegócio, principalmente no Vale do São Francisco.

No entanto, assim como a experiência de minha vida foi sendo tramada e experienciada atravessando marés, brisas, ventos de refega, mergulhos e muito nado, mas também navegação ao longo do rio através de narrativas interativas, como as descritas aqui, é justamente esse reencontro com os lodos, algas e plantas que precisam de novas atualizações, potencializando nossas divergências, sem que para isso tenhamos que exterminar os sentidos de nossas ocupações dentro, no raso, no fundo, no meio e na beira do rio.

O fundamento do campo de batalha é potencializar o sentido da vida. Jamais extermina-lo. Assim o jogo se inscreve como experiência de sociabilidade que não tem como premissa a exclusão, mas a incorporação das vibrações que vagueiam e baixam nas coisas dando o tom daquilo que é o mundo. O destino

de todo guerreiro é habitar na presença do oponente ou incorporá-lo em si, formando assim um outro ser que entronará as batalhas, virtudes e vibrações de ambos. (SIMAS E RUFINO, 2019, p. 11).

A partir desses reencontros entre as assembleias ferais e eu, a partir do que somos no presente e como nos comportamos, é que me permite então buscar novas maneiras de encantamento sobre e com o cotidiano ao longo do rio, no intuito de aproximar nossas caminhadas e práticas com a lentidão performativa do invasor daninho.

Mais do que se distanciar e repelir as narrativas fornecidas pelas algas, lodo, plantas e suas assembleias, é preciso mais do que nunca, se alimentar das alterações, alteridades de possibilidades de habitabilidade das margens, dos leitos e profundidades, de suas e nossas precariedades, sem hierarquizações de saberes, mas antes em confluências, ensina sempre em suas falas ao redor do Brasil, Nego Bispo.

O rio São Francisco assim como todos os rios, é formado pelas confluências de mundos, de paisagens, de vidas, desdobrando-se sobre vales, montes, encontrando particularidades, climas, vegetações, dia e noite. Encontrando riachos, córregos, cachoeiras, cânions e fundamentalmente o mar. Encontro do rio com o mar, experiência de confluência melhor não há. Ali estão energias opostas, sentidos de viver opostos, mas que no fim das contas, são fundamentais e essenciais na completude de existir um do outro. Nas diferenças eles se entrelaçam, forjam vidas em comum e rupturas reorganizam cada um em sentido individual.

Ribeirinhos, ribeirinhas, crianças, jovens, adultos e idosos, estão em continuidade, sendo partes de narrativas confluentes entre mundos que se encontram. Que se desdobram continuamente em fragmentos enquanto o rio passa. Assim como o tempo com suas maneiras próprias de interlocuções sobre o real, sobre o imaginado e sobre o que é cosmológico e atemporal. Subvertendo a ordem colonial da homogeneização, onde o sentido da vida é abocanhar e afogar o que lhe é divergente. Nas confluências praticadas pelo rio, as diferenças são potencializadas e compartilhadas a cada novo romper do dia.

O meu tempo e o tempo do rio, são o tempo do Antropoceno, mas também é o das confluências que emergem conjuntamente com as transgressões. É o tempo

das reconexões entre ciência e a vida sendo experienciadas no caminhar nas margens e através delas. Encontrando pessoas, ouvindo suas experiências enquanto se concerta um barco, uma canoa, enquanto se lava uma trouxa de roupa, ou simplesmente está sentado a olhar o rio.

São margens contracoloniais, não como sentido de periferia epistemológica, mas no sentido de resistir e residir nos encontros que tecem perspectivas dos amanhãs. Neste sentido, tentando adiar o fim, a queda do céu, o morrer do rio. Porque estamos em suma, ressignificando nossas memórias, nossos sonhos de liberdade e concretude sobre a realidade.

Confluências como compartilhamento de mundos, que se movem a partir das dinâmicas das águas. Águas correntes, águas lentas, águas paradas operam na construção de projetos de mundos que coexistem em temporalidades múltiplas, contínuas e de eternos recomeços, agregando vidas que podem e vivem aglutinadas umas ao lado e junto das outras, produzindo memórias que demarcam territórios, dão sentido as paisagens em estado de fluidez e princípios distintos.

Assim, quando o lodo tocava meu corpo e eu me revestia dele, estávamos lodo e eu confluindo em nossas diferenças, estávamos compartilhando nossas maneiras de pertencer aos mundos que habitávamos. Pondo a prova nossos encarceramentos existenciais capazes de dobrar os discursos coloniais das separações e aniquilamento de mundos.

4.5- Vidas em rupturas e renascimento às margens do Velho Chico:

O nosso tempo é um tempo de rupturas... O rio São Francisco, o Opará ao longo do caminho percorrido até desaguar no firmamento do Oceano, é um ser em múltiplas rupturas. Erosões, bancos de areia nas margens e dentro dele, são estados silenciosos e ao mesmo tempo barulhentos, zunindo sobre nossas práticas de rupturas, assim como também são os modos ferais das plantas, algas e lodo em contínuos processos de formação de assembleias mais que humanas.

IMAGEM 63: uma margem do rio, no reino feral.



SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. (2021).

Rupturas também estão contidas nas relações entre eu e o rio, entre nós coletivo e modos de engajamento com o Opará. Essas rupturas que tem a ver com o próprio curso da vida, com as idas e vindas, são menos intensas e causam menos desencontros e desencantos como, por exemplo, pelas rupturas forçadas pelos progressos que foram sendo alimentados como princípios da emancipação desenvolvimentistas ao longo de todo curso do rio.

Quando para construções de barragens e hidroelétricas, desde o alto rio até a região do baixo e foz, passando pelo médio e submédio, populações ribeirinhas, indígenas e quilombolas foram sendo desterritorializadas, suas práticas, suas manifestações orais e tessituras sobre os mundos foram sendo esvaziados dos contextos de habitabilidade junto ao rio. Ao mesmo passo que biomas e ecossistemas, sejam eles aquáticos e terrestres também sofreram e vendo sofrendo os impactos das transformações mais aceleradas do capitalismo imperial.

Nas palavras de Tsing (2019), tais rupturas socioambientais nas paisagens, formadas pelos encontros entre humanos e não humanos, se daria através das quebras de coordenação entre essas relações multiespecies. Tais quebras, no entanto, ao produzirem rupturas a nível macro, afetando principalmente os leitos e beiras do rio, redefinem relações. Processos simbióticos nascem dessas conjunturas históricas que se desenvolvem ao passo que infraestruturas de “simplificação industrial” (Tsing, 2019), tomam conta das paisagens do Opará.

Neste sentido, como já demonstrei anteriormente, a quebra de coordenação regimentada pelas usinas hidroelétricas (principalmente), mas não só elas, tem provocado o aparecimento de espécies de plantas aquáticas em enormes quantidades, que ao longo dos últimos 10 a 15 anos, tem modificado e transformado os ambientes e paisagens aquáticas e nas margens do rio, precisamente mais acentuadas do trecho navegável do Baixo São Francisco.

Há alguns anos atrás, comecei a notar, sempre que vinha visitar meus pais, que bancos de areia estavam começando a se formar e aparecer em alguns pontos do rio. Com o rio cada vez mais raso e com baixas vazões ao longo dos anos, não demorou muito para que esses pequenos bancos fossem se transformando em ilhotas e croas.

Hoje muitas delas viraram paisagens fixadas ao longo e dentro do rio e passaram a ser pequenas extensões das fazendas de gado que estão nas margens, onde bois, cavalos, vacas, bezerros, ovelhas, conseguindo atravessar o rio seco, se alimentam da vegetação que emergem junto com os bancos de areia.

IMAGENS 64,65, 66, 67 e 68: bancos de areia ao longo do rio São Francisco.







SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. (2021).

Esses animais, conseguindo se deslocar por dentro do rio e ocupando o meio do rio, fazendo nascer novas paisagens que estão cheias de trajetórias não humanas e humanas, cujas transformações provocadas pelos desejos não intencionais dos animais que ali se encontram, ao pisar e pastar nesses bancos de areia ajuda no desenvolvimento de novos ecossistemas e por assim dizer também, novas rupturas.

Ao passo que tais croas vão sendo estabelecidas e fixadas dentro do rio, muitas formas de vida vegetais começam também a prosperar, dando condições não só para os deslocamentos pensados e arranjados para os animais. Porque antes deles irem sozinhos, seus donos os conduziram e os conduziam, porque eu vi muitas das vezes, enquanto navegava rio a cima e rio a baixo, homens com uma enorme vara na frente e os animais logo atrás seguindo os comandos até chegar na croa.

Imagens 69 e 70 – Animais de grande porte fazendo a travessia no meio do rio.



SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. (2018).

Também de aves e pássaros que precários de ambientes com alimentação e condições de habitabilidade nas margens degradadas, se alimentam não só da vegetação terrestre, mas ainda das espécies vegetais aquáticas que emergem e se feralizam através dos processos degradantes e de coordenações rompidas.

Assim, seguindo ainda os rastros do Antropoceno, o surgimento de bancos de areia, que depois viram croas, ilhotas, “caribes”, me permitem enquanto ribeirinho e antropólogo assistir paisagens se criando por meio das ações e práticas humanas (mesmo que estes não estejam atuando diretamente), com forte e constante ação de não humanos, através do boi, vaca, cavalos, plantas e aves.

Como fizeram ainda no período colonial nas margens do rio, bois, cavalos, vacas como criaturas de império (ANDERSON, 2006) agora remodelam com suas passadas e pegadas o meio do rio, pilando, moldando e criando condições favoráveis, juntamente com outros componentes orgânicos, para que outros organismos prosperem, se desenvolvam e também criem condições de inconstâncias próprios para as suas próprias sobrevivências.

É possível então pensar e refletir que muitas das croas que estão dispersas pelo meio do rio, só estão se mantendo aparentes e firmes porque há nelas organismos cooperando uns com os outros, emergindo através de relações que possibilitam tomar os bancos de areia que habitam mais vantajosas e prósperas. A começar pela presença de animais de grande porte que pastando e se movimentando de um lado para o outro pilam o a terra, o banco de areia e assim fixam estruturas orgânicas capazes de fazer emergir e proliferar outras espécies, que também ajudam a refazer e a modificar o ambiente e conseqüentemente o surgir de novas paisagens.

A afirmação que faço logo acima, se dá porque em outras croas e ilhotas que começaram a aparecer e depois a água cobriu, como é o caso da pequena croa que chamávamos de caribe, aqui em frente ao morro do Saco Grande, no lado de Sergipe, não existe mais.

Ela não conseguiu alcançar os níveis de desenvolvimento das outras que estão espalhadas ao longo do rio, entre as comunidades de Mocambo, Ilha de São Pedro, Limoeiro, Jacarezinho, onde as vegetações e outros organismos de forma

mais coordenada, mais simbiótica estão continuamente atuando. No caso do Caribe, as únicas presenças eram somente de humanos e algumas aves. Não existia vegetação e nem tão pouco a presença de espécies animais de grande porte.

Em 2014, o professor e pesquisador Paulo Ricardo Petter Medeiros (et al...), em um artigo intitulado: Características ambientais do Baixo São Francisco (AL/SE): efeitos de barragens no transporte de materiais na interface continente-oceano, destaca que entre outras coisas, a construção de barragens, as mudanças climáticas, desmatamento e erosão, são fatores que, interligados coabitando um mesmo plano territorial, contribuem para alterações naturais dos processos de transporte de sedimentos feitos através do rio para o oceano.

[...]. Além de sedimentos, os rios transportam elementos biogênicos como o nitrogênio, fosforo e sílica, tanto na forma orgânica, quanto na inorgânica. Esses elementos são essenciais para a manutenção da produtividade biológica, em condições naturais os rios são importantes.

Fatores antrópicos, como o uso do solo e a retirada da cobertura vegetal natural, dependendo de sua magnitude e intensidade, tendem a alterar a dinâmica natural dos sedimentos em uma bacia e seu transporte para o ambiente fluvial. O fluxo de material também é afetado pela construção de barragens em rios. (Halim, 1991). (MEDEIROS, et al., 2014, p. 66).

Este cenário descritivo feito por Medeiros, et al... (2014), é fortemente presente aqui diante dos meus olhos, não só pela presença da hidroelétrica de Xingó a 104 km de distância, e que consegue represar e baixar consideravelmente a vazão do rio para a produção de energia elétrica. Mas também devido aos processos de erosão, desmatamento, o uso do solo para pasto, para o gado, como dito anteriormente. Também pela presença de comunidades e povoados que ao longo dos séculos foram se instalando cada vez mais pertos do rio.

**. IMAGENS 71, 72 e 73: processos erosivos na comunidade
Quilombola do Mocambo.**





SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. (2018)

Descendo mais o rio, é possível encontrar margens peladas, com pouca vegetação nativa ciliar. Uma pequena faixa de areia formando dunas é o ponto de chegada para a comunidade Indígena Xokó. Avançando por sobre o leito do rio, não é possível enxergar as casas que fazem parte da comunidade. As dunas atingem uma altura considerável. Pequenas dunas também têm se formando nos últimos anos por sobre às margens alagoanas onde está localizado o povoado Jacarezinho, local que tradicionalmente é o ponto de concentração e largada das corridas de canoas e botes de Pão de Açúcar.

Lembro que quando criança viajando para as famosas festas da vila mais antiga do Brasil, a vila Limoeiro, pertencente a Pão de Açúcar, que sempre na última semana de janeiro celebra Jesus, Maria e José e Bom Jesus dos Navegantes e também na cidade de Belo Monte, próximo à vila e também na margem alagoana, era comum ter como rota na volta para Pão de Açúcar, através da lancha Porto Alegre, a parte do rio que estava entre o povoado Jacarezinho e a ilhota de frente. Aquele canal era muito fundo e oferecia menos perigo para a navegação feita no fim de tarde, já que ali era comum ter menos vento, as marés eram mais tranquilas.

Assim também como era comum, que a procissão que vinha de Limoeiro, trazendo as imagens dos santos, passasse pelo mesmo canal para que a população do pequeno povoado pudesse saudar e se sentir abençoada e também parte dos festejos. Anos após anos, eu presenciei junto da minha família essa mesma rota, esse mesmo ritual, esse mesmo contexto tradicional e histórico que perdurou até pouco tempo.

Nos últimos anos tive voltando a essas mesmas festas e pude notar e também observar que aquela rota deixou de ser feita. O volume do rio baixo não permite mais, além do mais as assembleias ferais compostas por plantas, algas e lodos prejudicam a navegação, além do medo de encalhar que os lancheiros tem, como me relatou uma vez o meu pai, quando eu perguntei o motivo de as lanchas não passarem mais pelo canal.

A grande croa com dunas e também processos de erosão, estão praticamente unidas com a margem da comunidade. Muitas pessoas conseguem atravessar nadando ou caminhando de um lado para o outro, quando não a

travessia é feita pelos botes e canoas com os motores ligados. Durante o período das corridas e da preparação destas²² sempre pode-se notar e ver árvores com seus troncos e galhos caídos para dentro do rio, assim como espécies vegetais que antes ocupavam partes do que antes era croa e agora passa a ser também rio, em claros processos de erosão.

²² Falaremos mais sobre isso no próximo capítulo.

IMAGEM 74: boca do canal que está entre o povoado jacarezinho e a croa, separando a comunidade do seu rio que corre em abundância.



SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. (2021)

Nessa imagem é nítida a presença de lodos, plantas aquáticas e também das margens, juntamente com o lodo formando assembleias ferais na boca do canal que margeia o povoado jacarezinho. Ao mesmo tempo em que ao fundo, é ainda possível notar os processos erosivos que tomam conta da croa que se localiza em frente à comunidade.

Olhando a imagem por outro ângulo -a segunda imagem, feita no mesmo dia e no mesmo instante da primeira, é possível compreender que as assembleias ferais não acontecem do mesmo modo e nem na mesma proporção. Onde estão ancorados botes e canoas, é uma parte mais funda do córrego e também a parte mais alta, tendo em vista que ali a composição da paisagem se dá pela presença de dunas em processos erosivos e grandes árvores.

São minhas memórias ribeirinhas que me permitem tecer confluências sobre transformações paisagísticas deste nosso tempo mais acelerado do Antropoceno. Pelo olhar da observação mais que participante, são das vivências e reflexões atravessadas pela flecha do tempo, que se torna possível, como nos diz Ailton Krenak (2020), adiar um pouco mais o fim do mundo. Ou como me inspiram Simas e Rufino (2019), tornar a encantar os mundos que foram sendo desencantados pelo Estado Colonial, pelo imperialismo industrial e escravocrata, que tornou e tem tornando comunal e feral “novas ecologias de proliferação da morte.” (TSING, 2019, p. 112).

Dessa maneira, ao trazer narrativamente modos descontínuos de percepções sobre e com paisagens, não só observando, mas experienciando, estou apontando para os contínuos processos de aceleração em que muitas relações coordenadas foram quebradas, alteradas. A começar pelos próprios movimentos fronteiriços entre ribeirinhos com o rio, principalmente nestas três localidades, Mocambo, Xokó e Jacarezinho. Além do mais, alterações do próprio rio em relação ao recebimento, transporte e acúmulo de sedimentos.

Quantas vidas, quantos organismos, quantas espécies de peixes deixaram de se desenvolver, prosperar e proliferar? Quantas histórias, narrativas deixaram de ser contadas por que houve alterações no transporte de elementos biogênicos (fosforo, nitrogênio, nitrogênio inorgânico e sílica)?

A construção de barragens provocou alterações de padrões naturais de vazão, reduzindo a sua magnitude e variabilidade sazonal e interanual. Sofreu também grande redução de carga de material particulado em suspensão de nutrientes. A carga de nitrogênio inorgânico dissolvido de $4,1 \times 10^3$ toneladas/ano é 17 vezes menor do que no período anterior à construção das barragens em cascata. A carga de sílica dissolvida de 448×10^3 toneladas/ano é 31% menor em relação a estudos anteriores. A alteração dos padrões naturais de vazão modificou os padrões de deslocamento da cunha salina do estuário, que atualmente tende a ser relativamente estacionária. A redução do fluxo de nutrientes à região costeira intensificou suas condições oligotróficas. (MEDEIROS et al..., 2014, p. 65).

Se antes das barragens em cascata os transportes e fluxo de sedimentos e materiais para o mar eram controlados pelas características naturais (Melo et al...

2014), significa dizer que tantos os processos simbióticos, como as ecologias aquáticas mantinham a riqueza multiespécies. Qualquer pescador, a exemplo de Capitão, no capítulo anterior, demonstra através de narrativa, a diversidade de espécies, a fartura e prosperidade encontrada dentro do rio, em suas canoas, nas tarrafas e anzóis.

Atualmente, as bacias de drenagem de praticamente todos os rios mundiais sofreu em menor escala influência antrópica. Essas pressões antrópicas têm progressivamente aumentado, alcançando um patamar em que os sistemas de drenagem não podem ser mais definidos somente pelas relações climáticas e morfológicas naturais. (Souza & Knopper, 2003). Dentre essas alterações destacam-se: urbanização, atividades agropecuárias, retiradas de cobertura vegetal e instalação de barragens. A construção de barragens altera primeiramente o meio físico, reduzindo e estabilizando a vazão, cria também ambientes de hidrodinâmica. (Idem, 2014, p. 69-70).

IMAGENS 75, 76, 77, 78 e 79 – O rio da Foz do Baixo São Francisco.







SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. (2018).

Hoje, no entanto, a ausência de espécies de peixes, o sumiço, como muitos pescadores gostam de dizer, é só um entre tantos casos, que assinalam para os regimes de perturbação que estão por todas as partes, dentro do rio, bem como em suas margens e beiras, sinalizando para o que Anna Tsing chama de os “terrores na falta de habitabilidade.” (Tsing, 2019).

A transferência global de organismos em escala industrial tem contribuído para criar novos patógenos virulentos para humanos e outras espécies. As contaminações químicas e a disseminação de fertilizantes químicos prejudicam ecologias de água doce. A mudança climática interrompe as coordenações interespecies, levando muitas populações a extinção [...]. (TSING, 2019, p. 114).

IMAGENS 80, 81, 82 – Proliferação feral durante a Pandemia Covid-19.





SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. (2021).

4.6- Narrativa feral de plantas aquáticas durante a Covid-19:

Deixe-me agora narrar mais uma experiencição sobre o real, sobre o cotidiano de estar nas margens, enquanto coordenações multiespecies estão sendo alteradas, reordenadas. 24 de maio de 2021, há alguns dias no meio da pandemia, em que às margens do rio não podem ser ocupadas por conta dos decretos do governo de Estado proibindo a circulação e aglomeração de pessoas em praias, lagoas e rios.

Eu vinha notando nas margens do rio um crescente aumento de camadas na superfície, de assembleias multiespécies formadas por lodo, plantas aquáticas e algas. Em uma faixa extensa, como pode ser observado nas imagens anteriores, que se estende desde o porto da balsa e lanchas até a outra ponta da croa onde estão concentrados os bares feitos de estrutura de madeira e cobertos com palhas.

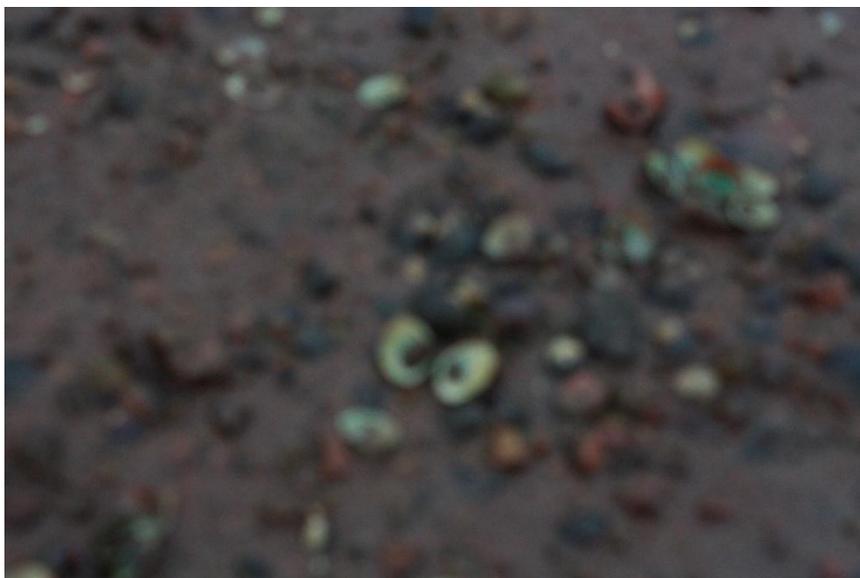
As assembleias multiespécies feralizaram, ocuparam o ambiente, reconfigurou a paisagem. De longe, os olhos enxergam uma configuração homogênea, como se fosse um tapete de cor esverdeada, que foi colocado ali perto e arrodando as canoas e botes, como se aquele mundo que emerge através de uma combinação de fatores, mas principalmente através dos impactos e combinações ecológicas dadas através das quebras de coordenação fosse sendo tecido por uma única espécie vegetal.

É essa a imagem que tenho daqui do terraço da casa dos meus pais, mas quando passado alguns instantes, resolvo descer e ir até a beira do rio, conferir essa realidade mais de perto, eu noto a diversidade de espécies que em doações mutuas constroem nichos, fazendo emergir vidas outras, que dia após dia, com o rio cada vez mais seco e as margens bastantes rasas, se dedicam com liberdade as criações de mundos, com ajuda de caramujos, das corbicula flumínea, que originária da Ásia, foi introduzido no Brasil e tem colonizado e se feralizado por todos os rios do país, ocorrendo por aqui também.

IMAGENS 83, 84 e 85– Proliferação feral durante a Pandemia Covid-19, parte

II.





SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. (2021).

Geralmente é bastante comum encontrar o molusco onde há maiores incidências das assembleias de plantas aquáticas. Para a pesquisadora Mariana Peixoto Vianna e o pesquisador Wagner Eustáquio Paiva Avelar (2010), maiores incidências das espécies invasoras, ocorrem devido a sua resistência em ambientes mais estressantes, pela alta capacidade de reprodução, bem como pela capacidade de se adaptar a qualquer ambiente.

O sucesso adaptativo da espécie se deve à sua resistência ao estresse ambiental, tolerância a diversos substratos, alta capacidade reprodutiva, rápido crescimento e capacidade de filtrar grandes volumes de água. (Graney et al., 1980; McMahon, 1982). Assim, *C. flumínea*, se tornou importante membro de muitas comunidades bentônicas de água doce. Em alguns rios arenosos, esta espécie pode dominar a comunidade de bivalves bênticos numericamente e em termos de biomassa. (Hakenkamp e Palmer, 1999). (VIANNA e AVELAR, 2010, p. 60).

Em 2014, momento temporal em que a feralização das espécies vegetais aquáticas estavam praticamente acelerando seus processos de arquitetura mais que humanas, formava-se em Biologia, pela Universidade Federal de Alagoas, Iury Rodrigues da Silva, meu irmão e assim como eu, ribeirinho. Em muitas dessas narrativas que conto ao longo deste trabalho, ele está sempre lá, sendo o parceiro, o cúmplice, o companheiro que experiência ser também parte e modificador da vida do rio.

Iury, me deem licença de chamá-lo assim sem a utilização do seu nome completo, como pesquisador, realizou sua pesquisa de conclusão de curso com recorte analítico justamente através da produção de dados a partir das plantas aquáticas aqui em Pão de Açúcar, cujo título é: Levantamento Etnobotânico de Plantas Aquáticas em um trecho do Baixo São Francisco, Alagoas- Brasil. ”

Ao longo desses nossos anos de convivência, principalmente na infância e adolescência, todas as nossas relações de aprendizagem, de amadurecimento, de irmandade, de amizade, de compartilhamento de mundos, de laços passavam fundamentalmente pelo estar com o rio, sobre ele e nele. E de certa forma moldamos através das nossas trajetórias familiares, o nosso senso de pertencimento e de responsabilidade para com o Opará.

Neste sentido, em seu trabalho, Iury (2014), destaca que naquele momento poucos estudos eram produzidos tendo como foco as macrofitas aquáticas em rios brasileiros, especialmente no ambiente territorial em que o seu trabalho está situado. Sem ele se atentar para o fato e para o ineditismo, que ele enquanto ribeirinho e neto de pescador e filho de barqueiro, produz contribuições para o campo da etnobotânica e para uma construção de ciência que emerge da sua própria experiência local.

lury (2014) aponta que as macrófitas aquáticas tem como características e finalidades, “adsorver e absorver substâncias tóxicas”, além de possibilitar o aumento significativo de espécies animais e de nichos ecológicos, no entanto, e é bom para se atentar para este fato, quando elas (as macrófitas) estão em níveis aceitáveis dentro das paisagens do próprio rio.

O estudo de ambientes aquáticos é fator relevante e imprescindível para possibilitar a sua conservação assim como o seu manejo. São ecossistemas que possuem características muito particulares, qualquer alteração poder gerar respostas por vezes não desejadas, influenciando no desenvolvimento de espécies oportunistas, ou seja, espécies que não são naturais do ambiente e que ainda podem ser excelentes bioindicadores (POMPÊO, 2008). No entanto, as elevadas taxas de produção primária e o rápido crescimento populacional de várias espécies de macrófitas favorecem a colonização de vastas áreas, podendo afetar os usos múltiplos de ecossistemas aquáticos. Dentre os problemas mais comumente observados podem ser citados: redução da biodiversidade (WINTON, CLAYTON, 1996; CILLIERS et al., 1996), prejuízos aos esportes náuticos (natação, esqui e pesca) (THOMAZ, BINI, 1999 a, b). (SILVA, 2014, p. 11).

É importante entender que lá em 2014, diferentemente do que acontece hoje, ainda não havia um vasto ambiente e território aquático sendo, nos termos de lury (2014), colonizado, que aqui venho chamando de feralização e ou proliferação. Naquele momento ele tenha identificado três pontos onde já era possível situar como locais de perturbações mais que humana, das ecologias ferais, dos novos rastros de coordenação onde as espécies de plantas aquáticas estariam remodelando e reinventando paisagens.

A primeira delas é na praia da bomba, que leva este nome porque lá está instalada a bomba de captação de água para a cidade e onde hoje se encontram estabelecimento comerciais (bares e restaurantes), além de ser ponto de encontro de praticantes de futevôlei e vôlei de praia. Aos pés da praia da bomba, temos o morro do Cavalete, que no topo está erguida a imagem do Cristo Redentor. Quando lury (2014), realizou a pesquisa ainda não existia tantos bares assim e por isso mesmo, não víamos esgoto correndo céu aberto em direção ao rio.

Ao mesmo tempo em que não existiam tantos banhistas vindos de fora e nem turistas, já que servia e ainda hoje serve como ponto de encontro para os moradores do entorno do bairro Cohab. Hoje a praia se configura como a mais procurada, tanto pela estrutura oferecida, bem como por ser ainda um dos melhores lugares para tomar banho, embora muitos afogamentos e ataques de pirambebas tenham ocorrido nos últimos anos.

Na infância e adolescência, a praia da bomba era considerada pelos nossos pais e familiares como o local mais perigoso para se tomar banho desacompanhado de algum adulto, justamente pela sua profundidade e também pela presença da bomba, pois o risco de descargas elétricas sempre rondou o imaginário da população. Mas tinha quem desafiasse e fizesse da sua estrutura, um trampolim para pular e cair dentro do rio.

A correnteza muito forte também era uma característica desta croa, hoje ela é mais calma, tendo em vista o baixo volume do rio e até mesmo pela força da água que desce rio a baixo. As plantas aquáticas e o lodo ainda não ocupavam e nem se apossavam por completo da beira do rio, conseguíamos nadar com facilidade até ultrapassar a linha invisível que construímos em relação a bomba de captação.

Hoje, mesmo estando ainda um pouco profundo, com uma margem com muito barro e terra fofa enlameada, as plantas aquáticas já conseguem se aproximar um pouco mais da margem. Não é possível mergulhar como antes, brincar com a bola como antes, sem sentir o corpo, as mãos e os pés, assim como os olhos serem atravessados pelas plantas, pelo lodo e também pelo medo de ter partes de sua perna e pé mordidos por uma pirambeba, que também sentindo os efeitos dos processos ferais, entram em constantes movimentos de avançar sobre as margens em busca de comida jogadas pelos banhistas dentro do rio.

No dia 24 de setembro de 2019, realizando uma entre tantas andanças pela beira do rio, saindo pelo quintal da casa dos meus pais, atravessando a croa que separa a casa do rio, indo em direção à praia da bomba, por volta de umas 08h20 da manhã, chegando lá, encontro duas mulheres negras que ainda mantem o costume e a tradição de lavar roupas na beira do rio. Além um cachorro de rua (como costuma-se chamar aqui), de cor preta e branca, está pacientemente deitado

na areia, próximo aos panos espalhados no chão e ou dentro de bacias de alumínio, em baldes de plástico.

Vera Lúcia está dentro da água e em pé, apoiando as roupas que lava sobre o resto de uma cadeira branca de plástico. Com uma das mãos segurando um quadro de sabão verde e com a outra ela faz movimentos intensos de jogar água por sobre a peça de roupa em que o sabão anteriormente foi passado e esfregado. Esfregando a roupa com as duas mãos, Vera Lúcia mergulha a peça em seguida para o derradeiro processo, o pano que acabou de lavar e arremessa para uma bacia onde estão já as limpas, esperando para serem estendidas ali mesmo ou em sua casa.

Já Nayra, que acompanha Vera Lúcia, está sentada na beira do rio, com uma parte do seu corpo (as pernas) dentro da água, seu tronco está milimetricamente inclinado para a areia da croa da bomba. Sentada, Nayara também lava seus panos. Diferente de Vera Lúcia, para se proteger do sol, especialmente seu rosto, ela usa um boné. De modo distinto de sua companheira de jornada, Nayra se utiliza de um pano preto muito grosso (o que parece ser um pedaço de lona de pano), que serve para forra por sobre a areia enquanto outros panos estão sendo lavados.

Pela quantidade de panos que estão já dentro dos baldes e bacias, o trabalho deve ter começado lá pelas 05 da manhã, como costumavam fazer outras mulheres que faziam da beira do rio encontros indeterminados com as suas próprias narrativas ancestrais. Muitas das vezes, as mulheres que costumavam lavar roupa desciam e atravessavam a croa, antes mesmo do sol nascer, com suas trouxas por sobre a cabeça, elas atravessavam solitariamente e ou acompanhadas pelos filhos pequenos em direção ao rio.

Encontrando uma pedra, sentavam horas a fio e acompanhavam silenciosamente e se estivesse em companhia, conversando e ou cantando, o dia se constituindo nas margens, como faziam a minha Tia Jozelia (Tia Jó) e tantas outras mulheres, como Dulce e Gracinha, vizinhas moradoras aqui da Rua São Francisco, que costumavam ir lavar roupas e outros utensílios de casa. Gracinha uma vez ou outra, ainda vai lavar. Às vezes quando acordo cedo e vou olhar o rio,

vejo Gracinha voltando e ou mesmo se organizando para voltar para casa com a trouxa de roupa lavada na cabeça.

Nayra, esfregando sabão por sobre as peças de roupa jeans se utiliza de uma escova de madeira para auxiliar na limpeza. Esfrega, joga água, esfrega, torce a peça, bota água, e repete esses movimentos até que se dê por convencida que a roupa está limpa e pronta para secar no sol escaldante que já faz àquela hora da manhã. Até que lavem todas as roupas, os movimentos são repetidos muitas vezes ao longo da manhã, empregando ali não só técnica, mas também habilidades adquiridas e reconfiguradas ao longo dos anos.

Antes de interrompê-las, elas estão conversando sobre assuntos do cotidiano, principalmente dos familiares, preocupações com filhos. Lavando suas roupas, cada uma ao seu modo e seu jeito, elas estão em contato direto com espécies de egeria densa, a planta que popularmente chamamos de algas e que são as mais populares e frequentemente encontradas por todas as partes dentro do rio e nas margens, quando se soltam e estão desgarradas de seus habitats ferais e acompanham as correntezas do rio e suas marés.

Em 2014, a Egeria Densa, segundo lury, em sua pesquisa, representava 79% da média vegetal das plantas aquáticas presentes no ponto 1. O ponto 1, é o mesmo que Vera Lúcia e Nayra lavavam roupa naquele momento. Já outras duas plantas encontradas eram a Naja, representando 14% e a Vaslineira representava 6% de toda a vegetação presente naquele ambiente aquático. Juntas e agrupadas, as espécies de plantas aquáticas, estavam naquele momento ajudando a moldar aquela paisagem ainda pouco explorada pelos empreendimentos turísticos, compostos por bares e restaurantes.

E são justamente essas que se encontram mais abundantemente nas margens soltas flutuando e sendo levadas pelas correntezas, ou enganchadas e presas nas cordas que estão prendendo as canoas e botes, mas também nos lemes e ancoras, construindo novas atividades de criações de mundos, empregando sobre canoas, botes, canoeiros e pescadores orientações comunicativas capazes de refazer sentidos das próprias experiências relacionais. É desse potencial

compartilhado de liberdade e criação de mundo que podemos avançar para vidas sociais mais que humanas. (TSING, 2019, p. 125).

Lavando seus panos duas vezes por semana, no mínimo, Vera Lúcia e Nayra verbalizam que o “rio está poluído, que tem muita bagaceira de, porque as pessoas quando vem tomar banho deixa muita bagaceira, lixo, resto farra.” Vera Lúcia lavando roupa desde pequena, diz que está tudo diferente, antes a beira do rio era cheia de gente lavando roupa. Antes era menos lodo, menos planta perto da margem. Mas também fatores externos como água nas torneiras e maquinas de lavar afastaram as lavadeiras do rio.

Elas compartilham de sentimentos comuns, de experiências de vida parecidas. Trazem com elas modos distintos de colaborações, de perturbações que se desenvolveram anos afio pelas mulheres que antecederam e que continuam a escorrer pelas suas mãos e modos particulares de lavar roupa junto e com o rio. Nos termos de Anna Tsing (2019), o lavar de roupas nas margens do rio, se emprega através de uma diversidade cultural contaminada, que se une e se molda também moldando e interagindo, mesmo que não intencionalmente, a diversidade biológica próximas das margens, em que estão as assembleias ferais compostas por plantas, lodos e até mesmo as próprias pirambebas.

No mesmo dia em que encontro Vera Lúcia e Nayra na croa da bomba ou no ponto de coleta 01 de acordo com a pesquisa do meu irmão lury (2014), deixando para trás essas mulheres, sigo caminhando, refazendo o caminho de volta pela beira do rio até em frente à casa dos meus pais. Aqui (lá) a quantidade de plantas aquáticas e suas formas coletivas em assembleias, é bem maior. Elas estão por toda parte, feralizando com mais pujança, liberdade e destreza.

Diferente do ponto de coleta 01, aqui temos um rio mais raso, menos profundo, caminhando dentro do rio, você pode ainda ir por uns duzentos a trezentos metros com água pela cintura até atingir o pescoço tranquilamente. Pouca correnteza, velocidade reduzida do rio. Em suma, o rio por essas bandas e nas margens da grande croa central, perde força.

Seu fundo é composto de uma areia mais pedregosa, embora a presença de lama também tenha se intensificado nos últimos meses, justamente porque a

camadas sucessivas de plantas, lodos, com a presença e grande concentração de caramujos trombeta, que tem origem nos continentes africano e asiático e cujo presença nos últimos anos tem se tornado de fácil identificação dentro e fora do rio.

Assim como outras espécies de caramujos, como o africano, que também pode ser visto se relacionando e participando das assembleias ferais, inclusive botando seus ovos rosas sobre toras de madeira que servem de estaca para a amarração das canoas, lanchas e botes, o caramujo trombeta é uma espécie invasora, sugerindo aqui, que seguindo o rastro dos períodos de conquistas e invasões chegou até aqui atracado em navios e grandes embarcações e que se desenvolvem melhor em ambientes muito degradados, poluídos.

Rastejando lentamente embaixo da água, deixa fixado na areia do rio, linhas retas e tortas, que se cruzam com tantas outras também construídas e elaboradas por centenas de caramujos que não chegam a atingir mais que 3~4 cm. Eles estão em suma, tecendo seus próprios processos de habitabilidade, de rastros de memórias fixados a partir de paisagens modificadas e ressurgidas no Antropoceno.

É neste contexto, moldado também pela presença de tantos botes, canoas e embarcações de pequeno porte, que encontro Simone, neste local que também serviu de ponto de coleta da pesquisa de Iury (2014), e que está justamente na frente da casa dos nossos pais. Simone é moradora da rua da Alegria (popularmente conhecida como rua do boga). É a última rua antes de todos os caminhos levarem para a beira do rio.

É uma rua de gente que aprendeu e se acostumou a ter o rio sempre cheio, com um rio que se encontrava com as cercas feitas de madeira e arame. Que também corria por entre elas, avançava por sobre o quintal. Neste tempo as pessoas, não só da rua da Alegria, mas também da São Francisco, recebiam o rio em seus quintais.

Cansei de ver, sempre na casa do meu tio Dédo e aqui também onde morou minha vó paterna, depois minha tia Izabel e hoje moram Tio Zacarias e meus pais, o rio adentrar e peixes também acompanhavam os movimentos. Dava para pescar, lavar roupa, brincar com tocos de mulungu que chegavam boiando com as correntezas do rio. Os mulungus, árvores do sertão e caatinga, é uma árvore de

tronco mais “macio”, menos rígido e através dele é que conseguíamos esculpir e fazer as nossas tabicas.

Quando avistávamos um pedaço de mulungu boiando, corríamos para pegar para ver de dava para fazer uma canoinha. Quando não, aquele pedaço servia para fazer de boia. Às vezes trazíamos para a casa porque outra serventia ele teria. Hoje, muitos troncos de mulungu servem também a elaboração de peças artesanais encontradas em todo município de Pão de Açúcar, mas principalmente da Ilha do Ferro.

Quase que diariamente Simone atravessa a croa para lavar roupas, tanto de sua família, como as trouxas que arruma de outras famílias, que mantem ainda o habito de ter lavadeiras, que lavam e passam roupas semanalmente. É lavando roupa que Simone consegue mais um trocado que ajuda no sustento de sua casa.

Simone como tantas outras mulheres que cresceram nas margens do rio, aprendeu a lavar roupa ainda muito jovem ajudando sua mãe. Atravessando o tempo, as dificuldades do cotidiano e o calor das manhãs ensolaradas do sertão, ela está sentada sobre um banquinho de plástico, com um guarda-sol por sobre sua cabeça. Dentro do rio, com uma bacia de alumínio e mais três grandes baldes de roupa, lençóis e outros panos, ela lava, esfrega, e esfrega mais ainda, lavando, esfregando repetidamente, parece não se cansar com tanto esforço.

Ela só levanta do banquinho em que está sentada quando já ensaboou, enxaguou e sacudiu todas as peças de roupa que tinha pego na levantada anterior. Essa cena se repete por inúmeras vezes até que todos os baldes com roupas, toalhas, lençóis, colchas estejam totalmente lavadas e prontas para serem estendidas ou na areia da croa ou no varal que fica no quintal da sua casa, que também é na beira do rio.

Com um balde na cabeça e outro na mão, Simone atravessa toda a croa, duas ou três vezes para estender suas roupas e é aí que o trabalho acaba naquele dia. Daqui do terraço da casa dos meus pais eu consigo ver a casa de Simone, assim como muitas casas que compõe a Rua da Alegria. Uma rua bastante estreita que quase não cabe um carro. É ali que moram muitos pescadores, ou

descendentes de famílias de pescadores, corredores de canoas, de gente que a vida toda teve e ainda tem ligação com o rio e seus usos e frutos.

IMAGENS 86 E 87: rio seco e rio cheio.





SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. (2021).

Há um silêncio na beira do rio àquela hora da manhã. Simone trata logo de quebra-lo através dos movimentos que faz com as mãos, puxando a água de dentro do rio em direção aos panos que lava. É o enxaguar que tece maneiras próprias de Simone se relacionar e criar suas próprias memórias e trajetórias junto com o rio. Ao mesmo tempo em que o lavar das roupas criam paisagens fixadas temporariamente no cotidiano.

Ela, as roupas e o rio, estão emergindo como indivíduos nesses processos de interação. Ela tece todas as manhãs conexões e vínculos profundos com o passado, com o seu presente e com memórias de uma vida sendo moldada e experienciada junto ao rio.

Atrás de Simone, não muito distante dela, outra paisagem tem se formado. Ela faz contato visual, mas não interage diretamente. Nas suas costas, uma assembleia feral se forma. Na superfície é possível ver lodo e as plantas aquáticas, tipo egeria densa ocupando aquele ambiente. Embora ela não tenha em momento algum que eu estive ali, construído uma relação mais próxima e mais direta com a

feralização em curso, ela sabiamente escolheu um lugar em que o comportamento das plantas que avançam para às margens, ainda não atingiu o grau de desenvolvimento simbiótico que era perceptível ao seu redor.

Para ela, ao me contar quando perguntei se as plantas atrapalhavam a lavagem de roupa dela, olhando para o conjunto de lodos e plantas atrás dela, respondeu que não atrapalha porque ela não vai até lá, porque ela escolhe sempre ficar onde não tem muito lodo, produzindo assim distanciamentos físicos significativos. O que não impede de todo modo a produção de diálogo marcado pela negação, pela ausência de disputa, mesmo que a assembleia e ela estejam emergindo em um mesmo ambiente, conformando uma única paisagem através das práticas que produzem.

Talvez o que Simone não saiba, assim como também não devem se atentar Vera Lucia e Nayra, é que a água do rio em contato com o sabão em pó, sabão em barra, como outros produtos utilizados por elas para ajudar na lavagem da roupa, são poluentes que diluídos nas margens e no próprio rio, servem de “alimento” para o desenvolvimento, crescimento e feralização das plantas, já que estas servem como bioindicadores e despoluidores de ambientes aquáticos, assim como servem e se alimentam dos resíduos lançados por esgotos, óleos e agrotóxicos.

A própria Simone tem continuamente sido afetada simbioticamente e paisagisticamente pela feralização das plantas e do lodo. E não é uma realidade objetiva que demonstra essas ações acontecendo no tecer manhãs. Ao dizer que Simone participa e é afetada pelas transformações e alterações do ambiente, em decorrência das parcerias simbióticas entre plantas, algas, lodo, espécies animais e moluscos, são porque, ao longo desse tempo e de intervalos entre essas caminhadas nas margens e encontros dentro do rio, e no momento que escrevo essa narrativa, já vi Simone se reorganizar, mudar de lugar, ocupar outros pedaços da beira do rio e seus modos de interação com ele.

Ela já esteve mais na beirada, sentada entre e areia e água, como também faz Nayra lá na croa da Bomba, já esteve mais próxima ao quintal de sua casa, quando o rio encheu nesses últimos dois anos. E já ficou períodos sem ir lavar, quando às margens ficaram tomadas pelas assembleias ferais e seus modos

engajados de construir seus próprios mundos, sem que para isso o componente humano passe a atuar diretamente, embora seja presença constante.

No dia vinte de junho de 2021, um domingo à tarde, quase no final do dia, em mais um desses domingos que a beira do rio se encontrava fechada para aglomerações, embora no meio do ano o movimento sempre é muito menor e ou quase inexistente, pois é tempo bastante chuvoso por aqui, era visível o quanto o rio estava seco e o quanto o lodo e as plantas aquáticas avançavam sobre o seu corpo nas últimas semanas.

Enquanto a chuva caía, passei a monitorar e a observar o movimento do rio naquele domingo. Pela manhã vejo o quanto ele está mais rápido, mais veloz, tem correnteza empurrando-o em direção ao oceano, ao encontro do mar, em decorrência das chuvas que caem em outros pontos do rio. Correnteza mais forte por aqui, só quando a hidroelétrica de Xingó libera água, aumenta a sua vazão, permitindo que o rio volte a ocupar e a romper com as margens impostas pelas constantes reduções de vazão e seca prolongada no sertão.

Passava das quatro horas da tarde quando resolvo descer para observar mais de perto a real situação calamitosa e drástica do rio em conformidade com os acentuados processos de feralização do lodo com as plantas e com outras espécies mais que humanas que ajudam a tecer e entrelaçar os fios de novas paisagens e modos peculiares de habitabilidade das margens e do próprio rio.

A feralização aumenta não só pela baixa vazão, acúmulo de sedimentos, presença de óleo dos motores das embarcações, de poluentes que são lançados no rio pelas paisagens agroindustriais, mas também pela ausência do componente humano ao longo dos meses em que a circulação, permanência estava proibida com mais frequência na beira e margem do rio.

Situações parecidas ocorreram em muitos lugares espalhados pelo mundo. Animais que não eram vistos em alguns ambientes por muitos anos voltaram a aparecer e circular como é o caso de golfinhos em Veneza²³. Florestas se regeneraram, paisagens destroçadas por gases poluentes ficaram aparentes por

²³ <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/sem-turistas-por-conta-da-pandemia-golfinhos-sao-flagrados-nadando-em-veneza/>

algumas semanas²⁴, assim como rios e córregos tiveram também seus momentos de ressurgência.

Assim também, no meu modo de entender e perceber essa conjuntura mais que humana e histórica que estamos vivendo através da pandemia e crise climática global, reorganiza, regenera, provoca perdas, rupturas, mas também faz emergir novas perspectivas, novos olhares, novas conjunturas e coordenações, que para o bem e ou para o mal estão a nossa volta hoje, agora e no amanhã.

Para o bem, porque nos põe frente a frente com a nossa vaidade humanística de que se pode ter o controle sobre tudo e todos e nos ajuda a repensar a maneira como queremos viver nossos processos de habitabilidade com e sobre o rio. Para o mal porque demonstra os avanços de destruição, do desequilíbrio, das ruínas e das garras avassaladoras do Antropoceno, desde que os primeiros navios e embarcações começaram subir e descer o rio, ocupando, invadindo, violentando, escravizando e enchendo leitos, margens e o próprio rio com espécies invasoras e estrangeiras.

Neste (naquele) exato momento, lodo e plantas transbordam, estão ao mesmo tempo atuando como extensão da precariedade da vida na lentidão, mas também como resistentes aos processos de destruição do mundo em aceleração. Suas multiplicidades de ações não só são possíveis, como estão acontecendo. A feralização das assembleias multiespécies a partir do lodo, plantas e outros seres, não é algo que os humanos tenham conseguido parar e ou frear com mais eficiência.

Com uma câmera na mão, na beira do rio, procuro me conectar com as energias de um dia cinzento depois de tanta chuva. Duas crianças estão dando banho em seus cavalos. Elas moram com seus pais em uma casa ao lado do fundo do quintal da casa dos meus pais. Não estando tão próximo deles, animados e conversando ao terminarem de dar banho e água aos cavalos, eles saem em direção de casa. Antes disso, é preciso atravessar a grande croa.

²⁴ <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/emissao-de-poluentes-no-ar-diminuiu-7-por-causa-de-pandemia/>

A criança que aparenta ser mais nova está montada no cavalo, enquanto o outro, caminhando, puxa lentamente o seu cavalo pela corda. Até que eles começam a conversar sobre a situação do rio. O mais novo olhando para trás, para o rio, diz ao mais velho, que o rio secou, está mais seco. Completando e de certa forma concordando com a constatação, o mais velho diz que de manhã ele estava um pouquinho mais cheio e olhando para o chão, mostra a marca que se forma quando o rio avança e depois vai recuando, vai secando e evaporando de forma bastante rápida.

Eu também percebi essas mesmas situações reparadas pelos garotos e por isso mesmo eu resolvi descer, atravessar e ir até a margem do rio e permanecer lá por muito tempo, observando, refletindo, tentando encontrar meios claros e coerentes, pois o alerta produzido pelos meninos, ribeirinhos como eu, é resultante não só das baixas vazões, mas também pelos níveis alarmantes do aquecimento global, a nível mais geral, produzindo processos mais acelerados de evaporação da água no rio, no seu percurso final.

Essas marcas que o rio deixa sempre que avança um pouco, um pouco mais, muito e depois seca rapidamente, são fundamentais para compreender as mudanças, os esforços contínuos do rio em permanecer tendo o domínio de seu próprio curso, mesmo que o complexo hidroelétrico gerido pela CHESF, produza relações de poder, de controle e força sobre o Opará. As colorações de diferentes tons na areia do rio, permite então mobilizar observações dos pescadores e de nós que fomos criados ali saber de longe, se o rio avançou durante a madrugada e o quanto que ele baixou no findar de mais um dia.

Quanto mais clara a areia na margem estiver, significa que já tem alguns dias que o rio não chega naquele nível, não avançou o suficiente por sobre a croa. Quanto mais escura, passando por tonalidades entre o verde escuro, o amarronzado e o preto, mais lamacenta, significa então que ali o rio estivera até pouco tempo estabelecendo seu ritmo, suas expectativas e suas brumas leves.

Ao mesmo tempo, outro fator que deve ser observado nesses momentos de idas e vindas mais sutis do rio, porque há períodos em que ele avança significativamente ao ponto de cobrir quase toda croa. É a presença das egerias

densas na beirada, acompanhando o movimento do rio, elas avançam juntamente com as marés e com a correnteza sobre a croa e quando o rio volta a correr em curso “normal”, elas ficam, sem forças, não conseguem também retomar. Quanto mais secas elas estiverem nas margens, se passaram dias e mais dias do rio por ali.

Às vezes é possível encontrar, principalmente grandes quantidades de elodea-comum amontoadas pelas margens, fruto dos esforços do rio em expulsar para fora de suas águas aquilo que está em excesso. Que prejudica o desovar dos peixes e sua contínua reprodução, ao mesmo tempo que possibilita condições favoráveis ao aparecimento de espécies invasora como é o caso do caramujo trombeta, da corbicula flumínea, dos aruás que colocam seus ovos fixados em troncos de madeiras e tantas outras espécies.

Diferentemente das plantas que conseguem viver sobre o signo da indeterminação, das condições de adaptabilidade do lodo e de outras espécies que conseguem se desenvolver fora da água, a egeria densa, por exemplo não conseguem produzir outras relações em que não estejam recebendo comandos e estágios de submissão, já que o destino final de muitas, quando dispersas na areia da croa, é virar comida de animais de grande porte, como cavalos, éguas, jumentos e burros.

São constantes e comuns a presença de carroceiros, com suas carroças guiadas por cavalos, jegues, jumentos, éguas, que descem até a beira do rio em busca das plantas aquáticas que estão acessíveis fora da água, fora do rio. Os carroceiros não entram no rio e arrancam as que estão enraizadas, pelo contrário, eles esperam que ou outras pessoas façam esse trabalho e ou esperam que o próprio rio, agindo, lhes forneça a comida dos animais.

O seu ambiente é degradado, o que oferece condições de mutualismos para poderem viver em assembleias e se adaptando, resistindo, ocupando as ruínas e os destroços do Antropoceno. Terra seca sem umidade, sem água, sem fertilizantes não são convidativos para a egeria densa, para a Valisneira, duas das espécies mais encontradas, tanto pelo meu irmão, Lury (2014), nos seus pontos de coleta 1 e 2, bem como ainda hoje em maiores quantidades.

O que temos então são espécies de plantas rasteiras de diferentes tons de verde, formando pequenos arbustos que podem chegar a tamanhos ainda pouco maiores, como o que acontece no lugar bem próximo ao porto das lanchas e balsas. Lá as plantas que antes estavam submersas, foram se adaptando na beira do rio, absorvendo nutrientes que estavam compondo aquela paisagem específica, até que a assembleia feral atingiu outro grau de desenvolvimento e habitabilidade.

No dia 28 de março deste ano, os primeiros arbustos ainda estavam se formando nas proximidades do porto da balsa, assim como alguns aqui em frente à casa dos meus pais e no ancoradouro onde estão aglomeradas canoas, botes e barcos. Neste mesmo dia, o terceiro domingo de restrições sanitárias na beira do rio, por conta dos decretos estaduais, que ainda era possível notar a presença de poucas assembleias ferais emergindo sobre as paisagens na superfície, composta por canoas, botes e barcos pequenos.

Emergindo do fundo do rio, pouco a pouco e em sistema de lentidão e paciência, as assembleias vão se ligando, tanto na superfície como no fundo do rio, ocupando todas as partes ainda encobertas até que um imenso tapete tome conta do espelho da água. Se em março ainda eram poucas as assembleias, em junho, passados quase três meses e nenhuma interferência humana agindo e retirando o lodo e as plantas de dentro da água, elas em liberdade e destreza ocupam todo o leito e beira do rio. Ancoras, lemes, estão tomados pela feralidade, pela capacidade de não humanos em responder aos desastres de forma inesperada e intencional.

É importante considerar que esse grande tapete, como é chamado por aqui essa conjuntura feral, só vai se feralizar para valer e com grau enorme de evolução e adaptabilidade elevada, com grande extensão quase que de ponta a ponta da croa, porque também houve nesses meses de isolamento social, a ausência do poder público na retirada do lodo e das plantas aquáticas das margens.

O Poder Público Municipal, desde que as plantas e lodo passaram a ser um problema constante na vida ribeirinha, especialmente de pescadores, barqueiros, barraqueiros e dos próprios moradores que vivem, passou a ser também um problema para o próprio município, especialmente no que tange ao desenvolvimento do turismo. Neste sentido, de uns 8 anos para cá, o governo

municipal, já que existe ausência da própria CHESF e do Comitê da Bacia, em contornar e ou tentar amenizar a feralização, passou a atuar para reduzir ao máximo os impactos causados pelas plantas.

Convocando alguns trabalhadores do serviço de limpeza urbana para através de uma rede produzida em sentido horizontal, esticada por duas toras de madeira, em cada ponta e uma corda amarrada em baixo e segurada na outra ponta por um homem que ficava em cima de uma embarcação de fibra, dois homens, um em cada lado, vai até o local indicado, se posicionam abaixando seus corpos e começam a arrastar até chegar na beira do rio.

Eu percebi que em curto prazo a ideia funciona, estabelecendo assim a retomada de algumas atividades, até que mais uma vez, colonização feral nas margens volte a acontecer, tendo em vista que eles não conseguem eliminar por completo as assembleias. Em longo prazo, com o rio passando por constantes reduções de suas vazões, seca prolongada, ausência de chuvas nas cabeceiras de rios, riachos e afluentes, falta de correnteza e a enorme quantidade de poluentes contribui permanentemente para os contínuos estímulos simbióticos e performativos das plantas aquáticas.

Processos de perturbações, mesmo que lentos por parte das plantas, estão sempre se sucedendo, mesmo que a mesma prática performativa dos homens entrando e saindo de dentro do rio arrastando essa rede artesanal e puxando a maior quantidade de plantas e lodo que conseguem aconteça.

Do ponto de vista da abordagem de Anna Tsing (2019) esta relação, ou essas relações constituídas (mesmo que os humanos não percebam isso), entre as assembleias de habitabilidade mais que humana com os trabalhadores da limpeza do rio, fazem nascer paisagens entrelaçadas e moldadas através de conjunturas específicas e localmente situadas de perturbações e coordenações.

Assim como os cogumelos prosperam através das perturbações humanas, com erosão, com fogo e limpeza de seus habitats, há também um trabalho colaborativo não intencional entre os trabalhadores das margens do rio com as plantas aquáticas e seus modos de organização multiespécies, já que eles estão ali para fazer um trabalho de extermínio e não de proliferação. Mas, existem também

trabalhos colaborativos e simbióticos entre as plantas e os caramujos, que depositando seus ovos rosados, acabam por se alimentar e fazer regenerar paisagens.

As aves de rapinas, como o carcará também estão por ali, embora estejam em busca dos caracóis, eles também ajudam nos processos evolutivos, nas capacidades de adaptação, de modelagem das plantas. Além de contar com dois outros elementos que permanecem por muita das vezes ocultos aos olhos humanos, os fertilizantes e agrotóxicos oriundos do agronegócio, do agro pop, dos esgotos, que ainda se apresentam como problemáticos e que escorrendo por ruas das cidades ribeirinhas, são despejados ao longo do rio. Sem esquecer também do óleo diesel, que escapole dos motores e tanques das embarcações, das maiores às menores e se lança dentro do rio.

Através dessas coordenações tecidas através dos processos simbióticos é que paisagens ferais, protagonizadas por plantas aquáticas e que em um dado momento se transformam em plantas terrestres, por lodo e por espécies animais, se formam, se moldam, se reorganizam e resistem. É o que tornam as paisagens protagonistas de socialidades mais que humanas, capazes de desafiar as maiores intencionalidades e racionalidades dos homens etnocêntricos, brancos e imbricados nos sistemas de classificação e fazer ciência cartesiana.

Quando na primeira parte eu digo que convivia com o lodo e com muitas plantas aquáticas na infância e que elas eram espécies companheiras, estou em suma descrevendo e narrando relações construídas e elaboradas através de socialidades mais que humanas. Assim também como o próprio rio é tomado de maneiras tantas por processos sociais mais que humanos. Ele se permite ser mais que ele mesmo, mais do que uma única maneira de experienciar sua existência. Fazendo com que ele interaja, reaja, viva e projete modos de ser no presente e no dia que ainda há de nascer.

É impossível pensar hoje e observar o rio São Francisco sem a presença das assembleias ferais compostas por plantas aquáticas, espécies animais, como aves e invertebrados, como as galinhas d' água, como as garças, como os bois e vacas

que pastam e se alimentam também, no meio do rio, do próprio lodo, das próprias egerias densas.²⁵

²⁵ Para acessar o videoalbum deste capítulo, basta ir no canal do youtube.

<https://www.youtube.com/user/iguinho Luiz/videos>

Lá além desse videoalbum também tem outros vídeos produzidos ao longo desses anos de pesquisa e apresentações nos eventos acadêmicos.

Capítulo V

Os corpos encantados do Velho Rio: narrativas e encontros no Opará²⁶²⁷

Aqui se inicia uma nova narrativa, ou pode ser a continuação de tantas outras que estão por vir. Ao longo de toda tese, falei muitas vezes sobre práticas, técnicas, habilidades e modos de existência e experimentação de mundos pelos ribeirinhos do Baixo São Francisco, às margens e dentro do rio. Porém não foram feitos alguns aprofundamentos sobre tais reverberações cotidianas que moldam paisagens, o próprio rio e os corpos que estão dispersos em inundações de possibilidades de viver.

Começo a escrever essas linhas em um momento bastante significativo para nós ribeirinhos. O rio está enchendo. Enquanto o sol está se pondo por detrás da serra, lentamente o rio começa a avançar sobre a croa, sobre as serras que o margeiam. É uma cheia anunciada e programada desde meados de dezembro de 2021, desde quando os reservatórios e hidroelétricas de Minas Gerais, Bahia e Pernambuco começaram a subir de nível e acumular bastante água, em função das fortes e intensas chuvas que caíam e caíram nesses estados. Afetando não somente cidades, destruindo comunidades, mas também provocando mudanças de rotinas de comunidades ribeirinhas, desde o alto São Francisco até a foz.

Desde o início da semana, dia 10 janeiro de 2022 que alertas emitidos pela CHESF (Companhia Hidroelétrica do São Francisco), pela defesa civil estadual de Alagoas, alertando as cidades ribeirinhas, tais como Piranhas, Pão de Açúcar, Belo Monte, Traipu, Penedo e Piaçabuçu que tem suas margens mais próximas do rio, sobre os riscos iminentes de inundações e possíveis destruições de estabelecimentos comerciais às margens do rio. Pois a previsão era de uma vazão acima de 4.000 m³ até o dia 24 de janeiro.

²⁶ Este capítulo contém narrativas audiovisuais: https://youtu.be/2q8BDU88_vg e também <https://youtu.be/856au6Bl6l8> e ainda: <https://youtu.be/5KQ0n3-BgC4>

²⁷ Este capítulo também contém um álbum fotográfico, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bFGPPvy-c2Y>

Mas como as chuvas não paravam no Sudeste e parte do Nordeste, a enchente do rio perdurou ainda entre os meses de fevereiro e março, só voltando estado “normal” do rio, no início de abril. Essa cheia com essa proporção não era vista há bastante tempo. Secas prolongadas, ausência de chuvas regulares, aumento da geração de energia, aquecimento global, nos impossibilita de viver na companhia de um rio mais abundante e profundo.²⁸

IMAGENS 88, 89, 90 e 91: início da enchente em janeiro de 2022.



²⁸ Segundo Silveira [et al...] (2016), as mudanças climáticas tem produzido nos últimos anos, mudanças significativas nos ciclos hidrológico, através de modificações comportamentais de evapotranspiração e precipitação.





SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. (2022).

A última vez que a vazão chegou a atingir esse nível foi em 2009. E de lá para cá, muita coisa já aconteceu. O rio ficou mais seco, o ritmo da navegação mais lenta, as croas e bancos de areia se espalharam por todo lugar, ocupando muitos

trechos do rio, desde próximo à hidroelétrica até a foz, sendo que com mais intensidade aqui na cidade de Pão de Açúcar, ao passo que plantas aquáticas e também terrestres começaram a brotar nesse mesmo banco de areia, compondo paisagens até então nunca vistas. E mesmo com o rio cheio e as pequenas croas e os bancos de areia sumissem por meses, as plantas, estavam lá resistentes, algumas totalmente submersas, outras mostrando seus galhos e ramos para além do nível da água.

Enquanto estou aqui sentando, vendo ao mesmo tempo o rio avançar lentamente e expandir seu território e o sol se pôr, é também intensa a movimentação de homens, jovens, mulheres, crianças indo e voltando atravessando a croa, retirando seus materiais de trabalho onde a água já começa a se espalhar e ocupar o que antes lhe era natural. São pescadores, donos e donas de barraca, canoieiros, empurrando suas canoas, botes e removendo suas barracas e trazendo, à medida que o rio avança, mais próximos para as cercas e muros das casas da rua da alegria e da rua São Francisco. Balsas e lanchas também foram se aproximando dos seus antigos portos. Esticando ainda mais o tempo de travessia entre Pão de Açúcar e Niterói.

Duas espécies de barracas são comuns nas margens do rio. Há aquelas que são moveis e tem estrutura de metal e são cobertas de lona, essas conseguiram ser retiradas da beira do rio. As outras são de estrutura de madeira, cobertas de palhas e sua remoção não é tão simples assim, então quanto mais o rio avançava elas iam sendo cobertas.

Apenas alguns deles não ficaram completamente encobertas, ficando a mostra apenas o teto de palhas de coqueiro. Só foi possível retirar utensílios, como cadeiras, mesas, freezers, geladeiras, fogões, e tantos outros objetos necessários para se estruturar os bares.

*Tirando um bote*²⁹ nessas marés de um rio que enche, mas que não controla mais as suas próprias cheias e necessidades, quero e vou narrar aqui, como já

²⁹ Tirar bote, significa usar uma boia feita de câmara de ar de um trator ou caminhão, até mesmo de um carro, e usara-la para sair pelo meio do rio navegando em cima dele, ou segurando apenas com as mãos enquanto o corpo está todo fora da água. Na minha infância, adolescência era comum juntarmos os amigos e saí de lá dos pés do morro do cavalete, na praia da bomba, até aqui em frente

anunciei nas primeiras linhas, as transformações, as mudanças, as ressignificações, as experiencições corporais, sociais e ambientalmente culturais que nós ribeirinhos, habitantes das margens esquerda do rio, na cidade de Pão de Açúcar e no seu entorno, temos sido convidados e convidadas a experienciar junto e com o rio ao longo desses últimos anos, em que as mudanças climáticas, a seca, a exploração energética, as políticas públicas de distribuição de água e do desenvolvimento do agronegócio têm provocado renegociações com um rio que perde autonomia e que conseqüentemente impactam na forma de vida de seus habitantes humanos e mais que humanos.

A noite vem chegando, o sol já está adormecendo. Nos quintais com suas cercas de madeira e ou de alvenaria, nas margens, cachorros latem, anunciando em um ritmo frenético, o findar do dia. Pescadores, alguns deles, chegam com suas redes de pescar, com seus remos, se organizam e partem rumo ao peixe que por ventura apareceu depois que o rio começou a encher. Na croa, que ainda existe, meninas correm atravessando a mesma praia, em direção a casa, mas não sem antes terem feito suas atividades, jogando bola.

Assim como também fizeram ao longo da tarde, alguns jovens rapazes que cotidianamente remodelam ou performam seus corpos e suas ações através de uma partida de futebol. Como um dia eu também já fiz e fizeram meus irmãos e primos e amigos, apesar de alguns desses amigos de infância da rua da alegria e da rua são Francisco continuem a jogar um bom racha na croa.

Construindo seus próprios ritmos, seus próprios caminhos de reconhecimento de si mesmos sobre a vida, muitos desses agora, distantes no sentido da relação, mas próximos fisicamente, colaboram para a continuidade do futebol. Reunindo-se quase todas as tardes, eles compartilham com os mais novos, um jogo de bola que é só nosso. Não existem linhas divisórias que delimitam o campo pela lateral.

Até eles aguentarem correr pelas laterais, tentando se livrar da marcação oponente e também tentando controlar a bola que corre na velocidade do vento, os

à rua da alegria. Sempre no final da tarde e ou início da manhã era comum ver muitos grupos de jovens fazendo o mesmo ritual, executando essa mesma prática e técnica de também se navegar. Hoje não é mais possível ver essas mesmas manifestações aquáticas e de navegação acontecendo.

corpos, em sua maioria pretos e negros estão em processos contínuos de educação, de atenção e não apenas de transmissão. Cada jovem, cada adulto, cada criança que se dispõe a jogar futebol de areia ou o racha da rua de cima, terá que ele mesmo moldar e entender seus limites.

Estar aberto para os percalços e entendimento sobre sua própria consciência corporal. Eu mesmo quando jogava, eu corria bastante, principalmente pelas laterais e sem me limitar a um pequeno espaço territorial. Enquanto houvesse fôlego e croa, lá estava eu correndo, seja para marcar o oponente, seja com a bola nos pés, correndo contra a defesa adversária.

Dentro do rio, mesmo que daqui do terraço da casa dos meus pais eu não consiga ver direito, ouço barulho de motores, botes, lanchas tipo voadeiras, que estão cruzando o rio vindos do norte para o sul, ou do sul para o norte, ou como seja mais fácil entender subindo e descendo o rio, até encontrarem seus portos, sua margem segura.

Eles e elas trazem historias, trazem pessoas que no dia seguinte vão a uma consulta, vão resolver questões, vão fazer feira, vão apenas fazer compras, ou até mesmo usam Pão de Açúcar como fase de transição para outras cidades. Ou são simplesmente pescadores que chegam de mais um dia de pescaria, trazendo com eles peixes e até mesmo uma canoa vazia, mais alimentada de esperança e de dias melhores por vir.

Uma brisa suave e leve preenche o fim de tarde. Estamos à espera da chuva que enrola, enrola e não caí, apenas goteja pingos que não chegam a tocar o chão, se dissipam no ar através do soprar da brisa que vem justamente de Sergipe para Alagoas. Muitas chuvas e muitos períodos chuvosos tem se iniciado em Sergipe, cujas serras são menores e não dificultam que as nuvens carregadas caiam no solo sertanejo e até mesmo dentro do rio.

Pão de Açúcar é uma cidade cercada de grandes serras e quando está se formando para chover, elas ficam presas as essas serras e como a cidade está encravada e em um nível mais baixo que o nível do mar, a chuva por aqui, as vezes acaba passando direto. Chove nas comunidades rurais, mas na sede do município é muito difícil.

5.1- Entre o rio e a caatinga: olhares simbióticos:

Nos rádios dos vizinhos e também no daqui da casa dos meus pais , todos estão a ouvir e escutar a hora do vaqueiro, que toca músicas ligadas a vaquejada, aboios e todas elas, as músicas fazem conexões com as nossas origens sertanejas, nordestina, dos modos cotidianos, que homens e mulheres sertanejas, tem de encarar a vidas, as dores, os sofrimento a escassez, mas também como estão o tempo todo conectados com a terra, com a força e com a ousadia de abandonar suas terras, seus sonhos e as memórias e histórias vividas juntos ao mandacaru, xique-xique, caibreiras, que são arvores nativas do sertão e que são comumente presentes nas vidas do povo sertanejo, principalmente para aqueles e aquelas que vivem a prestigiar, correr e ou brincar de pega de boi no mato, em uma vaquejada.

Essas árvores, são sagradas, são encantadas, são, juntamente com a jurema, arvores consagradas aos Caboclos da Umbanda. Como canta em uma toada de Caboclo, a Yalorixá e também atriz Chica Xavier:

“Mandacaru, no meio do sertão, é altar de vaqueiro, onde ele faz sua oração. Pai nosso, Ave Maria, está na hóstia consagrada. Meu Deus, se eu perder o boi, não vou perder a boiada. Zambi vai me dá forças para eu tocar minha guiada.”³⁰

Ao mesmo tempo exaltam a coragem, os amores dos corredores de pegadores de boi no mato, da valentia de correrem entre a caatinga, de terem seus rostos e seus corpos marcados pelos galhos das árvores, pelas quedas, pela força aguerrida no laçar de um boi valente. Caatinga e o rio São Francisco se unem, se moldam e compartilham de experiências que não conhecem fronteiras. Mandacarus, estão por vezes sendo banhados pelo rio. Ao mesmo tempo em que o Velho Chico ganha cores, sabores e leveza com a presença da fauna e flora oriunda do sertão, da caatinga, bioma único no mundo.

³⁰ Cantiga e ou ponto de Umbanda entoado frequentemente dentro do GUESB (GRUPO UNIÃO ESPIRITA SANTA BARBARA), onde sou um iniciado, em giras e louvações para os Caboclos.

São paisagens que se complementam, tem a força da simbiose, das assembleias humanas e não humanas. Somos da caatinga e também das águas doces. Somos corpos forjados e esculpidos pelo sol quente, pelo riacho seco, pelos galhos das umburanas, dos mulungus, das aroeiras, dos umbuzeiros, das gameleiras, das craibeiras. *Os lugares sempre estão aí em si, para confirmar.* (GUIMARÃES ROSA, 2019, p. 27).

O sertão está em toda parte, até dentro do peito daquele ribeirinho que se põem a pescar. Dentro da mulher que lava suas trouxas de roupa, mas sabe que outras mulheres não têm nem como as lavar. *Sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar. Viver é muito perigoso.* (idem, 2019, p. 25).

Somos caboclos espreitando as tristezas, mas também seres desaguados em cada margem deste rio. Nossos corpos em multiplicidade de existências e resistência se moldam através de nossas práticas cotidianas junto com outras práticas, pessoas, animais, seres ontológicos, e míticos, que vagueiam e se escondem dentro das águas, à espera do seu momento de ser somente ele, a lua e o rio.

Inspirando a mim, em particular a pensar o tempo e o território como mais do que fixados em estruturas já dadas e definidas, pelo contrário, o rio é um ser multidimensional, assim como a caatinga e o sertão, são formadoras das experiências e dos corpos que neles habitam e dialogam. O rio é gente, é corpo e alma, é boca e ouvido, é mãos e braços. É potência inventiva.

Quando nadamos, corremos, mergulhamos, remamos, pescamos, corremos na canoa, quando jogamos bola, brincamos de corrida de tabicas, quando acompanhamos uma procissão, tiramos um bote, andamos de caiaque, passeamos, pilotamos uma embarcação e até mesmo prestigiamos e acompanhamos de perto uma vaquejada e ou uma procissão fluvial, um funeral, é o Opará, o São Francisco que nos possibilita junto a caatinga, estarmos conectados as nossas múltiplas vivências, aos múltiplos corpos em um só, aos múltiplos saberes, seres e experiências de sermos partes de mundos fluidos e contínuos.

Conforme o rio vai se moldando lentamente e também aceleradamente por transformações aceleradas pelos seus não querereres próprios, mas por modificações do imperialismo industrial e estatal, todas as possibilidades de devires também são abruptamente afetadas, extintas, asfixiadas e cooptadas em muitos contextos pela mão invisível da modernidade capitalista, moralmente homogênea e padronizada pela racionalidade eurocêntrica e moderna que institui modos de comportamento e conhecimentos dados como exclusivos, certos e estupradores da nossa diversidade e das nossas criatividades corporais na beira e no meio da caatinga.

Assim, temos observado ao longo do tempo prevalecer um mundo construído por sentidos de humanidade em que sobressai o modelo dominante de gerenciamento da vida. Esse padrão acaba definindo quais são as formas possíveis de sentir, fazer e ser. A sustentação dessa lógica como sendo o único caminho discursa sobre a grandeza das coisas, sai em defesa da ideia de torna-se pela aquisição de bens materiais, devoção ao acúmulo, propriedade e a obsessão por um mundo soterrado pelas invencionices que falseiam e iludem os seres os subordinando a uma noção distorcida de bem-estar. (SIMAS E RUFINO, 2019, p. 47).

Para muitos ribeirinhos, esperar pela cheia é a certeza de um milagre, é a certeza que a providência divina de Deus, de Jesus, Maria, São Pedro, Bom Jesus dos Navegantes estão agindo sobre o rio. Segundo os próprios moradores, é Deus quem sabe a hora certa de mandar água... Há quem se apegue somente a fé para explicar sobre a situação, que no fundo tem mais do que a própria demanda divina. Há um silenciamento, um esquecimento eu diria, ou a falta de visão sobre problemas reais e concretos que assolam às nossas margens e o próprio rio.

Baixas vazões, seus prolongados assoreamentos, poluição, erosão, não são obras do poder divino (pode até ser), de repente como um castigo, mas é, sobretudo resultado, principio e fim da nossa própria ganancia expansionista, pela nossa maneira de tentar ser grande, da grandeza que cega os olhos dos mais desafortunados de esperança.

A Antropóloga Suzane Alencar, no seu texto: "O Astro do Tempo e o fim da Era: a crise ecológica e a arte de assuntar entre os quilombolas do Alto Sertão da Bahia", (2015), constrói uma narrativa em que argumenta, em primeiro lugar, que o

planeta passar por uma mudança de Era, e essa mudança atravessa entre outras coisas, a percepção e a prática criativa de plantas, pessoas, animais, água e terra. *Sob o signo da mudança de Era, as pessoas, os animais, as plantas, a terra e a água vão diferenciando em seu potencial criativo.* (VIEIRA, 2015, p. 17).

Ou seja, cada corpo e ou ser ocupante deste vasto mundo em transformação, em mudança, se vê e se percebe de diferentes modos experimentando essas mudanças. Neste caso, quando falo que as pessoas em Pão de Açúcar parecem não entender a gravidade do problema, estou generalizando, quando na verdade, devo indicar que pescadores, barqueiros, canoeiros, estão também produzindo suas próprias percepções e modos criativos de contextualizar a crise hídrica pela qual passa o São Francisco.

Cotidianamente eles estão em seus barcos, em suas canoas, em seus estaleiros, conversando, dialogando, assuntando sobre mudanças, sobre falta de peixes, sobre a impossibilidade de navegar, sobre a seca, sobre o sol quente que deixa quente cada amanhecer. É na lida diária que esses homens constroem e se orientam perante as ameaças de desaparecimento e uma possível morte do rio. Eles sabem e dialogam com a partir da sua realidade, da particularidade vivenciada e cindida no tempo presente.

Assuntar também é uma forma cautelosa de lidar com “assuntos pesados”, e afrontar algo que ultrapassa a experiência cotidiana e alça o domínio do Mistério, do sobrenatural, do tempo de Deus. A prática de assuntar é cercada de muita cautela, pois, nesses momentos, lida-se com um acontecimento no curso do qual apenas se têm notícias parciais, no limiar das transições sobrenaturais. [...] A arte de assuntar é caracterizada por uma incompletude fundamental, pela recusa da unidade de significado e da síntese totalizadora do sentido dos acontecimentos. A arte de assuntar lida com o perigo, com a indeterminação e com a instabilidade, e se arrisca, continuamente, a cada especulação, colocando em curso um pensamento nômade agitado pelo humor e pela precaução. (Idem, 2015, p. 17).

Em 2019, entre outubro e dezembro, uma outra cheia também deixou muitos ribeirinhos surpresos e agradecidos a Deus por mais esta bênção. Naquele ano a vazão do rio atingiu 2.700 m³ por segundo, não chegando a trazer maiores prejuízos

para a população ribeirinha e os próprios comerciantes que sobrevivem do seu trabalho nas margens.

Através das perambulações nas margens, pude acompanhar algumas realizações práticas, de técnicas e saberes que se reorganizavam com a cheia. Eram crianças correndo nas partes mais rasas com as bolas dentro da água, eram os mais adolescentes e adultos montando as corridas de tabicas e depois brincando com elas, indo e voltando enquanto o sol esquentava seus corpos.

A brincadeira de tabicas e ou corridas de tabicas, como costumamos chamar por aqui, ou além corrida de canoas mirins, é uma longa tradição que perpassa gerações e que se espelha nas grandes corridas de canoas. É muito comum entre crianças, adolescentes e também adultos, principalmente de moradores da rua São Francisco, rua da Alegria e da Avenida e rua Ferreira de Novaes, comunidades estas que se moldaram e se formaram pela construção familiar de pescadores, barqueiros, mestres canoeiros.

Eu, mesmo quando criança e adolescente, tinha a minha própria canoinha. Geralmente elas eram feitas do tronco do mulugum que vez ou outra passava boiando no meio do rio e ou ficavam encalhados na beira depois de cheias e ou quando os riachos corriam em tempos de chuvas intensas.

Naquela época o mulugum era uma espécie de madeira mais fácil e leve de ser talhada e obter o formato propício para a navegação. O mulugum era disputadíssimo entre as crianças e entre os jovens que queriam ter a melhor tabica. A melhor tora e ou pedaço de madeira era por conhecimento dos mais antigos, era fundamental para fazer a canoinha flutuar mais firme e suportar o vento.

Junto com irmão, irmã, primos e primas, amigos da rua da alegria e da São Francisco, nos reuníamos na Toca do Índio para fabricar artesanalmente as nossas canoinhas e ou tabicas, contando sempre com a ajuda de um mais velho. Os panos eram feitos de sacolas plásticas encontradas nas nossas próprias casas e trazidas dos supermercados, das feiras. Eu nunca tive lá muita habilidade e jeito para produzir minha própria tabica e nem muito menos sabia cortar um pano do jeito que tinha que ser cortado e amarrado nas varetas que serviam de mastros.

Raras foram as vezes que eu conseguir ganhar uma corrida e ou chegar em primeiro lugar, mas estava sempre por ali, me divertindo, aprendendo, interagindo criando a minha própria história, memória e narrativa juntamente com aqueles e aquelas que cresceram cercados de em desague constante com o rio. Na nossa infância, o vento e a vela levavam as tabicas para bem distantes de nós. Às vezes viravam no meio do caminho, se enroscava em outra, quebrava bigorna quando virava diante de um vento bem forte e ou quando encontrava margem, pedra, canoas pelo caminho.

Os panos por serem de sacolas plásticas também rasgavam com facilidade, no meio deles se abriam buracos, fendas, aqueles que tinham panos reservas, colocavam, aqueles que não, terminava por ali a materialização de suas técnicas e fontes inesgotáveis de habilidade. Correr atrás delas, era uma parte importante e interessante, quanto mais para o fundo elas iam, já que a gente não tinha controle sobre a sua direção, mas complicado e perigoso ficava para nós diante da profundidade e da nossa baixa estatura, pois cada um e cada uma, tinha que correr atrás da sua canoinha.

Entre a década de 1990 até os anos 2000, era bastante comum e intenso, principalmente entre o início da primavera e final do verão a quantidade de crianças, adolescentes, jovens e também adultos povoarem a beira do rio com suas pequenas embarcações, trazendo marés de práticas, de costumes, de habilidades e sentidos de existências para com o rio. Era uma febre, toda criança queria ter a sua. Os mestres canoeiros, habilidosos na construção de grandes embarcações também realizavam a construção técnica das pequenas tabicas. Era um dinheirinho a mais para esses homens tão devotos as construções navais e a pescaria.

A melhor hora para ser parceira das nossas brincadeiras, era o fim da tarde, lá pelas quatro, quatro e meia da tarde, quando o vento soprava com mais intensidade vindo do Sul, subindo o rio em direção ao poente. Quando as marés agitadas que pareciam acompanhar a demanda dos ventos, também subiam rio a cima, às vezes também trazendo o vento de refega, vento fundamental para se largar qualquer corrida de canoa.

O vento de refega, é um vento que, explicando do meu jeito de entender, é um vento que ele não se anuncia, não se percebe ao longe, ele parte de algum lugar rapidamente, dá e passa. Por minutos afio os canoieiros e os brincantes das tabicas passam minutos, horas esperando por esse bendito. É o vento ideal para que haja uma boa corrida, rápida, sem desvios, sem lentidões, sem atropelos.

Por muitas das vezes, também costumávamos brincar na parte da manhã, principalmente aos finais de semana, quando levávamos para o rio, nossos quites de brincar. Bola de futebol de borracha (branca com preta), garrafas de vidro com suas armadilhas para pegar piaba, sacos de estopa para pegar saburica e outras espécies de peixes, como as traíras, piaus e tantos outros. Quando a gente se enjoava de um, corria para o outro até que desse a hora de voltar para casa.

Ao final do dia, quando já estava à beira do rio toda às escuras, quando o sol já tinha adormecido aos pés da serra do lado sergipano, voltávamos cada um segurando suas tabicas até o rumo de casa. Por muitas das vezes só com os gritos dos nossos pais, lá do outro lado da croa, na ponta da esquina da Rua da Alegria, ou da São Francisco com a Ferreira de Novaes e até mesmo da própria Toca do Índio, saíamos correndo, atravessando a croa e levando esporro dos mais velhos. “Isso não é mais hora de você está no rio!”, “Vai ficar de castigo e não vai sair mais hoje para brincar na rua!” “Passa para dentro, Igor e passe direto pro banheiro tirar essa roupa molhada e essa terra!” Dizia meu pai.

Muitos, depois que o rio ficava todo escuro, só sendo clareado por uma das fases da lua. Não gostavam muito de tomar banho ou mergulhar na beirada do rio, porque se acreditava que poderíamos ser vítimas do Nego D’água e sermos levados por eles para o fundo do rio. Além é claro, do medo que também tínhamos do fogo corredor, da Yara encantada que seduzia os pescadores e as crianças malcriadas para o mergulharem junto dela. O fogo corredor e ou a bola de fogo, popularmente chamada assim, costumava sempre aparecer no meio da noite e correr de uma ponta a outra da croa, numa velocidade absurda e que apavorava todos nós.

Quando desobedecíamos aos nossos pais por termos ficado tempo demais na beira do rio e tomando banho até pegar um resfriado (muitas vezes), além ficar de castigo a noite, éramos educados através de lições que extrapolavam apenas o

ato punitivo do discurso e das promessas de sermos castigados tão somente com a ausência de algo que gostávamos muito, como por exemplo correr bastante pela rua, brincar de bicho de se esconder, sete cacos, três postes, rouba bandeira, queimada.

Também levávamos chineladas nas palmas das mãos, ou com um pedaço de couro pego na Toca do Índio que fabrica até hoje sandálias com esse material. A correia chiava quase toda noite, mas no outro dia repetíamos tudo a mesma coisa. Aplicassem qualquer tipo de castigo, mas não eram capazes de nos tirar da beira do rio. Crianças levadas.

É nessa coexistência que muitos de nós, continuam a escrever as páginas de suas vidas. Através do desvio, da insubordinação, do contraste e sendo fieis companheiros das encruzilhas agitadas das marés.

Assim como Conceição Evaristo, em “Becos de Memória” (2017), constrói uma relação de respeito com o lugar e as histórias que viveu junto dele, eu também, para além dessa criança levada, fui construindo um respeito, uma confiança, uma cumplicidade que me convidou e hoje mais ainda me convida, a ser parte do rio. E assim como ela, este trabalho, esses escritos, são de certa forma, homenagens póstumas, aos que vi, entre idas e vindas, tecer seus dias nas beiras do rio e fazer dele um campo aberto para a invenção.

Ao narrar estas linhas não estou expondo aqui nenhum tipo de hierarquização ou de qualquer forma de dominação que seja pré-estabelecida pela hierarquização de corpos, sentidos, práticas e modos próprios de encontrar no rio, caminhos múltiplos para se seguir, entre vento, tabicas e principalmente com o São Francisco, o grande Opará.

Ninguém, nenhuma criança, nenhum adolescente estava ali apenas para se deixar levar pelas circunstâncias, pelo contrário, assim como eu, os outros estavam refazendo suas próprias nascentes, seus próprios cruzamentos de entendimento sobre mundos possíveis diante de um rio que é multiplicador de sonhos e que lança sobre corpos ainda em desenvolvimento, potencialidades educacionais.

É a própria natureza da vida que se amplia, se molda, se modifica e prolifera, preenchendo os vazios deixados pelas normatizações e regras impostas, pela

alcunha do medo e do pavor. Dobrando essas esquinas e essas marés de sortílegos, nós crianças e adolescentes ribeirinhos, somos deslocados para o mundo outro possível, ou no plural para o aprendizado que vai além da educação, ela é sentida através da feitura e fabricações de outras narrativas possíveis, como pedrinhas miudinhas de Aruanda.

Na verdade, naquele período entre 90 e 2000, estávamos nós agora já adolescentes sendo moldados segundo regras e costumes que atravessaram o tempo e foram forjando os homens e mulheres ribeirinhos de Pão de Açúcar a desativar visões plurais dos mundos que os circundavam. Domesticados pelas nossas incapacidades de perambular sem sermos condenados diante de tantos castigos.

De vez enquanto me pego tendo que trabalhar a desobediência que exercia ainda criança, quando são postos sobre os nossos corpos os caixotes da padronização, e o rio é esse potencializador, não para mim, mas para muitos que buscam se educar e se alastrar através dos corpos em transito e nunca pronto e acabado.

Como fazem com a própria estrutura corporal do rio, quando controlam suas águas, quando lhes dizem como devem agir e se comportar, quando lhe retiram o direito de produzir suas próprias encruzilhadas, experiências pós-coloniais, suas linguagens subalternas. Se conectar com o rio como sendo esse ser em potencialidades múltiplas, é também adquirir testemunhos próprios sobre seus destinos, escolhas e caminhos. Adotando, sobretudo, adaptações, reestruturações semânticas e corporais, ressignificação de paisagens e de diálogos com para além da linguagem humana.

5.2- Dona Dulce e seu olhar sobre viver no rio:

Deixando um pouco de lado o meu olhar cruzado com a memória de um passado não tão distante assim nas margens do rio, em torno das brincadeiras, das corridas de tabicas, trago nas linhas a seguir, um pouco da história de Dona Dulce Simas, de 77 anos, minha vizinha de frente.

Dona Dulce é uma mulher que hoje vive sozinha e faz dos seus vizinhos, suas melhores companhias, apesar de sempre arrumar alguma discussão ou bate-boca com alguns deles, inclusive com a minha própria Mãe. Ela é uma mulher de cabelos brancos, pele parda, que vive sempre sentada em sua porta, seja de manhã, tarde e ou noite, a cumprimentar todo mundo que passa, desejando um bom dia, uma boa tarde, desejando saúde as pessoas, felicidades, muitas das vezes se declara para as pessoas, dizendo eu te amo, Jesus te ama e eu também!

Todas as vezes que me vê sair de casa, se ela estiver ou em pé na porta e ou sentada na calçada, ela sempre me diz para ir com Deus, que Jesus me ama e ela também! Ela tem uma vida um tanto solitária, mas que carrega em seu cotidiano a marca da alegria e da fortaleza. Em 2021, em meio à pandemia, sabendo e lembrando que via muito ela com Hugo seu ex-marido, quando eu era criança, saindo da praça 13 de maio e indo em direção ao rio, se juntar a sua canoa, quis ouvir dela algumas lembranças suas e de como, naquela época, enquanto mulher se via participando de pescaria, coisa um pouco mais comum por aqui.

Ela vive a cantar músicas e contar causos que presenciou durante a sua vida, enquanto criança e jovem que ajudava a mãe a plantar e colher arroz, depois na lavagem de roupa na beira do rio e também como pescadora na companhia de Hugo. Ela também lembra com muita saudade dos tempos em que as canoas de tolda eram frequentes e quase o único meio de transporte entre as cidades ribeirinhas de Alagoas e Sergipe.

A partir do seu relacionamento com o senhor Hugo eles construíram uma vida juntos dentro do rio e com ele. O primeiro passo foi comprar uma casinha na Rua da Alegria, conhecida popularmente como Rua do Boga, por ser uma rua muito estreita e que se constitui como a última ruazinha antes de a croa encontrar o rio. Nesse tempo nem tão distante da nossa época de ruínas, final dos anos 80 e meados dos anos 90, eles vivam a pescar e se relacionar com moradores dali a maioria formada por famílias de pescadores.

Antes, segundo ela mesma me contou neste dia de prosa e ouvidos atentos para as suas memórias encravadas no tempo presente, sentada na sua cadeira de balanço, na sala de sua pequena casa, aqui em frente à casa dos meus pais, ela

pescava em uma canoinha alugada e só depois, vivendo da pesca e de suas plantações na beira do rio, comprou uma canoa e se pôs a navegar rio a cima, rio a baixo sempre com Hugo no comando. Ao mesmo tempo em que plantava arroz no Araticum, pedaço de terra que se localizava nas margens do rio e também em outra comunidade chamada de São José, doada aos dois por um senhor chamado de seu Epidio.

Lá nesse pedacinho de terra, que ela chamou de ilha, junto com Hugo, plantavam arroz, milho, algodão, feijão, tomate e ao mesmo tempo praticavam a pescaria. Costumavam passar um bom tempo por lá, sem chegar a vir em casa. Essa passagem relatada por Dona Dulce, me lembra muito a história narrada no livro chamado “ Rosinha, Minha Canoa”, escrito por José Mauro de Vasconcelos (cuja a primeira edição é datada de 1963).

Neste livro o autor narra, em primeira pessoa a história de um pescador de nome Zé Orocó, que tinha sua canoa como sua fiel escudeira e com ela, também, subia e descia o rio lá para as bandas do rio da Morte, “cinco léguas a cima do rio São Felix”. (VASCONCELOS, 1971, p. 14).

Interagindo com gente, parando em portos, sem nunca ter um destino certo para aportar junto com a sua canoa Rosinha. Assim como Zé Orocó e Rosinha, Dona Dulce e Hugo passavam a semana aportando e navegando entre morros, croas, pequenas ilhotas e mantinham com o um rio uma relação para além das esperadas pelo mundo do capital. Usufruíam da liberdade e de tudo que ela pudesse oferecer em aprendizado e vitalidade.

Passava a semana por ali, na ilha de São Pedro. Conheço esse rio todo por ali. Conheço daqui até Piranhas, de um lado e de outro. Daqui até Traipu, de um lado para o outro. Conheço tudo. Conheço muito, pescando com chuva, trovoada, relâmpago, tudo. A gente tirava mel, a gente plantava arroz, milho, feijão. A gente plantava de tudo. A gente deu disso, tirava mel de europa sem proteção nenhuma, só com fumaça. Pegava uns caldeirões de alumínio e arranjava bosta de boi seca e bosta de jumento. Tocava fogo e fazia fumaça e botava fogo nos enxames. Naquela época a gente pegava piau, pegava surubim, tubarana, camarupim, piranha. Tudo a gente pegava. A vida foi toda assim, 38 anos vivido com Hugo. (Dona Dulce, 2021).

Quando criança, me lembro muito dessa parceria entre Dona Dulce e Hugo, seja morando na rua da alegria, seja depois na Praça Treze de Maio. Sempre via os dois caminhando, indo e voltando da beira do rio, carregados de sacolas, de equipamentos de pescaria, como tarrafas, linhas anzóis, vara de pescar, fogareiro, panelas, sacos de estopa, com chapéu de palha nas suas cabeças e muitos peixes, além é claro daquilo que tinham produzido em suas pequenas roças. Vendiam por aqui mesmo, nas portas e ou então na feira e na banca do peixe.

Enquanto converso com Dona Dulce, a tarde vai caindo, crianças correndo na rua, pessoas conversando em suas portas, jovens conversando nas calçadas após mais um dia de racha na croa, produzem sons típicos destas ruas que beiram o rio, depois de mais um dia intenso de calor e amenizado pela brisa que sopra do rio. Sentada ainda em sua cadeira de balanço, arrumando sempre a sua máscara de proteção contra a COVID-19, ela parece serenamente e calmamente se embalar em suas próprias memórias e me proporcionar uma conversa que flui, que demonstra uma relação mutua de confiança.

Conversa comigo sobre diversos assuntos, inclusive sobre os seus processos e problemas enfrentados logo após a separação com Hugo e o fato de ter demorado a se aposentar como pescadora e ou agricultora. Mas ela sentia prazer mesmo em contar da fartura que o rio lhes proporcionava e que trazia o sustento para a sua casa.

Nós era rico, era feliz e não sabia. O rio enchia muito de peixe. Chegava de quarta para sexta, começava a chegar as canoas de tolda aí no porto. Eu tenho o nome delas tudinho guardadas aqui. Eram muitas mesmo, do porto nem caber de tanta canoa, de tanta gente, de tanta coisa que chegava para vender e ser levado para outros lugares. (Idem, 2021).

Neste instante, então, enquanto eu continuo a imaginar esse rio povoado por canoas de tolda vindas de todos os lugares, trazendo famílias, comerciantes, produtos, lembranças, histórias e muito conhecimento técnico e naval. Corpos das mais diferentes gerações, cores e origens, ela se levanta e vai buscar casa adentro os nomes dessas canoas de tolda que tão fortemente marcaram a sua vida e o desenvolvimento das comunidades ribeirinhas, trazendo progresso, geração de

emprego e renda e ao mesmo tempo estabelecendo conexões rituais de chegadas e partidas.

Quando volta, então, se senta e tira de dentro de uma sacola plástica transparente, um velho livro de páginas amareladas e então começa a procurar a lista que fez com os nomes das canoas. Quase que em um tom de desespero e preocupação, caça a lista, como se procurasse uma parte da sua própria existência e vida.

Folheando o livro, atrás desta lista, continua: *Pois é, a gente era feliz e não sabia. Mas hoje em dia, nós não temos mais nada. As coisas de comida vinham nas canoas de tolda. Hoje nós tamo fazendo a feira aí com coisa do fim do mundo, já tudo podre.* (ibidem, 2021). Depois de muito procurar, folhear mais de dois livros, na busca por essa lista, ela encontra e toda feliz, aliviada. Depois de chamar tanto por Deus, por Jesus, fecha o livro e afinal diz:

Tá vendo? Achei! Olhe, você repare só a quantidade de canoas de tolda que tinha nas margens do rio: a Paladina, (só não me lembro mais do nome dos donos), a Paladina, a Mercedes, Ouro Branco, Maria Luiza, a Guanayra, Janaina, Aquidauana, Beladona, Maria da Glória, a Barcelona, a Mantiqueira, Paraguaçu, Vera Nubia, Buenos Aires, Cruzeiro do Sul, Maralina, “Vai andando”, Maria Luz, Ceci, Rio Negro (agora as outras, virando a página da folha), Nova York, Lusitânia, Porto Alegre, a jumenta, Oriente, Igaraté, Canindé, Cachorra de Coca, Nova Bela atriz (essa Nova Bela Atriz era de um senhor de Propriá), Undiá, Candelária, Floresta Boreal, Rio Branco, Alagoana, Macedônia, Goiânia, Simpatizada, Aviadora, Tabajara, Faceira e Estrela Dalva. Tudo isso era canoa de tolda que encostava aí no porto. O Porto ficava tomado de ponta a ponta. Fora as chatas, nera? Tinha as chatas, tinha barcos grandes, foi inté uma hora que acabou tudo. (DONA DULCE, 2021).

É nítida a emoção e o sorriso de Dona Dulce ao lembrar e guardar para si, ao mesmo tempo em que sente também a vontade de compartilhar e não deixar esquecer, a vida das canoas de Tolda, toda sua importância e beleza. Através de suas lembranças e narrativas, bem como de suas memórias, ao invocar para si a escrita em uma folha de papel dos nomes das canoas, ela vai de encontro ao silêncio e o vazio que perdura cotidianamente de uma vida que não pertence nem

mais a ela e a um de nós ribeirinhos dessas águas do São Francisco que por essas canoas navegaram e cruzam suas próprias fronteiras pessoais e emocionais. O silêncio que se quebra é também o silêncio de um rio que corre silenciosamente dentro dela.

De todas as canoas citadas por elas, algumas me chamam atenção tanto pelo nome escolhido, remetendo a nomes populares indígenas, bem como pela presença de alguns nomes que me são familiares. Primeira delas é a Porto Alegre, que só através de Dona Dulce e também perguntando a membros da minha família paterna, em especial ao meu pai Luiz e a minha tia Solange, que a canoa Porto Alegre é a mesma estrutura, adaptada agora para uma embarcação a motor e com capota completa que pertence a minha família. Antes disso, eu não tinha noção e nem se quer tinha conhecimento que uma lancha (embarcação que eu conheço desde que nasci, foi um dia, uma canoa de tolda).

Assim também como a Porto Alegre, a Cruzeiro do Sul, a Oriente, Estrela Dalva, essas outras canoas de tolda passaram também por esse mesmo processo de mudança e adaptação. Com a chegada das estradas, dos automóveis e ônibus, para que elas pudessem ficar mais rápidas e chegassem com menos tempo aos seus portos, elas também sofreram alterações na capacidade de navegação e acomodação de passageiros e produtos. E assim, as canoas de tolda começaram a se transformar em lanchas a motor, perdendo as toldas e suas velas, ganhando capotas e motores superpotentes, capazes de chegar mais rápido aos portos de destino.

5.3- A Derradeira Canoa de Tolda:

Já a Lusitânia, a única sobrevivente e ou a única canoa guerreira que atravessou o tempo e se transformou no único exemplar que mantém ainda as características das antigas e pomposas canoas de toda, junção de várias tecnologias e técnicas de fabricação que tem relação com embarcações asiáticas, europeias e também com traços das canoas indígenas e africanas. Com sua tolda

na frente, velejando, quando pode com seus dois panos que mais parecem asas de borboleta.

IMAGEM 92: canoa Luzitânia em terra, na comunidade Mato da Onça.



SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. (2020).

A canoa permaneceu navegando, subindo e descendo o rio, estabelecendo conexões fundamentais para com as comunidades ribeirinhas, principalmente entre as cidades de Propriá em Sergipe até Piranhas, passando por Pão de Açúcar em Alagoas. Muitos foram os homens e mulheres, famílias inteiras que eram transportadas pelas águas do rio São Francisco, através da canoa e ou das canoas.

Diante dos processos de modernização e das transformações das sociedades ribeirinhas, ao passo que produções agrícolas e viagens com passageiros foram sendo feitas pelas vias terrestres, por trem, o escoamento de produto passou a ser cada vez mais escasso. Do mesmo modo que o arroz, foi gradativamente deixando de ser produzido nas lagoas marginais que estavam situadas próximas as margens do rio.

O volume do rio cada vez mais baixo, foi secando e conseqüentemente afetando toda uma economia local que dependia do arroz, do coro e de outros gêneros alimentícios que tinham no rio forte e múltiplo sua fonte de negociação e simbiose.

Cada canoa de tolda tinha sua própria capacidade de armazenamento de produtos, sua própria capacidade de transportar passageiros e de atracar em determinados portos. Os produtos eram quantificados a partir de sacas, correspondendo cada saco a um peso aproximado de 60kg. A Lusitânia, por exemplo, segundo a Organização Não Governamental “Canoa de Tolda”³¹, conseguia, em cada navegação pelas águas do rio, levar até 200 sacos. Levando entre outros produtos, gasolina, querosene, leite, queijo, tijolos.

Em 1997, sendo uma das únicas canoas juntamente com a Paladina e com a Baianinha, conhecida também como Danilla, foi avistada pela primeira vez, depois de muitos anos, pela ONG, nas proximidades da cidade de Gararu, pertencente ao Estado de Sergipe. Na ocasião o senhor Carlos, hoje presidente da ONG, instituição essa que é proprietária da canoa e da reserva Ambiental Mata da Onça, onde ela se encontrava até as enchentes dos últimos meses (de janeiro a março de 2022).

Nesse mesmo período, a canoa de tolda chegou a naufragar e afundar pela quantidade de água que foi liberada pela CHESF no início do ano em decorrência das cheias dos reservatórios acima da hidroelétrica de Xingó.

A canoa tombada como patrimônio histórico e naval do Brasil pelo IPHAN³², já se encontrava em um estado crítico de conservação e das inúmeras vezes que fui até lá, sempre se encontrava em terra e coberta com lonas de cor branca, prevenindo contra ações do vento, do sol forte e quente e até mesmo da chuva. Comprada em 1999 pelo senhor Carlos, só em 2000 ela foi retirada da água pela primeira vez e colocada no povoado Mato da Onça, porque lá era onde se

³¹ Pesquisa realizada em dezembro de 2021, no site www.canoadetolda.com.br

³²<https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2022/01/18/patrimonio-nacional-ultima-canoa-de-tolda-conservada-esta-a-venda.ghtml>
<https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2022/02/06/justica-responsabiliza-iphan-pelo-resgate-da-canoa-de-tolda-que-afundou-em-pao-de-acucar-al.ghtml>

encontrava um dos últimos mestres fazedores e capacitados para executar obras de reparo e manutenção.

Naquele momento foram feitos reparos e consertos, que eram de suma importância para manter vivas nas mentes e corações dos mais antigos ribeirinhos as memórias de um passado que sendo silenciado e apagado pela modernidade naval. *Testemunha de uma época de uma tecnologia praticamente morta, de práticas seculares de navegação e convívio com aquelas margens.* (CANOA DE TOLDA, 2021)³³.

Depois de um longo e exaustivo processo de estudos, elaborações de projetos, relatórios a partir do ano 2000, quando foi protocolado no IPHAN – Sergipe o pedido para o tombamento, só em 2010 é que a Luzitânia foi então tombada e considerada um bem patrimonial do Brasil, especialmente um bem marítimo. Até pouco tempo atrás, antes da última enchente, a Luzitânia se encontrava no Mato da Onça, sem ter acompanhamento dos órgãos que a tombaram, sem investimentos para a manutenção e sua preservação.

Boa parte do povo brasileiro acompanhou em alguns telejornais, como é o caso do Bom dia Brasil, Jornal HJ, Jornal Nacional e tantos outros veículos de comunicação tanto da imprensa alagoana quanto da sergipana, a saga que foi para a retirada da canoa do fundo do rio, naufragada e segurada por cordas amarradas as árvores que ainda resistiam diante do grande volume por metros cúbicos que eram lançados pela Companhia Hidroelétrica do São Francisco no trecho denominado por Baixo São Francisco.

Nesses anos de pesquisa, pude me aproximar dela algumas vezes, a última vez foi antes dela naufragar, quando da visita da TV Sergipe veio fazer uma matéria para constatar a real situação e o seu abandono por parte do Governo Federal e do IPHAN, pois como nos dizia Carlos, não existem mais editais, premiações e ou recebimentos de projetos de restauros que possibilitem a ONG fazer reparos sem depender do Instituto do Patrimônio, Artístico Nacional.

Nas semanas que se seguiram entre janeiro e final de março de 2022, em decorrência das fortes chuvas nos Estados de Minas Gerais e Bahia, houve

³³ www.canoadetolda.org.br

acúmulo de água nos reservatórios, barragens e hidroelétricas em todo vasto e majestoso rio, especialmente no lago de sobradinho, que tem a função de receber toda a água que desce rio a baixo.

Por conta desses fatores, era de se esperar que com sua capacidade quase que completamente total, as vazões aumentaram, principalmente na hidroelétrica de Xingó, na divisa entre Alagoas e Sergipe, cujo nível máximo chegou a ficar durante um bom tempo com capacidade de 4.000 metros cúbicos por segundo. Algo que não se via desde 2009.

Diante disso, em 24 de janeiro de 2022, a canoa Luzitania pelo aumento expressivo do volume de água no rio, se encontrava naufragando. Aumentando ainda mais os riscos para a deterioração desta embarcação histórica. Seu processo de alagamento e afundamentos teve início no dia 18 de janeiro, quando a vazão alcançou a marca de 2.500 metros cúbicos por segundo.

A situação da canoa e de tantas outras embarcações, de comunidades e povoados situados nas margens do rio, que também sofreram com as atitudes tomadas pela CHESF em acordo com a ANA- Agência Nacional de Águas, revelam nesse sentindo, a importância de se planejar atentamente e ouvindo as demandas da população sobre que medidas poderiam ser tomadas para mitigar e ao mesmo tempo contribuir para as melhorais de condições de navegabilidade, de reprodução de espécies e a limpeza das margens do rio, tomadas por plantas, caramujos e muito lodo.

No momento do aumento de vazão do rio, a enchente programada do rio, no seu nível mais elevado de 4.000 mil metros cúbicos por segundo, dividiu a opinião das diversas peças humanas e comunidades ribeirinhas. Principalmente para aqueles e aquelas que possuem nas margens plantações, sistema de captação de água com suas bombas que foram sendo parcialmente e ou totalmente danificadas pois muitas delas são produzidas de modo artesanal. Que retiram da do Velho rio e promovem a irrigação de pequenas lavouras e propriedades.

Ao mesmo tempo o aumento de vazão também comprometeu o funcionamento, lavando a prejuízos uma enorme quantidade de donos de estabelecimentos comerciais (bares e restaurantes), ou barraqueiros como são

comumente chamados os donos desses ambientes situados na beira do rio. Muita e ou quase todas as barracas que ocupavam a parte direita da croa central de Pão de Açúcar, ficaram durante esses meses de cheia, totalmente submersas, ficando a amostra, em muitos casos apenas o telhado coberto de palhas de coqueiro de fora.

Além desses prejuízos físicos e estruturais, foi também desgastante para esses barraqueiros as perdas, o abalo emocional e a busca por alternativas que amenizassem cada dia que suas barracas de praia, seus bares e seus restaurantes continuavam submersos e encobertos pelas águas.

IMAGEM 93: barracas encobertas pelas águas do rio, provocadas pelas enchentes de janeiro de 2022.



SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. (2022).

Por outro lado, havia um sentimento por parte da população das ações do poder do criador sobre tudo que estava acontecendo. Era recorrente ouvir pelas ruas da cidade, o poder criador agindo sobre o rio. Havia um sentimento de êxtase, que gratidão, de alegria e encantamento diante da surpresa que era para muitos

jovens e adolescente que nunca viram o rio chegar em níveis tão elevados. Pessoas admiradas pela presença das balsas, das lanchas parando e fazendo travessias dos seus primeiros e mais antigos portos, coisa mais rara ainda.

Cotidianamente, gente vinda de várias partes da cidade e de outros municípios vizinhos se motivava a nadar, mergulhar, apreciando e se banhando, ao mesmo tempo em que registravam através de máquinas fotográfica, telefones celulares, toda e qualquer imagem que reforçasse a beleza do Opará opulento, forte e abundante diante de tantos olhos. O rio, por meses ocupou seu lugar de fato e de direito. Modificou as paisagens, foi capaz de gerar reorganizações sociais, ambientais e de fortalecimento de seus vínculos afetivos com humanos e não humanos.

Ao mesmo tempo em que provocava nos mais velhos e mais antigos moradores, que acostumados com as grandes cheias de década de sessenta e setenta, nos tempos áureos da fatura de peixes, arroz e embarcações que desciam e subiam o rio carregando sonhos, encontros e muita fartura. Trazem também à tona, muitas lembranças e narrativas de um rio que não tinha prisões, nem amarras, mas que produzia a todo o momento laços que atravessavam e ainda hoje, de certa forma, atravessam o tempo, refaz e remodela tradições e identidades que se moldam conforme dança o rio. “O rio é como tempo! (MIA COUTO, 2003, p. 61).

Nunca há uma conclusão, um ponto final, ele sempre está em movimento, nos ensinando a nadar, a remar, a pescar, a mergulhar, a se banhar e entender que ele é uma importante força vital que remodela as noites escuras, os dias de sol quente. Que refresca, mas também faz surgir e ressurgir valores, crenças, onde faz brotar solidões, encontros e despedidas.

Como venho argumentando desde o início das primeiras narrativas, transformada convencionalmente como capítulos, o rio não pode ser considerado e nem ser tomado como já pronto e acabado. Ele é feito das inconstâncias, dos seus próprios devires e por mais que as infraestruturas industriais do capital selvagem e devastador, produtor de gás carbônico em larga escala e muita poluição, que indústrias colonialistas, desenvolvimentistas estejam a todo vapor provocando

rupturas nas formas como nós ribeirinhos dialogamos e criamos relações, estamos sendo atravessados pelo mundo do caos e das ruínas antropocênicas.

A antropóloga Marissol De La Cadena (2018), em “Natureza Incomum: histórias do antropego”, chama atenção para as narrativas contra hegemônicas que são produzidas por diferentes grupos e comunidades em defesa dos seus territórios, tomando-os não apenas como lugares de sobrevivência, mas, em especial, como entidades que emergem das relações constituídas através de narrativas ancestrais.

Se utilizando do termo “antropego”, De La Cadena (2018), nos propõe refletir sobre criações de mundos que estão sendo produzidos, complexificando relações, diálogos entre o Estado e as populações e territórios que tem entrado em disputas como instrumentos legítimos de modernização e de fonte primeira de produção de bens, serviços e industrialização, usado pelo poder hegemônico como forma de dominação e exclusão ao longo dos últimos cinco séculos.

[...] Conceitualizo-a como o processo de criação de mundo por meio do qual mundos heterogêneos que não se fazem por meio de práticas que separam ontologicamente os humanos (ou a cultura) dos não humanos (ou a natureza) – nem necessariamente concebem como tal as diferentes entidades presentes em seus agenciamentos – são ambos obrigados a operar com essa distinção (deliberadamente destruída) e excedê-la. O antropego seria, portanto, tanto a vontade que coloca a distinção como obrigação (e destrói aquilo que desobedece a obrigação) quanto o fato de que ela é excedida: os coletivos que, como o AwajunWampi, são compostos por entidades que não são apenas humanas ou não humanas, porque elas também compõem com aquilo que (de acordo com a obrigação imposta) não devem ser: humanos compondo com não humanos, e vice-versa. (DE LA CADENA, 2018, p. 100).

E como nos diz Rufino (2021), há processos educacionais e práticas do cotidiano que emergem com e através dos desvios contracoloniais, que se alimentam dos sonhos, das possibilidades e que também proporciona o reposicionamento de si, do mundo que está a sua volta, sem esquecer jamais os caminhos e os ensinamentos ancestrais que estão encravados em cada maré e marola.

Na contramão dessa lógica produtora de desvios e aniquilações, a educação emerge como um radical vivo, corporal; vibrante; dialógico, inacabado, alteritário; comunitário, produtor de presença, dúvida, vivência e partilha. (RUFINO, 2021, p. 11).

A partir daqui, trarei narrativas que tecem processos sociais, ambientais e simbióticos nos quais o rio, corpos, processos dialógicos e transformadores se organizam, se reelaboram, reconstróem encontros em que os antimundos foram dominando e apagando mundos plurais, diversos. São práticas, tradições, habilidades, devoções e fé que encontram nas margens e dentro do rio, modos particulares e complementares o não silenciamento por completo e o não acabamento dos mundos e suas paisagens multiespécies, transversais e cheias de pedrinhas miudinhas.

5.4- Um rio de muitos corpos e práticas:

Como vocês já sabem, a minha vida e trajetória é repartida, fundida e dialogada constantemente com o rio. Assim, também é com outros tantos jovens e adultos que fazem da beira do rio e de dentro dele, modos de promover suas vidas inconclusas, inacabadas, de educação contra colonial, se movendo através de suas existências corporais com tudo que o rio é capaz de oferecer, remover e fazer brotar. São processos interativos que não estão já programados, fixados, mas que surgem do contato, da disposição que cada um e cada uma tem de se permitir ser.

Desde criança, eu aprendi que o rio é e poderia ser algo mais do que fonte de sustento da minha família e de outras tantas que por aqui pelejam. É também modo intrínseco a nossa própria formação individual e coletiva. É fundamento e não parte. É fonte de encanto e de desencanto diante das agruras da morte e da vida. É princípio de educação, de diversidade, da remada para além do caminho já traçado. É fonte de desvio, de correntezas, de vencedor (a) de demandas ancoradas na violência, da destruição que continua a emergir cotidianamente pelas mãos do capital.

O rio, neste processo antropocênico, é ambíguo, ele é ser de múltiplas faces, porque ele se alimenta das ruínas para forjar novas paisagens, resistências e

também práticas que se moldam conforme ele age. O rio é fonte de muitos sons, cores, seres que atravessam as trevas anunciadas e colocadas em foco desde o seu “descobrimento”, pelo domínio colonial expansionista, que lucra, usurpa e tira de todos nós o dom de se redescobrir vivendo em outros mundos.

O rio São Francisco, o nosso Velho Chico é a essência de todo ser que para ele se volta com atenção, com cuidado. É essência para todos e todas aquelas que se mira e se põe a crescer, parir para o mundo suas existências e resistências. Com o rio aprendemos desde cedo a ser mais que gente, homem, mulher, jovem, velho e criança. Mais do que isso, estamos sendo instruídos, ontologicamente, a saber a hora do vento forte, da maré alta, do movimento da pesca e pescaria. Aprendemos a saber jogar bola, brincar de corrida de tabica, correr de canoa, mergulhar, nadar e até mesmo lavar roupa.

Aprendemos a ter e de se apegar a fé pelas águas que correm diante dos nossos olhos, mas também que o Bom Jesus dos Navegantes é proteção e romaria, é procissão que nos leva a viajar pelas lembranças que transformam a paisagem. É a fé que faz pescadores e canoeiros acreditarem e louvar o poder de São Pedro Pescador e com ele navegar no dia 29 de junho, na esperança de ter mais peixes, mais pescaria, mais abundancia e fluidez do rio. Quem na beira do rio se cria, cresce e envelhece compreendendo ciclos, seus inícios e seus fins.

IMAGENS: 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101: procissão de São Pedro Pescador no rio São Francisco.









SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. (2021)

Metade de toda alma de um ribeirinho e de uma ribeirinha, é por isso mesmo, só feita de água do grande rio, do rio mar, do Opará. Em *kirimurê*, musica

interpretada por Maria Bethânia e composta por Jota Veloso, no disco “Mar de Sofia”, toda letra retrata a força e bravura de um caboclo e toda sua comunidade, que defendem com toda sua sabedoria, guiada pela sua ancestralidade, e pela encataria presente em cada ação e em seu próprio corpo, o seu lugar, seu território e vida que não pertence aos modos pré-estabelecidos pela herança colonialista.

 Espelho virado ao céu
 Espelho do mar de mim
 Iara índia de mel
 Dos rios que correm aqui
 Rendeira da beira da terra
 Com a espuma da esperança

 Kirimurê linda varanda
 De águas salgadas mansas
 De águas salgadas mansas
 Que mergulham dentro de mim

 Meu Deus deixou de lembrança
 Na história dos sambaquis
 Na fome da minha gente
 E nos traços que eu guardo em mim
 Minha voz é flecha ardente
 Nos catimbós que vivem aqui

 Eira e beira
 Onde era mata hoje é Bonfim
 De onde meu povo espreitava baleias
 É farol que desnor-teia a mim

 Eira e beira
 Um caboclo não é Serafim
 Salve as folhas brasileiras
 Oh salvem as folhas pra mim

 Se me der a folha certa
 E eu cantar como aprendi
 Vou livrar a Terra inteira
 De tudo que é ruim

 Eu sou o dono da terra
 Eu sou o caboclo daqui
 Eu sou o dono da terra
 Eu sou o caboclo daqui
 Eu sou Tupinambá que vigia
 Eu sou o caboclo daqui
 Eu sou Tupinambá que vigia
 Eu sou o dono daqui
 Eu sou o dono da terra

 Eu sou o caboclo daqui. (Jota Veloso, interprete Maria Bethânia,
 Kirimurê)³⁴

³⁴ <https://www.lettras.mus.br/maria-bethania/867484/> , visitado em 26 de abril de 2022.

Evocando toda a ancestralidade que está imersa em todo o rio, desde Caboclos, Pretos Velhos, Orixás adormecidos pela força inimiga que violentou cada reza, cada cântico, cada ritual, cada corpo negro, indígena que por aqui esteve no passado, eu posso está fazendo uma viagem alucinada e ou somente conjecturando sobre como eu próprio me percebo imerso nesse contexto de crescer, conhecer, se encantar, se encantando a assim mesmo me utilizar de narrativas que agora se desdobram por essas linhas e contam aqui e agora, tessituras de um rio vivo, engajado e produtor de múltiplos contextos paisagísticos e de vidas conectadas.

Eu sou um caboclo daqui, fonte de todas essas energias que se misturam, se complementam e que me forjam corpo e território de reflexões e sabedorias, que guerreia contra as impurezas do mundo poluído por injustiças, ganancias. O rio é fortaleza que faz a minha escrita perseverar, reorganizar pensamentos, gestos, ações e minhas próprias técnicas e habilidades de diálogos com ele.

Ao mesmo tempo em que outros corpos munidos de caminhos e performances próprias também fortalecem as suas vontades de viver e salvar o que ainda resta de “puro”, ancestral e que se imbricam o tempo todo no vai e vem das marés e ondas de águas doces.

Desde o Mato da Onça, ao norte da sede do município de Pão de Açúcar, até a Vila mais antiga do Brasil (Vila Limoeiro), existem relações que se estabelecem levando em consideração às errâncias, os desajustes, como as cheias e secas, que de tempos em tempos provocam rupturas, mas nunca fazendo com que essas comunidades percam de vista às suas próprias condições de ribeirinhos. Estamos o tempo todo remodelando nossas práticas, existências e habilidades, nossas tradições conforme o desempenho e vontade do rio.

5.5. Corridas de canoas, ventos de refega e habilidades no rio:

Começamos, pois, pelas tradicionais corridas de canoas. A primeira lembrança que tenho delas, era de quando criança, durante o domingo da tradicional Festa de Reis e ou de Bom Jesus dos Navegantes³⁵ que sempre acontece, a sua culminância, no segundo domingo de janeiro. Muito cedo antes do sol começar a esquentar para valer, meu avô materno Odilon Rodrigues dos Mártires, conhecido como Odilon de Terto, passava na casa dos seus filhos e nos acordava chamando para que com ele pudéssemos ir armar a barraca e ou barracas, a depender do número de convidados e pessoas que tinham confirmado presença naquele domingo festivo.

IMAGEM 102: meu avô Odilon, em pé, vendo a canoa da família sendo preparada para mais um dia de corrida.



CS Digitalizado com CamScanner

Arquivo Familiar

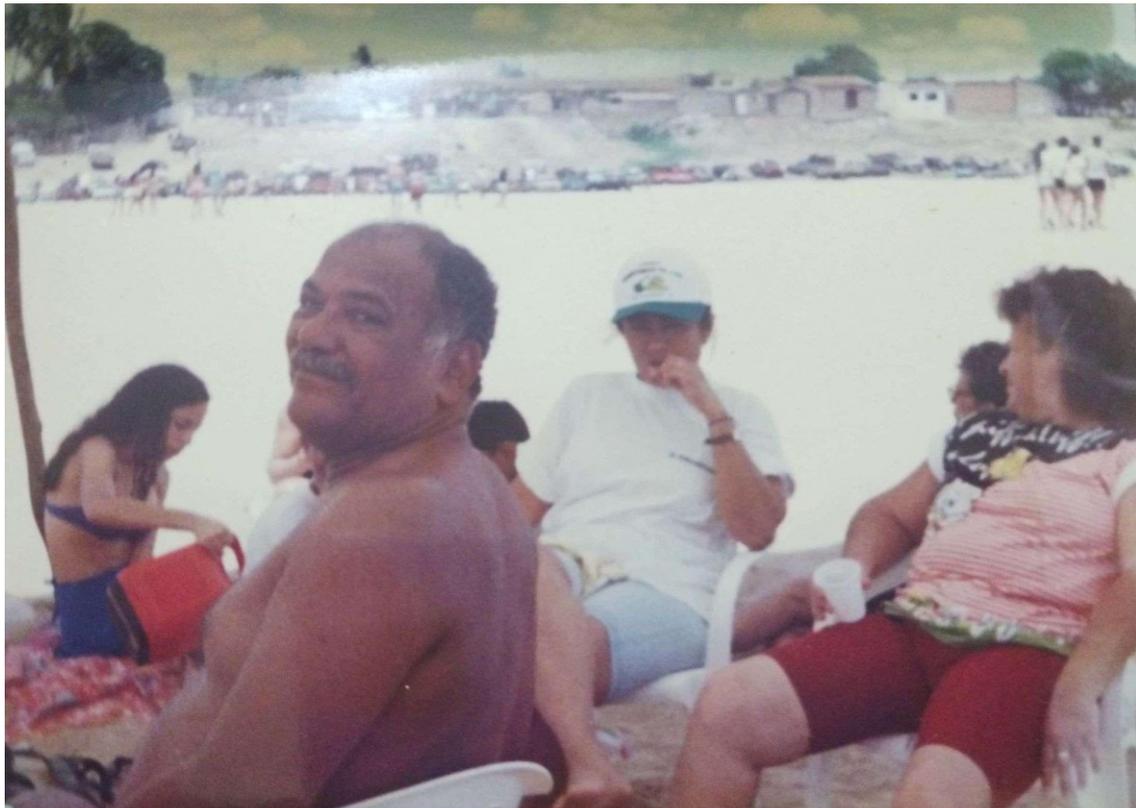
³⁵ Aqui em Pão de Açúcar ainda existem pessoas que conhecem a festa e costumam chamar de Festa de Reis, muito em virtude do dia 06 de janeiro ser o dia dos reis magos e a data das duas festas ocorrerem sempre próximas. Mas a Festa é tradicionalmente conhecida no calendário religioso e da administração pública, como Festa de Bom Jesus dos Navegantes.

Nela e ou nelas, passaríamos todo o dia, até que a procissão fluvial de Bom Jesus dos Navegantes passasse até o Cristo Redentor e que também fosse concluída as corridas de canoas. As barracas eram feitas com panos de canoas utilizados em anos anteriores para a corrida e que todo ano precisava ser refeito e ou ganhava novas cores. Do mesmo jeito que a canoa precisava passar por retoques, ganhar uma nova pintura, os panos também precisam ser novos e assim, os antigos eram utilizados para cobrir as barracas.

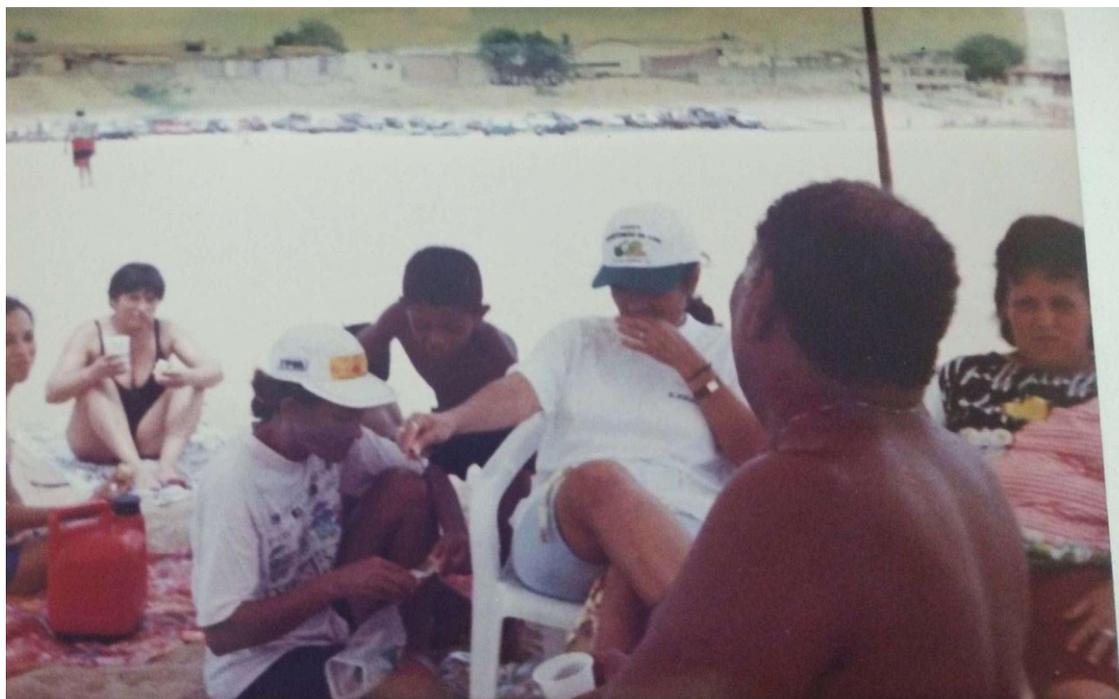
Com a estrutura de 4 paus e ou caibros cavados na croa, o pano era amarrado nessas quatro pontas, com cordas também utilizadas pelas canoas e no meio, para que o pano não baixasse muito, era atravessado uma verga de bambu que também não servia mais para a canoa. Todos os anos, semanas antes, um grupo de homens liderado pelo meu avô saía de Pão de Açúcar em busca de um conjunto de varas de bambu que serviriam de vergas e mastros dos panos das canoas. Saíam de casa na madrugada em cima de um caminhão e voltavam no final do dia com aquelas varas escolhidas como as melhores para a corrida daquele ano.

Por volta das 09 horas da manhã, depois das barracas já armadas, nós as crianças já ficávamos esperando pelo restante dos familiares e amigos da nossa família, sempre sob o cuidado de um adulto, já que meu avô subia de volta a rua e descia com cadeiras, mesas, comidas, bebidas e outras coisas necessárias para a nossa manutenção ali o dia todo. Com a exceção de minha vó Julieta, que ficava em casa preparando a comida que seria servida a todos os corredores das canoas e dos seus familiares, todo mundo descia, tias, tios, primos, primas, cunhados, sogros, genros, noras, amigos vindos de Santana do Ipanema, Olho D' Água das Flores, Propriá e tantas outras cidades, dos Estados fronteiriços.

IMAGENS 103 e 104: familiares e amigos da família, prestigiando a festa de Bom Jesus dos Navegantes e a corrida de canoas.



CS Digitalizado com CamScanner



CS Digitalizado com CamScanner

IMAGEM 105: meu tio Romeu recebendo na nossa barraca, os corredores da canoa Geórgia.



CS Digitalizado com CamScanner

Arquivo Familiar, década de 90.

A buchada de bode e ou de carneiro era o prato principal, mas ele só seria servido, não na hora do almoço e nem na beira do rio, mas só no final do dia, lá por volta das 18h em diante, quando se encerrava a procissão, a corrida, quando era entregue a premiação das canoas vencedoras, que poderia ser entregue ou na beira do rio, ou em cima de um trio elétrico na avenida e até mesmo na Toca do Índio, local que depois acabou se tornando tradicional pela capacidade que o lugar tinha de acolher todo torcedor e torcedora de diversas canoas, dos mais diversos lugares e cidades.

Além de torcer para a canoa da família a “Geórgia”, que é o nome de uma das netas de seu Odilon, o que também nos fixava na beira do rio o dia todo, era para além do ritual de acompanhar a procissão de Bom Jesus dos Navegantes, era o prazer que a nossa família tinha de contar com a presença dos amigos, como falei

anteriormente, vindos de vários cantos de Alagoas, Sergipe, Pernambuco e Bahia. Bem como de rever parentes que não costumavam se encontrar ao longo do ano. O rio, a canoa, a procissão se constituía como elementos simbióticos capazes de fazer brotar novos laços de pertencimento, de continuidade de histórias, memórias e de vínculos familiares e de parentesco.

Outras famílias também faziam a mesma organização e ou parecida com a nossa, embora muitas delas não possuísem canoas correndo, mas pelo simples fato de ser costume, de ser celebrativo passar o dia a beira do rio esperando a procissão e a corrida chegar. Porém, outras atividades esportivas iam acontecendo ao longo do dia na beira do rio, como natação, corrida de bote com um pano só, futebol de areia, etc.

Vô Odilon cumpriu esse ritual de estar todos os domingos de Bom Jesus dos Navegantes armando e desarmando barracas e também nos levando para a beira do rio ao longo do ano, até o ano de 2000, pois em novembro daquele mesmo ano viria a falecer. Minha vó Julieta, tendo falecido em 1998, a cozinha e as preparações das comidas e da buchada ficaram a cargo de minha tia Marilena e sua nora Maria Lucia que também passaram a não mais descer para a beira do rio acompanhar os eventos.

Depois da partida de meu avô, nunca mais esse costume, esse ritual foi repetido. Hoje, a nossa concentração familiar se dá em torno da Toca do Índio, onde semanas antes da corrida, se dava a preparação da canoa “Geórgia”. Como dito anteriormente, todos os anos era feita uma nova pintura, decidida tanto pelo meu avô, como pelos pintores, bem como por alguns integrantes da família.

Enquanto tudo isso acontecia na Toca do Índio, nós estávamos ali, crianças, correndo, brincando, interagindo com os mais velhos, vendo atentamente a canoa sendo esculpida, reformada, remodelada para que ela pudesse ter uma melhor navegabilidade. Claro que a gente, enquanto crianças não tínhamos noção do que aquilo representava não só para o nosso avô, para a nossa família, mas para a continuidade de uma tradição milenar.

Se antes as canoas já eram utilizadas pelos indígenas como fonte de navegação, pesca, confrontos e também como disputas, nos novos tempos,

incorporando os panos e ou as velas coloridas, gerações inteiras se valem delas para serem também elementos pleno contato com o devir do rio. Em todos esses processos criativos e inventivos em torno da canoa, a nossa presença se estendia para além de uma mera brincadeira.

Nosso avô, nossos pais e tios, assim como outros mestres canoeiros que ali também estavam, faziam questão que estivéssemos ali. Era a esperança da continuação da nossa maneira de encarar a vida, às margens, o rio. De estabelecer conexões plurais e reais com as tradições ribeirinhas. Tanto é que anos depois, o nosso zelo e cuidado com a canoa continua, sob a responsabilidade de Dorginho, Dinho, Kaline, eu e os outros netos de seu Odilon e Dona Julieta.

Diferentemente do que acontecia no final da década de 90 e início dos anos 2000, as corridas de canoas aconteciam somente uma vez por ano e sempre na parte da tarde, em cada cidade ribeirinha que festejava Bom Jesus dos Navegantes, cidades como Traipu, Penedo, Piaçabuçu em Alagoas e Gararu, Propriá em Sergipe. Hoje existem corridas acontecendo em quase todas as comunidades banhadas pelo e que veem nessas corridas, para além das tradições, fontes de construção coletiva de pertencimento ao rio.

Formas particulares articuladas de se conhecer, de ritualizar, criando assim linhas articuladas de existirem com o rio ao mesmo tempo em que se lançam para processos de conhecimento e negociação existencial com seus próprios corpos, com as paisagens que se formam e das quais ajudam a moldar, bem como com constantes negociações com suas canoas e botes. Como os canoeiros e corredores de canoas costumam dizer: uma corrida de canoa nunca é igual a outra. O vento que soprou hoje, não soprará amanhã e pode nem chegar.

Corridas de canoas e botes são sempre imbuídas de realinhamentos de suas próprias trajetórias. Canoas e seus corredores estão em um mesmo pé de igualdade. Não há divisão entre o que é objeto e o que é sujeito, ambos se complementam, são ambíguos, são dotados de deviris humanos e não humanos, seus corpos são partes de um corpo ainda muito maior. Ambos são partes de um mesmo projeto de existência cujas trajetórias são interativas, fluidas e performativas.

Antes de realizar e iniciar a pesquisa que ora transformo nestas narrativas, eu nunca tinha participado por completo de uma corrida de canoa. Nunca tinha visto o processo de preparação que se desenrola durante a manhã, no momento que os botes e as canoas chegam no ponto de largada. Nunca tinha me dado a oportunidade de presenciar o processo, mas apenas a sua concretude, ou seja, apenas a chegada delas me importava, ainda mais se a “Geórgia” fosse a campeã.

Nos últimos três ou 04 anos, eu estive presente em mais de 7 corridas, porque além de participar das tradicionais da Festa de Bom Jesus, também pude acompanhar algumas que ocorreram no decorrer do ano, principalmente as que os canoeiros e os organizadores denominam de a “última corrida do ano”. É nesta última corrida que se define a campeã geral daquele ano, de várias etapas que foram feitas em diversos povoados, comunidades e cidades.

Ao me debruçar sobre as corridas, participando pelo olhar do observador curioso, fui sendo levado pelas práticas e técnicas que estão dispersas e dispostas através dos meandros da coletividade. Existe um senso de coletividade muito grande, embora exista também a rivalidade, até o momento da largada eles se ajudam, trocam experiências, contam histórias, enquanto desenrola um pano, enquanto de amarra e se estica o pano por sobre a areia. Quando decidem coletivamente sobre o melhor lugar de saída, quando discutem sobre regras que não estão sendo cumpridas. Não é só chegar, arrumar a canoa e correr.

Antes de mais nada, eles precisam se ver, se reconhecer, dialogar, falar sobre a corrida anterior, sobre o que deu certo e o que deu errado, porque tal canoa quebrou a verga, ou virou, qual manobra não foi executada corretamente. Cada canoa tem seu próprio proprietário, que pode ser um corredor também, ou que pode ser alguém que nunca aprendeu a correr mais tem uma canoa que foi lhe repassada através dos seus familiares.

Como é o caso da “Geórgia” hoje, ela sempre pertenceu a minha família, mas não lembro de ter visto meu avô correr, depois eu nunca vi meu tio Romeu correr, que já herdou e compartilhava os custos da canoa com meu avô, já que a canoa leva o nome da filha dele e hoje sob o comando de meu primo Dorgival (Dorginho da Geórgia), também nunca correu de canoa. Mas para ele, assim para outros

primos nossos, para mim também, há um valor aí agregado que ultrapassa o poder exclusivo da navegação. Nossas memórias familiares estão implícitas, arraigadas, moldadas e demarcadas muito em função da canoa.

Cada canoa possui um nome próprio, que em muitos casos estão ligadas a própria família. São nomes de filhas, mães, esposas, netas, irmãs. Ao mesmo tempo em que ela pode fazer menção a questões de cunho religioso, indígena. Outras possuem nomes de times de futebol. Tem até quem homenageei a ex-presidente Dilma. Nunca há uma realidade abstrata contida nelas, é sempre muito afetivo, muito próprio, muito particular e fincado em sentimentos familiares. Elas têm nome porque também são corpos que carregam outros corpos e por isso mesmo são realidades em formação.

De todas as corridas que acontecem ao longo de todo o Baixo São Francisco, a mais tradicional é a de Pão de Açúcar. Há histórias orais que contam que ela surgiu aqui, ainda na década de 40, por pescadores que descobriram nelas um jeito diferente de ser usadas tão somente para a pesca e para o passeio. Desde que começou a existir, ela foi a única que nunca parou de acontecer, mesmo durante a pandemia do COVID-19, ela se manteve atenta e obedecendo aos protocolos sanitários. Ela acontece sempre pela ação do poder público municipal, bem como e através do empenho dos próprios canoeiros e da colônia de pescadores Z-20.

O seu ponto de partida aqui no município de Pão de Açúcar sempre se deu saindo de frente do povoado Jacarezinho lado sul, distante 15 a 20 quilômetros distante do centro da cidade. Mas por conta das condições do rio, muito seco, com o aparecimento de vegetação brotando de dentro das águas, com erosões, o lugar de partida pode também naquele dia, sofre alteração. Sendo os organizadores juntos com outros competidores procurar um ambiente que naquele dia possa substituir o tradicional e aí já começam os conflitos de narrativas entre aqueles que querem manter a corrida no mesmo lugar e ou aqueles que querem mudar para favorecer de certa forma sua melhor navegabilidade.

Antes de qualquer decisão e ou arrumação das canoas para a corrida, há sempre de se observar qual é naquele dia, o melhor ponto de saída. É preciso entender e prestar atenção se o porto dará condições de promover uma parada em

que caiba todas as canoas, organizadas de acordo com o sorteio realizado ali mesmo. Canoas que geralmente largam nas posições cinco, seis e sete, tem sempre as melhores condições de largar na frente, porque no total de 13 e ou 14 canoas elas estão no centro e podem receber melhor o vento no momento da largada.

E é aí que fica evidente o jogo, o espírito de coletividade e irmandade, ninguém se propõe a tirar vantagens sobre o outro. Se reunindo ali, aqui, dialogando, buscando a melhor solução, as vezes com um pouco de conflito, de princípios de confusão, mas finalizados com apertos de mãos e abraços, eles seguem na procura de um novo lugar, rio a cima, rio a baixo eles se deslocam, confiando que muitas das vezes os organizadores das corridas e até mesmo os corredores mais experientes possam solucionar o problema.

IMAGENS 106, 107 e 108: canoieiros reunidos antes de começar a levantar os panos das canoas.





SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. (2021).

É a história de mais uma corrida sendo escrita no tecer do dia, no encontro entre diversas situações conflitantes, dos rearranjos das paisagens, das discussões, das condições do clima, das divergências, das rivalidades que extrapolam o real sentido da esportividade e da continuidade de práticas que se moldam ano após ano, mas que continuam a chamar atenção e ser cada vez mais promotora de bem-viver, bem-estar e bem ser. São disputas, mas também estão inseridas em relações mutualmente comprometidas com o despertar do Velho Chico, com a colaboração para a manutenção de sua história.

Uma a uma, as canoas vão chegando, aportando no porto escolhido para a largada. Encostadas na beira do rio, elas são enfileiradas uma a uma até que faça o sorteio que define suas reais posições. Feito o sorteio, é hora que a reorganização mais uma vez as posições, as canoas. E é aí que entram em cena as técnicas, as habilidades e agilidades dos corredores. Pois a qualquer momento o vento perfeito, o vento de refega pode chegar e será dada a largada da corrida.

Cada canoa precisa ser preparada com o melhor grau de perfeição. Mastros antes feitos com varas de bambus colhidos nas matas das regiões ribeirinhas, agora são produzidos com materiais mais resistentes como o alumínio e com tora de madeiras nas suas extremidades inferiores, produzindo o encaixe perfeito com o fundo da canoa e o lugar onde deverá ser fixado. Uma a uma, as canoas são arrumadas com perfeição pelos seus corredores e muitos simpatizantes e auxiliares.

Os panos medindo mais de 09 metros de altura, são estirados na areia e cada parte dele vai sendo anexado e amarrado com cordas sobre as vergas de alumínio e madeira. Em um formato de L uma verga é colocada na parte inferior do pano, outro na vertical e um encontra o ponto entre as duas amarrações e é atravessado no meio como se fosse um gráfico matemático. É um trabalho lento, minucioso, que requer nós firmes e bem feitos, porque pode acontecer que na hora da corrida, com ventos batendo sobre o pano, eles possam desamarra e ou ter os panos rasgados se foram apertados demais.

Estica, puxa, amarra, desamarra, dá nós, desfaz nós, faz revisão, levanta o pano, baixa pano, vê onde está mais frouxo, folgado. E começa novamente o mesmo processo até que ele esteja pronto para ser levantado definitivamente até

ser levado por duas ou três pessoas nos ombros para serem acoplados na canoa. Os dois panos precisam estar bem fixos e amarrados em cada extremidade, para que na hora da largada da corrida e no bater do vento sobre as velas, elas possam receber a quantidade de vento necessário para largarem na frente das demais.

O colorido dos panos modifica a paisagem. São amarelos, verdes, vermelhos, azuis, rosas, multicoloridos, listrados. Todos eles ajudam a identificar ainda mais cada canoa devidamente na hora da corrida, já que é quase impossível fazer a identificação apenas pelo nome e ou pintura da canoa, já que boa parte dela fica submersa dentro da água.

IMAGENS 109, 110, 111,112, 113: preparação dos panos das canoas para mais uma corrida.







SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. (2021).

São dezenas de homens e algumas mulheres, que acompanhando seus companheiros, maridos, namorados, irmãos, pais, primos, filhos e netos, estão naquele ambiente transformado pelas práticas e técnicas de navegação e montagem da estrutura das corridas, também participando diretamente para a construção de uma canoa perfeita. Ano após ano, as mulheres têm ocupado cada vez mais as concentrações das corridas e também ajudando diretamente para o desempenho delas durante a competição.

Caminhando por entre os canoeiros e pelos panos ainda sendo arrumados na croa que serve como ponto de largada, muitos me paravam e me pediam para tirar foto, registrar um momento seu com sua canoa, com a equipe, com amigos de outras comunidades que só costumam se encontrar durante as corridas. Depois de feitas as fotos, todos me perguntavam onde podiam encontrar as fotos e aí respondia que podiam encontrar tanto no perfil do *Instagram* @antropologia_do_velhochico e ou que eu poderia enviar para o meu primo Dorginho, que ajuda a organizar as corridas ao longo do Baixo São Francisco.

O sol forte das primeiras horas da manhã, faz muito deles procurar por uma sombra, por um lugar mais fresco, por vezes atrasando ainda mais a largada, porque eles demoravam, conseqüentemente a montar a estrutura dos panos, velas das canoas. A corrida nunca sai no horário previsto, não só por isso, mas também, porque é preciso esperar o vento de refega, aquele vento especial que vem do sul para o norte e que de repente toma conta da beira do rio, dá e logo passa.

Quando então eles percebem que os bons ventos estão chegando, é hora de colocar os panos em seus devidos lugares, exigindo dos corredores bastante força, agilidade e habilidade. Requer também uma percepção bem aguçada já que estão atribuindo ao vento, ao rio, a canoa e aos panos (velas), qualidades técnicas que moldam constantemente o corpo humano.

A calma que pairava durante a preparação dos panos, dá lugar a agitação pois o vento se aproxima e todos querem aguarda-lo com as canoas em seus devidos lugares e posições. Aqueles que demoram para terminar de arrumar a canoa, acabam por atrasar sua própria largada, ou se os panos não tiverem fixados de forma segura e correta, viram e ou quebram na largada.

Cada canoa com sua estratégia se prepara para embarcar seus corredores. Por todos os cantos se ouve gritos de guerra, orações e palavras de motivação. Provocações também estão por todas as partes. Embora se perceba relações de compadrio, de irmandade e amizade, há também momentos de disputas, rivalidades, não somente entre canoas de cidades distintas, mas também divergências, rixas e competições entre canoas de uma mesma localidade.

A partir deste momento em que os canoeiros estão já dentro das canoas, cada qual em sua posição já pré-estabelecida, pelas suas próprias competências e habilidades, pelo modo como desde cedo, aquele corpo, aquele homem foi sendo preparado, motivado e treinado para exercer e ou se esperasse que ele fosse exercer traços de uma tradição que se perpetua. Concentração, manobras ensaiadas e repetidas vezes são feitas pelos canoeiros até a que seja dada a largada. E todos os corpos estão preparados para encarar mais uma maratona.

No entanto, se uma única coisa faltar, não existe a menor possibilidade de haver corrida. Todos os corredores sabem, assim como também as pessoas que esperam por ela, que quem determina o momento certo de largar, é o vento. Ventos do sul, ventos de refega, são os preferidos pelos corredores, porque eles são mais intensos, são na medida certa para fazer a canoa andar com mais equilíbrio e mais destreza. Pouco vento e ou ventos muito fortes, são complicados e colocam em risco o andar sensível e plástico de cada canoa. Ao mesmo tempo que os mais fortes podem virar, quebra panos, quebrar vergas das canoas.

Vento e canoa, nesse sentido, e neste aspecto mais particular, atuam como agentes sobre o domínio, técnica e habilidades humanas. Mas o vento também é motivo de disputas, no sentido de que, muitos donos de canoas, que muitas das vezes não são os próprios corredores, como forma de interferir na corrida, ficam o tempo todo chamando atenção e considerando pequenas e passageiras brisas, como o vento perfeito para que a corrida seja iniciada.

Até que a maioria dos corredores e canoeiros junto com a organização da corrida entrem em um acordo sobre o melhor momento, pode durar algumas horas. Se a corrida estava marcada para às 09:00 da manhã, ela pode começar somente,

dez, onze, doze e até mais de uma hora da tarde, como aconteceu na corrida de Bom Jesus dos Navegantes de 2021.

Essa corrida canoa em especial, de todas que acompanhei desde a largada até o final, foi marcada por muitas peculiaridades e particularidades. A primeira delas é que de fato, a largada aconteceu sem muito vento e ou quase vento algum, foi uma brisa, que pensavam ser um vento mais promissor, logo deu e passou. Nuvens carregadas por sobre o céu, impediam os ventos de chegar, se espalhar e correr por entre as velas.

O segundo fato é que o ponto de largada estava totalmente comprometido, devido a secura do rio e o acúmulo de lodo, lama, baronetas, árvores e galhos secos, não permitiam que as canoas se dispersassem ao longo da beira do rio e da margem. A paisagem e ou paisagens não eram de um rio que corre com toda sua força e beleza, mas era um cenário de pântano, os canoairos tiveram muita dificuldade para caminhar, para colocar a canoa no lugar certo. Com toda dificuldade, eles não desistiram e chegaram a pedir a minha ajuda para resolver o problema da limpeza daquelas margens.

Plantas, muito lodo, lama, galhos secos, estavam naquele momento transformando a paisagem do povoado Jacarezinho. O rio parecia desaparecer por debaixo das baronetas, plantas rasteiras. O rio que chegava na margem da comunidade, parecia sem força, sem vontade e sem desejos. Enfaticamente, de um ano para outro, aquele lugar, aquela paisagem do povoado Jacarezinho, tinha se moldado com tanta rapidez e com tanta velocidade aceleradamente provocado pelas baixas vazões do rio e pela ausência de chuvas.

IMAGENS 114, 115, 116, 117: canoas, lodo e um rio povoado por vidas.





SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. (2021).

Caminhando de um lado para o outro com a câmara na mão, muitos canoeiros vinham me abordar, perguntando se eu estava filmando o cenário que eles estavam, em décadas, presenciando. Enquanto outros gritavam, conversavam “ajeita o pano, negão! ” “Arruma esse pano logo! ”, outros, incrédulos, me diziam para filmar e levar a situação até o Prefeito.

Aquele era uma paisagem que eles não podiam tolerar e nem aplaudir, nem muito menos achar que estava tudo bem com o rio. Eles não podiam nada fazer, naquele momento, a não ser reclamar. A tão tradicional largada de corrida de canoas, saindo do povoado Jacarezinho, estava comprometida, estava deslocada da sua realidade, de seus traços paisagísticos e de entrelaçamento de vidas distintas e moldadas pelo rio e pelas canoas.

Nunca antes se tinha mudado de lugar. Aquele não era um ambiente ideal e do tamanho da grandiosidade da corrida. Ao mesmo tempo em que alguns moradores também não estavam satisfeitos com a situação. O povoado tinha uma das melhores croas para o lazer, para ser ponto de encontro de famílias, de amigos, de vizinhos nas margens do rio. O tempo e sobretudo as degradações, baixas vazões e o acúmulo de plantas, sedimentos e relações multiespecies, desterritorializavam de sentidos e práticas aquele lugar.

Uma a uma as canoas começaram a ser equipadas. Os grandes panos eram colocados primeiros. Medindo mais de 8 metros e meio de altura e 9 metros de largura. Cada canoa deve por obrigação e regra, ser montada com dois panos. O que vai na proa deve ser menor do que o que deve ser instalado no meio dela. Em uma verga de alumínio, com um pedaço de madeira na ponta de baixo, para fixar com mais segurança, o pano é todo amarrado ainda na areia e trazido até a canoa com a ajuda de quatro a cinco homens, ele se abre majestoso colorindo o céu e transformando a paisagem do lugar. Só depois do pano já em pé, é colocada a outra verga, formando assim uma espécie de retângulo.

É um processo cheio de técnicas, habilidades e também rodeado de performances. A equipe composta pelos seis a cinco canoeiros, preparam a canoa milimetricamente, dando nós, puxando o pano de um lado, esticando de outro,

enquanto outros homens e cada vez mais frequente também, algumas mulheres, auxiliam, opinam, seguram a canoa, uma corda.

Quanto mais seguras estiverem as velas, quanto mais perfeita estiver a estrutura que possibilita o correr da canoa, mais chances ela tem de sair na frente e ganhar a corrida. A arrumação e a preparação da canoa dura em média, 40 minutos. Tudo e todos os passos dados são tomados através do diálogo. Cada canoa tem sua própria maneira de ser moldada para aquela ocasião, sendo que todas devem seguir regras e normas já estabelecidas entre a organização e os canoieiros. Eles sabem o que podem e o que não podem fazer para tornar a sua canoa, a campeã.

Além dos panos, como todos e a grande maioria, chama por aqui, ao invés de velas, também são colocados quatro tocos, medindo aproximadamente um metro e meio de altura, são finos, não sendo muito grossos, com a largura de duas mãos unidas em forma de círculo. Na ponta superior deste toco é amarrada uma espécie de redezinha, que será aberta na hora da largada e que quatro dos seis corredores vão sentar no meio delas e vão controlar o peso e a estabilidade da canoa, junto com o piloto e seu remo.

O corredor que sobra, será o responsável por passar os panos. Ou seja, ele terá que ter a habilidade de acompanhar as mudanças do vento, perceber o exato momento de trocar as posições tanto do pano de proa, quanto o pano maior que está no meio dela, sem deixar que um descuido seu, faça com que o pano e a verga se quebrem, rasgue e por conseguinte vire a canoa.

Essas passadas de pano são frequentes e servem também para mudar a trajetória da canoa que desliza pelo rio com a ajuda do vento. Na hora que acontece uma passada de pano, todos aqueles que acompanham de perto a corrida, vibram, se desesperam, entram em pânico. Quando dá certo, é como se fosse um gol, mas quando não sai como planejado, é como se perdesse uma copa do mundo. Cada canoa que vira e ou o pano se quebra ao longo do caminho, vai deixando a corrida mais pobre, menos colorida e divertida.

Quando então, todas as canoas estão prontas, posicionadas, resta apenas esperar o vento perfeito e a largada. Passava de meio dia quando, então, naquela

tarde do segundo domingo de janeiro de 2021, foi dada a largada da tradicional corrida de canoas de Bom Jesus dos Navegantes de Pão de Açúcar. Com pouco vento e sem distanciamento de uma canoa para outra, elas se amontoam, todas procurando brechas para pegar vento e deslanchar, mas não vai. Gritos são ouvidos por todos os lados, “Bora!” “Vamos!” “Bora!”.

E é chegada a hora, o momento certo. O tempo e o vento serão e foram os condutores dos destinos das canoas “Lua Branca”, “Marcela”, “Garcinha”, “Creuzinha”, “Planeta”, “Vitoria”, “Geórgia” e a canoa quilombola “Guerreira”, além de tantas outras, partem lentamente rumo ao ponto de chegada em Pão de Açúcar. Em frente ao bar “Toca do Índio”, no meio do rio, entre Alagoas e Sergipe, uma boia de cor amarela espera o cruzar da primeira colocada, enquanto uma bandeira de cor verde neon está também sinalizando, na beira do rio a chegada.

Mas para que isso pudesse acontecer, era necessário, além da destreza, das habilidades e técnicas, contar com a presença grandiosa e majestosa do vento. E como já disse anteriormente, ele veio fraco, causou alvoroço e foi minguando à medida que a corrida acontecia. Sem força e sem vontade, veio castigando sem cerimônias todos que ali estavam na peleja. Tinha momentos que ele parecia que vinha mais forte, com mais refega, mas era apenas um sopro de esperança e nada mais.

A corrida se arrastava lentamente. Mais força e menos habilidade começava a tomar conta da corrida. É aí que começa a terceira particularidade desta bendita celebração esportiva e cultural da Festa de Bom Jesus dos Navegantes 2021. Os corredores começaram a burlar algumas regras. Uma a uma, ao final da corrida todas as 14 canoas que estavam competindo, quebraram as regras, os acordos pré-estabelecidos.

Em frente a comunidade indígena Xokó, as canoas, incluindo a Geórgia, pertencente a minha família, começaram a “Zingar”. Empurrar o remo para baixo com toda força, fazendo com que a canoa pegue mais velocidade. Outra regra que não podia ser quebrada e foi, é a utilização das mãos para serem usadas como se fossem remos, assim como a utilização dos pés para fora da canoa e por último, a

utilização dos tocos para também serem utilizados como meios de empurrar a canoa para frente.

O remo em uma canoa serve para dar a direção e também a estabilidade. Proporciona ao mesmo tempo velocidade e equilíbrio. O piloto com um remo na mão é a junção de inteligência, perspicácia, habilidade e muito conhecimento sobre navegação e sobre os movimentos e correntezas do rio. Em uma corrida, ele o remo não pode ser utilizado como propulsor da força. Meu tio Waldique, que pilotava a embarcação de fibra (as voadeiras) e que levava a comissão organizadora e eu, vendo toda a situação, gritou em voz alta para todos ouvirem “Hoje pode tudo! ” “Todo mundo errou! ”, “Todo mundo está errado! ”, então eu disparei: “Está todo mundo eliminado! ”

A essa altura, intervenções de todos os lados, dos amantes das corridas, dos torcedores, dos donos de canoas começaram a minar a tão tradicional corrida. Estava tudo muito imprevisível e ainda sim, nada de vento. São Lourenço, não queria saber de brincadeira. Para os canoheiros e corredores, há uma expressão que eles repetem com frequência: “São Lourenço, mande vento! ” e nada do santo colaborar.

Uma corrida atípica estava se apresentando diante dos nossos olhos. Para os torcedores e brincantes mais antigos, aquilo nunca tinha acontecido antes. Passava das três e meia da tarde quando enfim, a boia da chegada via passar por ela, as três primeiras colocadas. A canoa “Marcela”, da cidade de Traipu foi a campeã desta fatídica corrida.

A Premiação aconteceu na tarde daquele domingo nublado, depois das quatro horas da tarde, na “Toca do Índio”, nesse local de encontro de todos os amantes das corridas. Uma tradição que se iniciou através do meu avô Odilon juntamente com outros amigos e que se perpetua até hoje. Tenha vento ou não, as canoas vão encontrar os seus caminhos, os seus destinos e suas derradeiras maneiras de se tornarem campeãs.

Ao longo do ano, outras corridas acontecem, não só em Pão de Açúcar, mas em povoados, comunidades, cidades, onde exista motivos e festas de padroeiros, datas comemorativas, como dia dos pais, feriados, há de haver uma corrida

acontecendo. Comunidades formadas por ribeirinhos, pescadores, canoeiros, estão em constante processo de modificação de suas existências, perpetuando-se encravadas no meio das serras, montanhas, praias, croas, com o rio, com as canoas e até mesmo com o vento.

Hoje em dia, existe uma espécie de campeonato, com pontuação e classificação geral das canoas. Aquelas que mais ganham ou chegam nas primeiras cinco posições ao longo do ano, vão acumulando pontos e no final do ano, logo depois da última corrida, também em Pão de Açúcar, é definida a campeã do dia e do ano.

Fonte de exímios canoeiros e corredores de canoas, Pão de Açúcar já produziu e produz muitos bons e campeões. A Geórgia, é considerada a rainha das rainhas, pois reza a lenda, que durante seus quarenta anos de existência, é a única canoa que nunca parou de correr. Ou seja, é a única canoa que não parou, que nunca se distanciou um dia se quer das águas do Velho Chico. É a canoa da minha família e depois do falecimento do meu avô Odilon em 2001, dos meus tios Romeu em 2020 e de tio Edson em 2021, ela hoje está sob a responsabilidade do neto mais velho, o Dorginho, responsável não só por cuidar, mas também por encabeçar e organizar várias corridas ao longo do ano.

Ele, assim como outros primos e primas, segue mantendo para além do tempo das saudades e das tristezas, promovendo dentro do seio da família e para a comunidade ribeirinha as nossas tradições e nossos modos próprios de dialogar, de se relacionar com o rio, com as vidas e com as relações que se estabelecem no mundo do rio.

Porem e, entretanto, uma paixão por corrida não nasce de um dia para o outro, mas da existência concreta de vidas sendo tecidas nas beiras do rio, juntamente com a coexistência de outras práticas, outras técnicas, outras habilidades. Perpassa, sobretudo pela construção cotidiana de relações afetivas entre homens, jovens, crianças e principalmente destes e das mulheres com o rio. O amor e a vida sendo elaborada com e através do rio, povoa e transcende as duras realidades e veleja junto das canoas.

5.6- Corrida de tabicas e a infância sendo moldada pelo rio:

Desde pequena, uma criança que tem dentro de sua casa, um pai, um avô, um tio pescador, canoeiro, barqueiro, é conduzido naturalmente a se encantar pelo mundo das canoas. Não só brincando em cima de uma delas, como faziam meus irmãos, primos e amigos e eu, mas também ainda hoje faz qualquer criança mais entrelaçada com o ser do rio. Muitas dessas crianças acompanham seus pais e os corredores das canoas em uma corrida.

Não é raro encontrar crianças (geralmente do sexo masculino) ajudando, colaborando, vibrando, reproduzindo manobras, técnicas e saberes em cima da canoa enquanto a corrida não é iniciada. E assim, aprendizagens e encantarias ribeirinhas vão sendo continuadas, reelaboradas, gestadas para irem adiante, encontrar o futuro.

Criança ribeirinha que gosta de corrida, é como uma criança que ama jogar futebol, só que neste caso, a criança ribeirinha não pratica e nem desenvolve suas habilidades junto a uma canoa de corrida. Ela sabe e todos nós que um dia já fomos uma criança nas margens deste Velho rio, sabemos que é na espera e nas interações que mora a beleza do vir a ser. Além do mais, é através da observação contínua, da experiência observada que cada criança vai desenvolvendo seu modo particular de se articular com a canoa e com o rio.

Eu me arrisco a dizer que, um bom canoeiro e ou corredor de canoa será no futuro, aquela criança e ou adolescente que souber aproveitar bem a sua infância brincando nas margens e dentro do rio. Brincando especialmente de corrida de tabicas, pois são as famosas tabicas que introduzem na vida infantil e adolescente, toma para si a obrigação de conduzir, juntamente com o rio, com o vento, o despertar do ser para as corridas.

Tendo a aprendizagem, como instrumento não intencional e não acumulativo de bens, mas pelo contrário, uma aprendizagem que se intercala com o brincar, com a despreensão, com saber que naquele momento o seu papel e ou função não é o de exercer nenhuma atividade obrigatória, mas por assim dizer, de se familiarizar com o que é comum dentro do grupo social no qual está inserido.

Tabicas são pequenas canoas medindo entre 60 a 80 centímetros de comprimento, por um palmo de largura. Tem uma estrutura muito fina e por isso mesmo leva o nome de tabicas. São muito leves e velozes, quando conseguem o equilíbrio ideal para que ela possa deslizar naturalmente pelas águas mais agitadas de um fim de tarde.

Quando eu era criança, lá primeira década de 90, era mais comum ver quase todas as crianças, adolescentes, cada um com canoa, chamadas de tabicas e ou tabiquinhas eram feitas (geralmente) de um tipo de madeira chamada de mulungu, muito comum na região e que eram facilmente encontradas, suas toras, seus pedaços, boiando dentro do rio, principalmente quando chovia bastante e o riacho enchia.

O mulungu era muito disputado pelas crianças, pelos adolescente e jovens, quando eram encontrados do nada, no meio do rio. Um bom pedaço era sinônimo de construção de uma boa tabica e por isso mesmo era comum ver a gente brigando, discutindo e até mesmo destruindo o pedaço da madeira que poderia servir para dali, com as mãos habilidosas de artesãos mais velhos, ganhar forme e cor.

Deste modo, elas eram feitas mais rusticamente, diferentemente das que se apresentam hoje. As de hoje são melhoras acabadas, são mais finas, tem pinturas diferenciadas, tem nomes pintados em sua estrutura, coisa que não era possível a mais de 20 anos atrás. Elas tinham nomes estampados nas bocas de seus donos, mas nunca desenhados e ou pintados.

Eram também menores e muitas não possuíam e ou não tinham se quer uma pintura para chamar de sua. Era crua mesmo, da cor da própria madeira. Já os panos e ou as velas como cada um se habitou a chamar, elas mantinham o mesmo padrão das corridas de canoas tradicionais, há não ser pelo fato de esta, a menor, seus panos eram e são ainda hoje feitos com sacolas plásticas encontradas em supermercado e remendadas até formarem um pano que garanta o acumulo de vento, que resista a ação deste e não fure com os impactos provocados pelas águas agitadas e muito vento.

Os panos, feitos de sacolas plásticas, muitas vezes reutilizadas usam em marcas de supermercado, lojas de construções e tantas outras que fazem parte do comercio local, mas também regional e em nível de Brasil. Outros já conseguem fazer os panos de suas tabicas com plásticos e outros materiais mais resistentes do que as sacolas plásticas de supermercado.

Imagem 118 e 119: crianças, jovens e adultos brincando de corrida de canoas





SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. 2020

Geralmente as corridas de tabicas estão mais concentradas entre os meses de setembro, outubro, novembro e dezembro, dependendo, sobretudo, nos últimos anos, das condições ambientais e de vazões do rio. Eles, os corredores, geralmente correm e brincam nesse período tem em vista que são os meses onde costumam acontecer pequenas cheias, que possibilitam que a croa central seja repartida e eles tenham córregos e ou corredores de água que permitam as canoas flutuarem e correr com mais liberdade e agilidade.

Jovens, crianças e até mesmo adultos, entre eles o meu amigo de infância Raul, continua ainda a fazer das corridas de canoas e de tabicas na beira do rio, assim como seu irmão, popularmente conhecido como “Coqueiro”, que consegue não somente continuar não só brincando, mas também participando de competições de canoas grandes ao longo do Baixo São Francisco.

O pai deles já tinha sido corredor por muitos anos da canoa “Geórgia”, chegando a ser campeão por diversas vezes e conseqüentemente passando através das oralidades, das técnicas e dos saberes acumulados ao longo do tempo,

os ensinamentos para os seus filhos. Se movendo juntos ao seu pai, Raul e “Coqueiro”, puderam ao longo de suas trajetórias na infância e na adolescência, compreenderem a importância de fortalecer não tão somente os vínculos familiares, mas também tecer suas próprias narrativas através do contato direto com o rio, com as corridas de canoas e com as próprias tabicas.

Quando crianças, muitos de nós, embora estivéssemos ali tentando, apreendendo ou pelo mesmo tentando, não sabíamos manusear direito uma tabica, não tínhamos os traquejados e as habilidades necessárias nem para fazer a canoinha sair do lugar sem afundar e ou virar antes. Aqueles que se destacavam também tinha o hábito de repassar para quem não tinha tanta manha e ou desenvoltura suficiente para fazer de sua tabica, uma campeã.

E para falar a verdade, eu sempre fui um fracasso, sentia que eu não tinha intimidade nem com a tabica e nem em fazer com que ela pudesse ao menos sair do lugar. Meu negócio mesmo sempre foi de nadar, mergulhar e pegar saburica com um saco de estopa. Nisso eu tinha, e até hoje eu percebo que tenho, habilidades de saber mergulhar e até mesmo caminhar topando meus pés na areia do fundo do rio. Mas fazer uma tabica andar, era a coisa mais rara do mundo.

Mas meus amigos, como o Raul e o “Coqueiro” sempre se destacavam, também eles mesmo, por muitas vezes sabiam fazer suas próprias embarcações, as velas e ter o domínio por completo dos movimentos corporais necessários para fazer dá largada, um momento fascinante aos olhos humanos. Gestos e movimentos corporais repetidos, nos dão a impressão que uma dança, um balé está sendo executado em pleno rio. Pernas se cruzam, os corpos se abaixam, se curvam, mãos se entrelaçam. Eles esperam o vento, largam suas canoas e correm atrás delas.

Vibram quando elas chegam na frente, reclamam quando ela vira antes de cruzar a linha de chega e ou até mesmo chegam depois de outros competidores. Hoje em dia, eles ainda correm, brincam, se divertem, sempre na companhia de outros amigos e colegas que chegam da rua da Alegria, da rua e da Avenida Ferreira de Novaes, da rua São Francisco.

Juntamente com seus filhos, sobrinhos, filhos de amigos, crianças que assim como foram um dia, Raul, “Coqueiro”, Willian, Durval, Hemerson, Bratiner, Bibinho, Thiago de Laci, eu e tantos outros, estávamos ali para brincar, mas também se encantar com um mundo criado e experienciado por nossos mais velhos e por nós mesmos.

Hoje, eles estabelecem diálogos próprios, códigos de condutas, criam laços e afinidades, aprimoram as técnicas em um rio que não é o mesmo da nossa infância e adolescência, mas que faz com que eles moldem seus próprios corpos e as suas próprias maneiras de brincar e correr, de criar suas paisagens particulares, coletivas e que estão moldando a forma, a estética do lugar.

Mas assim como uma corrida de canoas profissionais, eles também precisam contar com a presença de bons ventos, que são implorados a São Lourenço. Durante um final de tarde inteira, quando parece que bons ventos não estão soprando a favor, é recorrente ver um jovem, um garoto, implorar ao santo que este faça o favor de enviar um ventinho bom de refega, para que ao menos eles não tenham dado viagem perdida até a beira do rio.

Foi em uma tarde do dia 29 de dezembro de 2020, com um pedaço da croa quase coberta por causa das vazões de final de ano, que Raul juntamente com outros companheiros e amigos de brincadeira, se reuniram em frente ao terraço da casa dos meus pais. Neste momento, passando das 16:00 horas da tarde, quando o sol já está mais ameno e o vento um pouco mais intenso, que eles começam a se organizar para então iniciarem a brincadeira.

Conversa vai, conversa vem, quando então eles decidem começar a correr, eu desço e com a câmera na mão acompanho com um olhar atento e carregado de memórias da infância, os movimentos repetidos que vão sendo performando ao longo do fim de tarde até o anoitecer, quando o rio manso e sereno começa a adormecer.

Nas tabicas, assim como nas canoas maiores de corrida, existem sempre dois panos. Eles também estão fixados um na frente do outro. Sendo que ambos têm o mesmo tamanho e a mesma largura, diferentemente das canoas maiores. Prontas e arrumadas para correr, na hora que o vento chega, elas são largadas a

própria sorte, com uma rapidez tão assustadora que seus donos por vezes não conseguem acompanhar na mesma velocidade e acabam por perder o controle.

Muitas vão parar o meio do rio, dependendo de onde o vento as leve, outras para na beira do rio e acabam provocando quebra de bigorna, da própria proa e danificando a estrutura dos panos. E aí, neste sentido, temos todos a noção, de que em uma corrida de tabicas, assim como em uma corrida de grandes canoas, nada está tão puramente definido, pronto e acabado, mas está sendo moldado através dos processos contínuos, mutáveis, instáveis e imprevisíveis.

Sempre no final da tarde e até o anoitecer, eles permanecem no rio, correndo para cima, para baixo, trazendo suas tabicas nas mãos, dialogando com os outros corredores, definem como será a próxima bateria. Se serão com dois, com três, com quatro e ou com todo mundo ao mesmo tempo. Me aproximando deles, em vários momentos nos quais eu estive mais próximo do rio, sentando ou em pé com uma câmera na mão, registrei vários momentos performáticos e técnicos com o uso do corpo que só eles mesmos sabem executar, reelaborar, transformar de acordo com as mudanças dos ventos, do próprio rio.

Imagens 120, 121 e 122: corpos em técnicas, habilidades e performances





SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. 2020

A medida que vão traçando metas, planos e objetivos em comum, juntamente com o rio, com as tabicas e com o vento e também através da coletividade, essas crianças, adolescentes, jovens e até mesmo os adultos, estão imbricados nos processos de crescimento e alargamento das experiências de vida e corporal, mas também dialogando com um rio que é inconstante, mutável e está perpetuamente em mudanças alavancadas não só pelos seus processos naturais, mas também pelas mudanças climáticas e processos acelerados de ruínas oriundos dos procedimentos do mercado financeiro e geração de desenvolvimento econômico tendo a água e o rio como produto comercializável.

Muitos são os corpos negros e pretos que estão mergulhados nesses cotidianos vivos e ativos do mundo do rio. Cada um com seu modo de ser, de estar e se relacionar com as paisagens a sua volta. Nem todos eles sobrevivem do e pelo rio, mas encontram nele a capacidade de se tornarem princípios ativos de mudarem as suas próprias condições corporais. São as tabicas, juntamente o com rio e o

vento que dá sustentabilidade a esses corpos em transmutação e heterogeneização possíveis de estabelecer em pé e habitar cada porcentagem da margem do rio.

5.7- Raul e seu corpo negro em performance com as tabicas:

Imagens 123, 124, 125, 126, 127 e 128: Raul e sua arte de tecer corridas de tabicas











SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. 2020

Por longos dias, eles estão lá. Adultos que desde criança brincam, como é o caso de Alexandre, até pouco tempo atrás o seu Beto, Rivera, Dudu, os próprios Raul e “Coqueiro”, são personagens que conseguiram e muitos ainda conseguem fazer essa transição da vida adolescente e jovem, para a vida adulta sem deixar de permanecer conectados com o que mais de genuíno representa a vida de um ribeirinho.

É da ação contínua e multidisciplinar que surgem os processos interativos, as trocas de saberes e conhecimentos que só podem ser compartilhados no caminhar, no correr, no navegar, no estar em constante movimento, fundamentando as habilidades, as técnicas e também as práticas, através das relações, dos emaranhados que propiciam caminhos de evolução.

A maioria deles está diariamente, naquele período mencionado anteriormente, entre setembro a dezembro, na companhia de seus filhos, dos seus netos, exceto Alexandre, que eu nunca vi ter em sua companhia o seu filho, tanto Manoel, como “Coqueiro”, estão repassando e ou transmitindo aos seus filhos a arte de ser um corredor de canoas e de tabicas.

É na rua da alegria, na Rua São Francisco, que podemos encontrar a maior concentração de brincantes das corridas de tabicas. Um reduto de pescadores, canoeiros, barqueiros, corredores de canoas. Foi junto deles, desses amigos, hoje um pouco já mais distantes, que eu brinquei, aprendi, mesmo não aprendendo quase nada, a respeitar e a admirar o rio em suas múltiplas formas e sentidos.

Em uma dessas tardes, enquanto observava já em outro local e curti o fim de tarde, a brincadeira de corrida de canoinhas e ou de tabicas, que vejo em Raul a possibilidade, de através da sua sensibilidade, da sua visão e olhar mais expansivo sobre o rio, tanto pelo seu histórico familiar, bem como pela sua capacidade de atravessar o tempo sem desviar do que lhe faz bem na beira do rio, que resolvo conversar mais diretamente com ele, sobre como ele se sentia ali, se perpetuando em um contexto de mudanças do próprio rio, bem como dos impactos causados pelas transformações culturais.

Raul nasceu no dia 01 de abril de 1984, portanto um ano mais velho do que eu, o que permite a ele ter passado, assim como eu também, por várias modificações paisagísticas nos últimos 20 a 30 anos. Com propriedade, ele logo destaca que continua a brincar porque ele manter uma tradição que é sua, mas não só dele desde criança.

Estamos aqui para mostrarmos que nós continuamos com a nossa tradição, brincar de carreira de tabica, de canoa tabica. Desde a nossa infância, vou fazer 37 anos e já tem 30 anos que brinco de canoa. E isso aqui faz parte do nosso lazer, do dia a dia, e também da nossa saúde. Da nossa saúde, para o nosso corpo adquirir saúde, preparação, nosso físico e também com esse rio que é uma maravilha de Deus. É muito bom! É muito bacana quando o rio está cheio que fica aquele canal do outro lado, mais perto da rua da frente, também brinca lá. Fica até mais tarde, fica até quase a noite. E é também, é, o causo do dano que traz para nós brincarmos aqui, é que corta muito os pés, os caramujos³⁶, as pedrinhas, que quanto mais o rio vai secando, vai ficando seco, aparece mais caramujo, mais pedrinha. Mas tirando isso, isso aqui é muito bom e faz parte da nossa vida. E que essa tradição continue sempre nas nossas vidas. Que mais crianças possam crescer com mais saúde, e que essa tradição nunca morra. Que venham brincar com alegria, paz e segurança. (RAUL, dezembro de 2020).

O que Raul me oferta em termos narrativos, é que quando ele fala em “nós”, ele também está se referindo a mim, aos meus primos, aos nossos amigos, que ou em um dia de sábado de manhã e ou em um fim de tarde de muito vento e calor, nos encantávamos com a possibilidade de estarmos livres, imersos, conectados, emaranhados, com as formas de ser de um rio, para brincar, fortalecer vínculos, estabelecer conexões que estavam e ainda hoje estão contidas nas distâncias, que colocam nossas existências nos devidos lugares, como nos fala Mia Couto (2003).

Que por tantas vezes salvou as nossas vidas, sem que o desânimo de viver estivesse presente. As nossas memórias nos fazem seres melhores, encorajados por saber viver na espera dos bons ventos, mas também nos movimentos das ondas, marés, das maruadas.

³⁶ Isso acontece quando o rio está muito seco e nas margens da croa, a presença constante de caramujo, de pequenas pedrinhas, acaba interferindo no modo como eles, descalços dentro do rio se relacionam com o próprio modo de correr atrás da canoa que acabaram de largar.

Ao mesmo tempo, e sem querer aqui trazer interpretações de suas falas, Raul se apega a dois motivos para, embora no auge hoje dos seus 38 anos, essa primeira delas e como não poderia deixar de ser, está atrelado as tradições que nasceram antes da sua própria existência. Raul compreende a importância de manter viva dentro dele e repassa, mesmo que em tom de brincadeira, os saberes, técnicas habilidades que as mantem conectadas ao rio, aos seus próprios laços familiares, já que seu próprio pai, foi um exímio corredor de canoas, pescador e canoero.

Outro fator que pode ser levado em consideração e que parecer fortalecer ainda mais a relação dele com a “carreira de canoa”, como ele mesmo diz, é a ligação da brincadeira com a aquisição e manutenção da sua saúde corporal e também, implicitamente, emocional, já que a corrida e ou a “carreira”, requer além de conhecimentos técnicos, navais e tecidos em cima das habilidades, muita disposição, muito preparo físico e modos individuais de conhecer o seu próprio corpo e de como ele pode e deve se comportar em compartilhamento com o rio.

Não só ele, mas todos que se aventuram em brincar de corrida de tabicas e estão na mesma faixa de idade, sabem que limitação física é um fator contributivo para o seu desempenho pessoal, para além do que é ofertado pela canoinha que se conecta com o vento e com o rio. Mais do que uma ação coletiva, embora eles se juntem coletivamente, é o autoconhecimento, a administração pessoal contribui para sua própria realização enquanto individuo imerso no mundo do rio e dos seus fazeres contínuos.

Algumas tabicas conseguem alcançar distancias muitos longos, outras viram até mesmo na largada e essa condição depende muito do modo como cada brincante (corredor) se molda a partir de sua estrutura corporal. Por trás de uma tabica que corre bastante por sobre às águas do rio, há toda uma ação performativa de cada corredor, combinada com a ação do vento, transforma por instantes, a paisagem, a realidade do rio, ao mesmo tempo que molda isoladamente o corpo e as ações corporais dos meninos que na beira do rio se divertem.

Fundamentalmente, é o vento e tabica com seus panos abertos, combinados com o rio em movimentos de marés, que moldam e fazem os corpos performarem, se transformarem, esculpindo habilidades e técnicas que se encontram todas, em

sincronicidade com o pôr do sol, sem ensaios, sem ritos pré-estabelecidos. Em uma ação coordenada, formando uma fila horizontal, um sempre do lado do outro, podendo ser corridas de duplas, trios, ou até mesmo com todos que ali estão presentes.

A espera do vento, eles trocam entre eles, conversam, discutem, se provocam, mas são todos amigos e diariamente estão reverberando conhecimentos oriundos de tradições repassadas e dialogadas pelo tecer do novo dia. Nem todo vento que sopra vindo do sul para o norte é ideal para que eles se posicionem, segurem com uma das mãos a ponta de um dos panos na vertical e com a outra mão segure a bigorna até que a ponta da pequena tabica encontre a água.

Quando o vento ideal então é percebido por todos, um “vamos!” coletivo é entoado por todos. Rapidamente eles se curvam, se aproximando e se abaixando para que as mãos, as tabicas encostem no rio. Com um movimento brusco e muito rápido, parecido com um arremesso lateral, eles soltam as tabicas e elas partem, sem controle e sem destino. Depois de lançadas as tabicas, diferentemente das corridas de canoas grandes, os seus donos não têm controle sobre elas.

Então é preciso que cada qual, com suas habilidades, com suas técnicas, com modos próprios de entender o sentido do vento, o modo como o rio está agindo, ao mesmo tempo em que tem que entender como o corpo está estruturado e sendo moldado a cada carreira dada. É importante frisar que as corridas de tabicas, acontecem várias vezes em uma mesma tarde, são corridas rápidas, demora apenas de um a dois minutos. Correndo, eles vão atrás delas e assim como as pequenas canoas, eles parecem flutuar sobre as águas. Tentado acompanha-las, eles são velozes e ágeis.

No entanto, o rio cada vez mais seco, cada vez mais raso e cheio de lodo, de plantas, é, digamos, que um entrave para a continuidade das práticas tradicionais ribeirinhas, forjados pelo saber, pelas assembleias que mutualmente estão presentes em cada ato realizado e praticado durante as corridas de tabicas. Como disse Raul, quando o rio está seco, o aparecimento de caramujos, de pedrinhas pequenas e até mesmo do próprio lodo, interferem, mas não fazem sumir ou desaparecer essa brincadeira.

Quanto mais seco o rio está, piores são as condições de estabelecer as conexões necessárias com o rio. Ao mesmo tempo em que o rio muito cheio também não permite o desenvolvimento da corrida, já que os corredores não terão como correr dentro do rio. Eles preferem o rio com uma vazão que permita o surgimento de pequenos corredores dividindo a grande croa, facilitando que eles se locomovam enquanto as tabicas correm.

E era assim o rio da nossa infância. Nesses últimos anos eles mudaram constantemente de local, procurando sempre o melhor ambiente em que todos possam brincar, se divertir e reverberar através de técnicas e práticas individuais e ao mesmo tempo coletivas, traçadas pelas memórias que vão sendo reelaboradas, reinterpretadas, ressignificadas todas as vezes que o fim de tarde chega. Quando então o sol vai embora, o rio fica mais agitado e o vento é mais forte ao ponto de destruir uma tabica, faz ela sair voando ou deixando de tocar o rio por diversas vezes enquanto corre, a brincadeira se encerra.

São esses aprendizados cotidianos e mutáveis que fazem brotar na beira e ou nas beiras do rio, saberes diversos, corpos em constante processos de performances e memórias particulares que vão sendo construídas, colaborando para a continuidade e repasse das corridas de tabicas, ao mesmo tempo que reafirmam processos diversos de aprendizagens, de relações múltiplas, contrariando entre outras coisas a unicidade e ou homogeneidade alavancadas pela aceleração demasiadamente concreta do imperialismo industrial e das ruínas que dele somo feitos e lançados no tecer dos dias.

E apesar de vivermos nesse “mundo fraturado” (RUFINO, 2021), há ainda navegando nesse rio, modos contínuos e ressignificados de ser parte dele, fazendo emergir paisagens particulares e históricas. São mais que representações, são vidas entrelaçadas no e pelo tempo memorial, pelo tecido que sustenta relações, convívio, amizades, que se constituem, se desgarram conforme as marés agitadas e calmas do grande rio, desorganizando, bagunçando e expondo às contradições dos projetos políticos e econômicos vinculados às questões ambientais, principalmente sobre o controle e uso dos recursos hídricos.

Nenhum de nós, por mais que estejamos o tempo todo preocupados com as constantes vazões, o represamento do rio, não temos controle sobre aquilo que nos move, nos expõe para conhecer de modo particular, íntimo e coletivamente ribeirinho, que é o rio. Se a fé move montanhas, é pela e na fé que homens e mulheres encontram no rio, o “São Francisco”, motivo para continuarem, também, acreditando, que ele voltará a encher, a ter peixes, camarões, pilombetas, pias cutia, traíras e também se alargar, até que encontre as cercas dos quintais que ficam nas suas antigas margens.

5.8- Fe, Tradições nas Águas do Velho Chico: procissões fluviais:

Através das procissões fluviais de Bom Jesus dos Navegantes, que acontece sempre no segundo domingo de janeiro, há mais de 80 anos e também pela procissão de São Pedro Pescador, em 29 de junho, ou seja em rituais discretos realizados pelos adeptos das religiões de matrizes africanas, principalmente para Oxum e outros orixás que tenham relações com as águas doces, os moradores de Pão de Açúcar e cidades vizinhas, especialmente a comunidade católica e as famílias de pescadores, canoeiros, e barqueiros, expõem de forma pragmática e ressignificadas os seus próprios modos de encarar a realidade, com a fé e com o rio.

Assim como eu também, participando dessas manifestações, desde as mais coletivas, até mesmo realizando meus rituais para as divindades das águas, como Oxum, Oxumaré, Marujos, Pretos Velhos, Nanã, sempre vivenciei as procissões e me sentia e até hoje me sinto, parte delas, ao mesmo tempo em que fui presenciando e observando desde sempre, processos ritualísticos sendo repetidos, moldados conforme o andar da sociedade inserida no século XXI. Não só pelas mudanças comportamentais da população, mas, sobretudo pelas condições de navegabilidade e permanência dentro do rio.

Se até o final do século XX, às procissões de Bom Jesus dos Navegantes eram realizadas sempre por volta das 15h30 e ou 16h da tarde, conforme o rio foi

secando, ficando mais raso, ficou mais perigoso para as balsas que levam a imagem do Santo navegador até os pés do Cristo Redentor no morro do Cavalete. Rio seco, ventos fortes representava perigo, dificuldade para fazer barcos, lanchas, canoas, também acompanharem a procissão e até mesmo causar acidentes.

Com o início do século XXI, veio também a mudança de horário. Uma ação conjunta, pensada pela Marinha do Brasil, através da Capitania de Portos de Penedo, com a Igreja Católica e a Prefeitura Municipal de Pão de Açúcar, resolveram transferir para a parte da manhã a procissão, causando impactos culturais e tradicionais na população e visitantes que estavam acostumados em descer até a beira do rio durante todo o dia e esperar a procissão.

Sendo na parte da manhã, a Procissão deixou de contar com a participação de muitos fiéis e de um público mais considerável, tendo em vista que, saindo da Igreja Senhor do Bonfim, na praça de mesmo nome, às 08h30 da manhã, muitas pessoas ainda dormem, porque na noite de sábado tem shows em praça pública e que se estendem por toda a madrugada. Ao mesmo tempo em que poucas embarcações e até mesmo o trajeto original que passava em frente a comunidade de Niterói, agora passa mais no meio do rio.

A procissão de Bom Jesus dos Navegantes, quase centenária, como já falei anteriormente, acontece sempre no segundo domingo de janeiro, que também acontece na cidade de Penedo, cidade que fica ainda mais próximo da foz do rio. Estas duas se constituem como as duas principais manifestações de fé nas águas do Baixo São Francisco. No passado, canoas de tolda faziam parte do cortejo náutico. Antes mesmo da presença das balsas a motor, eram as canoas de tolda que percorriam todo o rio, levando a imagem de Bom Jesus e também parte da população que até hoje se põe a acompanhar o santo padroeiro dos navegadores.

São nas manifestações ancestrais calcadas na fé, de identidade ribeirinha, através das procissões fluviais, tanto de Bom Jesus dos Navegantes, bem como a de São Pedro Pescador, que as águas do rio, ganham e adquirem outra esfera ontológica. Pedidos, orações, promessas, cânticos, louvores são feitos e refeitos ao longo do trajeto.

Dezenas de embarcações, desde as maiores, que comportam até 40 pessoas, desde as pequeninas como botes, canoas, que pegam de 5 a 2 pessoas, cada uma delas expressando vínculos afetivos, de crenças e modos particulares e próprios de ser contaminado pela fé e força que emana do rio e da religiosidade.

Dentro das canoas e botes, lanchas e barcos, na balsa, homens e em sua maioria, mulheres, cantam, jogam flores no rio, rezam o terço, acenam com as mãos, dão tchau para outras pessoas que estão em outras embarcações. Nas margens, bandeiras brancas pintadas com a imagem de Bom Jesus estão presentes em bares, em casas, em estaleiros. Tremulando com o vento que bate, elas simbolizam mais uma expressão de respeito e fé do povo pelo senhor que navega nas águas do Opará.

Elas já estão hasteadas desde o começo da semana e juntamente com os fogos, anunciam todos os dias que a comunidade ribeirinha está em festa e saúda o Bom Jesus. Neste contexto de materialização e concretização das festividades alusivas, que desde o seu surgimento celebra o rio e de tudo que dele emana, só foi cancelada uma única vez, que foi no ano de 2021, justamente durante a Pandemia de Covid-19.

Ela se constitui, no mais, pelas dinâmicas e práticas inscritas nos dogmas católicos, que se misturam com as tradições orais, corporais e comportamentais da população, revelando também seu lado profano. Sobretudo, nas variáveis particulares que estão nos tencionamentos situados pelas pluralidades presentes em cada indivíduo e em cada celebração coletiva que não está presente dentro do círculo de fé, mas que está além, nas praças, nos bares, na volta para casa de familiares que mora distantes e que esperam esse momento para reescreverem suas histórias contínuas com seu lugar de origem.

Há um profundo abarrotamento de dinâmicas, desde o jogar de flores nas águas, alfazemas. Em outros tempos, hoje é cada vez mais raro, eram jogadas bombas d' água que explodiam e levantavam água para todo canto e também aparentava perigo para as pequenas embarcações. A presença de bebidas alcoólicas durante a procissão também é um fato que merece ser levado em

consideração em todos esses processos dinâmicos que estão sendo reelaborados ao longo dos anos.

Nesta perspectiva, o ideal e o primordial para quem acompanha a procissão pela primeira vez, é não tomar como um processo ritual já fechado em si mesmo e parado no tempo, pois nem mesmo o rio e suas águas calmas e cristalinas seguem um mesmo fluxo. Não produzem marés e remos coerentes no tecer do cotidiano. Há invenções de mundos e de paisagens que estão fortemente entrelaçados no presente e no passado.

O rio que para muitas famílias é o sustento de todo dia, que além de alimentar o corpo físico, se alimenta também de força, de coragem, de memórias de um tempo que foi e que nunca será o mesmo, já que o rio não está passando por nós através de uma mesma identidade. Suas tessituras são promovidas pelo vento, pela seca, pela destruição e modificação de suas paisagens, que se movem como as redes de arrasto lançadas pelos pescadores e ao encontrar com peixes, promovem movimentos fora do controle das mãos humanas, assim como as mãos do imperialismo e do capitalismo industrial, que com suas mãos fincadas no rio, promovem rupturas e desastres.

Pensar as procissões fluviais como únicas e exclusivamente praticáveis através de formas e formulas imutáveis, abordadas através de um viés eurocêntrico e branco normativo, é reduzir e correr o risco de naufragar nos reducionismos, já que as manifestações encontram nas imprecisões e nas contradições dos dias, demarcadas através dos corpos e nas ações práticas, que estão além do visível e do que se é observável.

Quando pessoas, que assim como eu choram, derramam lágrimas, se arrepiam, evocam memórias, estamos então conectados diretamente com a força ancestral do rio em nossa caminhada. Com o desaguar do próprio rio em nossas vidas, em nossas potências criativas, nos seres encantados que vão desde o Bom Jesus dos Navegantes, até o Preto Velho que povoa o imaginário, mas também dos caboclos indígenas que mergulharam no rio para nunca mais voltar. É a Oxum, ofertada como o próprio rio, com divindade que lava seus cabelos na beira de suas próprias águas e parte ao encontro de Yemanjá, lá na foz.

Todas as vezes que estou em uma procissão de Bom Jesus dos Navegantes e ou de São Pedro Pescador, sinto que dentro de mim moram afluentes de memórias, que ultrapassando cada maré e marola, me reviram e vivem em mim naufragados. E são nesses momentos, entregues aos sentidos da fé, da navegabilidade que tanto a memórias, como a ancestralidade debruçadas sobre o meu corpo, sobre o meu pensar, produzem reflexões que dão fundamento a propositura do saber e do conhecimento como desvio, como forma que possibilitar outros olhares sobre o que parecer ser já constituído.

A educação não se faz na tarefa de aprender uma ou outra coisa, nem na capacidade de aprender muitas coisas. A educação se faz na capacidade de manter a vivacidade dos seres para vadiarem no mundo, experimentando, circulando e dando o acabamento do que ele é e do que pode vir a ser. A educação como radical da vida e prática de liberdade nos contextos afetados pelo acontecimento colonial tem uma tarefa inadiável: recuperar a dignidade dos que foram violentados e mantê-las acesa para alumiar o tempo e cegar o olho grande do assombro da dominação. (RUFINO, 2021, p. 25).

Neste contexto beiradeiro das águas do rio São Francisco, através do aprendizado enraizado nas práticas cotidianas dos pescadores, dos barqueiros, dos canoeiros, das próprias crianças e jovens, há, mesmo que não intencional, modos práticos de se viver em liberdade e ao mesmo tempo foram moldando suas próprias capacidades de pertencer ao mundo. Como foi também sendo reelaboradas as presenças dos meus familiares dentro da “Porto Alegre”, lancha da família. Pouco a pouco, ano após ano, tias, primos e outros parentes, foram se desencantando junto com a evolução dos processos relacionais, interativo.

Para mim, nos meus apegos emocionais e de vida, dentro e fora das margens, o rio foi me trazendo dores e é por isso que ano após anos, minhas lágrimas seja de tristeza e ou de emoção, seja pela energia vibrante das águas do Velho Chico e pelas suas vidas que brotam há todo instante, que regulariza, remodela, reafirma os seus instintos sobre-humanos e mais que eles. Há dores e saudades espalhadas pelas margens e dentro dele, mas também existe resistência, encantos e saberes.

Porque se o mundo do desencanto nos obriga o tempo todo a caminharmos sempre para algum lugar, em busca do progresso, das conquistas materiais, na busca pela totalidade das coisas para sermos felizes, o rio, ao contrário nos faz experimentar e experienciar, a lentidão, a nossas capacidades criativas de permanecer conectados a ele. Seja através de um jogo de futebol no final da tarde, entre os meninos e meninas das ruas próximas, seja através de uma simples caminhada indo e voltando entre os dois extremos da croa, seja indo pescar no final do dia e só voltar na mãe seguinte e ou até mesmo vendo uma mulher sentada na beira, com sua trouxa de pano, preferindo lavar suas roupas e a de seus familiares diretamente com o rio.

São as afinidades que modelam os corpos, o próprio rio e os nossos quereres. “Não consigo nos imaginar separados da natureza. A gente pode até se distinguir dela na cabeça, mas não como organismo” (KREKAK, 2020, p.58). É o São Francisco que faz o tempo mudar, mas também faz nossas experiências e nossas hierarquizações de saberes se apagarem diante da tessitura da qual é feita o cotidiano. O rio é modelo operador da divergência, da multiplicidade, das possibilidades, das práticas do saber, a partir de outros princípios explicativos do mundo. (SIMAS E RUFINO, 2019).

Onde eu nasci passa um rio
Que passa no igual sem fim
Igual, sem fim minha terra
Passava dentro de mim

Passava como se o tempo
Nada pudesse mudar
Passava como se o rio
Não desaguasse no mar

O rio deságua no mar
Já tanta coisa aprendi
Mas o que é mais meu cantar
É isso que eu canto aqui

Hoje eu sei que o mundo é grande
E o mar de ondas se faz
Mas nasceu junto com o rio
O canto que eu canto mais

O rio só chega no mar
Depois de andar pelo chão

O rio da minha terra
Deságua em meu coração
(Onde eu nasci passa um rio, Caetano Veloso)³⁷.

Como diz a letra da canção de Caetano Veloso, interpretada pela sua irmã Maria Bethânia e Gal Costa, “Onde eu nasci passa um rio”, expressa sem sombra de dúvidas, o fazer-se gente, indivíduo e também porque não, coletivo, entrelaçado com esse rio que é atualmente responsável por produzir novos rumos, novas perspectivas de vir a ser. Apesar de entendermos que todas suas águas vão para o mar, elas deixam marcadas em cada porto, margem e em cada beira uma melodia diferente. Ele rompe com o mundo pré-estabelecido pelas fragmentações coloniais.

Lutando contra a escassez, contra as ruínas em que impera além de tantas outras práticas simbólicas e físicas de dominação e violências, “[...] as raízes mais profundas do sistema mundo racista/ capitalista/ cristão/ patriarcal/ moderno europeu e às suas formas de perpetuação de violência e lógicas de dominação do ser, saber e poder [...].” (RUFINO, 2019, p. 12-13).

Neste sentido, por mais que haja a perpetuação desse mundo racista/capitalista, etc., etc., há esse rio que em muitos momentos passam por nós, como se nossas mais genuínas práticas, nossas condições de habitabilidade continuassem permeando, estabelecendo vínculos poderosos com ele e através dele. Pois em cada um de nós ribeirinhos e ribeirinhas que desde pequenos e pequenas fomos sendo moldados pelo tempo, pela água, pela oralidade, que faz de cada um de nós desaguadores de suas águas, mesmo não estando submersos diretamente nele.

O rio, por tudo que vocês de ler nessas linhas anteriores, é de prontidão, “[...] é também uma marca inventiva da reconstrução da vida enquanto possibilidade de produzida nas frestas, em meio a escassez, e na transgressão de um mundo desencantado.” (Idem, 2019, p. 15). Então, a medida que Dona Dulce, Raul, Simone e tantos outros homens e mulheres participes dessas narrativas todas, assim como eu, ao recordarem suas memórias, seus feitos cotidianos, suas práticas ribeirinhas e suas próprias experiências construídas e experiências tecidas com

³⁷ <https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/144571/> visitado em 10 de maio de 2022.

e no rio, possibilitam vislumbrar nossas formas de vencer e guerrear contra o silenciamento.

Ao mesmo que rompe as demandas da homogeneização, contra as violências que atacam os direitos de dar a voz, de silenciar o barulho e os sons das águas, que passam e deslocam o desencante do mundo para longe daqui. Quando somos cientes de que não devemos nos ater a sua ideia fixa de paisagens, mas que nós mesmos somos partes deste processo de refazimento de mundos, de ressurgimento e de renascimento das cinzas empoeiradas pelo esquecimento, estamos desbloqueando e vencendo as demandas coloniais que aprisionaram nossos antepassados e suas histórias, oralidade e rituais característicos de cada corpo coletivo que habitava as suas margens.

Ele está vivo, assim como estão vivas as corridas de canoa, as corridas de tabicas, as procissões fluviais, o futebol (racha de final de dia). É prestando atenção nesses saberes e fazeres encruzilhados pelo cotidiano, nas vidas em movimentos, como nos diz Tim Ingold (2012), que podemos não só renovar as possibilidades de trabalhar em uma antropologia mais que humana, mas também possibilitar o aparecimento e delineamento de uma prática e narrativa antropológica através dos modos ribeirinhos do Baixo São Francisco, de se apresentar para os olhos mais desconectados com o mundo da mercadoria.

5.9- A vida de um rio que pensa, fala e faz mundos:

Pois, se Eduardo Khon (2013) foi capaz de demonstrar e descrever em seu livro "How forests think: toward an anthropology beyond the human. ", que animais e florestas podem desenvolver a capacidade de pensar, de agir através de processos criativos, estou cada vez mais consciente e convencido, de que o rio São Francisco, não só pensa, como também produz seus signos, suas sinergias interativas, como meios de compartilhamento entre o rio e seus seres age e faz brotar em cada recanto seu, estratégias de sobrevivência, de demonstração de suas precariedades performativas.

O rio que corre e navega para o encontro do mar em dias de sol, não se confunde com o rio que em noite de lua cheia não se intimida com a escuridão e nem com o vento que zune. Ele é calmo, é valente, é sossegado, é embalado por sonhos dos peixes adormecidos. Acordados no romper do dia com as redes de tarrafas dos pescadores que acabaram de se lançar com bravura, com coragem e respeito por sobre ele, fazem dele território (s) inesgotáveis de saberes.

Quando um pescador, nos primeiros raios de sol, está no meio do rio, junto da sua canoa e com um filho pequeno, lhe observando pescar, ele reescreve no tecer do lançar da linha fina e quase imperceptível ou com uma rede (tarrafa), a continuidade de suas práticas e habilidades, ao passo que nova memórias e ensinamentos estão sendo postos e expostos para novas travessias dele mesmo, dos seus filhos e com o mundo do rio.

Quando uma gaivota cruza o rio e produz seus sons. Quando cães estão latindo no por do sol e no entardecer e anoitecer nas margens, eles também produzem seus sistemas próprios de comunicação, de interação e dialogo contínuo com rio. Diariamente as gaivotas atravessam o rio e se preparam para pernoitar junto ao morro do saco grande, amontoadas sobre as arvores densas do sertão e sobre uma vegetação típica da caatinga, elas produzem registros de que também estão colaborando para um rio multiespécie nas margens.

O rio vive não pelo que imaginamos e ou pensamos sobre ele, mas pelo que produzimos e realizamos em sua companhia. Pelo modo como performamos com o seu desprendimento de compartilhar o que o torna gigante, diante da pequenez dos homens e dos seus podres poderes destrutivos e negacionistas e integralista atrelados a um modelo de Bacia hidrográfica que não corresponde a multiplicidade de feitos e realizações coletivas.

A partir do momento que ele se alarga e toma para si, mesmo que por alguns dias, meses, o que antes lhes pertencia, ele possibilita outros olhares, outras contemplações, outras encruzilhadas diante dos corpos que o habitam, fazem morada e até mesmo diante da morte do que não mais pertence a ele. Morrer também é uma dádiva, uma característica que atravessa a vida do rio. Deixar morrer

é ter a oportunidade de deixar mais vivo aqueles e ou aquilo que responderam ao seu chamado.

Faz parte do encantamento do rio. Muitos pescadores morreram enquanto pescavam e ou simplesmente remavam subindo e ou descendo o rio. Assim como também homens e mulheres, crianças e jovens que diante do majestoso Opará, não souberam como ele pede para ser adentrado, respeitado e conhecido. O ator Domingos Motangner, que em 2016 morreu afogado nas águas do rio, na cidade de Canindé do São Francisco, enquanto gravava a novela “Velho Chico”, e quem em uma das muitas cenas gravadas por ele no rio, ele se afogava e era resgatado por um pescador e levado até um pajé e ressuscitado através de rituais indígenas. Na vida real, o ator não teve a mesma oportunidade e acabou falecendo em uma tarde do dia 16 de outubro de 2016.

E foi nessa mesma tarde, que eu finalizava a inscrição para a seleção de doutorado no PPGAS da UFSC, enquanto corria entre um correio e outro, para enviar toda a documentação necessária para o certame, o ator era procurado pelas equipes dos bombeiros de Alagoas e Sergipe, vindo a ser encontrado morto, enroscado nas pedras que compõem a paisagem do rio, nas proximidades da hidroelétrica de Xingó.

Navegar pelo rio enquanto se morre, é certamente um chamado transcendental para ser parte dele por completo. É mais uma demanda vencida pelo tempo, o tempo do rio, da nossa permanência e liberdade, enclausuradas nas exigências que nós mesmos estamos traçando e ajudando a fazer.

Debaixo d' água tudo era mais bonito

Mais azul mais colorido

Só faltava respirar

Mais tinha que respirar

Debaixo d'água se formando com um feto

Sereno confortável amado completo

Sem chão sem teto sem contato com o ar

Mas tinha que respirar

Todo dia
Todo dia, todo dia
Todo dia
Todo dia, todo dia
Todo dia
Debaixo d'água por encanto
Sem sorriso e sem pranto
Sem lamento e sem saber quanto
Esse momento poderia durar
Mas tinha que respirar

Debaixo d'água ficaria para sempre
Ficaria contente
Longe de toda gente para sempre
No fundo do mar

Mas tinha que respirar
Todo dia
Todo dia, todo dia
Todo dia
Todo dia, todo dia
Todo dia

Debaixo d' água protegido salvo fora do perigo
Aliviado sem perdão e sem pecado
Sem fome sem frio sem medo sem vontade de voltar
Mas tinha que respirar

Debaixo d'água tudo era mais bonito
Mais azul mais colorido
Só faltava respirar

Mas tinha que respirar
Todo dia
Todo dia, todo dia
Todo dia
Todo dia, todo dia
Todo dia.

Neste sentido, quando um pescador padece mergulhado nas águas do São Francisco, ele, assim eu creio e me permito assumir, está produzindo desvios e permitindo ter sua liberdade de morrer atravessado por algo que é maior do que suas próprias convicções e limitações humanas. Ao longo dos anos eu venho pensando na possibilidade de também ser um desses escolhidos pelo rio para me encantar junto dele e fazer dele caminho próprio para esse encantamento que faz parte da cosmologia Afroindígena e ribeirinha que permeiam meu corpo e minha caminhada.

5.10- Um rio de vida e morte:

Seu João Busano, como era conhecido o pescador mais velho destas beiras de rio do Baixo São Francisco, antes mesmo de falecer, teria pedido para após a sua morte, ter seu corpo e seu cortejo fúnebre, embalado pelas águas do rio, tendo falecido no dia 14 de julho de 2021, o seu sepultamento aconteceu no dia 15, às 15:30, saindo o seu corpo, da sua residência, na Avenida Ferreira de Novaes e atravessando a longa croa que separava sua casa do rio.

Dono de muitas histórias, provedor de muitas memórias e lembranças, aos 104 anos ele conhecia como ninguém cada canto do rio, principalmente do Baixo São Francisco. e foi assim que ele produziu seus próprios conhecimentos técnicos, suas habilidades foram sendo moldadas e lapidadas, suas narrativas foram sendo tecidas ao passo que tarrafas, peixes e canoas eram entrelaçadas pelo rio e o seu cotidiano. Fez do rio morada e das noites estreladas cantos acolhedores para viver e morrer feliz.

Certa vez, contou para um documentário chamado “Centenários do São Francisco: outros depoimentos”, que viu em uma de suas andanças pelo rio, a presença de um “caboclo D'água, como passo a relatar agora.

Larguei minha rede meia noite ali... num lugar que tem aqui chamado Mocambo, ali, naquele morro debaixo. La embaixo, meia noite. Larguei a rede e meu filho que tá lá em São Paulo, pequenininho, 5 a 6 anos, só para tá de companheiro na canoa. Assim que armei a rede, demorou pouco, vi topar um peixe lá na ponta da proa. Fez a zuada, eu disse: Oxente! Lá vem alguma Curimatá! Ai, com pouco tempo, de novo. E lá vem aquilo topando na rede. Quando eu chego pelo meio da rede, eu digo: Isto não é um peixe não! Aí lá vem de lá pra cá, quando eu olhei, um cabra nadando. Eu digo: Vai! Se existe nego d'água, deve ser o nego d'água. Aí preparei o remo, peguei a faca, botei aqui na frente porque poderia o remo quebrar se ele pegar na canoa, a faca quem come. Que quando ele chegou aqui perto, que eu aqui eu levantei-lhe o remo, passei-lhe o remo, ele mergulhou e saiu nadando. Eu procurei, eu disse: homem, um só eu não vou atrás porque não tenho companheiro e a rede tá na água. É escuro, eu não vou soltar a minha rede. Se existir nego d'água eu vi um. Agora era como gente. A cabeça era de gente. O povo diz que tinha o nego d'água, né? O povo diz que tinha o nego d'água veio aparecer quando o pescador era pouco neste rio.³⁹

Como seu cortejo fúnebre foi feito de sua casa para a beira do rio, seu caixão foi colocado em uma balsa de madeira, pertencente a sua família e hoje comandada por um de seus netos. A balsa saiu do porto até os pés do morro do cavalete, nas proximidades do cemitério São Francisco de Assis, onde veio a ser sepultado naquele fim de tarde. Durante o trajeto varias outras embarcações, canoas, lanchas, botes, seguiam acompanhando e reverenciando a vida daquele homem que durante mais de um século de vida, tanto amou e protegeu o Velho Chico.

A chuva também se fez presente. Nuvens carregadas estavam por sobre todo o cortejo, além das marés agitadas e de muito vento. Do terraço da casa dos meus pais, acompanhei desde a saída, até onde foi possível visualizar. Com a câmera na mão, eu estava ali também prestando essa ultima homenagem, estabelecendo conexões espirituais com algo que nos ligava de certa forma, as nossas vidas entrelaçadas pelo e com o rio. Fogos sendo soltos a todo instante anunciavam e reverenciavam o pescador, que navegava pela última vez pelo velho Opará.

Homens, mulheres, crianças nas margens também reverenciavam e se despediam de seu João Busano. Naquela tarde, julho de 2021, o funeral e a

³⁹ Realização do documentário, "Opará Videos". [www. Oparavideos.com.br](http://www.Oparavideos.com.br) – 2017.

despedida ao pescador de 106 anos de idade, marcaria para sempre a vida e os encantamentos do rio São Francisco, de Pão de Açúcar e de todo o Baixo rio. com ele se foi toda uma sabedoria ancestral, que nunca fora antes desenhado, escrito, apenas contado em versos e prosas nessas beiras de rio e em vídeos que verbalizavam suas memórias e causos impossíveis de serem acreditados por aqueles que não conhecem e não se percebem pertencentes ao mundo do rio.

A balsa “Estrela Nova” fazia ali a sua travessia mais importante desde a sua construção e chegada a Pão de Açúcar. Seu neto Walbinho, como todos nós conhecemos, pilotando a grande embarcação, pintada em cores azul, laranja e vermelha, conduz o seu avô através das técnicas e habilidades que foram passadas por ele através de seu pai, que um dia também aprendeu com seu avô. Naquele momento solene e fortemente impregnado na paisagem são franciscana, possibilitou neste sentido, demarcar rupturas, mas também continuidade. Possibilitou o rompimento das sociabilidades que ultrapassam as convicções possíveis de imaginar e jamais capazes de serem sentidas.

Naquela mesma tarde, em postagem nas redes sociais, escrevi uma pequena homenagem a seu João Busano, que fora amigo dos meus dois avôs, Odiolon, de quem também era primo e do mesmo modo do meu avô Walter, com quem dividiu dias de navegação e pescaria. Como o último pescador de uma geração que conviveu profundamente com um rio de cargas, de malha aquaviária e de fartura, ele merecia a minha reverencia e ao mesmo tempo meu olhar marejado diante do que eu tinha acabado de presenciar:

Agora pouco, senti de longe a potência, a energia desse último encontro entre seu João Busano e o Velho Chico. Seu João venceu a barreira do tempo. Venceu com um largo sorriso, as dificuldades da vida e transformou tudo em causos e histórias. Formou e ensinou muitos pescadores e canoieiros a sua arte. Transmitiu a sua família, aos seus filhos e netos como deveriam se dedicar e também cuidar, viver com o rio e dele ser parte fundamental para a sobrevivência de todos.

Seu João Busano se foi, se eternizou como pouco nas águas sagradas do Opará, a quem tinha tanta devoção, cuidado e respeito. O seu legado e suas histórias estarão para sempre em cada mestre pescador e canoieiro que remando e pescando souber viver como viveu seu João e o rio. Um caso de amor que não finda com a morte,

mas renasce sempre ao amanhecer e entardecer dos dias. (SILVA, 2021).

Quando eu era criança e também um pouco mais adolescente, sempre via de longe e também, em algumas ocasiões, de perto, o traslado de moradores mortos do Povoado Niterói, do outro lado do rio, em Sergipe, para outras comunidades ribeirinhas, principalmente para o Povoado Quilombola do Mocambo, já que naquela comunidade, na época ainda não contava com a presença de um cemitério, mas também outros familiares também já tinham sido enterrados nessas localidades espalhadas pelas margens do rio.

Até última década do século XX era comum a realização desses funerais e cortejos fúnebres via águas do São Francisco, subindo e descendo o rio, lanchas transportavam não só os caixões, mas também os familiares dos entes falecidos. Do mesmo modo que era comum ver meu pai, meu tio, através da “Porto Alegre”, da “Santa Rita”, que era outra embarcação pertencente a família, fazer esses cortejos fúnebres, principalmente nos finais de tarde, indo em direção ao Mocambo, ao Bom Sucesso. Recentemente, no ano passado, vi de perto a chegada de um cortejo fúnebre a comunidade da Ilha do Ferro, pertencente ao município de Pão de Açúcar, vindo do Povoado Currealinho, em Sergipe.

O que demonstra que em certos momentos, há ainda essa continua e tradicional prática de sepultar seus mortos para além de suas fronteiras territoriais, tendo o rio São Francisco como meio poético e de partida de muitas vidas. Assim como também é meio e princípio de muitos pescadores, canoieiros que saíram para pescar, remar e nunca mais foram vistos vivos e ou voltando para sua casa com vida.

Neste mundo ontológico do rio da vida e da morte, do encantamento, do renascimento, acompanham os fazeres, os saberes e práticas cotidianas que acordam com a chegada dos primeiros raios de sol e adormecem com a chegada da noite e do anoitecer clareado pela lua cheia, que ao refletir no rio, abrem portais para a volta dos Urumaris ao seu território sagrado. Pão de Açúcar, como “Jacibá” que em Tupi-Guarany significa “Espelho da Lua” era denominada assim, porque os

índios que habitavam por aqui eram fascinados pelo encontro do rio com a lua, com o luar que engrandecia um pedaço de paisagem abundante e forte no sertão.

Morrer e viver fazem parte do cotidiano, do tempo e da dança sonolenta, agitada e calma do Opará... E há de chagar o dia em que todos nós voltaremos aos braços dos seres e das senhoras das águas doces. E quero crer que o majestoso Opará há de nos acolher com suas pelejas, contradições e vivacidades que por longos períodos fortificaram nossas trajetórias interativas, múltiplas, experienciais.

“... aquele que atravessa os tempos/espacos e é capaz de orientar os seres acerca da sorte. Ele testemunhou a criação, testemunhará a destruição e estará presente em novos recomeços.” (SIMAS E RUFINO, 2019, p. 40).

“Doce, a água do ventre gerando a gente
Doce, a água do rio da vida corrente
Serena cor que derramou
Doce é a água do seio que me alimentou

Doce, a água que lava, que leva a mágoa
Doce, a água sossega no peito e cala
A minha dor e o que restou
Doce é a água do corpo e da luz que eu sou

A justa beleza do rosto que chora
Pelo filho que nasce agora
Nesse mundo sem eira, sem hora
Essa força, centelha, senhora do sim

A dura certeza da luta que existe
Tanto sonho sonhando em ser livre
Nenhum rastro de medo resiste
É de ouro o espelho em que olha por mim

Ora Yeyeô, Ora Yeyeô
Mamãe Oxum me tem amor
Ora Yeyeô, Iyalodè
Mamãe Oxum veio me ver
Ora Yeyeô, Ora Yeyeô
Mamãe Oxum me tem amor
Ora Yeyeô, Iyalodè
Mamãe Oxum veio me ver

Mamãe
Mamãe Oxum
Oxum veio

A justa beleza do rosto que chora
Pelo filho que nasce agora
Nesse mundo sem eira, sem hora
Essa força, centelha, senhora do sim

A dura certeza da luta que existe
Tanto sonho sonhando em ser livre
Nenhum rastro de medo resiste
É de ouro o espelho em que olha por mim

Ora Yeyeô, Ora Yeyeô
Mamãe Oxum me tem amor
Ora Yeyeô, Iyalodè
Mamãe Oxum veio me ver
Ora Yeyeô, Ora Yeyeô
Mamãe Oxum me tem amor
Ora Yeyeô, Iyalodè
Mamãe Oxum veio me ver". (Fabiana Cozza)⁴⁰.

5.11- Louvado seja o Velho Chico e suas memórias, encantarias e ancestralidades⁴¹.

Pelas horas do bendito
Louvado seja o Velho Chico
Louvado seja o Velho Chico

Espelho d'água se move manso
Feito notícia boa no remanso
Pelas benditas horas
Seja louvado o Velho Chico

Seu Arraial do Bom Jesus da Lapa Santa

Tanto padroado, tanto padroeiro
Tanto milagre, tanto milagreiro
Tanta promessa, tanto promesseiro
Tanto romeiro, tanta romaria

Tanto Jesus, tanta Maria
Tanto devoto, tanta devoção
Tanta reza, tanta procissão

Quedê, quedê o dono dessa casa
Quedê seu oratório
Quedê, quedê adjuntório
De Antônio casamenteiro

Bota pavio no candeeiro
Acende a festa no terreiro
E vem contar história de bicho d'água
Quedê, quedê o dono dessa casa

⁴⁰ <https://www.lettras.mus.br/fabiana-cozza/doce-oxum/> visitado em 02 de julho de 2022.

⁴¹ Uma conclusão audiovisual: retomada do ser no mundo, disponível em: <https://youtu.be/vfpgS4CNHQY>

De tanta casa caiada
Tanta viola tocada
Tanta canoa enfeitada já vi
Com a carranca de Francisco Guarani

Quedê, quedê o dono dessa casa
Quedê seu oratório
Quedê, quedê adjuntório
De Antônio casamenteiro

Bota pavio no candeeiro
Acende a festa no terreiro
E vem contar história de bicho d'água
Quedê, quedê o dono dessa casa

Seu Arraial do Bom Jesus da Lapa Santa

Com os pés fincados na beira do rio, sentado por sobre uma pedra e rodeado por tantas outras pedrinhas miudinhas, misturadas com conchas secas e ressecadas pela ação da água e do sol, esculpem uma paisagem da ruína e ao mesmo tempo reelabora outras paisagens em desgastes. O rio a minha frente faz seu canto. É final de tarde, maruadas empurradas pelo vento, tremulam e chacoalham canoas, embarcações e botes que estão mais próximas das margens da croa que se situa em frente ou no quintal da casa dos meus pais.

O sol já começa a se esconder atrás do morro do cavalete e produz junto do Cristo Redentor, uma miragem e paisagem sem igual. O sol e o Cristo não se encontram sempre durante todo o ano. Há períodos, principalmente durante a primavera e o verão que ele se põe sempre do outro lado do rio. Só em alguns meses, principalmente no fim do verão e do outono eles se abraçam e nos inspiram a abraçar, sem questionar os encontros improváveis, cujo o rio é um articulador sem igual.

Apreciar tudo isso sentado na beira do rio e ou dentro de uma canoa e bote, e ao mesmo tempo acompanhar e observar a todo instante, homens e mulheres, jovens, casais, crianças, moradores e turistas, indo e vindo, caminhando, correndo, passeando com animais de estimação, concertando uma canoa, limpando um bote, ou até mesmo retirando as embarcações do encalhamento na areia depois de uma

vazão reduzida do rio, me possibilita, como já foi dito em outros momentos, para as teias de relações.

Para refletir, pensar e narrar as estratégias não planejadas de ocupação das margens e o quanto essas beiras do rio, são importantes e fundamentais para que cada corpo, cada ser, cada existência individual e também múltipla, coletiva e experienciada se abra para que ele mesmo se torne e evolua, como um corpo que se molda conforme a pessoa está ligada ao rio.

É no lançar de uma rede, acompanhado de um filho ainda criança, que o pescador molda seu corpo e molda também de forma performativa e relacional a vida do seu filho, em relação ao seu comportamento e seus fundamentos ritualísticos diante da pescaria e do rio. Ou seja, tenho a impressão que corpos ribeirinhos em qualquer circunstância em que ele se encontra, está condicionado as constantes rupturas, fragmentações e mais do que isso, não estão fechados em si mesmos, não estão estáticos e nem parados frente as ondas que brotam do rio.

Para os seres vivos, animados que somos, diz a filósofa da dança Maxine Sheets-Johnstone, o termo “encarnação” é simplesmente não aposto experimentalmente. Nós, insiste ela, não nos experimentamos um ao outro como “empacotados”, mas como seres que se movem e se moveram em uma resposta contínua – isto é, em *correspondência* – com as coisas que nos rodeiam. (SEETS-JOHNSTONE, 1998: 359; INGOLD, 2011b: 10). É claro que temos corpos – na verdade, nós *somos* corpos. Mas não estamos enrolados neles. O corpo não é um pacote, e nem – para invocar outra analogia comum – uma pia na qual os movimentos se instalam como sedimentos em um fosso. Somos mais um tumulto de atividade que se desenvolve. Como tal, de acordo com a antropóloga da dança, Brenda Farnell, é algo que devemos pensar *a partir de*, e não *sobre*. (FARNELL, 2000: 413). (INGOLD, 2022, p. 125).

Imaginem vocês que todas as vezes que atravesso a croa em direção ao rio, eu só estou pensando em mergulhar, nadar e ou até mesmo ficar sentado e olhando para ele se mover diante de mim, como um corpo que é múltiplo, inacabado, feito cotidianamente através dos processos bióticos, abióticos, em correspondência, em simbioses, com elementos humanos e não humanos, com gente dentro e fora dele.

E para além dessas narrativas simbióticas, em que o rio constrói seu corpo e ou seus corpos com plantas e animais aquáticos, há em suma corpos sendo moldados, envolvendo ritmos lentos, rápidos e calmos em que tudo que está em volta é visto como sujeito ao invés de objeto. Ou seja, todos os corpos que estão tecendo realidades e mundos, seja ele o rio, os peixes, as redes de pescar, as plantas, os animais, as marés, canoas, pescadores, canoeiros são corpos moldados conforme as suas próprias capacidades inventivas e criativas e como nos fala Ingold (2022), não podem ser tratados como objetos, mas como coisas, que já não existem e não estão fixados em estruturas pré-estabelecidas, mas que são construídos a partir dos processos contínuos dos quais participam.

Assim como Tsing (2019) nos diz que “dança é memória” porque está contida aí, movimentos contínuos, que não são moldados anteriores ao próprio ato de dançar, mas são remodelados pela capacidade que cada corpo tem de corresponder ao som e ao ritmo. São as formas de percepção e incorporação das relações cotidianas que formam os corpos e os indivíduos, inclusive as performances praticadas e exercidas por outros ao nosso redor e guiados pelas nossas observações e percepções.

Então, quando estou narrando entre outras coisas, sobre as corridas de canoas, não há entre canoas e corredores, canoeiro, vento e rio, qualquer formulação narrativa que implique dizer ali que existe já modos fixados e homogêneos de correr, de estabelecer uma performance corporal já estruturante e estruturada pela hierarquização. O corredor sabe o que é necessário uma combinação, ou como nos diz Ingold (2022), uma correspondência através de engajamentos atentos e simultâneos de coisas e corpos.

Monique David- Menard (2022), em “ A vontade das Coisas: o animismo e os objetos”, afirma que, uma coletividade através do modo como ela se organiza e ou se junta, no nosso linguajar mais comum, está muito mais entrelaçada pelas conexões que fazem os corpos materiais. Pela capacidade de criar lugares que sejam reconhecidos como importantes, pelos ritos que produzem e como fazem, entre outras coisas, fazer com que as coisas que produzem e que são, se movam pelo mundo.

A canoa enquanto essa coisa e esse corpo materializado na concretude da beira do rio, que une, que estabelece conexões, que cria possibilidades de mundos outros e sistemas rituais próprios de seus companheiros, produz também coerções, realizações, apegos, familiaridades, desde sua construção até o pódio final de uma corrida, oscilando e organizando, suas próprias experiências, desejos, vontade e sentimentos.

Sua fabricação e seu uso ritual reconectam o grupo e seus membros a um ancestral, ausente e presente ao mesmo tempo. Esse compromisso entre ausência e a presença em um objeto que desperta fascínio é também o que Freud chama de fetichismo. (DAVID-MÉNARD, 2022, p. 29).

Com as canoas não são diferentes, em primeiro lugar porque todas elas têm um nome e cada uma delas está ligada com algo que marca a personalidade, os gostos, os times de futebol, uma expressão popular, a localidade, com algo que traga bons sentimentos, boas lembranças. Muitas têm nomes pessoais, assim como também aconteciam com as canoas de tolda.

Todas elas trazem para dentro de si e do canoeiro e proprietário, não só um apego material, mas elas dizem muito sobre as realidades que as fazem nascer, crescer, ganhar popularidade e se tornar uma campeã. Ampliando para além das margens e leitos do rio, as próprias identidades familiares dos seus companheiros de navegação.

Como é o caso da canoa Geórgia, que tendo sido construída pelo meu avô materno, com a ajuda de alguns amigos e quando passava por reformas anuais, mobilizava toda a família e admiradores em torno dela na “Toca do Índio”. Ela ganhou seu nome, em homenagem a uma de suas netas e até hoje ela se mantém, com 41 anos, sendo o elo ancestral que produz o senso de pertencimento e comunhão dentro da família, apesar das ausências físicas, da nossa vó Julieta, nosso avô Odilon, da nossa tia e mãe Marilena, tio e pai Romeu e tio e pai Edson (Tio Dedo da toca do índio).

Hoje sobre os cuidados de Dorginho, o neto mais velho da família Lima Rodrigues dos Martires, ela segue competindo, vencendo, carregando consigo e com as águas do Velho Chico, o legado ancestral. *Divinizar objetos é atribuir aos materiais que qualificamos de inanimados um papel na definição de nossa*

identidade singular e social. (DAVID-MÉNARD, 2022, p. 30). Pontuando isso, devo reconhecer que, a nossa família, representa dentro do sistema social do qual participamos, por esse longo legado que atravessou o tempo e nos finca cotidianamente nas raízes plantadas ao longo do século XX, com a união de um filho de artesão e pescador, com uma filha de um ex-escravo, lavrador e beiradeiro deste rio.

Se é possível pensar em uma canoa com sentimentos próprios, dotada de sabedoria, de emoções, de vivacidade, em “Rosinha, Minha Canoa”, José Mauro de Vasconcelos (1971), um livro que herdei da minha tia Marilena, ainda garoto, a história se passa, como o próprio título já expõe, a relação de um canoeiro com sua canoa. É Rosinha, que subindo e descendo o rio, junto ao seu proprietário de nome Zé Orocó, movimentava a vida dos lugares por onde para e passa. Sem pressa e ou raivosa, Rosinha dá as ordens e comanda, sem temer, os seus dias e os dias de seu companheiro de aventuras.

Rosinha, mais que Zé Orocó, conhecia as desventuras das bocas de rios por onde andava e por isso mesmo lhe dava conselhos, pressentia perigos e sempre por fim, escolhia o melhor porto para descansar e pernoitar em noites enluaradas e carregadas de estrelas. Rosinha não é só uma canoa, ela é coisa que tudo sabe, tudo ouve e tudo vê.

Perdido em seus pensamentos, Zé Orocó reparou, assustado, que a noite se aproximava, distraída e ligeira. Precisava procurar uma praia bem seca, na boca do vento da noite, para que este tocasse alguma muriçoca que ainda estivesse viva.

Zé Orocó lembrou-se *dela* e resolveu acabar com a briga. Fazia dois dias que *ela* emburrara e não trocava uma palavra com ele. E como sempre era a última a querer fazer as pazes, tocava a ele começar.

- ‘Tá bem na horinha da gente encostar, não é?

Silêncio. Nada de resposta. Insistiu:

- Aquela praia lá é alta. Você gosta?

Ela se dignou a responder:

- Xengo-delengo-tengo... tanto faz.

Zé Orocó armou-se de mais paciência; exclamou:

- Credo! Você ultimamente anda com gênio ruim!...

Fica emburrada por qualquer coisa! Quando a gente fala nem liga...

- Xengo-dengo-tengo. Sou eu, não é? Eu que tem a culpa de tudo. Por qualquer coisa você briga e discute e no fim ainda me xinga e bota a culpa.

Numa hora dessas, para que as coisas não piorassem, era melhor concordar e arranjar uma desculpa.

- É que ando meio nervoso com esse negocio de doutor...
 - Xengo-delengo-tengo. Pois então precisa melhorar.
 Eu digo: vamos encostar na praia ali, você pega, vai encostar do outro lado. Só faz mesmo daquilo que gosta...
 - Prometo que vou tomar mais cuidado.
 Fizeram uma pausa. A noite escurecia mais. Quase não se via a margem do rio e o branco da praia ia sumindo, sumindo...
 Zé Orocó sorriu por dentro. Ela estava ficando mais mansa.
 - Você acha que é melhor encostar onde?
 - Xengo-delengo-tengo. Dê mais três remadas e o recanto é ótimo...
 Então ele botou na voz todo o mel de todos os engenhos do Brasil.
 - Você gosta de mim?
 - Xengo-delengo-tengo. Gosto. E você?
 - Eu adoro você;
 - Xengo-delengo-tengo. Você está mentindo.
 - Quer que eu jure? Pois bem. Juro pelas cinco chagas de São Francisco de Assis.
 - Xengo-delengo-tengo. São Francisco de Assis só tinha quatro chagas.
 - Tinha cinco. Uma grandona, no coração, que ninguém podia ver. E agora?
 - Xengo-delengo-tengo. Se é assim, é bonito. Eu... eu... acredito.
 Zé Orocó suspirou, aliviado. No céu, Tainá-Kan, a estrela grande dos Carajás, fazia um pequeno halo frio, em torno do seu enorme brilho. (VASCONCELOS, 1971, p 14-15).

A relação de Zé Orocó com Rosinha, mesmo que ficcional, é totalmente compreensível para mim e para tantos outros ribeirinhos, pescadores e canoeiros, que constroem relações mais que humanas com suas canoas, exceto pelo fato de elas não construírem diálogos verbais, elas estão possibilitando, nas idas e vindas, provocando partidas, chegadas. Estão a provocar alimentações do corpo físico, do corpo imortal das memórias e dos sentidos.

São as canoas que vendo raiar o dia e o clarear da noite, acompanham silenciosamente os desejos dos seus companheiros, sem um complexo ar de servidão, porque a correnteza não tem paragem e elas também não. Navegar, assim como o caminhar, possibilita está em constante processo de liberdade transformadora, que transborda para além das margens, vínculos que estão e vão além das convenções e obrigações sociais.

Há por outro lado, pairando a todo o momento, em um dia de corrida, o não silenciamento dos ancestrais. Suas fotos estampadas nas camisas dos corredores, expressam mais do que apenas gratidão, a perpetuação de legados que foram

construídos tendo as canoas, as técnicas e habilidades como norteadoras de desprendimento de vidas fixadas em padrões estéticos, abarrotados pelo tempo cronológico que se apropria dos corpos e das mentes, fazendo os homens esquecer-se da palavra que não é escrita e nem das vozes que estão em silêncio.

As canoas são suas próprias vidas em movimentos outros, em movimentos que rompem com o silêncio preso na alma daqueles q que jamais ousaram navegar e ou correr pelas águas do velho rio. Para eles, é quase impossível viver no Baixo São Francisco, sem participar e ou ter sua companheira de longas e duras batalhas. Assim como fazem as lavadeiras sentadas na beira do rio, fazendo dele caminhos de longas viagens, costurando paisagens, amizades e rasgando com coragem o medo. *Tudo que me liberta do tempo e do espaço, me afasta da velocidade.* Como nos diz o Filósofo Frédéric Gross, em seu livro “Caminhar: uma filosofia. (GROS, 2021, p. 14).

É uma velocidade que encontra outro sentido, outra consciência. É preciso ser veloz na e durante a corrida, mas mesmo que não seja possível, por conta da ausência de vento, isso não torna nem o corredor e nem as canoas, pertencentes ao mundo do rio, fora desse circuito de transformação da realidade e da própria noção de liberdade.

Ser livre, é chegar um dia antes, acompanhado de suas esposas, de seus filhos, de seus pais, de irmãos, amigos, montar suas barracas e ou tendas na beira e fazer do rio seu imenso chuveiro, ascender uma fogueira, fazer comida na lenha, pescar um peixe e imediatamente colocar para assar. É ver o por do sol, ir dormir deitado na areia e ou no balançar de uma rede armada dentro da lancha. Acordar antes que o sol comece a se levantar vindo do lado esquerdo do sul.

É tomar mais banho, nadar, escovar os dentes. Arrumar e começar a embalar tudo de volta e colocar dentro dos botes e canoas, lanchas que servem de apoio para a canoa principal. Tomando café, canoeiro e canoa começam seus primeiros diálogos que se estenderá por todo o dia, até que finde a corrida e finalmente possam descansar na volta para suas casas. Seja em Traipu, Gararu, Ilha do Ouro, Mocambo, Bom Sucesso, Escurial, Propriá, e de tantos outros lugares. *A liberdade,*

então, é um bocado de pão, um gole de água fresca, uma paisagem aberta. (Idem, 2021, p. 14).

E com todos esses processos as pessoas aprendem, ensinam, se reconectam com o que já foram, como foram e como se transformaram no que são hoje. Se reelaborando, tendo o tempo devagarinho e seus próprios objetos inanimados como fundamentais para serem seres conscientes do mundo e no mundo (s). São dessas aprendizagens, memórias, histórias que os corpos estão sendo moldados, transformados, estão transgredindo e construindo suas próprias autonomias e liberdades, neste caso vai muito além da noção apenas de replicação de condutas e de imitação.

Assim, se é possível falar de observação e de imitação como processos importantes de aprendizado, não é como forma de copiar informações (regras, classificações...) ou de executar mecanicamente modelos de ações; trata-se antes de perceber ativamente o movimento de outros e de alinhar essa atenção com a orientação prática própria a cada um em relação com o ambiente (Ingold 2000: 37). Portanto, o termo imitação seria legítimo para descrever uma espécie de mimese de um determinado engajamento, mas não para apontar a reprodução em fac-símile de um padrão de conduta – ou seja, a continuidade de uma atividade implica recriação. (SAUTCHUK, 2007, p. 248).

Além do mais, como nos diz Marcel Mauss (2003), o corpo é o primeiro elemento técnico, responsável por produzir os primeiros ritos, técnicas e modos particulares e distintos de encarar o mundo do real e ao mesmo tempo o mundo do sensível. O mundo que não é estável, parado e ou preso ao tempo.

Essa corrente critica as conclusões obtidas em estudos de laboratório e afirma a necessidade de se pensar a motricidade e a percepção em contextos dinâmicos e não estandardizados. Ela se estrutura sobre dois preceitos: considerar o ser humano enquanto um sistema aberto de interações com o ambiente e conferir preeminência à ação contextual na análise das atividades motoras (Turvey e Hollis 1978; Thelen 1995; Reed e Bril 1996; Bril e Roux 2002). (Idem, 2007, p. 248).

Corpos que são produzidos através de atos mecânicos, físicos e fisiológicos. O corpo de um corredor de canoas, de um pescador se faz através

não tão somente da força física, na eficácia de certos rituais e produção de instrumentos, mas porque é também moldado através de noções, emoções, sentimentos e vínculos orais e rituais. *Toda técnica propriamente dita tem sua forma. Mas o mesmo vale para toda atitude do corpo. Cada sociedade tem seus hábitos próprios.* (MAUSS, 2003, p.403).

Chamo de técnica um ato *tradicional eficaz* (e vejam que isso não difere do ato mágico, religioso, simbólico). Ele precisa ser *tradicional e eficaz*. Não há técnica nem transmissão se não houver tradição. Eis em que o homem se distingue antes de tudo dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral.

[...] Nessas condições, cabe dizer simplesmente: estamos lidando com *técnicas do corpo*. O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo. [...].

[...] Antes das técnicas de instrumentos, há o conjunto das técnicas do corpo. [...]. (Idem, 2003, p. 407).

Colaborando e concordando com Marcel Mauss (2003), devo pontuar que o corpo é o princípio gerador de diferentes comportamentos, ações, habilidades, sensibilidades. Produtores de diferentes ambientes/espacos-tempo, ao mesmo tempo em que são realizações performativas dadas e geradas a partir das interações e rituais específicos dos lugares e em especial da condição de experiências que fazem com o rio, que também não é um corpo sólido e fixado em rigidez.

Nos casos específicos dos corredores de canoas, que tenho acompanhado mais de perto nesses últimos anos, são corpos que performam não só através das técnicas adquiridas oralmente através dos seus antigos mestres e dos seus ancestrais, mas fundamentalmente pela própria experiência que está atrelada ao presente do rio. Para Sautchuk (2007), é através dos movimentos que envolvem a prática, que a própria noção de pessoa também é construída.

Corpos e canoas estão ambos se adequando com um rio que não é fruto tão somente de memórias e oralidades, mas principalmente das imprevisibilidades fornecidas pelo tempo (chuvoso, nublado, ensolarado, quente), como pela ação do

vento (forte, fraco, de refega e ou sem vento algum), ao mesmo tempo pelas condições de navegabilidade impostas pelo corpo-rio em constante desassossego.

Como já venho argumentando desde o princípio, e aqui reforço mais uma vez, para que nunca deixemos de lembrar, estão e ou estamos todos nós ribeirinhos do Baixo São Francisco, diante de um rio que se reveste de multiplicidade de paisagens, sons, cheiros e saberes. Assim também como cada corpo tomado como elemento em amalgama, como elemento está para além do lugar homogêneo imposto pelas conquistas coloniais e pelas convenções sociais instauradas através de modos rígidos da educação colonial.

O corpo ribeirinho do pescador, do canoeiro, do corredor de canoas, do piloto de embarcação, do mergulhador com seu arpão na mão, da lavadeira, da criança que aprende desde cedo a nadar e mergulhar, bem como do jovem corredor de tabicas, se configura como múltiplo, pois são, nessas tramas da vida, atravessados por também, múltiplas relações e negociações sociais, culturais, tradicionais, ambientais e técnicas.

As instituições coletivas não se reduzem ao modo como os sujeitos, quer sejam eles coletivos quer se suponham como tal, relacionam-se com as situações políticas e históricas. Um coletivo, uma comunidade política e social, distingue-se pelas materialidades que estabelece, pela criação de lugares, de circulação de objetos, de ritos, de atividades. (DAVID-MÉNARD, 2022, p. 27).

Se em algum momento eu afirmei que uma corrida nunca é igual a outra, a maneira e o modo como os corpos dos canoeiros vão se constituir, também estão, de modo abertos, livres e libertos coletivamente, participando de relações mediadas, inconclusas. São corpos fluidos, corpos-territórios, mas que contem em cada um, longas e ou curtas trajetórias sedimentadas pelas tradições, coordenações simbióticas, relações multiespécies, criando paisagens e ao mesmo tempo ressurgências possíveis diante da imprecisão da corrida.

Cada corpo em si mesmo, assim como também o corpo fragmentando do rio São Francisco, tanto pelos seus comportamentos ressurgentes, bem como pelas ações geradas por fatores abióticos, bióticos e mais ferozmente, pela presença das demandas de infraestruturas capitalistas, que são geradas pelo trabalho, pelo

consumo e pela capacidade que emerge da produção de narrativas de sobrevivência junto as marés, aos objetos, corridas, canoas, marolas, tarrafas, redes, pescaria, peixes, plantas e vidas em movimento.

Tanto para Marx quanto para Ortega, portanto, o que somos, ou o que podemos ser, não vem pronto. Temos, perpetua e infinitamente, que está nos fazendo a nós mesmos. Isso é o que a vida é, o que a história é, é o que significa produzir. É isso também, para esses autores, é o que significa ser humano. Investigar a vida humana é, portanto, explorar as condições de possibilidades em um mundo povoado por seres cujas identidades são estabelecidas, em primeiro lugar, não por atributos recebidos, específico de uma espécie ou de uma cultura, mas por realização produtiva. (INGOLD, 2015, p. 31).

Ainda segundo Ingold (2015), quando nós humanos em processos, talvez também corporais e produtivos, ao mesmo passo que construímos outras narrativas materiais e produtivas, há também que entender e perceber que vários corpos e componentes não humanos estão também produzindo diálogos, processos criativos que interferem diretamente no caminhar e no desenvolvimento e evolução, em certos locais e ambientes nos quais os humanos pensam que mandam e dominam por completo.

É por isso mesmo que essa divisão entre natureza e cultura, que tanto tem sido ampliada a discussão dentro da antropologia, sofre e deve sofrer seus abalos necessários. Pois é justamente como um ser ribeirinho que eu percebo, entre outras coisas, que homens ribeirinhos e mulheres ribeirinhas, estão tecendo suas narrativas, não só produtivas, mas corporais e históricas junto do rio e vice-versa.

Assim, neste caso específico eu não posso me fortalecer do argumento da totalidade das coisas, dos corpos, das relações, porquê, cada qual ao seu bel prazer se vincula ao rio e é também vinculado por ele, a partir das desconstruções de normas, regras, sistemas educacionais, através de trocas simbólicas e cosmológicas. O rio, mesmo sendo um corpo múltiplo e em constante reinvenção, é a força mobilizadora e que precede qualquer criação anterior aos processos inventivos dos humanos.

Relações, corpos, produtos, objetos, técnicas, habilidades, são o tempo todo deslocadas pelo princípio dinâmico que emana e emerge da água em movimento.

Da água em lentidão, da água em correnteza, dá água que flui, mas também estanca. De um rio que seca e enche, que é prezo, mas é também livre. É um rio que se reconfigura porque é de sua essência ser, mas, e mais violenta é essa reconfiguração pelo modo como os outros o vê, como gerador de energia, irrigador do agronegócio, distribuidor de água potável, etc.

De verdade, o que eu estou querendo dizer aqui é: às relações não estão submetidas, todas elas, a um único código de conduta e por conseguinte, os homens e mulheres desse pedaços de beira, que vislumbro e que por tanto tempo observei e tenho convivido, participam e convivem com o rio e suas múltiplas paisagens instáveis, elaboram cada qual a estruturação, montagem, performance dos seus corpos, das suas trajetórias, seguindo os passos e se guiando por aquilo que desde criança estavam sendo chamados para ser.

Para Viveiros de Castro, o indivíduo humano não está dado como pressuposto, evidentemente, mas ele também não permanece subjacente ou contido no teatro mais amplo das relações estruturais ou da organização social. Ele é um operador multiforme, e seu próprio estatuto surge das relações que estabelece. (SAUTCHUK, 2007, p. 257)

Eles e elas podem ser ao mesmo tempo um corpo que pesca, um corpo que mergulha, um corpo que nada, um corpo que corre corrida de canoa, um corpo franzino a lavar roupa na beira do rio, que joga bola na areia. Que de dia é agricultor, pedreiro, carpinteiro, mestre fazedor de canoas, funcionário público e ao final do dia, quando atravessa a croa com seu saco embrulhando a rede e seu remo na outra mão, ao encontrar seu bote e ou sua canoa, lança a rede e ou a linha de pesca, é um caboclo ribeirinho, pescador do Velho Chico.

Se do ponto de vista garia não há relações que não estejam submetidas a sua definição por parte da pessoa, logo, o que a pessoa contem é uma apreensão dessas relações que ele ou ela ativa externamente. Se são preexistentes, elas são como diferenças internas no interior do seu corpo compósito. (STRATHERN, 2014, p. 247).

Assim como no caso da Sociedade Garia, e aqui não estou elaborando uma análise comparativa, na beira do São Francisco, principalmente em Pão de Açúcar

e localidades próximas às quais estive por algumas vezes e em alguns momentos, *as relações aparecem em tempos diferentes e em localidades distintas [...] Há uma constante diversificação das formas como as pessoas e as relações aparecem [...]*. (Idem, 2014, p. 249).

É o que eu posso dizer que acontece durante as corridas de canoas. Não há uma relação diária inteiramente sendo produzida, embora mantenham contato por grupos de *Whatsapp* e outras redes sociais. Eles estão dispersos por todo o Baixo São Francisco e fora daquele ambiente, exercem outras trocas, outras afinidades, outros modos de estabelecer laços familiares, de compadrio.

Só quando estão na condição de corredores de canoas, por exemplo, é que certa e específica relação está sendo retomada, em um ambiente comum a todos, específico e temporário e que se transforma a medida que em que a competição se inicia. As relações mudam, os corpos adquirem e ocupam outras tramas situacionais junto da canoa, rio, vento e velas. Expressões de força, de dor, de cansaço, de estresse, de apreensão, dão lugar as brincadeiras, os abraços, as doses de cachaça compartilhadas, com um peixe pescado e assado na brasa de uma fogueira que passou a noite toda acesa.

São corpos livres, tentando regular uma canoa, tentando ter mais força do que os ventos de refega e ou força para sustentar a ausência dele. Em sua grande maioria, são corpos negros, pretos e pardos que, navegando em um rio cheio de sangue derramado pelos processos violentos da colonização, escravização e invasão territorial, paisagístico e ambiental, se reerguem e inscrevem no presente e em cada maré, suas histórias e memórias.

São corpos que ao me ver e fruto das minhas constantes observações e andanças, estão abrindo seus próprios caminhos, envelhecendo nos inacabados processos de ser e estar para o rio, refletindo também sobre os seus próprios atos e movimentos enquanto tentam ganhar uma corrida. Se arriscando em outras travessias, vigilantes em relação a canoa, seus corpos e os outros competidores.

Os conhecimentos vagueiam mundo para baixar nos corpos e avivar os seres. Os conhecimentos são como Orixás, forças cósmicas que montam nos suportes corporais, que são feitos cavalos de santo; os

saberes uma vez incorporados, narram o mundo através da poesia, reinventando a vida enquanto possibilidade. Assim, ato meu ponto: a problemática do *saber* é imanente a vida, às existências em sua diversidade. (RUFINO, 2019, p. 09).

Nesta perspectiva, o corpo precede o saber, porque este vai sendo moldado à medida que anda, que encontra pelo caminho às marés que os impedem de navegar como um dia foram ensinados e que lá atrás era fruto de um rio que não é o mesmo que hoje ele tem. O corpo do seu pai, do seu tio, do seu mestre, não encontra mais sentido em um rio que se moldou, que se transformou e requer reinvenção e reencantamento daqueles e daquelas que agora assumem compromissos morais, tradicionais, sociais e técnicos, mesmo tendo que moldar seu próprio corpo e a sua própria existência, enquanto ser vivo e atuante.

Se meu pai e meus tios forma ensinados, moldados e preparados, não forçadamente, para serem homens barqueiros e canoieiros deste rio, pelo meu avô paterno Walter, é no tecido que se forma no cotidiano, que eles foram assumindo suas próprias convicções, padrões de comportamento, assumindo os riscos dos desafios impostos pelo rio. Pelo olhar e pelas percepções sobre as condições de navegação, reinvenção de habilidades e técnicas, que hoje eles são capazes de resguardar múltiplos saberes e serem desafiados por um rio em desalinho, cheio de encruzilhadas e mundos cindidos.

Ao mesmo tempo em que meu pai tem e sabe, a consciência e a noção de que seu corpo e estrutura orgânica não pode mais ser o mesmo de vinte, trinta anos atrás. Aos quase 65 anos de idade ele sente o peso de toda uma vida dedicada a pilotar embarcações de grande e médio porte, que são movidas por motores de caminhão, exigindo força, exigindo habilidade e um conhecimento perceptível sobre o rio e seus modos plurais de ir ao encontro do mar, a depender do dia, da hora e do local.

Do mesmo modo que ele também sabe e acompanha, acompanhou ao longo desses mais de quarenta anos de navegação, as dificuldades e os violentos processos de desestabilização do rio. Corpo franzino, mãos calejadas, pés rachados e submersos nas águas diariamente, rosto enrugado pela ação do sol, olhos profundos, problemas nos joelhos, nos pés e na coluna, fazem do corpo dele,

um ato de responsabilidade pela própria vida. O seu corpo, mesmo cansando, é um chamado para continuar abrindo caminhos, até que um dia ele também possa descansar nos braços do Opará, assim como fez seu João Busano.

Dona Dulce, também quando narra de forma contundente a sua trajetória pessoal, esboça sem perceber e ou não intencional, que seu corpo e ou corpos, foram sendo atravessados pelos saberes, moldados e reelaborados, ao passo que sua existência e seu caminhar no mundo, vai sendo preenchido junto do rio. Seu corpo como plantadora de arroz, depois como lavadeira de roupa e logo em seguida como pescadora, é mais um sinal e ou são sinais indicativos de que a “concepção de vida social” (INGOLD, 2019, p. 263), se opõe a noção de corpos pré-estabelecidos, em sociedades forjadas na homogeneização dos corpos femininos.

Segundo a concepção da sociedade como um sistema normativo de regulação positiva da conduta prática, a estrutura social se funde com a cultura como projeto a ser realizado, localizado em nível suprapessoal. De qualquer maneira, o indivíduo particular, que vive na sociedade, ao que parece só existe para executar um programa que não ajudou a escrever [...]. O que tomamos da concepção interativa é a noção da vida social como um *processo* que ocorre entre seres humanos particulares. Consideramos esse processo, contudo, não em termos estatísticos, como a resultante de uma massa de associações entre indivíduos atômicos, mas em termos topológicos, como o desdobramento de um campo quanto se *constituem* umas às outras ao longo da história de seu envolvimento mútuo. [...]. (Idem, 2019, p. 263-264).

Pessoas e corpos que fogem as essas normatizações e padronizações, são penalizadas, tanto socialmente, como foi com a própria Dona Dulce, que tanto pela sua coragem, pela sua força e pela garra de enfrentar a sociedade patriarcal, se vê hoje sozinha. Corpos negros, como são a maioria dos canoeiros, pescadores, barqueiros, lavadeiras de roupa e também corpos femininos, ao se verem abdicando desses padrões colonialistas, cosmopolitas, assumem por assim dizer, um caráter político e decolonial, mesmo que para muitos deles, não façam a mínima ideia do se que trata esse decolonialismo presente no atual debate dentro e fora da antropologia.

É através das alianças costumeiras de habitar e ocupar as margens do rio e suas águas, que os corpos racializados pelo racismo sistêmico e estrutural, fazem

do cotidiano, *um campo inventivo, múltiplo, inacabado, se inscreve também como inventário de diferentes saberes e rotas.* (SIMAS E RUFINO, 2019, p. 14).

Cotidianamente se faz luta com as experiências, os saberes e as tecnologias ancestrais que emanam da diversidade de jeitos de sentir, vibrar e praticar mundo com as coisas que por eles passam. Nessa peleja, vos pergunto: qual a possibilidade de adiarmos esse horizonte de desabamento do céu e de aumento dos escombros que asfixiam a dignidade do existir? Me aquieto, silêncio para sentir o sopro do pó das folhas, das árvores, dos bichos e das cinzas que recuperam sentires obstruídos por séculos de dismantelo cognitivo e desarranjo das memórias. Recupero sonhos que esperançam, anunciam, alargam subjetividades, transbordam o corpo e dão passagem a outras miradas. O que salta dessa magia diz sobre outras políticas do ser e saber que nos permite e encoraja a agir para sustentar o céu e nos erguer dos escombros de um mundo aquebrantado pela dominação. Àqueles que têm a experiência colonial como marca demanda-se uma atitude responsável em relação à vida. Essa atitude, a meu ver, é parte de um refazimento de si, um reposicionamento em relação aos tantos outros que existem e dão o tom de que somos seres inconclusos e que estamos a atravessar a existência na relação com tudo que aqui faz morada. (RUFINO, 2021, p. 09-10).

Por fim, parece que mirando em um mundo que tem transbordado catástrofes, guerras, desastres, ao escrever todas essas linhas, todas essas páginas, busquei reavivar em mim, o rio e o céu da minha infância, para que possamos, eu e os demais, mirar outras possibilidades de existir, denunciando as grandes engenharias de destruição que tomam conta do rio e de suas múltiplas experiências contidas no tecer dos dias, por homens, mulheres, crianças, jovens, relações mais que humanas e multiespécies.

Não tenho conclusões, tenho reticências... porque o caminho do rio, embora encontre sempre o mar, está também contido nas múltiplas possibilidades de ser do oceano... ser conclusivo, é ser utilitarista, e por isso mesmo, nem todas essas narrativas que aqui fiz e nem o rio pode ser atravessado por contextos do colonialismo da ganancia e da lógica produtora. Ao contrário, rio e eu somos desvios e continuaremos a nos desviar enquanto houver possibilidades profundas de criatividade e invenções.

Para finalizar de fato, no último dia 09 de setembro de 2022, o povo indígena Xokó celebrou os 43 anos de Retomada⁴² de seus territórios, tanto a Ilha de São Pedro, bem como a Caiçara. Pois bem, pensar o conceito de Retomada, vai além do simples fato de tomar de volta o que antes lhes perteciam, os seus territórios, é também um momento em que retomam para si a comunhão coletiva, a retomada dos seus ritos, rituais e celebrações, que retomam um contato mais profundo e amplo com suas origens ancestrais e todas as narrativas que por longos anos ficaram pairando no ar, no vento, nas galhas das folhas sagradas da jurema, no próprio rio São Francisco.

Enquanto acompanhava o ritual, a sensação que tinha era de que Retomada, é também um ato político, principalmente pelos cânticos do toré que evocam enquanto dão a volta no centro da comunidade, e que trazem mensagens claras de reverência a força e a luta dos antepassados, para que hoje eles pudessem estar ocupando aqueles territórios, mas também para não esquecerem do passado, para não deixar que as memórias construídas com bastante luta, sacrifícios, sangue derramado e brutais formas outras de violências, não sejam apagadas dentro da comunidade.

Neste sentido, esta tese também pode ser vista como uma Retomada, como um longo e difícil processo de autodescoberta, de fazer deste rio, um lugar e ou lugares capazes e possíveis de ocupação diferente da que existe hoje. Que o rio seja revisitado e que seu corpo caudaloso e majestoso seja morada de muitas encantarias e que também possamos, nós nos encantar, defender, proteger o nosso território sãofranciscano.

Esta tese então, defende também a narrativa de Retomada, como potência transformadora dos nossos campos de atuação, de nossos saberes, de nossas práticas costumeiras como fundamentais para se construir e elaborar uma ciência transformadora, uma antropologia ribeirinha mergulhada nas suas múltiplas experiências, nas experiências que estão ainda silenciadas ao longo de todo o rio,

⁴² Aqui ele é inscrito em com a inicial maiúscula, por entender que no contexto em que esse conceito é utilizado ele perpassa o seu uso mais utilitário e ganha status fundamental para o entendimento dos processos identitários, étnicos e territoriais para a comunidade XOKÓ.

principalmente pela nossa incapacidade de romper as amarras de vivermos aprisionados em sistemas políticos e econômicos que perpetuam os silenciamento e apagamento de nossos saberes, práticas, narrativas, corpos e tudo que está habitando mundos outros possíveis, como é o caso de populações ribeirinhas, indígenas, quilombolas e tantas outras coletividades que emergem com força e potência, reivindicando seus lugares de ser e fazeres nos mundos.

Assim, produzo um vídeo deste último dia 09 na intenção que todos, todas, todes, sejam abraçados pela força ancestral que vive em cada indígena da comunidade Xokó, porquê a “Força que ainda reina, para sempre irá reinar...” (fragmento do Toré entoado pelo povo Xokó), e esperam que todos possam assistir e refletir sobre como podemos vencer as demandas do imperialismo colonial que ainda habita nossas vidas, nossas relações, o rio São Francisco, a ciência e a antropologia e quem sabe adiar a queda do céu sobre nossas cabeças⁴³.

AXÉ!

⁴³ Para acessar o vídeo, do mesmo modo para acessar o videoalbum com imagens que remetam aos temas centrais deste capitulo. É ir na página do canal do youtube <https://www.youtube.com/user/iguinho Luiz/videos>

REFERÊNCIAS:

- ANDERSON, V. **Creatures of empire**: how domestic animals transformed early America. Oxford University Press, Oxford, 2006.
- ARRAES, Damião Esdras Araujo. Caminhos do Gado: paisagem cultural e urbanização de cidades do sertão nordestino dos séculos XVII e XVIII. In: **I Colóquio Iberoamericano paisagem cultural, patrimônio e projeto**, 2011. Disponível em: [https://www.academia.edu/32189019/Caminhos do gado paisagem cultural e urbaniza%C3%A7%C3%A3o de cidades do sert%C3%A3o nordestino dos s%C3%A9culos XVII e XVIII](https://www.academia.edu/32189019/Caminhos_do_gado_paisagem_cultural_e_urbaniza%C3%A7%C3%A3o_de_cidades_do_sert%C3%A3o_nordestino_dos_s%C3%A9culos_XVII_e_XVIII)
- ARRUTI, José Maurício Andion. Agenciamentos Políticos da “Mistura”: Identificação Étnica e Segmentação Negro-Indígena entre os Pankararú e os Xocó; In: **Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 23, n.º 2, 2001, p. 215 -254.
- ARRUTI, José Maurício Andion. Por uma História à Contraluz: As sombras historiográficas, as paisagens etnográficas e o Mocambo. In: **Palmares Em Revista**, Brasília, v. 1, n. 1, 1997, p. 71-96.
- AZAM, Geneviève. Carta à Terra: e a Terra responde; Traduzido por Adriana Lisboa. – Belo Horizonte: Relicário, 2020.
- BACHELARD, Gaston. A água e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martin Fontes, 2018.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. 1. ed. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.
- COUTO, Mia. Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- DAVID-MÉNARD, Monique. A vontade das coisas: o animismo e os objetos; traduzido por Raquel Camargo; prefácio de Virginia Ferreira da Costa. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- DE LA CADENA, Marisol. Natureza incomum: histórias do antrope-cego. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 69, p. 95-117, abr. 2018.
- EVARISTO, Conceição. Becos de Memória. – 3ª ed. – Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. - Tradução de José Laurênio de Melo; Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1968.

FILHO, Wilson Trajano e DIAS, Juliana Braz. O colonialismo em África e seus legados: classificação e poder no ordenamento da vida social; **Anuário Antropológico**, UNB, Brasília, 2015, p. 09-22.

FLIKKE, R. Smell of decay, scent of progress: eucalyptus as a public health actor in Victorian South Africa. In: AURA – ASRHUS UNIVERSITY RESEARCH ON THE ANTHROPOCENE. **Wreckage and recovery**: exploring the nature of nature. Edição de Anna Tsing. Højbjerg: Aarhus University, 2015. p. 15-32. (More than human: Aura Working Papers, v. 2).

GANDARA, **Gercinair Silvério**. Rios nossos que estão no sertão! São Francisco e Parnaíba. **Confins**, 23, 2015. Visitado em: <https://journals.openedition.org/confins/10150?lang=ptc> no dia 27 junho de 2020

GUEDES, Cristiane Montalvão. **Os ribeirinhos e o novo coronavírus**, In: **Boletim Cientistas Sociais**, nº 42, ANPOCS, 2020. <http://anpocs.org/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2357-boletim-n-42-cientistas-sociais-e-o-coronavirus>

GROS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia**; traduzido por Célia Euvaldo. Imagens de Anna Maria Maiolino. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

INGOLD, Tim. **Faze: antropologia, arqueologia, Arte e Arquitetura**; Tradução de Luiz Paulo Rouanet. – Petrópolis: Vozes, 2022.

INGOLD, Tim. Caminhando com Dragões: em direção ao lado selvagem; In: **Cultura, percepção e ambiente: diálogo com Tim Ingold**.- Org. Carlos Alberto Steil, Isabel Cristina de Moura Carvalho. – São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2021.

INGOLD, Tim. **Estar Vivo: ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição**; tradução de Fabio Creder. Petropolis, RJ: Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. Evolução da Sociedade. In: **Evolução – sociedade, ciência e universo**; Org. Fabian, A.C. EDUSC, Bauru, 2003.

IQBAL, Iftekhar. No Delta de Bengala, o Antropoceno começou com a chegada das ferrovias. In: **Feral Atlas**; organizado por Anna L. Tsing. – Publicado pela STANFORD UNIVERSITY PRESS, 2021. [Feral Atlas \(supdigital.org\)](https://supdigital.org)

JUNIOR, Avelar Araújo Santos. Condições geohistóricas da formação territorial do Brasil – sesmarias, processo missionário e escravização indígena no Rio São Francisco; In: **Revista del CESLA**, n. 23, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. – 2ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KOHN, Eduardo. **How Forests Think: toward an anthropology beyond the human**.- Carlifornia: University of California Press, Ltd, 2013.

KOPENAWA, ALBERT, Bruce, Davi. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami**; tradução Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro — 1a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

LATOUR, Bruno. **Diante da Gaia: oito conferencias sobre a natureza no Antropoceno**; traduzido por Maryalua Meyer; revisão técnica de André Magnelli; orelha de Stelio Marras. – São Paulo/ Rio de Janeiro: Ubu Editora/ Ateliê de Humanidades Editorial, 2020.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**. – Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.

LIMA, Luiz Felipe de. **Oxum: a mãe da água doce**. – Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

MAUSS, M. As técnicas do corpo. In: MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**; tradução de Carlos Alberto Ribeiro Moura. – 5ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

MEDEIROS, Paulo Ricardo Petter et al. Características ambientais do Baixo São Francisco (AL/SE): efeitos de barragens no transporte de materiais na interface continente-oceano; In: **Geochimica Brasiliensis** 28(1): 65-78, 2014.

MOREIRA, R. **Sociedade e espaço geográfico no Brasil: constituição e problemas de relação**; Contexto: São Paulo, 2011.

MOL, Annemarie. **The Body Multiple: ontology in medical practice**. Durham and London: Duke University Press. 2002.

MUCCINI e MALTA. Período Pioneiro da Hidrelétrica de Paulo Afonso- BA: uma contribuição à historiografia de base local e regional. In: **Rios Eletronica-Revista Científica da FASETE – Ano 1 – nº 1**, p. 72-88; Paulo Afonso, BA, 2007.

OLIVEIRA, Vanildo Souza de et al. A Pesca no Baixo São Francisco; In: : **Relatório da II Expedição do Baixo São Francisco.- Org. Emerson Carlos Soares et al;** Maceió: UFAL, 2020.

<https://cdn.agenciapeixe vivo.org.br/media/2020/07/RELATORIO-II-EXPEDI%C3%87%C3%83O-BSF.pdf>

PINTO, Ana Rita da Costa, et al. **Arroz: tecnologia e alimentação**, In: A cultura do arroz / organizador Aroldo Antonio de Oliveira Neto. – Brasília: Conab, 2015.

PORTO e PORTO, Monica F. A.; Rubem La Laina. Gestão de Bacias Hidrograficas, In: **Dossiê Água • Estud. av.** 22 (63), 2008 <https://doi.org/10.1590/S0103-40142008000200004>

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas.**- Editora Nova Aguilar, 1994.

RUFINO, Luiz. **Vence-Demanda: educação e descolonização.** – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas.** – Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SANTOS, Reginaldo Gouveia. Cultura de Arroz por via Natural de Enchentes: uma análise ambiental: In: **Revista Casa de Geografia de Sobral**, Sobral, v. 11, n. 1, 2009, p. 29-39.

SAUTCHUK, C. **O arpão e o anzol: técnica e pessoa no estuário do Amazonas (Vila Sucuriju, Amapá).** 2007. Tese (Doutorado em Antropologia Social)– Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SILVA, Iury Rodrigues da. **Levantamento etnobotânico de plantas aquáticas em um trecho Do Baixo São Francisco, Alagoas-Brasil.** Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Biologia, da UFAL- Campus Arapiraca, Alagoas, 2014.

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas.** – 9ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Flecha no Tempo.** – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **A ciência encantada das macumbas**. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SOARES, Emerson Carlos et al. Análise da Ictiofauna e dos seus Aspectos Fisiológicos na II Expedição Científica do Baixo São Francisco para Ações de Manejo; In: **Relatório da II Expedição do Baixo São Francisco**.- Org. Emerson Carlos Soares et al; Maceió: UFAL, 2020.
<https://cdn.agenciapeixe vivo.org.br/media/2020/07/RELATORIO-II-EXPEDI%C3%87%C3%83O-BSF.pdf>

SOUZA, Pinto de. **Memórias da viagem de SS**. Magestades Imperiaes as provincias da Bahia, Pernambuco, Parahiba, Alagoas, Sergipe e Espirito Santo, dividida em 6 partes e um additamento : com retratos de SS. Magestades, e das Serenissimas Princezas as Senhoras D. Isabel e D. Leopoldina. Publicado em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242431> , visitado em 18 de junho de 2020.

SOUZA, Gabriel Soares de. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587.- Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro- CDPB**, Salvador, 2013.
http://cdpb.org.br/antigo/segunda_ versao_gabriel.pdf visitado em 09 de junho de 2020.

STRATHERN, Ann Marilyn. **O Efeito Etnográfico e Outros Ensaio**s; edição Florence Ferrari; tradução de Iracema Dulley, Jamille Pinheiro e Luísa Valentini – São Paulo: Cosac Naify, 2014.

TEIXEIRA, Rannyelle Rocha. O Sentido da Colonização Portuguesa: a relação entre colonos e nativos africanos no boletim geral das colónias (1933-1945). In: **Revista Espacialidades**, v. 13, n. 1, Natal, 2018.

TENÓRIO, Douglas Apratto [et al.]. **Rio São Francisco das Alagoas- Memórias**. - Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2011.

TSING, Anna Lowenhaupt. O Antropoceno mais que humano.; In. **Ilha – Revista de Antropologia** / Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. v. 23, número 1, 2021. Florianópolis: UFSC/PPGAS, 2021 – 191 pp.

TSING, Anna Lowenhaupt. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespecies no antropoceno; edição Thiago Mota Cardoso, Rafael Victorino Devos. - Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

TSING, ANNA L. Margens Indomáveis: Cogumelos Como Espécies Companheiras; In: **Revista Ilha**, v. 17, n. 1, 2015, p. 177-201.

TEIXEIRA, Rannyle Rocha. O Sentido da Colonização Portuguesa: a relação entre colonos e nativos africanos no boletim geral das colônias (1933-1945). In: **Revista Espacialidades**, v. 13, n. 1, Natal, 2018.

VASCONCELOS. José Mauro de. **Rosinha, minha Canoa**. – São Paulo: Editora Melhoramentos, 1971.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: Ubu Editora, 2020

VIANNA, Marina Peixoto e AVELAR, Wagner Eustáquio Paiva. **Ocorrência da espécie invasora *Corbicula fluminea* (Bivalvia, Corbiculidae) no rio Sapucaí (São Paulo, Brasil)**. Biotemas, v. 23, n. 3, p. 59-66, 2010.

VIEIRA, Suzane de Alencar. O *Astro do Tempo* e o fim da Era: a crise ecológica e a arte de *assuntar* entre os quilombolas do Alto Sertão da Bahia, In: **ClimaCon**, 2015. <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/o-astro-do-tempo-e-o-fim-da-era-a-crise-ecologica-e-a-arte-de-assuntar-entre-os-quilombolas-do-alto-sertao-da-bahia-2/#:~:text=ISSN%202359%2D4705-,%20Astro%20do%20Tempo%20e%20o%20fim%20da%20Era%3A%20a,%20do%20Alto%20Sert%C3%A3o%20da%20Bahia&text=Dois%20homens%20viviam%20out%20mergulhados,%20c%C3%A9u%20e%20das%20esta%C3%A7%C3%B5es>

Sites visitados:

<https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/566098/> junho de 2020

https://cbhsaofrancisco.org.br/noticias/cultura_blog/a-lenda-da-origem-do-rio-sao-francisco/ em 08 de junho de 2020.